

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TRIÂNGULO MINEIRO – CAMPUS UBERABA PARQUE TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**JAMILA COSTA**

**PLANEJAMENTO DO ENSINO E FORMAÇÃO INTEGRAL: UM ESTUDO DE  
CASO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS  
GERAIS, CÂMPUS ARAXÁ, DE 2004 A 2021**

**PROFEPT**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

---

**INSTITUTO FEDERAL  
Triângulo Mineiro**

**UBERABA-MG**

**2022**

**JAMILA COSTA**

**PLANEJAMENTO DO ENSINO E FORMAÇÃO INTEGRAL: UM ESTUDO DE  
CASO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS  
GERAIS, CÂMPUS ARAXÁ, DE 2004 A 2021**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Câmpus Avançado Uberaba Parque Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques

UBERABA-MG

2022

C823p Costa, Jamila.  
Planejamento do ensino e formação integral: um estudo de caso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá, de 2004 a 2021 / Jamila Costa. –2022.  
196f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques  
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, 2022.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Ensino Médio Integrado. 3. Formação integral. 4. Planejamento. 5. Planejamento do ensino. I. Marques, Welisson. II. Título.

CDD- 370.113

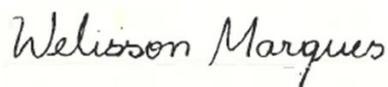
**JAMILA COSTA**

**PLANEJAMENTO DO ENSINO E FORMAÇÃO INTEGRAL: UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS, CÂMPUS ARAXÁ, DE 2004 A 2021**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Câmpus Avançado Uberaba Parque Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

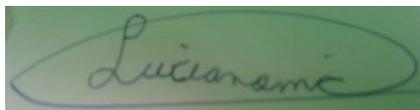
**Aprovada em 06 de julho de 2022.**

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Welisson Marques  
Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)  
Orientador



---

Prof. Dr. Luciano Marcos Curi (IFTM)  
(Membro interno ao programa)



---

Profa. Dra. Maria Irenilce Rodrigues Barros (UFT)  
(Membro externo ao programa)

**JAMILA COSTA**

**PLANEJAMENTO DO ENSINO E FORMAÇÃO INTEGRAL: UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS, CÂMPUS ARAXÁ, DE 2004 A 2021**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Câmpus Avançado Uberaba Parque Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

**Aprovado e validado em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Welisson Marques  
Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)  
Orientador

---

Prof. Dr. Luciano Marcos Curi (IFTM)  
(Membro interno ao programa)

---

Prof(a). Dr(a). Maria Irenilce Rodrigues Barros (UFT)  
(Membro externo ao programa)

Dedico este trabalho, com muita gratidão e orgulho, à minha mãe, Terezinha, às minhas irmãs Jaqueline e Jussara, e à minha filha Sarah, por todo amor e paciência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, minha fortaleza, pelo seu tão grande amor e cuidado. Toda glória e honra seja dada a Ele.

À minha mãe, de modo muito especial, pelo amor, pelo incentivo, por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava, lutando junto comigo, cotidianamente em cada fase desse percurso.

Às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos, por todo apoio, carinho, atenção, e pela alegria sempre compartilhados, tornando minha vida mais doce e sorridente.

À minha filha, por toda compreensão, pelos abraços apertados, pelos olhares cheios de ternura e carinho, e pelos infindáveis gestos de amor.

Aos meus queridos amigos de mestrado, pelos momentos compartilhados ao longo do curso, pelas discussões e aprendizagens, pelas reflexões compartilhadas, por cada palavra de motivação. Em especial a Claudia, Franciele, Lianza, e Samuel, por toda presteza, encorajamento e carinho que sempre demonstraram na nossa jornada acadêmica.

Ao professor Welisson Marques, meu orientador, pela acolhida e gentileza, pelas valiosas contribuições, pela ética e atenção que a pesquisa exige.

A todos os professores do PROFEPT, em especial, Adriano Eurípedes Medeiros Martins e Otaviano José Pereira, pela generosidade e pelas primeiras lições para inserção no mundo acadêmico.

Aos professores que gentilmente aceitaram participar desta dissertação, sem os quais ela não seria possível, em especial à Catarina Barbosa Torres Gomes e à Jalmira Regina Fiuza de Souza, que me deram a mão quando esse percurso ainda era apenas um sonho.

Ao professor Luciano Marcos Curi e à professora Maria Irenilce Rodrigues Barros, pelas contribuições e correções de percursos que eu não percebera.

## RESUMO

Pretendeu-se com esta pesquisa compreender se o planejamento do ensino empregado nas diversas etapas de realização do Ensino Médio Integrado (EMI) no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), Câmpus Araxá, tem sido executado, enquanto prática significativa, sob a perspectiva de uma formação integral conforme apregoa a literatura da área: Luckesi (2005), Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), Moura (2007; 2010), Ramos (2008), Ciavatta (2011), Libâneo (2013), Vasconcellos (2014), Afonso e Gonzales (2016), dentre outros autores que se propõem a discutir planejamento e Ensino Médio Integrado. Enquanto dissertação de mestrado, este trabalho se insere na linha de pesquisa sobre práticas educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Docentes que atuam nos cursos do EMI em Edificações e EMI em Mineração informaram a parte empírica da pesquisa, onde a forma que esses docentes têm assumido e engendrado o planejamento que perpassa o fazer educacional no EMI, suas concepções acerca dessa modalidade de ensino e percepções sobre os possíveis obstáculos na elaboração e execução de planos que tenham como perspectiva a formação integral foram investigados. Foram analisados ainda os Projetos Políticos-Pedagógicos, da Instituição (PPI) e dos cursos (PPCs) do EMI em Edificações e EMI em Mineração. Foi possível observar que o planejamento é admitido pelos docentes como um processo importante e essencial para a construção e efetivação da educação, contudo a perspectiva de integração e formação integral nem sempre é assumida visto os diversos obstáculos que se manifestam nesse sentido; que os Projetos Políticos-Pedagógicos da instituição e dos cursos do EMI em Edificações e EMI em Mineração contemplam elementos que dialogam com os princípios que fundamentam a construção de uma formação integral, entretanto, a lógica de organização funcional adotada na Instituição, com a separação entre áreas de formação técnica e propedêutica, bem como a forma desintegrada de organização e elaboração dos PPCs dos cursos EMI configuram fatores que limitam a integração tanto no processo de planejamento do curso quanto na sua efetivação. Por fim, com base nos constructos teóricos da presente pesquisa, foi elaborado como produto educacional, a cartilha digital “Planejamento do ensino no Ensino Médio Integrado”, pelos docentes do CEFET-MG entrevistados. Obteve-se aceitação quanto ao seu conteúdo, objetivos, finalidades e uso. Desse modo, entende-se que a Cartilha Digital pode oportunizar a ressignificação do planejamento docente e o alinhamento conceitual acerca dos pressupostos que alicerçam o Ensino Médio Integrado.

**Palavras-chave:** Educação Profissional e Tecnológica. Ensino Médio Integrado. Formação integral. Planejamento. Planejamento do ensino.

## ABSTRACT

### ABSTRACT

This research aimed to understand whether the teaching planning employed in the various stages of Integrated High School (IHS) at Centro Federal de Educação Tecnológica of Minas Gerais (CEFET/MG), Araxá Campus, has been carried out, as a significant practice, from the perspective of an integral formation as proclaimed in the literature of the area: Luckesi (2005), Frigotto, Ciavatta and Ramos (2005), Moura (2007; 2010), Ramos (2008), Regattieri and Castro (2010), Ciavatta (2011), Libâneo (2013), Vasconcellos (2014), Afonso and Gonzales (2016), among other authors who propose to discuss planning and Integrated High School. As a master's thesis, this work is part of the line of research on educational practices in Professional and Technological Education (PTE). Professors working in IHS courses in Buildings and IHS in Mining informed the empirical part of the research, which the way these professors have assumed and engendered the planning that permeates the educational practice in the IHS, their conceptions about this type of teaching, and perceptions about possible obstacles in the elaboration and execution of plans that have as their perspective the integral formation were investigated. The Political-Pedagogical Projects of the Institution and the IHS courses in Buildings and IHS in Mining were also analyzed. It was possible to observe that the planning is admitted by the professors as an essential process for the construction and implementation of education, however, the perspective of integration and integral formation is not always assumed due to the various obstacles that manifest themselves in this sense; that the Political-Pedagogical Projects of the institution (PPI) and the IHS courses (PPCs) in Buildings and IHS in Mining include elements that dialogue with the principles that underlie the construction of integral training, however, the logic of functional organization adopted in the Institution, with the separation between areas of technical training and propaedeutics, as well as the disintegrating way of organizing and drafting the PPCs of IHS courses, which limit integration both in the course planning process and in its implementation. Finally, based on the theoretical constructs of this research, it was elaborated an educational product, the digital booklet "Planning of education in Integrated High School", by the interviewed professors of CEFET-MG. Acceptance has been obtained as to its content, objectives, purposes, and use. Thus, we understand that the Digital Booklet can provide opportunities for the resignification of professor planning and conceptual alignment about the assumptions that underlie Integrated High School.

**Keywords:** Professional and Technological Education. Integrated High School. Integral Teaching. Planning. Teaching planning.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Matriz curricular dos cursos EPTNM – Forma integrada .....	91
FIGURA 2 – Avaliação aspecto visual da cartilha.....	103
FIGURA 3 – Avaliação conteúdo da cartilha.....	103
FIGURA 4 – Avaliação organização do conteúdo .....	104
FIGURA 5 – Avaliação contribuição com conhecimentos acerca do planejamento .....	104
FIGURA 6 – Avaliação contribuição com conhecimentos acerca do EMI.....	104
FIGURA 7 – Avaliação contribuição com conhecimentos sobre planejamento do ensino concernente ao EMI.....	105

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Pesquisa bibliográfica para literatura base .....	68
QUADRO 2 – Pesquisa Documental .....	69
QUADRO 3 - Cursos CEFET-MG / Câmpus Araxá.....	71
QUADRO 4 – Número de docentes efetivos convidados a participar da entrevista.....	72
QUADRO 5 - Caracterização dos docentes da área técnica.....	77
QUADRO 6 - Categorias e subcategorias de análise dos dados .....	78
QUADRO 7 – Sugestões e críticas.....	105

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – Número de estabelecimentos que ofertaram Ensino Médio Integrado .....	21
TABELA 2 – Dados da pesquisa na base Scielo.....	26
TABELA 3 - Categorização dos trabalhos pesquisados e selecionados .....	28
TABELA 4 – Dados da pesquisa na base BDTD.....	31
TABELA 5- Produções acadêmicas com aproximação temática .....	32

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

AT – Área Técnica

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

CEFET-RJ – Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONAE – Conselho Nacional de Educação

DCNEPT – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional e Tecnológica

DMCAX – Departamento de Minas e Construção Civil

EMI – Ensino Médio Integrado

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

FG – Formação Geral

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IFF – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

IFTM – Instituto Federal do Triângulo Mineiro

INEP – Instituto Nacional De Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

META – Mostra Específica de Trabalhos e Aplicações

PNE – Plano Nacional de Educação

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1	PROBLEMA INVESTIGADO.....	22
1.2	OBJETIVOS.....	22
1.2.1	Objetivo geral .....	22
1.2.2	Objetivos específicos .....	23
1.3	JUSTIFICATIVA.....	23
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>38</b>
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.....	39
2.2	ENSINO MÉDIO INTEGRADO E SEUS PRINCÍPIOS.....	52
2.3	PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO .....	58
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>67</b>
3.1	AMOSTRAGEM.....	70
3.2	ANÁLISE DOS DADOS .....	74
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>76</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....	76
4.2	CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE DISCUSSÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	78
4.3	PLANEJAMENTO.....	78
4.3.1	Planejamento na visão dos docentes .....	79
4.3.2	Planejamento participativo .....	81
4.4	PLANEJAMENTO NO EMI .....	84
4.4.1	Planejamento dos cursos.....	85
4.4.2	Projetos pedagógicos e formação humana integral.....	88
4.5	CONCEPÇÕES ACERCA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO .....	93
4.5.1	Ensino Médio Integrado como via de dupla formação.....	94
4.5.2	Formação profissional de qualidade – aproximações de conceitos sob a perspectiva de uma formação humana integral.....	95
4.6	OBSTÁCULOS PERCEBIDOS .....	97
<b>5</b>	<b>PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>102</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>107</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA COLETA DE DADOS .....</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO A – DECLARAÇÃO DE COOPARTICIPAÇÃO EM PESQUISA.....</b>	<b>186</b>
<b>ANEXO B– PARECER DE APROVAÇÃO CEP CEFET-MG .....</b>	<b>187</b>
<b>ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>192</b>
<b>ANEXO D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ.....</b>	<b>195</b>

# 1 INTRODUÇÃO

---

Toda ação humana, por mais simples que seja, é sempre realizada para se alcançar algum resultado. Luckesi (2005, p. 102) declara que “por seu modo de ser historicamente construído, o homem não se contenta com uma forma natural de ser; ao contrário, tem necessidade de modificar o meio para satisfazer suas necessidades”. Assim, suas ações podem ser aleatórias e improvisadas, quando não denotam visão clara do objetivo a ser alcançado, ou planejadas, quando a partir da apreensão da realidade se estabelecem meios para um fim específico.

A alteração da realidade é o grande desafio do homem, uma vez que por esta atividade o ser humano continua se fazendo, se constituindo, se transformando também. Neste contexto mais amplo é que se coloca a tarefa de planejar. Portanto, se o homem se constitui enquanto tal por sua ação transformadora no mundo pela mediação de instrumentos, o planejamento – quando instrumento metodológico – é um privilegiado fator de humanização! Se o trabalho está na base da formação humana, e tem uma dimensão de consciência e intencionalidade, podemos concluir que o planejar é elemento constituinte do processo de hominização: o homem se faz pelo projeto! (VASCONCELLOS, 2014, p. 68).

Segundo Santos (2016, p.04), o planejamento está assentado no escopo das atividades humanas, “principalmente as cotidianas”, devido à necessidade de “fazer face ao caos que se apresenta em um mundo no qual o homem não possui controle do tempo, do espaço, nem de boa parte dos ritmos sociais que se lhe apresentam”. Diferentemente dos animais que são guiados pelo instinto, o homem é um ser dotado de consciência, assim, pode antecipar mentalmente sua ação e resultados antes de serem construídos na prática (LESSA, TONET, 2011, p. 18).

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1980, p. 202).

Pode se dizer que pensar ou imaginar em que momento e quais procedimentos são relevantes para atender uma necessidade ou realizar um trabalho define de forma simplista o ato de planejar.

Numa concepção ampla, Marx denomina trabalho um processo em que o homem, com sua força, conduz, regula e controla sua interação com a natureza. Por meio desse processo, ele é capaz de estabelecer um projeto mental para a realização das tarefas. Segundo esta visão, concepção e planejamento são atividades inerentes ao trabalho humano e os indivíduos devem tomar a si todas essas fases até a execução (PICCININI *et al.*, 2011, p. 207).

O ato de planejar é intrínseco ao trabalho, à ação humana, o que lhe confere um caráter multidisciplinar que se molda a qualquer área de conhecimento. Assim, depreende-se que não existe um conceito único relacionado ao planejamento, pois existem diversos níveis de complexidade dessa atividade humana que se apresenta no cotidiano das pessoas, nas organizações, e nos sistemas sociais.

No campo da Administração o planejamento é um elemento imprescindível que, associado aos processos de organização, direção, coordenação e controle, media o processo de tomada de decisões visando o alcance de objetivos organizacionais e sociais (ANDRADE, 2011, p. 3). Faria (1997, p. 73) define o planejamento como “um processo que implica na formulação de um conjunto de decisões sobre ações futuras. Deve, pois, ser entendido como sendo um processo racional, através do qual pode-se introduzir um maior grau de eficiência às atividades.” Maximiano (2000, p. 27) sintetiza o planejamento como “processo de definir objetivos, atividades e recursos”. Nessa perspectiva o planejamento configura-se como um processo técnico, racional e estratégico que subsidia as decisões a fim de garantir maior eficiência em relação aos objetivos, caracterizando-se como essencial em qualquer tipo de organização que vise o alcance de metas e resultados.

Apesar da relevância de sua dimensão técnica, importa destacar que o planejamento deve ser admitido como uma prática situada<sup>1</sup> que não pode ser tratada indistintamente do complexo social. Nessa perspectiva, o planejamento se caracteriza como um ato político e ideológico não neutro (VIEIRA; ALBUQUERQUE, 2002).

O ato de planejar, como todos os outros atos humanos, implica escolha e, por isso, está assentado numa opção axiológica. É uma “atividade-meio”, que subsidia o ser humano no encaminhamento de suas ações e na obtenção de resultados desejados, portanto, orientada por um fim. O ato de planejar se assenta em opções filosófico-políticas; são elas que estabelecem os fins de uma determinada ação. E esses fins podem ocupar um lugar tanto no nível macro como no nível micro da sociedade. Situe-se onde se situar, é um ato axiologicamente comprometido (LUCKESI, 1995, p.106).

---

<sup>1</sup> Ligada à pedagogia dos multiletramentos, prática situada refere-se a uma prática em que se tem como base as experiências e os conhecimentos humanos ligados ao contexto social, cultural e material (BOVO; MOREIRA; PIMENTA, 2016).

Vasconcellos (2014) define o planejamento como:

(...) uma mediação teórico-metodológica para a ação, que, em função de tal mediação, passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário “amarrar”, “condicionar”, estabelecer as condições – objetivas e subjetivas – prevendo o desenvolvimento da ação no tempo (o que vem primeiro, o que vem em seguida), no espaço (onde vai ser feita), as condições materiais (que recursos, materiais, equipamentos serão necessários) e políticas (relações de poder, negociações, estruturas), bem como a disposição interior (desejo, mobilização), para que aconteça. É fazer história: uma tentativa de fazer elo consciente entre passado, presente e futuro. Independente de o sujeito planejar ou não, há um “fluxo” do tempo. Planejar é tentar interferir neste fluxo, no devir (VASCONCELLOS, 2014, p. 79).

No âmbito educacional, o planejamento está diretamente ligado à política educacional e à legislação da área, e, intercorre toda a realidade educativa, desde a dimensão política que elabora, direciona e avalia até o estágio final do processo de ensino-aprendizagem. Santos (2016, p. 10) indica que “realidade educativa corresponde à circunscrição na qual o processo educativo ocorre, podendo se situar em âmbito mundial ou do Estado (nível macro), das organizações educativas como escolas e universidades (nível meso) e das salas de aula (nível micro).”

No nível meso, o planejamento se expressa na elaboração da proposta política pedagógica da instituição, conforme prescrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), também nos projetos de curso e planos curriculares que são delineados e ofertados em cada instituição de ensino. Já no nível micro, sua efetivação se dá na preparação dos Planos de Aula das respectivas disciplinas e áreas do conhecimento, dos Planos Anuais, Planos Semestrais, e, Planos de Etapa (intra-letivos – como bimestrais, trimestrais). Cabe destacar a margem de autonomia conferida às instituições e docentes para a elaboração de seus planos, contudo, o planejamento assumido nas escolas é diretamente impactado pelos planos e políticas educacionais delineados no nível macro a cada Governo e pelas concepções que as fundamentam.

Um apanhado do processo histórico da educação no Brasil nos permite constatar que a educação reproduz as diferenças sociais e carrega consigo marcas de uma dualidade educacional<sup>2</sup> materializada ao longo dos anos com a oferta de dois tipos de educação: o

---

<sup>2</sup> Um dos primeiros estudos de referência para a dualidade educacional encontra-se na teoria de Baudelot e Establet, onde são diferenciadas as escolas destinadas à classe dominante e à classe trabalhadora. De acordo com

Ensino Acadêmico, destinado aos filhos da elite, cujo intuito é formar dirigentes, e, o Ensino Profissional, o qual teve seu início constituído sob um caráter assistencial, destinado à classe menos favorecida. Enquanto o Ensino Acadêmico, atual Ensino Médio Regular, dava acesso<sup>3</sup> aos estudos no Ensino Superior e preparava para o trabalho intelectual, o propósito do Ensino Profissional era preparar para o trabalho operário. A educação se mantém dividida entre a que é destinada aos que produzem a vida e a riqueza através da sua força de trabalho e a reservada à elite, aos dirigentes, à categoria dos que dão direção à sociedade. Essa dualidade educacional histórica tem correspondência direta com a história da luta de classes no capitalismo (RAMOS, 2008).

Foi sob este caráter excludente e em meio a avanços e retrocessos no cenário político educacional que o Ensino Profissional foi planejado e ofertado às classes mais baixas, de forma subordinada ao momento econômico do País e aos interesses políticos existentes.

Um novo horizonte se fez no que se refere ao Ensino Profissional quando, após a instituição do Decreto N° 5.154/2004 (BRASIL, 2004), novas formas de organização foram viabilizadas, dentre elas a integração ao Ensino Médio, onde a perspectiva que orienta é a de superação da divisão entre ensino para o trabalho intelectual e ensino para o trabalho manual, entre conhecimento geral e conhecimento técnico, e que proporcione uma formação para além do trabalho, uma formação para a vida. Cabe ressaltar que a concretização da integração entre

---

Saviani (2008, p. 20), “os autores se empenham em mostrar que a escola, em que pese a aparência unitária e unificadora, é uma escola dividida em duas (e não mais do que duas) grandes redes, as quais correspondem à divisão da sociedade capitalista em duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado”.

<sup>3</sup> No Brasil, o acesso restrito à educação remonta a dualidade educacional originada da dualidade das classes sociais desde a escravatura, foi renovada na Primeira República e legalmente estruturada nos anos 1940, no auge do poder do Estado Novo. A partir de 1942, o conjunto de Leis Orgânicas do Ensino Industrial e do Ensino Secundário e a criação do Senai, definiam a não equivalência entre os cursos propedêuticos e os técnicos (CIAVATTA; RAMOS, 2011, p. 29). De acordo com Nunes (2000, p. 53), nos anos 50, duas Leis de Equivalência abriram a possibilidade de articular legalmente o ensino secundário com os demais ramos, mediante prestação de exame de adaptação visando transferir o aluno de um tipo de ensino a outro, ou mediante exame de complementação quando o objetivo era a mudança de um ciclo a outro. A primeira Lei de Equivalência, n. 1.076 de 1950, que mediante a prestação de exames das disciplinas de cultura geral não estudadas nos ciclos técnicos, dava direito à matrícula no segundo ciclo secundário (clássico ou científico) de alunos concluintes do primeiro ciclo comercial, industrial e agrícola, tendo como exigência. A segunda Lei de Equivalência, n. 1.821 de 1953, que “estendeu aos concluintes do primeiro ciclo do ensino normal, dos cursos de formação militar e sacerdotal o ingresso no segundo ciclo secundário conforme o currículo apresentado, tendo como exigência a prestação de “exames de complementação”, por meio dos quais se estabelecia a igualdade de condições entre os alunos isentos, neste caso específico, e os concluintes do clássico ou científico para fins de inscrição em exames vestibulares. Em 1957 surgia a Lei 3.104, que realiza acréscimos na lei anterior e é modificada parcialmente pelo Decreto n. 50.362 de 1961. Até que a Lei de Diretrizes e Bases, em seu artigo 79, estabeleceu a equivalência de todos os cursos de nível médio ao determinar a possibilidade de todos os concluintes do segundo ciclo prestarem vestibular para qualquer curso superior, sem necessidade de complementação”.

o Ensino Técnico e Ensino Médio é resultado de uma luta iniciada ainda na década de 1980 por educadores que defendiam a construção de uma Educação Politécnica<sup>4</sup>.

O Ensino Médio Integrado, modalidade consolidada a partir do decreto acima citado, articula Ensino Técnico e Ensino Médio em um mesmo currículo e segundo Curi e Giordani (2019, p.3) “se mostra como aquela que, no geral, consegue garantir aos seus estudantes uma preparação para cidadania, articulada com uma forma profissional, e também, à possibilidade de continuar os estudos a nível universitário se o estudante assim o desejar”. Conhecido por diversas denominações, tais como Ensino Médio Integrado ao Técnico, Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio, e, Ensino Médio Integrado, optou-se neste estudo, para fins de padronização, por adotar apenas o termo Ensino Médio Integrado (EMI).

Atualmente, no âmbito federal, o Ensino Médio Integrado é ofertado de forma gratuita nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Institutos Federais), nos Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (CEFET-RJ) e de Minas Gerais (CEFET-MG), nas escolas técnicas vinculadas às universidades federais, e no Colégio Pedro II. Segundo dados da Plataforma Nilo Peçanha, no ano de 2019, estas instituições, juntas, ofertaram um total de 76.284 vagas distribuídas entre 2.179 cursos do Ensino Médio Integrado.

Cabe ressaltar que essa modalidade de ensino não é uma exclusividade da rede federal. O Ensino Médio Integrado também é ofertado em instituições de ensino da Rede Estadual, Municipal, e, privada. Essa informação pode ser constatada na Tabela 1, que evidencia o número de instituições que ofertaram cursos Técnicos na modalidade integrada ao Ensino Médio no ano de 2019, sendo que, a dependência administrativa que mais oferta essa modalidade de ensino é a Rede Estadual, seguida da Rede Federal. Os dados foram sintetizados a partir da Sinopse Estatística da Educação Básica, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, e a tabela elaborada evidencia a quantidade de instituições que ofertaram o Ensino Médio Integrado, no ano de 2019, por dependência administrativa e por região geográfica.

---

<sup>4</sup> De acordo com Curi e Giordani (2019, p. 3), numa primeira acepção etimológica, o termo Politecnia pode ser entendido como a conjugação de múltiplas técnicas, ou seja, Poli (muitas) e Tecnia (técnicas). Seu significado, porém, não se limita à etimologia da palavra. Desse modo, a Politecnia seria um projeto pedagógico e político de formação humana integral para todos e, principalmente, para os trabalhadores, tradicionalmente desprovidos de uma educação completa desde os primórdios da história humana. A Politecnia, então, seria sinônima de uma formação plena, dita omnilateral, e não de apenas de uma educação limitada a um aspecto, ou seja, unilateral.

TABELA 1 – Número de estabelecimentos que ofertaram Ensino Médio Integrado

Região Geográfica	Curso Técnico Integrado (Ensino Médio Integrado)				
	Federal	Estadual	Municipal	Privada	Total
Centro-Oeste	63	75	2	13	153
Nordeste	166	563	-	53	782
Norte	61	46	1	15	123
Sudeste	152	428	16	93	689
Sul	100	276	1	10	387
Brasil	542	1.388 <sup>5</sup>	20	184	2.134

FONTE: Elaborado pela autora, com base na Sinopse Estatística da Educação Básica 2019, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2019).

A concepção de uma Formação Integral, em que os saberes gerais e específicos são construídos e mediados pelos eixos do trabalho, da ciência, cultura, e tecnologia pressupõe uma formação omnilateral<sup>6</sup>, que tem por objetivo o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas e possibilita o enfrentamento da histórica dualidade educacional e sua profícua contribuição para a manutenção da estrutura desigual social, cultural e econômica no país.

Este modelo de educação, que se quer comprometido com a formação humana e profissional, para a cidadania e para o trabalho, demanda um planejamento efetivo que possibilite caminhar na direção de uma nova realidade. Segundo Ramos (2008, p. 13), “a forma integrada de oferta do Ensino Médio com a Educação Profissional, caso não esteja sustentada por uma concepção omnilateral, é extremamente frágil e não lograria mais do que suas finalidades formais”, o que nos leva a compreender a necessidade de se conceber o planejamento também sob uma perspectiva verdadeira de integração, que considere as determinações sociais sobre os quais se assentam o Ensino Médio Integrado.

Desta forma, nesta pesquisa, o planejamento não será abordado enquanto ferramenta de racionalização que tendem aos moldes de produção do sistema capitalista, tão pouco sob um caráter preditivo como se o planejamento fosse uma panaceia para todos os problemas, mas sim como “um instrumento de intervenção no real para transformá-lo na direção de uma sociedade mais justa e solidária” (VASCONCELLOS, 2014, p. 29), que considera a realidade

<sup>5</sup> Ressalta-se que a quantidade de cursos técnico integrado ofertados pela Rede Estadual corresponde a um número muito superior à oferta na Rede Federal, se mostrando como um campo fecundo para o desenvolvimento de novos trabalhos de pesquisa relacionados à EPT e ao EMI.

<sup>6</sup> A formação omnilateral tem um sentido filosófico que, segundo Ramos (2008, p. 3), “expressa uma concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo formativo.” Com origem no idealismo de Karl Marx, Manacorda (1991, p. 87) defende a omnilateralidade como o “desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação”.

como um todo onde os elementos estão interligados num processo constante de criação e recriação, e principalmente, que preze pela liberdade dos atores envolvidos durante o processo para efetuar sua autonomia pedagógica e administrativa.

O planejamento que intercorre as etapas de efetivação do Ensino Médio Integrado, ao contemplar as formulações de um princípio que se pretende perseguir, poderá conduzir os atores envolvidos na direção de uma formação humanizada, crítica, emancipadora. No entanto, Vieira e Albuquerque (2002, p. 30) advogam que “planejar é uma tarefa complexa, pois depende dos referenciais simbólicos dos atores sociais envolvidos”. Diante ao exposto, algumas questões acerca do planejamento do ensino no EMI foram suscitadas.

## **1.1 PROBLEMA INVESTIGADO**

Por acreditar que o Ensino Médio Integrado configura uma proposta de educação capaz de formar para além do trabalho, uma educação transformadora, o questionamento que surge é: o planejamento adotado nas etapas de efetivação do EMI foi/tem sido construído de forma mecânica e vazia, sem considerá-lo um processo significativo que pode possibilitar a transformação da realidade, tão pouco sem ter em conta os fundamentos e finalidades da formação integral? São percebidos obstáculos no planejamento e execução de uma educação que tenha a integração como princípio? Se sim, quais são? Existe, dentro da instituição, uma política fundamentada em princípios que favorecem o planejamento sob a perspectiva de uma formação integral?

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Diante destas perguntas, tem-se como objetivo geral investigar se o planejamento do ensino empregado nas diversas etapas de realização do Ensino Médio Integrado no CEFET<sup>7</sup>-

---

<sup>7</sup> Certificamos a Diretoria do CEFET-MG, Câmpus Araxá e solicitamos a sua anuência, que nos foi consentida por meio da Carta de Anuência em anexo a este trabalho (Anexo A). Esta pesquisa foi devidamente submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme orientações da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do

MG, Câmpus Araxá<sup>8</sup>, foi/tem sido executado, enquanto prática significativa, sob a perspectiva de uma formação integral conforme apregoa a literatura da área: Luckesi (2005), Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), Moura (2007; 2010), Ramos (2008), Ciavatta (2011), Libâneo (2013), Vasconcellos (2014), Afonso e Gonzales (2016), dentre outros autores que se propõem a discutir planejamento e Ensino Médio Integrado.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Para tal, estipulou-se os seguintes objetivos específicos:

- Verificar as características do planejamento que foi/tem sido realizado no EMI do CEFET-MG, Câmpus Araxá, buscando evidenciar elementos que convergem para uma formação integral, a partir dos Projetos Político-Pedagógicos da instituição e dos cursos do EMI em Edificações e EMI em Mineração;
- Investigar de que forma o planejamento que perpassa o fazer educacional no EMI tem sido assumido e engendrado pelos docentes, bem como, as concepções destes acerca do Ensino Médio Integrado e suas percepções sobre os possíveis obstáculos na elaboração e execução de planos que tenham como perspectiva a formação integral;
- Elaborar, como produto educacional, uma cartilha que oportunize a ressignificação do planejamento docente e o alinhamento conceitual acerca dos fundamentos e propósitos do EMI.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

A justificativa deste trabalho centra-se na contribuição aos estudos referente aos processos de planejamento relacionados ao Ensino Médio Integrado destacando alguns princípios para alcançá-lo.

Acredita-se que pensar e empreender o planejamento de forma significativa, dentro do contexto específico do EMI, poderá contribuir para uma melhor elaboração e execução de

Conselho Nacional de Saúde e aprovado sob o nº do Parecer 5.061.873, CAAE 48588921.2.3001.8507, também em anexo a este trabalho (Anexo B).

<sup>8</sup> Araxá é uma cidade de Minas Gerais, localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, com população estimada em pouco mais de cento e sete mil habitantes (IBGE, 2020). Possui a maior mina de nióbio do mundo e significativas reservas de fosfato, o que faz da mineração sua principal atividade econômica e propiciou a criação do curso Técnico em Mineração na cidade (MORAES, 2005).

atividades relacionadas aos cursos do EMI no âmbito do CEFET-MG, Câmpus Araxá e, quiçá, em outros institutos que ofertam cursos na mesma modalidade.

No ano de 2015, a pesquisadora ingressou no corpo Técnico-administrativo do CEFET-MG, Câmpus Araxá, para atuar como técnica-administrativo na unidade organizacional Departamento de Minas e Construção Civil (DMCAX), o qual comporta as coordenações dos seguintes cursos: Curso Técnico em Edificações, Curso Técnico em Mineração, ambos nas modalidades integrado, concomitante, e subsequente, Curso de Graduação em Engenharia de Minas, e Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Minas nível *stricto sensu*. Desde então desempenha atividades de suporte administrativo às coordenações desses cursos e à gestão do departamento.

Dentre essas atividades está o recebimento e arquivamento dos Planos de Ensino e didáticos das disciplinas dos cursos acima citados. O fluxo dessas atividades normalmente concentra-se no início de cada semestre letivo. Nesse período, é comum disponibilizar aos docentes, mediante solicitação, o arquivo mais recente de um ou outro plano de ensino e plano didático, a partir dos quais são elaborados ou reelaborados os novos.

A elaboração desses planos é indispensável para a organização e gestão pedagógica dos cursos. A partir deles é possível realizar o acompanhamento dos cursos por parte da coordenação, direção, estudantes, pais e responsáveis. Do ponto de vista pedagógico, o plano de ensino ou de disciplina corresponde ao registro do planejamento realizado para uma determinada disciplina, comumente sob responsabilidade de um único docente. Explicita os objetivos da disciplina, o conteúdo, a metodologia a ser adotada, a forma avaliativa, e os recursos de suporte no ensino da disciplina. Do ponto de vista legal e burocrático, é um documento de guarda permanente, que integra a realização curricular e que deve compor o arquivo da Coordenação de Curso. Deve ser elaborado pelo docente de cada disciplina, conferido pelo coordenador do curso, e assinado por ambos. O documento deve ser arquivado na coordenação do curso e disponibilizado a quem dele necessitar (CEFET-MG, 2019).

No entanto, em relação à confecção do plano, segundo Vasconcelos (2014, p. 15), o que se percebe é que esse processo, muitas vezes, é encarado como uma burocracia que frequentemente é realizado de forma mecânica, vazio de sentido, apenas cumprindo prazos e formalidades principalmente no final e início de ano. Para o autor, “numa observação mais minuciosa, o que se verifica com frequência é que os professores, de fato, não acreditam nos planos que fazem por solicitação exterior”, e, de forma generalizada, elenca alguns fatos observados em relação ao planejamento no âmbito escolar que sinalizam um cenário de descrença no planejamento.

- Coordenadores/orientadores/supervisores cobram exaustivamente os professores para que entreguem os planos;
- Planos são entregues e engavetados;
- A prática do professor em sala de aula não leva em conta o que foi colocado no plano;
- Planos são copiados do livro didático, do colega (da mesma escola ou de outras), ou de um ano para outro;
- Escolas fazem seus projetos e estes ficam esquecidos;
- Escolas com textos belíssimos na sua filosofia, na agenda escolar, no regimento, e práticas bastante arcaicas e contraditórias;
- Escola faz projeto político-pedagógico; muda a direção (ou o governo) e o projeto é simplesmente arquivado;
- Escola faz proposta pedagógica só porque a Delegacia de Ensino ou a mantenedora pediu, ou ‘para cumprir a lei’ (projeto vitrine) (VASCONCELLOS, 2014, p. 16).

Após ingressar no curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), foi possível compreender a intencionalidade subjacente nas bases e construtos teóricos que fundamentam a proposta do Ensino Médio Integrado. Dessa maneira, ao entender o Ensino Médio Integrado enquanto uma modalidade de educação emancipadora, é possível refletir sobre a relevância do planejamento nesse contexto, principalmente enquanto ato político, o que contribuiu para a definição do objeto de estudo.

Ao longo do desenvolvimento do projeto foi realizada uma pesquisa exploratória nas bases de trabalhos acadêmicos e científicos, sob a pretensão de identificar o cenário das produções acadêmicas relacionadas à temática planejamento no EMI e encontrar trabalhos que pudessem auxiliar na compreensão do assunto a ser investigado. Esse levantamento possibilitou uma aproximação e reconhecimento do campo de estudo, as dimensões abordadas no planejamento educacional, os principais aspectos teóricos e os debates envolvidos na temática.

Ao priorizar o planejamento do ensino no âmbito do EMI nesse processo exploratório foi possível reconhecer uma importante lacuna nesse campo, o planejamento docente voltado para uma formação integrada. A incipiência de trabalhos sobre essa temática e a importância creditada ao EMI como travessia para uma nova realidade educacional e social no Brasil justificam a relevância deste estudo.

Inicialmente, a pesquisa foi realizada na base de dados do Scielo acerca da temática: “planejamento no Ensino Médio Integrado”. Nessa base, as consultas foram realizadas em “busca avançada”, onde foram adotados para todos os descritores os seguintes critérios de

seleção: coleções publicadas no Brasil; idioma português; área temática “Educação e pesquisa educacional”; exibição de todos os trabalhos publicados a partir de 2004, ano em que foi instituída a modalidade Ensino Médio Integrado ao Técnico, até 2020. Filtros como “título” ou “resumo” não foram adotados nesse levantamento. A primeira busca foi realizada com o cruzamento dos descritores “planejamento” e “Ensino Médio Integrado” e não apresentou nenhum resultado. Passou-se então a utilizar diversos descritores e combinações relacionados ao tema central.

A partir dos resultados obtidos, uma primeira seleção foi realizada com base nos títulos dos trabalhos, sob o intuito de descartar os trabalhos que em nada tinham relação com a temática. Numa segunda seleção foi realizada a leitura dos resumos e palavras-chave. Quando, baseando-se nos resumos, não era possível compreender com clareza a síntese do trabalho, passava-se a uma leitura exploratória dos trabalhos.

Na leitura exploratória, além dos títulos, resumos, palavras-chave, foram lidas a introdução e a conclusão. Em alguns trabalhos, foi necessário realizar uma leitura dinâmica para identificar se realmente havia relação com o tema central, e se a leitura em profundidade do trabalho poderia contribuir para a compreensão do campo teórico, seus aspectos e contextos. Na Tabela 2 é possível observar os descritores adotados na pesquisa, na forma que foram utilizados, os conectivos adotados no cruzamento dos descritores, e, o quantitativo de trabalhos obtidos antes e depois da seleção.

TABELA 2 – Dados da pesquisa na base Scielo

Nº	Descritor 1	Conectivo	Descritor 2	Resultado Inicial	Selecionados pós leitura do título	Selecionados pós leitura exploratória
1	Planejamento	<i>and</i>	“Ensino Médio Integrado”	0	0	0
2	Planejamento	<i>and</i>	“Educação Profissional”	1	0	0
3	Planejamento	<i>and</i>	Educação Profissional	41	7	1
4	Planejamento	<i>and</i>	“Ensino Profissional”	0	0	0
5	Planejamento	<i>and</i>	“Ensino Técnico”	0	0	0
6	Planejamento	<i>and</i>	“Formação Integral”	2	0	0
7	Planejamento	<i>and</i>	Integrado	4	0	0
8	Planejamento	<i>and</i>	“Didático-Pedagógico”	3	0	0
9	Planejamento	<i>and</i>	“Ensino-Aprendizagem”	15	0	0
10	Planejamento	<i>and</i>	“Prática docente”	8	1	0
11	“Planejamento curricular”	-	-	1	0	0
12	“Planejamento de curso”	-	-	1	0	0
13	“Planejamento didático”	-	-	2	2	0

14	“Planejamento de ensino”	-	-	4	1	0
15	“Planejamento docente”	-	-	2	2	0
16	“Planejamento pedagógico”	-	-	9	1	0
17	Plano	<i>and</i>	“Educação Profissional”	6	6	3
18	Plano	<i>and</i>	“Ensino Profissional”	1	1	0
19	Plano	<i>and</i>	“Ensino Técnico”	1	1	0
20	Plano	<i>and</i>	“Formação Integral”	1	0	0
21	Plano	<i>and</i>	Integrado	3	1	0
22	Plano	<i>and</i>	“Didático-Pedagógico”	1	0	0
23	Plano	<i>and</i>	“Ensino-Aprendizagem”	6	1	0
24	Plano	<i>and</i>	“Prática docente”	4	1	0
25	“Plano curricular”	-	-	0	0	0
26	“Plano de curso”	-	-	0	0	0
27	“Plano didático”	-	-	1	1	0
28	“Plano de ensino”	-	-	8	0	0
29	“Planos de ensino”	-	-	6	0	0
30	“Plano docente”	-	-	0	0	0
31	“Plano pedagógico”	-	-	2	1	0
32	“Planejamento educacional”	-	-	18	14	2
<b>Total</b>				<b>150</b>	<b>41</b>	<b>6</b>

FONTE: Elaborado pela autora baseado na busca realizada na Base de dados Scielo (2020).

No levantamento realizado é possível perceber uma escassa produção de trabalhos acadêmicos que relacionam os descritores planejamento ou plano à educação profissional ou formação integral. Quando os descritores “planejamento” e “plano” foram cruzados com descritores que se relacionam à prática docente, obteve-se uma maior quantidade de trabalhos como resultado inicial, no entanto, após a leitura dos títulos e resumos foi percebido que, além dos resultados repetidos, a maioria dos trabalhos não possuíam relação com a educação profissional ou formação integral e por essa razão não foram selecionados.

A Tabela 3 demonstra os artigos selecionados para leitura contendo o autor principal, título, ano de publicação, periódico, Qualis, e a modalidade de ensino que se relaciona:

TABELA 3 - Categorização dos trabalhos pesquisados e selecionados

<b>Autores</b>	<b>Instituição de Ensino Superior-UF</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Periódico</b>	<b>Qualis</b>	<b>Modalidade</b>
Marcelo Lima; Zilka Sulamita Teixeira de Aguilar Pacheco	UFES	As políticas públicas e o direito à educação: Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego versus Plano Nacional de Educação	2017	Educação e Sociedade	A1	Educação Profissional e Tecnológica
Anthone Mateus Magalhães Afonso; Wania Regina Coutinho Gonzalez	IFF; UERJ	Educação Profissional e Tecnológica: análises e perspectivas da LDB/1996 à CONAE 2014	2016	Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas no Brasil	A1	Educação Profissional e Tecnológica
Dante Henrique Moura	IFRN	A Relação entre a educação profissional e a educação básica na CONAE 2010: possibilidades e limites para a construção do novo Plano Nacional de Educação	2010	Educação e Sociedade	A1	Educação Profissional e Tecnológica
Donaldo Bello de Souza	UERJ	As veias abertas do planejamento educacional no Brasil	2020	Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas no Brasil	A1	Sistema Nacional de Educação
Marisa Ribeiro Teixeira Duarte; Maria Rosimary Soares dos Santos	UFMG	Sistema Nacional de Educação e Planejamento no Brasil	2017	Revista Brasileira de Educação	A1	Sistema Nacional de Educação
José Silvério Baía Horta; Osmar Favero	UFRJ; UFF	O planejamento educacional na pós-graduação em educação no Brasil	2014	Cadernos de Pesquisa	A1	Educação Superior

FONTE: Elaborado pela autora baseado na busca realizada na Base de dados Scielo (2020).

Dos trabalhos selecionados, todos abordam o planejamento educacional como temática numa perspectiva em que expressa e se articulada à política nacional para a educação - o planejamento educacional no nível macro. Embora o foco do presente trabalho seja o planejamento que se processa a partir da prática docente, e que integra os níveis meso e micro do planejamento educacional, optou-se por realizar a leitura dos trabalhos selecionados devido à correlação entre os três níveis de planejamento educacional. Tal decisão encontra

apoio na declaração de Vieira e Albuquerque (2002, p. 20) de que “onde quer que atue o educador - na sala de aula, na escola, nas secretarias de educação, ou em outras esferas do mundo do trabalho - suas ações são influenciadas por determinações do planejamento e da política educacional”.

Dentre os trabalhos selecionados, três possuem como princípio de análise a Educação Profissional. O artigo “A Relação entre a educação profissional e a educação básica na CONAE 2010: possibilidades e limites para a construção do novo Plano Nacional de Educação” de Moura (2010) traz uma análise comparativa da concepção de integração e o que aponta o Documento Final da Conferência Nacional de Educação – CONAE (2010). Esse documento inspirou a elaboração do Plano Nacional de Educação – PNE previsto para o decênio 2011 - 2020, e, na visão do autor, as contradições e hibridismo de concepções identificadas evidenciam “que tal documento não traz elementos significativos para que o novo PNE possa contribuir para materializar tal integração” (MOURA, 2010, p. 891).

O artigo “Educação Profissional e Tecnológica: análises e perspectivas da LDB/1996 à CONAE 2014” dos autores Afonso e Gonzalez (2016) apresenta os resultados de uma análise documental sobre a concepção de EPT e a relação trabalho e educação no Brasil em documentos que influenciaram e determinaram algumas políticas públicas de ensino. A análise percorre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº. 9.394/1996, os decretos nº. 2.208/1997 e nº. 5.154/2004, o Plano Nacional de Educação 2014-2024 aprovado pela Lei nº. 13.005/2014, o Documentos Final (2010) e o Documento de Referência (2014) da CONAE. Em suas conclusões os autores ressaltam a importância da participação da sociedade civil, da comunidade acadêmica, e entes federativos, em movimentos que questionam, discutem e contribuem com a educação, como exemplo as Conferências Nacionais de Educação. Segundo Afonso e Gonzalez (2016, p. 738), essa é a única maneira de trazer à existência “um desejado Sistema Nacional de Educação em regime de colaboração no qual a concepção de EPT esteja mais direcionada para a formação omnilateral ao vislumbrar as possibilidades do desenvolvimento integral dos indivíduos tendo a emancipação humana como horizonte”.

O trabalho de Lima e Pacheco (2017), intitulado “As políticas públicas e o direito à educação: Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego versus Plano Nacional de Educação”, relaciona a origem, as concepções e objetivos do Pronatec ao PNE 2014 – 2024 com análises e considerações ao que o plano nacional de educação estabelece. “Com a proposta de planejar a educação do país por uma década, o plano [PNE] tem o compromisso de estruturar suas ações em prol da eliminação das históricas desigualdades educacionais no Brasil” (LIMA; PACHECO, 2017, p. 494), e nele, as metas e estratégias

delineadas para a EPT propõem a superação da dicotomia histórica no país. No entanto, programas de educação de cunho imediatista voltados para a EPT, como o Pronatec, são priorizados em detrimento dos cursos de maior duração. Programas como esse, nas palavras do autor, configuram-se como “um tipo de oferta que está longe de dar conta da problemática central que afeta a maior parte da população brasileira: a elevação da escolaridade integrada à educação profissional e tecnológica, pública e de qualidade prevista no PNE” (LIMA; PACHECO, 2017, p. 501).

Num contexto mais geral, na perspectiva de institucionalização de um Sistema Nacional de Educação, dois trabalhos se voltam para o planejamento educacional no Brasil num enfoque histórico. O ensaio de Souza (2020), “As veias abertas do planejamento educacional no Brasil”, após contextualizar as perspectivas que influenciaram o planejamento político da educação no país desde o Manifesto dos Pioneiros, analisa, com base no Relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do PNE divulgado em julho de 2020 pelo INEP, a concretização do que está posto no PNE 2014 -2024. Já Duarte e Santos (2017) analisam os diferentes conceitos e significados nos principais documentos de planejamento educacional do país acerca do Sistema Nacional de Educação e os intentos para sua instituição.

Horta e Favero (2014) analisam a abordagem do planejamento educacional enquanto temática de estudo nos cursos de pós-graduação em educação no Brasil no período 2000-2009 a partir da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Constatam um progressivo deslocamento dos estudos sobre planejamento educacional por estudos sobre gestão e avaliação, e, afirmam que o “esvaziamento” da temática nos trabalhos acadêmicos foi simultâneo à desagregação do sistema de planejamento brasileiro, ocorrida nos anos de 1990. A partir de levantamento realizado em 738 programas de pós-graduação verificaram, frente ao crescimento anual dos programas da área de educação, uma significativa diminuição dos programas com linhas de pesquisa em planejamento. O mesmo fato é constatado na análise das disciplinas, onde, “de um total de disciplinas listadas pelos programas, que cresce de 1.771 em 2000 para 3.776 em 2009, um percentual mínimo, que decresce de 1,18% em 2000 para 0,87% em 2009, corresponde às disciplinas que incluíam o termo planejamento no título ou na ementa” (HORTA; FAVERO, 2014, p. 497). Os autores ainda salientam que, “Com relação às teses e dissertações, de um total de 23.857 defendidas entre 2000 e 2009, apenas 69, ou seja, 0,29% incluíam os termos planejamento ou plano no título” (HORTA; FAVERO, 2014, p. 497). Esse trabalho evidencia que a temática planejamento na área da educação tem sido pouco abordada nos estudos de pós-graduação no

Brasil, o que corresponde com o reduzido número de trabalhos encontrados nas buscas na base de dados da Scielo demonstrados na Tabela 1.

No banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), repositório digital coordenado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), as consultas foram realizadas no campo “busca avançada”, com limite para trabalhos publicados no período 2004-2020. A plataforma BDTD permite que sejam feitas combinações com operadores lógicos que definem relações entre os termos de uma pesquisa, nesse caso foi utilizado o operador “OR”, que, na língua portuguesa, significa “ou”. Uma vez definidos os descritores, foi priorizada a busca por trabalhos que continham os descritores nos títulos dos trabalhos ou nas palavras-chave, na língua portuguesa, que nessa plataforma correspondem às opções de busca por “título” ou “assunto em português”. Por meio da opção “Export CSV” da própria plataforma, os resultados obtidos em cada busca foram exportados para uma planilha, onde foi possível excluir os trabalhos repetidos e os trabalhos cujo título não tinha nenhuma relação com a temática central. Posteriormente foram lidos os resumos, palavras-chave, sumários, e, em alguns casos, leitura dinâmica de capítulo ou subcapítulo específico cujo título se relacionava ao tema do presente projeto. A Tabela 4 retrata a forma exata em que os descritores foram utilizados, bem como os limitadores adotados, e, o número de trabalhos obtidos antes e após o processo de seleção adotado.

TABELA 4 – Dados da pesquisa na base BDTD

	<b>Campo de busca 1</b>	<b>Campo de busca 2</b>				
<b>Descritores e operadores lógicos inseridos em cada campo de busca</b>	“planejamento” OR “plano”	"educação profissional" OR "Ensino Profissional" OR "Ensino Técnico" OR "Ensino Médio" OR “Ensino Integrado” OR "Ensino Médio Integrado" OR "formação integrada" OR "formação integral" OR	<b>Resultado bruto da busca</b>	<b>Resultado após exclusão de trabalhos repetidos</b>	<b>Resultado após seleção por leitura de títulos</b>	<b>Resultado após seleção por leitura exploratória</b>

		"formação unilateral" OR "formação omnilateral"				
<b>Combinação de limitadores</b>	Título	Título	44	44	16	4
	Assunto	Assunto	93	77	20	1
	Título	Assunto	42	9	1	0
	Assunto	Título	94	25	1	0
<b>Total</b>			<b>273</b>	<b>155</b>	<b>38</b>	<b>5</b>

FONTE: Elaborado pela autora. Base de dados BDTD (2021).

Foram selecionados para leitura os trabalhos acadêmicos que mais possuíam correlação com a temática “planejamento e formação integrada”. Na Tabela 5, estão dispostos dados desses trabalhos e o enfoque que motivou a seleção para leitura em profundidade.

TABELA 5- Produções acadêmicas com aproximação temática

Nº	Trabalho	Ano	Autor	Título	Instituição	Enfoque
1	Dissertação	2019	Natália Borba de Moraes Marques	A organização curricular dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio: a busca por um currículo integrado	Instituto Federal Goiano	Organização do currículo integrado
2	Dissertação	2016	Elizângela dos Santos Alves da Silva	O ideal e o real: desafios e potencialidades na elaboração de um planejamento na Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio: competências em contexto de ensino de línguas para fins específicos	Universidade de Brasília	Planejamento curricular
3	Dissertação	2013	Rosângela de Amorim Teixeira de Oliveira	Concepção de integração curricular presente nos cursos de Ensino Médio Integrado em agropecuária do Instituto Federal Catarinense	Universidade Federal de Santa Catarina	Integração curricular

4	Tese	2012	Heloisa Paes de Barros Arruda	Planejamento de aula e o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação: percepção de docentes do Ensino Médio	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Planejamento de aula
5	Tese	2012	Daniella de Souza Bezerra	Políticas e planejamento do Ensino Médio (integrado ao Técnico) e da língua estrangeira (inglês): na mira(gem) da politécnica e da integração	Universidade de São Paulo	Planejamento curricular

FONTE: Elaborada pela autora (2021).

Na dissertação “A organização curricular dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio: a busca por um currículo integrado”, Marques (2019) defende que o modelo de formação integral, que visa a superação da dualidade estrutural em que a realidade educacional foi estabelecida, é possível se promovido pelo implemento de práticas pedagógicas e de organização curricular integradora, na perspectiva da formação politécnica, omnilateral e de escola unitária, o que exige discussão e reformulação dos currículos, principalmente no âmbito do EMI.

Na dissertação “O ideal e o real: desafios e potencialidades na elaboração de um planejamento na educação profissional integrada ao Ensino Médio: competências em contexto de ensino de línguas para fins específicos”, Silva (2016) se embasa dos pressupostos norteadores do curso ao ensino e aprendizagem de Linguagem, apresenta a construção de um planejamento curricular integrador no EMI e analisa de que forma essa proposta integradora de ensino foi recebida e percebida por professores, alunos e coordenadores. A autora defende o planejamento colaborativo como forma de repensar as práticas vigentes e modificar o que acontece ao nosso redor, e entende que um possível caminho para uma mudança de atitude no sentido de cumprir com uma educação de qualidade é pensar o planejamento e as necessidades de um currículo mais integrado partindo da integração dos próprios professores. Ao concluir, a pesquisadora evidencia a importância da ação docente de planejar, e acredita que, dentre as funções do professor frente o ideal e o real, está o de se colocar aberto a mudanças, de explorar a realidade e construir contextos sociais dentro e fora da sala de aula.

No trabalho “Concepção de integração curricular presente nos cursos de Ensino Médio Integrado em Agropecuária do Instituto Federal Catarinense”, Oliveira (2013) salienta que o projeto do Ensino Médio Integrado demanda um movimento que exige que a instituição

redefina seu jeito de pensar e organizar seus currículos e, como decorrência desse processo, redefina sua concepção de formação para essa etapa de ensino. É, pois, um trabalho que implica em readequação da natureza da atividade docente e que envolve outras formas de planejamento, de gestão e de articulação. Ao discutir sobre os princípios que sustentam a articulação e integração do Ensino Médio ao Ensino Técnico, a autora defende que para a efetivação do projeto de EMI, faz-se necessário que esses conceitos/princípios estejam contemplados nos projetos pedagógicos dos cursos e nas diretrizes da instituição.

A tese desenvolvida por Arruda (2012) abordou o planejamento de aula e a maneira em que este pode estimular o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em sala de aula. Partindo do pressuposto de um certo descompromisso dos docentes e coordenação com relação ao reconhecimento do planejamento e do plano de aula como elementos fundamentais da mobilização dos docentes para a incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação na sua prática pedagógica, a pesquisadora investigou a adequação e eficiência do planejamento de aula desenvolvido pelos professores para o uso efetivo das TICs em sala de aula, e, também, buscou evidenciar indicadores de características do planejamento de aula que fomentem o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação integradas às situações de aprendizagem.

Para a pesquisadora, o docente pode ser motivado a buscar soluções tecnológicas que possibilitem de maneiras diversas atingir os objetivos educacionais previstos no desenho do curso, na medida em que se parte de um planejamento eficiente, revisitado e repensado, que possibilita o diagnóstico de problemas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. O planejamento é elemento chave no processo de ensino e aprendizagem, o qual pode ser amplamente beneficiado pela utilização das tecnologias. O uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem também pode impactar o ritmo da aprendizagem dos discentes, alterar a disponibilidade e relação desses com o processo de aprendizagem e com o docente, proporcionando assim um desenvolvimento mais completo para enfrentar os obstáculos e incertezas do mundo do trabalho.

Um processo de planejamento cuidadoso oportuniza o diagnóstico docente acerca de suas dificuldades, limites e lacunas em sua formação, conhecimento e experiências, e, também propicia o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem dos alunos, dos limites de atuação das estratégias de ensino selecionadas, da efetividade das abordagens pedagógicas utilizadas em relação aos objetivos educacionais, do dimensionamento adequado de tempo e espaço necessários a cada situação de aprendizagem. “O docente ao planejar de maneira criteriosa, crítica e consciente, imprime a sua marca enquanto ato político.” (ARRUDA, 2012,

p. 40). Planejando ou não sua aula, o docente exerce uma ação política que conflui implicitamente para a manutenção da sociedade como está posta ou para a sua transformação. No entanto a autora evidencia que não basta apenas planejar e materializar um plano. É necessário que o planejamento seja um processo contínuo, reflexivo, dinâmico, constantemente revisitado pelos professores, a fim de que o docente não seja apenas executor de políticas, programas e projetos, mas sim que seja sujeito pensante no processo de ensino e aprendizagem.

Ao relacionar as produções literárias, compreendidas entre a década de 1970 até 2011, acerca do planejamento de ensino e planejamento de aula, a autora constatou a incipiência da produção em relação à temática, principalmente quando comparada às produções concernentes à currículo e avaliação. A pesquisadora apresenta uma ressalva: “a reduzida publicação de materiais brasileiros sobre essa temática, que demonstra uma pouca profundidade e uma fragmentação sobre o planejamento de aula” (ARRUDA, 2012, p. 58). Na perspectiva de proporcionar caminhos e com base nas discussões dos dados, como sugestões práticas e conceituais que podem subsidiar o docente no planejamento de aula a autora apontou indicadores de desenvolvimento do planejamento de aula que favorecem o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas às situações de aprendizagem.

Em seu estudo de caso, a autora conclui que os docentes não reconhecem os elementos do planejamento de aula como mobilizadores para o uso de TIC e elenca diversas características do planejamento de aula que fomentam o uso de TIC integradas às situações de aprendizagem. Um aspecto importante de sua conclusão é que se corrobora neste trabalho é que, quando a flexibilidade do planejamento docente se resume ao “que está na cabeça, ou no diário, após a execução da aula e não previamente”, e ainda, “aceita todas as influências do mundo ao redor”, se torna evidente a “ausência de clareza na intencionalidade dos docentes e uma falta de delineamento entre o planejado e o replanejado, seus ajustes. Parece um todo sincrético” (ARRUDA, 2012, p. 225).

A tese desenvolvida por Bezerra (2012) parte do pressuposto de que a concepção de integração que fundamentam o EMI deveria ocasionar uma organização específica das dimensões do ensino de seus componentes curriculares. Para compreender de que forma o que é historicizado, objetivado e estabelecido influencia na materialização desse conjunto na elaboração do planejamento curricular do EMI, e, também na elaboração do planejamento de ensino do Componente Curricular Língua Estrangeira-Inglês a autora percorreu a história, os construtos teóricos e as políticas curriculares concernentes a essa modalidade de ensino e componente curricular. A autora discute a histórica dualidade entre a formação geral e a

formação profissional no Brasil; os motivos dessa modalidade educacional se configuram como uma proposta de superação dessa dualidade e como ela é incorporada pelas políticas curriculares; o modo como o enfoque do ensino de línguas hegemônicas e contra hegemônicas dialogam com a proposta de educação politécnica, uma vez que estas orientam a dimensão do planejamento curricular e do ensino do componente curricular de língua estrangeira inglesa.

A pesquisadora constata que o EMI é uma modalidade de ensino singular devido aos fundamentos filosóficos, epistemológicos e pedagógicos que procedem da concepção de educação omnilateral e politécnica e de escola unitária, aos fundamentos de currículo integrado e à finalidade de superação da dualidade de classes brasileira via superação da dualidade educacional; a políctenia é tida como horizonte apenas quando as próprias instituições de ensino optam por adotá-la, isso devido a hibridização dos fundamentos dessa modalidade no âmbito das recentes políticas curriculares.

Ao analisar sessenta e duas matrizes curriculares, vinte e dois planos de cursos de EMI e seus programas de Língua Estrangeira-Inglês e quatorze ementas para o componente curricular Língua Estrangeira-Inglês, todos catalogados nos sítios eletrônicos dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a pesquisadora observou que, em sua maioria, os documentos não contemplam o que é almejado e determinado nessa modalidade, e que existe uma ausência de objetivos e organização curricular que sinalizem a políctenia por meio da integração entre formação geral e formação profissional. Conclui que, para materializar o que é almejado e prescrito no EMI com vistas a superar o que foi historicizado, faz-se necessário que as instituições e comunidades escolares elejam como horizonte a políctenia e aprofundem-se nos construtos subjacentes a esta modalidade de educação.

No tocante à relação entre o planejamento educacional e ao EMI, os trabalhos apontam para um hibridismo de concepções acerca da EPT, e, principalmente do EMI, fato que reflete diretamente na materialização da educação que se tem planejado para os filhos da classe trabalhadora. Desta maneira, o planejamento educacional, dados os níveis em que esse se circunscreve, associado EMI abrem um leque de possibilidades para trabalhos acadêmicos que ainda se mostram uma lacuna.

Desta maneira, a presente pesquisa intenta ampliar a discussão acerca do sentido e finalidade do planejamento à luz dos princípios e propósitos que fundamentam o EMI, e contribuir para a melhoria do planejamento que intercorre as etapas de efetivação dessa modalidade de ensino. Também, acredita-se que o trabalho de pesquisa pode refletir como contribuição ao campo de conhecimento da EPT, por intermédio tanto da temática discutida quanto pelo desenvolvimento do produto educacional, cuja finalidade oportunizar a

ressignificação da prática do planejamento, e, fomentar a coesão acerca da concepção que fundamenta essa modalidade de ensino.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

---

O Ensino Médio Integrado instituído pelo Decreto-lei nº 5.154/2004 tem como objetivo a preparação para a vida e a cidadania, trabalho, continuidade nos estudos. Assentado sobre a integração entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura, contextualizada à realidade social, se configura como uma proposta em potencial para o enfrentamento e superação da dualidade de classes no Brasil.

Um processo educacional pode ser compreendido por diversas perspectivas, por meio de sua legislação, de sua eficácia e utilidade, e, principalmente pela experiência e leitura de mundo de seus integrantes. Assim, divergências em relação aos objetivos e concepções do EMI, atreladas ao misto de tendências econômicas e pedagógicas que perpassaram e constituíram a educação no Brasil, podem configurar-se como um obstáculo no processo de uma formação integral.

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é historicamente influenciada por diferentes concepções de formação, dentre elas a que defende uma formação voltada para atender aos anseios dos arranjos produtivos, ao modelo de desenvolvimento econômico, implicando em uma formação tecnicista com foco no mercado de trabalho; ou a que almeja uma formação profissional humanista, unitária ou na perspectiva da politecnia, com foco na formação integral do trabalhador. Essas contradições se apresentam em toda a história da EPT no Brasil e a sua defesa, adesão e/ou comprometimento e definição através de políticas públicas ou de governo estão em constante mutação, influenciadas por diferentes agentes que emergem em dados momentos dessa linha do tempo (AFONSO; GONZALEZ, 2016, p. 719 *et seq.*).

De acordo com Ramos (2008, p. 2) “os antecedentes histórico-políticos da concepção de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional demonstram o caráter ético-político do tema, posto que esse debate coincide com debates sobre projetos de sociedade e concepções de mundo”. Portanto é necessário que o professor, enquanto agente mediador na construção de uma nova sociedade, reflita sobre o tipo de sociedade que se deseja construir e admita o planejamento como elemento indispensável capaz de possibilitar o encaminhamento a essa nova realidade.

No tópico a seguir, destaca-se, inicialmente, o contexto histórico-político da EPT, os princípios que fundamentam a concepção de EMI, do ponto de vista dos autores que abordam essa problemática. Posteriormente, pretende-se abordar sobre a constituição histórica do planejamento político educacional, com ênfase na EPT, em especial, do EMI; discute-se o planejamento curricular, e finalmente, o planejamento docente, apontando-se elementos para

um planejamento significativo que possibilite a concretização de uma educação que tenha como meta a formação humana integral para além da formação para o trabalho.

## **2.1 CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

O Ensino Profissional e Tecnológico no Brasil teve seu início circunscrito sob um viés assistencialista que visava amparar os órfãos e os desafortunados, e assim evitar que continuassem numa conduta que ia contra a ordem dos bons costumes, contribuindo com um crescente preconceito contra o trabalho manual definido socialmente como trabalho vil em nosso país (MOURA, 2007).

Atrelada a esta perspectiva social estava a necessidade de formar mão-de-obra necessária para atender a demandas do desenvolvimento econômico e social do país. Desta forma, o início da trajetória do Ensino Profissional no Brasil se marcou pela reprodução das desigualdades sociais e econômicas do país, e a política que a delimita, como declara Ramos (2014, p. 08), “é resultado de disputas e tendências complexas ao longo da história do país, frente a uma correlação de forças entre as classes que disputam o poder e a direção econômica e política da sociedade.”

No ano de 1909, o Decreto 7.566 de 23 de setembro, assinado pelo Presidente Nilo Peçanha, instituiu a criação de dezenove “Escolas de Aprendizes Artífices” destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito, custeadas pelo Estado Brasileiro, evento que corresponde ao marco inicial da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (BRASIL, 2012). A partir de então o horizonte de atuação do Ensino Profissional foi ampliado e este passou a atender as demandas provenientes e necessárias ao desenvolvimento industrial e agrícola do país (RAMOS, 2014). A segregação educacional no país estava posta, de forma que a década de 1930, com o advento da Revolução Industrial, a educação básica brasileira já se encontrava estruturada em dois percursos educativos distintos desde o primário para os filhos das elites e para os filhos da classe trabalhadora (MOURA, 2007).

O processo de industrialização conferiu novas formas à economia, às relações sociais, à cultura, e vinculou a educação ao mundo do trabalho exigindo uma nova organização do sistema educacional. No entanto, associar e adequar a educação às novas formas do trabalho significou reiterar o dualismo educacional e social ao dividir os homens em dois polos, o das

profissões manuais cuja formação era restrita à prática, objetivada à execução de tarefas simples e, por isto, dispensava a apreensão dos respectivos fundamentos teóricos, e, o das profissões intelectuais, que exigia apreensão de amplo conhecimento teórico com a finalidade de formar a elite para exercer as funções de dirigentes nos diversos ramos da economia e sociedade (SAVIANI, 2007).

A transição para uma economia em que o setor industrial passou a predominar correspondeu a importantes mudanças no subsistema econômico brasileiro, implicando uma série de ajustes econômicos, sociais, políticos e culturais. O Estado brasileiro foi levado a desempenhar funções novas e decisivas na reorientação, no funcionamento, na diversificação e na expansão da economia do País. Adotaram-se, assim, progressivamente, técnicas de planejamento como instrumentos da política econômica governamental. A política de educação tecnológica no país foi objeto desse instrumento e sempre figurou como uma preocupação dos planos nacionais de desenvolvimento (PND) (RAMOS, 2014, p. 22).

A dualidade educacional foi acentuada nos primeiros anos da década de 1940 no auge do poder do Estado Novo, período em que se figura um projeto de desenvolvimento nacional, no qual foi mobilizada uma política de organização da educação nacional, conhecida como as Leis Orgânicas da Educação Nacional - Reforma Capanema, em resposta às demandas relacionadas ao crescente processo de industrialização e à modernização das relações de produção da sociedade brasileira, conformando-se mais claramente as relações de classe (RAMOS, 2014). Tratava-se de um conjunto de Decretos-Lei promulgados que normatizavam os Ensinos Secundário, Industrial, Primário, Normal, Agrícola, e, também instituiu o sistema “S”, então denominado Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Esta regulamentação representou um momento importante na política educacional do país, principalmente em relação ao Ensino Profissional que pela primeira vez teve seus segmentos organizados de forma sistêmica, entretanto, este conjunto de leis também definiu a não equivalência entre os cursos propedêuticos e os técnicos, reiterando o caráter dual e elitista da educação (RAMOS, 2014).

A equivalência plena entre cursos técnicos e propedêuticos foi viabilizada formalmente no ano de 1961 quando começou a vigorar a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 4.024) que abarcou todos os níveis e modalidades do Ensino Profissional e Acadêmico. O projeto dessa lei, que fora instituído ainda no ano de 1948, tramitou durante 13 anos num contexto de disputa entre dois modelos de desenvolvimento econômico-social, o do capitalismo nacional e do capitalismo associado dependente, e seu resultado, como declara Moura (2007, p. 11) “refletiu as contradições da

sociedade em geral e da esfera educacional em particular”. A equivalência entre o ensino técnico e o propedêutico garantia que os técnicos, ao concluir seus estudos, pudessem se candidatar a qualquer curso de nível superior, entretanto o que predominava era a lógica econômica e a preparação para o trabalho, conforme ressalta o autor:

É importante frisar que essa dualidade só acabava formalmente já que os currículos se encarregavam de mantê-la, uma vez que a vertente do ensino voltada para a continuidade de estudos em nível superior e, portanto, destinada às elites, continuava privilegiando os conteúdos que eram exigidos nos processos seletivos de acesso à educação superior, ou seja, as ciências, as letras e as artes. Enquanto isso, nos cursos profissionalizantes, esses conteúdos eram reduzidos em favor das necessidades imediatas do mundo do trabalho (MOURA, 2007, p. 11).

Uma reforma na primeira LDB realizada e expressa pela Lei nº 5.692 de 1971 tornava técnico-profissional todo currículo do segundo grau compulsoriamente. As deliberações desta lei procederam da prática economicista no ideário político que, ao instituir uma conexão contínua entre educação e produção capitalista, procurou ajustá-la aos moldes eleitos pelo capitalismo associado ao grande capital (MOURA, 2007). Esta compulsoriedade fez parte do esquema de um governo cujas políticas “destinavam-se a facilitar o processo de acumulação do grande capital”, de modo que a formação de profissionais técnicos sob o regime de urgência serviria para atender a demanda de mão de obra na fase do “milagre econômico” e, principalmente, para conter a procura crescente de vagas em cursos do ensino superior e as reivindicações pelo aumento do quantitativo de vagas dessa modalidade de ensino (CUNHA; GÓES, 2002, p. 61 et seq.).

A profissionalização compulsória determinava que todo ensino de nível médio tivesse em seu currículo uma combinação de disciplinas do ensino clássico e científico com disciplinas do ensino técnico, o que conferia habilitação técnica a todos os egressos do ensino médio. Assim, todas as escolas de 2º grau, públicas e privadas, técnicas ou clássicas, passaram a ofertar um ensino “integrado”, o que de certa forma desfazia a dualidade educacional neste nível de ensino, no entanto, essa “integração” estava centrada na formação técnica em detrimento da formação geral, conforme argumenta Ramos (2017) sobre esta primeira experiência de articulação curricular do Ensino Técnico de Nível Médio:

Integrava, formalmente, em um mesmo currículo, ambos os tipos de formação, mas sua determinação economicista, orientada pela Teoria do Capital Humano<sup>9</sup> e pela concepção pedagógica tecnicista<sup>10</sup>, não convergia com a concepção da educação politécnica e a de formação omnilateral. Nessa experiência, o conceito de trabalho era restrito a sua forma histórica no capitalismo: o trabalho assalariado ou emprego. O mundo do trabalho se reduzia ao mercado de trabalho. A ciência se delimitava por essas compreensões, subsumindo o processo de ensino-aprendizagem a uma finalidade instrumental e pragmática, prejudicando-se o conteúdo de formação geral em nome dos conhecimentos considerados específicos para a formação técnica, aspecto este que, associado à repressão da ditadura civil-militar, rarefez o ensino das Ciências Humanas e Sociais, excluindo, por completo, conteúdos de Filosofia e de Sociologia dos currículos. A compreensão da cultura, como modo de vida, com expressões técnicas, éticas e estéticas, interpunha a identidade entre cultura e “manifestações artísticas” ou entre “cultura e civilização”; e, assim, patrimônio das elites, seja quanto às possibilidades de desenvolvimento de habilidades para a arte, seja quanto ao acesso ao considerado conhecimento erudito. Sendo assim, a escola profissional não seria lugar de cultura, a não ser como uma complementação, por vezes, lúdica, ao currículo técnico (RAMOS, 2017, p. 31).

A falta de um planejamento amplo relacionada à demanda de formação técnica por região, financiamento necessário, formação de professores, que propiciasse uma implantação adequada do ensino técnico nos cursos de 2º grau, principalmente no que tange às escolas estaduais e municipais, gerou consequências danosas para a qualidade do ensino (MOURA, 2007). Enquanto o ensino da maioria das escolas era prejudicado, as escolas da Rede Federal de Ensino Técnico conceberam um ensino diferenciado, pois essas possuíam um corpo docente especializado e financiamento adequado, e assim, segundo Moura (2007, p. 13), “consolidam-se ainda mais como referência de qualidade na formação de técnicos de nível médio”. Ramos (2017, p. 33) destaca a contradição manifestada a partir “da Lei nº 5.692/1971, expressão máxima da dualidade educacional em nosso país”, pois a formação de qualidade ofertada com êxito nas Instituições Federais “nos fez conhecer as possibilidades de acesso, pela classe trabalhadora, ao conhecimento científico, cada vez mais, elaborado ainda que sob o prejuízo da formação geral.”

Destaca-se, também, ao longo desse percurso a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná, e Celso Suckow da Fonseca (Rio de Janeiro) em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), possibilitada pela Lei nº 6.545 de 1978. Para Chamon e Nascimento (2013, p. 4), “a mudança não ficou restrita à sua

---

<sup>9</sup> A Teoria do Capital Humano “entendia a educação como tendo por função preparar as pessoas para atuar num mercado em expansão que exigia força de trabalho educada. À escola cabia formar a mão de obra que progressivamente seria incorporada pelo mercado” (SAVIANI, 2005, p. 21).

<sup>10</sup> A partir do pressuposto de neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende a objetivação do trabalho pedagógico” (SAVIANI, 2007, p. 12).

denominação, pois a nova estruturação ampliou as atribuições da instituição e a deu o status de Instituição Federal de Ensino Superior Isolada, considerada autarquia de regime especial”.

Contudo, uma série de críticas e resistências foram desencadeadas contra a política de profissionalização compulsória, principalmente em relação ao déficit na qualidade do ensino propedêutico devido à redução dos conteúdos de formação geral em detrimento da formação técnica, o que provocou mudanças em relação ao ensino de 2º grau que acabaram por reestabelecer o dualismo estrutural.

Inicialmente, foram feitos ajustamentos nos currículos das escolas; posteriormente, uma flexibilidade foi introduzida pelo Parecer do Conselho Federal de Educação n. 76/75, que considerava a possibilidade de os cursos não levarem a uma habilitação técnica. Finalmente, a Lei n. 7.044/82 extinguiu a profissionalização obrigatória no 2º grau. O dualismo, neste momento, porém, difere do período anterior à LDB de 1961, já que ocorre preservando a equivalência entre os cursos propedêuticos e técnicos. A marca desse dualismo não estava mais na impossibilidade de aqueles que cursavam o ensino técnico ingressarem no ensino superior, mas sim no plano dos valores e dos conteúdos da formação (RAMOS; FRIGOTTO; CIAVATTA, 2006, p. 36).

É possível verificar que, salvo o ensino promovido pela Rede Federal de Educação Profissional, todo esse processo político que envolveu a profissionalização compulsória, sua flexibilização e, posteriormente, a extinção da obrigatoriedade, significou um esfacelamento da educação de nível médio destinada à grande massa das classes populares nas escolas estaduais e municipais, como declarado por Cunha e Góes (2002):

Voltamos ao ponto de partida piores do que estávamos. As escolas públicas de 2º grau foram desorganizadas, seus currículos transformaram-se num amontoado de disciplinas, onde se misturam as concepções positivistas do CFE<sup>11</sup> com os penduricalhos dos interesses do momento, como a educação moral e cívica. As escolas técnicas industriais sofreram especialmente, com todo esse desacerto, pois, por conseguirem manter um ensino de alta qualidade, viram-se procuradas por levas de estudantes que pouco ou nenhum interesse tinham por seus cursos profissionais. Desorganizado o ensino público de caráter geral nas escolas públicas de 2º grau, e deteriorada sua qualidade, esses estudantes viam nas escolas técnicas industriais a única maneira de terem acesso a um ensino gratuito que lhes propiciava uma adequada preparação para os exames vestibulares aos cursos superiores (CUNHA; GÓES, 2002, p. 70).

---

<sup>11</sup> CFE – Conselho Federal de Educação instituído pela 1ª LDB em 1961. Tratava-se de um corpo técnico relacionado a políticas educacionais, cujo regimento interno previa os seguintes instrumentos: “Pareceres, Resoluções, Indicações e Estudos Especiais” (ROTHEN, 2004, p. 2).

Ciavatta e Ramos (2011, p. 30) declaram que “ao longo dos anos 80, a luta dos educadores comprometidos com a educação pública e a superação das desigualdades de classe em todas as suas expressões e, particularmente, na educação, foi pela defesa da educação unitária, omnilateral e politécnica”. Nesta perspectiva a educação seria integral, onde o Ensino Médio e o Ensino Profissional não estariam limitados à mera instrução de técnicas produtivas, pois, uma vez vinculados à prática social e tendo o trabalho como princípio educativo, propiciariam aos alunos o domínio dos fundamentos de diversificadas técnicas empregadas na produção formando sujeitos politécnicos.

(...) o ideário da politecnia buscava romper com a dicotomia entre educação básica e técnica, resgatando o princípio da formação humana em sua totalidade; em termos epistemológicos e pedagógicos, esse ideário defendia um ensino que integrasse ciência e cultura, humanismo e tecnologia, visando ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. Por essa perspectiva, o objetivo profissionalizante não teria fim em si mesmo nem se pautaria pelos interesses do mercado, mas constituir-se-ia numa possibilidade a mais para os estudantes na construção de seus projetos de vida, socialmente determinados, culminada com uma formação ampla e integral (RAMOS, 2014, p. 39).

Esse ideário compôs o Projeto de Lei nº 1.258 (BRASIL, 1988) para uma nova LDB apresentado no dia 28 de novembro de 1988, no qual a educação de 2º grau não dissociava a formação geral da formação técnica, pelo contrário, perseguia uma formação politécnica, integral, conforme é possível verificar no Art. 35º do capítulo que concernia à educação escolar de 2º grau no referido Projeto de Lei:

#### CAPÍTULO III - Da Educação Escolar de 2º Grau

Art. 35. A educação escolar de 2º grau será ministrada apenas na língua nacional e tem por objetivo geral propiciar aos adolescentes a formação politécnica necessária à compreensão teórica e prática dos fundamentos científicos das múltiplas técnicas utilizadas no processo produtivo (BRASIL, 1988).

A promulgação da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), conhecida como “Constituição Cidadã” por instituir preceitos progressistas e direitos sociais para todos, contemplou os ideais de ensino obrigatório, gratuito e universal. Esses ideais compreendidos entre o Artigo nº 205 o de nº 214 demandaram um novo planejamento educacional, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Contudo, o embate das forças políticas no Congresso Nacional referente a nova LDB resultou na aprovação da Lei nº 9.394/96 que não concebera os ideais da politecnia outrora conferidos na PL nº 1.258/88 (BRASIL, 1988), mas sim o ideário de formação para a vida e não mais para o trabalho que fundamentou o projeto de

LDB apresentado pelo Senador Darcy Ribeiro e aprovada pela Câmara dos Deputados. Ciavatta e Ramos (2011, p. 30) declaram que nesta concepção formação para a vida “significaria desenvolver nas pessoas competências genéricas e flexíveis, de modo que elas pudessem se adaptar facilmente às incertezas do mundo contemporâneo”.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação reestruturou a educação nacional e definiu o ensino profissional como uma modalidade que se articula ao ensino regular, direcionada para a formação contínua de competências condizentes com o avanço tecnológico e necessárias às funcionalidades produtivas do mercado. Nesse sentido, uma reforma da Educação Profissional foi promovida pelo Decreto nº 2.208/97 sob a égide de um governo neoliberal, no qual se reestabeleceu legalmente a dualidade educacional ao instituir a separação curricular entre o Ensino Médio e o Ensino Técnico de Nível Médio.

Os níveis para a educação profissional foram definidos como básico, técnico e tecnológico. O nível técnico destinava-se a proporcionar habilitação profissional a alunos matriculados ou egressos de ensino médio, devendo ter organização curricular própria e independente do primeiro, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este (art. 5º) (RAMOS, 2014, p. 59).

Assim, o Ensino Profissional fora delineado e destinado às camadas populares de modo que o ensino não elevava o nível de escolaridade do egresso, pois a essência dos novos planos educacionais estava em desenvolver competências profissionais consoantes ao discurso da máxima qualidade e produtividade amplamente difundido no sistema socioeconômico do país.

Em relação aos cursos técnicos, as escolas foram induzidas a implementar o ensino modular, baseado em competências definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico, na forma da Resolução n. 04/99 e do respectivo Parecer n. 16/99, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Ainda que os Referenciais Curriculares Nacionais posteriormente exarados pelo Ministério da Educação como orientação às escolas tenham destacado as bases científicas, tecnológicas e instrumentais necessárias ao desenvolvimento das competências profissionais, a desvinculação do ensino médio não deixou outra opção às escolas senão conferir aos cursos técnicos a finalidade de preparar para o trabalho de forma restrita, diminuindo-se a exigência de conhecimentos científico-tecnológicos que estruturam os processos produtivos e as atividades profissionais (RAMOS, 2014, p. 61).

Na nova estrutura do Ensino Profissional, a organização curricular do nível técnico foi centrada na necessidade do desenvolvimento de competências flexíveis, principalmente as de cunho comportamental, ditadas pela dinamicidade do sistema socioeconômico capitalista.

Nessa perspectiva, a falta da qualificação nos novos padrões de exigência do mercado implicaria em desemprego e transferia do Estado para o trabalhador a responsabilidade pela empregabilidade.

Vale registrar o fato de a educação profissional, nessa reforma, ser reiterada como o ensino destinado à classe trabalhadora e alternativo ao nível superior. A ideologia da empregabilidade sustentou a responsabilização dos próprios trabalhadores pelo desemprego, sendo que a qualificação e a requalificação profissional foram considerados meios de acesso a setores ocupacionais, prevalecendo, para a maioria dos trabalhadores, a periferia da produção, esfera em que predomina tanto a lógica taylorista-fordista quanto a precarização do trabalho. A pedagogia das competências, nesse caso, visava à adaptação psico-física do trabalhador a tais condições, esvaziando a formação de conteúdos científicos que embasava a perspectiva da consolidação da profissão (CIAVATTA, RAMOS, 2011, p. 30).

Com base nos requisitos do mercado e na pedagogia das competências, a educação técnica teve seu currículo fragmentado e flexibilizado, esvaziado de conteúdos relacionados à ciência para dar lugar a conteúdos direcionados à prática, e, às condutas almejadas na nova divisão social e técnica do trabalho. Essa lógica da educação flexível dependente do mercado sustentou os planos e políticas educacionais que estruturaram a educação na década de 1990 e início dos anos 2000, limitou a finalidade da Educação Profissional exclusivamente para o trabalho, fomentou de forma intensa a mercantilização da educação, e ainda segue difundida no sistema socioeconômico do país.

Um novo contexto foi traçado em relação à Educação Profissional a partir da publicação do Decreto nº 5.154/04 (BRASIL, 2004), o qual revogou o Decreto nº 2.208/97 e aumentou as possibilidades de relacionar o Ensino Médio e a Formação Profissional. Esse novo decreto manteve as modalidades concomitante e subsequente, e, principalmente, restituiu a possibilidade de integração entre conhecimento geral e conhecimento técnico, possibilidade que fora experimentada e processada na ocasião da profissionalização compulsória. A modalidade “integrada” conforme argumenta Ramos (2017, p. 34), “tomou o aspecto virtuoso daquela experiência como ponto de partida”, virtude aqui expressada pela oportunidade da formação básica sob referência do trabalho, “porém visando à superação de suas marcas economicista e tecnicista, em direção à compreensão histórica e dialética da formação humana”.

A Educação Profissional de nível médio desde então pôde ser ofertada de forma articulada ao Ensino Médio, na modalidade integrada, essa com carga horária ampliada, concomitante, e, subsequente, conforme especificado no Artigo nº 4, § 1º e § 2º, do Decreto nº 5.154/04.

§ 1º A articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio dar-se-á de forma:

I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno;

II - concomitante, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio, na qual a complementaridade entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso, podendo ocorrer:

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; ou

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando o planejamento e o desenvolvimento de projetos pedagógicos unificados;

III - subsequente, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino médio.

§ 2º Na hipótese prevista no inciso I do § 1º, a instituição de ensino deverá, observados o inciso I do art. 24 da Lei nº 9.394, de 1996, e as diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional técnica de nível médio, ampliar a carga horária total do curso, a fim de assegurar, simultaneamente, o cumprimento das finalidades estabelecidas para a formação geral e as condições de preparação para o exercício de profissões técnicas (BRASIL, 2004, s.p.).

A organização delineada no excerto, ao contemplar a modalidade integrada e a ampliação de sua carga horária objetivando garantir o cumprimento efetivo da formação geral e técnica, significa um avanço em direção à construção de uma formação integral. Na percepção de Ramos (2017, p. 32) a concepção de Ensino Médio Integrado contempla os sentidos “filosófico, ético-político, epistemológico e pedagógico”, o que indica a necessidade de compreender e considerar tais princípios no processo educacional, a fim proporcionar uma formação para o trabalho, para a vida, mas que também propulsione os sujeitos para uma nova realidade.

O conteúdo do Decreto nº 5.154/2004 (BRASIL, 2004) foi incorporado na LDB por meio da Lei nº 11.741/2008 (BRASIL, 2008). A LDB foi, então, alterada mediante o objetivo de “redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica” (BRASIL, 2008, s.p.). Assim, a Educação Profissional técnica de nível médio foi inserida no âmbito da educação regular brasileira, situada dentro da Educação Básica, deixando de ser tratada como um subsistema dentro do sistema nacional de educação.

De acordo com Afonso e Gonzalez (2016, p. 724) essa redefinição configura um marco importante para a Educação Profissional no Brasil, uma vez que a Educação Profissional Técnica de Nível Médio “passou a ser considerada direito de todos os cidadãos

brasileiros, já que passou a ser considerada como parte da Educação Básica, definida na Constituição Federal e na própria LDB como garantida pelo Estado com educação pública”. Além disso, os autores ainda destacam a importância de a LDB ter passado a dispor de “definições claras e objetivas para a EPT”.

Essas definições mais criteriosas para a EPT na LDB, revogando o Decreto no 5.154/2004 (BRASIL, 2004), também mostraram grande avanço na discussão e mobilização por parte da sociedade civil e políticos, o que legitimou e transformou uma política transitória de governo em política permanente de Estado. Reforçou a política nacional adotada nos anos 2000 de ampliação da Rede Federal de EPT, [...] criando milhares de vagas para cursos técnicos de nível médio, cursos superiores de tecnologia e licenciaturas, um contraste com a década de 1990, quando as políticas públicas apontavam para um esvaziamento da responsabilidade do Estado na oferta de EPT (AFONSO; GONZALEZ, 2016, p. 725).

Esse reposicionamento da Educação Profissional de Nível Médio, segundo Bezerra (2012, p. 43) “implicaria, é claro, sua inserção no âmbito das políticas públicas, bem como, a superação, ao menos neste documento legal, da dualidade entre a formação geral e profissional, o que já é um grande avanço, dada a histórica assincronia entre a Educação e o Trabalho no Brasil”. No entanto, de acordo com Afonso e Gonzalez (2016, p.725), mesmo tendo garantido “uma maior estabilidade e possibilidade de planejamento em longo prazo a partir das políticas de Estado definidas na lei” para a EPT, tais mudanças na LDB “continuam sendo alvo de críticas de alguns setores da sociedade e de grande parte da comunidade acadêmica, pelo fato de permitir outras possibilidades de formação que não apenas a integral a partir dos Cursos Técnicos Integrados”.

Em publicação recente, MORAES ET AL (2020, p. 224) defendem a relevância da Educação Profissional Técnica de Nível Médio como uma alternativa viável à universalização do Ensino Médio no Brasil, uma forma de incrementar a qualidade do Ensino Médio público por meio da articulação com a educação profissional. De acordo com os autores, um aumento expressivo no número de matrículas de Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Rede Federal e Estadual, no período compreendido entre 2010 e 2019, confirma a existência de uma demanda social por EPT, mas principalmente, indicam que “especificamente para a população jovem, a EPT foi recebida como possibilidade viável para a transição do sistema educacional para o mundo do trabalho em condições mais favoráveis” (MORAES ET AL, 2020, p. 225).

No caso do Ensino Médio Integrado ofertado na Rede Federal, esse aumento do número de matrículas se relaciona às políticas de expansão da rede e à priorização pela oferta

dessa modalidade de ensino. Destaca-se que, no ano de 2008, a Lei 11.892 (BRASIL, 2008a) instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e, criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, complementando um significativo processo de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica iniciado em 2005. Atualmente, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica é composta pelos Institutos Federais, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pelos Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca e de Minas Gerais, pelas Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, pelo Colégio Pedro II, distribuídos em todos os estados do país, e ofertam cursos técnicos de nível médio, cursos superiores de tecnologia, bacharelados, licenciaturas e cursos de qualificação.

Cabe ressaltar que, o aumento significativo do número de matrículas na EPT também está relacionado ao Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela Lei 13.005/2014 para o decênio 2014-2024, em que duas de suas vinte metas se relacionam diretamente à EPT. A meta 10, com o objetivo de ofertar “no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional”, e a meta 11 que objetiva “triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público” (BRASIL, 2014).

No entanto, os bons resultados da EPT não se limitam ao número de matrículas. Moraes et al (2020, p. 237) evidenciam resultados significativos do Ensino Médio Integrado em comparação ao Ensino Médio Tradicional, independente da dependência administrativa em que essa modalidade de ensino é ofertada. “Uma dessas comparações entre os tipos de Ensino Médio diz respeito às taxas de evasão, variável historicamente crítica que se opõe à conclusão da educação básica [...] de modo geral, a evasão no curso técnico integrado é 2,5 vezes<sup>12</sup> (350%) menor que no propedêutico”. Dentre os resultados, o mais relevante corresponde à aprendizagem dos estudantes.

Recentemente, na divulgação da edição do Saeb 2019, foram confirmados os resultados positivos e superiores alcançados pelos cursos técnicos integrados ao ensino médio, tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática, se comparados ao ensino médio tradicional propedêutico [...]. Há tempos que as avaliações nacionais não traziam resultados tão promissores para a educação brasileira. As desagregações por tipo de oferta possibilitaram distinguir os desempenhos entre os

---

<sup>12</sup> Taxa de evasão no Ensino Médio no Brasil, por tipo de oferta, no período de 2013 a 2017 (MORAES, et al, 2020, p. 237).

cursos técnicos integrados ao ensino médio e o ensino médio tradicional. Os resultados de 2019 validaram o acerto e a viabilidade da educação profissional, pois demonstraram a maior proficiência alcançada pelos estudantes dos cursos técnicos, mas também porque apontaram um caminho para uma educação básica mais inclusiva e mais efetiva. Os resultados positivos ainda foram ratificados em todas as unidades federativas com as notas do curso técnico integrado ao ensino médio superiores às do ensino médio tradicional propedêutico, em Língua Portuguesa [...] e em Matemática [...]. (MORAES ET AL, 2020, p. 239).

A explicação para a maior proficiência obtida pelos estudantes do Ensino Médio Integrado com relação à do Ensino Médio Tradicional pode ser gerada a partir da análise das formas pelas quais o trabalho pedagógico se organiza na Educação Profissional onde a integração curricular é princípio fundamental da EPT de nível médio. Ademais, na organização do trabalho pedagógico dessa modalidade de ensino, os objetos de conhecimento são situados, contextualizados, e, principalmente, demandam cenários de prática para que sejam desenvolvidos em circunstâncias escolares (MORAES ET AL, 2020, p. 242). Ainda de acordo com os autores (2020, p. 243) “essa forma de organizar as situações de aprendizagem, propondo atividades de ensino que permitam a máxima interrelação entre diferentes objetos de conhecimento, buscando integrar ao máximo os conteúdos, acaba por incrementar a sua significância, atribuindo mais significado à aprendizagem”.

No Plano Nacional de Educação - PNE, segundo Lima e Pacheco (2017, p. 496), as metas estabelecidas para a EPT propõem superar a dicotomia histórica demarcada pela divisão social do trabalho, “promovendo a articulação e a integração entre educação básica e EPT, buscando a elevação da escolaridade e a preparação para o trabalho”. No entanto, o cumprimento dessas metas impõe diversos desafios, tais como “a formação adequada dos profissionais da educação para atuação na EPTNM, principalmente elaborando currículos, preparando materiais didáticos e utilizando metodologias adequadas, e a adequação da infraestrutura escolar para atendimentos às demandas da modalidade” (LIMA; PACHECO; 2017, p. 497), que ainda precisam ser superados.

É possível observar, no âmbito das políticas educacionais, uma constante disputa de poder e projetos que circundam entre a transformação e a reprodução da sociedade. Recentemente, novas diretrizes<sup>13</sup> para a EPT foram aprovadas pela Resolução CNE/CP Nº 1,

---

<sup>13</sup> As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional – DCNEPT são definidas como “o conjunto articulado de princípios e critérios a serem observados pelos sistemas de ensino e pelas instituições e redes de ensino públicas e privadas, na organização, no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação da Educação Profissional e Tecnológica, presencial e a distância” (BRASIL, 2021). Esse documento encerra orientações para o planejamento educacional visto a definição de critérios quanto à estrutura e organização dos currículos da EPT em todos os seus níveis e modalidades.

de 05 de janeiro de 2021, a qual substitui outros dois documentos anteriormente vigentes para a EPT nos níveis superior e médio. De acordo com o Ministério da Educação (2021),

Ao reunir todos os níveis educacionais em um único documento de orientação, as novas diretrizes geram maior coesão para a EPT. Segundo o Parecer CNE/CP nº 17/2020, que aprovou as novas DCN, em novembro de 2020, a revisão do documento visa atender adequadamente às mudanças que devem ser implementadas na educação brasileira, dando a devida atenção às demandas atuais do mundo do trabalho em constante evolução. Além disso, a inclusão dos diferentes níveis educacionais possibilita maior visibilidade às trajetórias de formação profissional, que podem se iniciar em cursos com uma duração menor e percorrer várias possibilidades até chegar aos cursos de graduação e pós-graduação (MEC, 2021). Em preliminar análise, o Grupo de Trabalho 09 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd (NOTA, 2021) critica o novo texto das DCNEPT em sua totalidade e explicita que o documento é caracterizado pela “indefinição ou oscilação no que se refere às concepções educacionais que apresenta, situando-o no âmbito das críticas acadêmicas dirigidas a documentos oficiais relativos às reformas da década de 1990 (decreto 2208/1997, por exemplo)”. De acordo com a nota, ao longo do texto da nova DCNEPT, são recorrentes o uso de termos de diferentes campos teóricos e políticos sob intencionalidade clara de distorcer os conceitos e dificultar a interpretação de leitores com pouco domínio sobre eles.

Assim, expressões e conceitos do referencial crítico, como “trabalho como princípio educativo”, “pesquisa como princípio pedagógico”, “formação humana integral”, “integração entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura como eixos estruturantes da formação humana”, “mundo do trabalho”, são utilizados juntamente com expressões e conceitos próprios do pensamento neoliberal, como “competências para a laborabilidade”, “empreendedorismo”, “protagonismo”, “competências socioemocionais”, “empregabilidade”, “mercado de trabalho”, dentre outros. [...] Tal uso combinado desse conjunto de conceitos e expressões francamente antagônicos, ao operar com vários hibridismos que estabelecem uma ambiguidade, visa ocultar as verdadeiras contradições internas do seu conteúdo, fazendo parecer que tais diretrizes contemplariam práticas educacionais distintas. Todavia, no fundo se apropria de formulações avançadas para submetê-las aos seus eixos centrais que são: a privatização, a fragmentação e o barateamento da educação básica e profissional e a desqualificação do ensino público com vistas a seu esvaziamento como direito social e sua transformação à condição de mercadoria (NOTA, 2021).

No tocante ao EMI, que segundo Moura e Lima Filho (2017, p. 213) “é a concepção mais consistente na perspectiva da formação humana integral”, é possível perceber que a hibridização de concepções do novo documento, cujo referencial se encontra no mercado de

trabalho em detrimento à formação humana, reforça a intenção antes evidenciada pela Lei 13.415/2017 que instituiu a reforma curricular do Ensino Médio: direcionar para a construção de uma educação oposta àquela que visa a superação da dualidade educacional.

Com relação ao planejamento do Ensino Médio Integrado, as novas DCN's estabelece:

Art. 22. As instituições de ensino devem formular e implantar, coletiva e participativamente, com base nos incisos I, dos arts. 12 e 13 da LDB, suas correspondentes propostas pedagógicas. [...]

Art. 24. O plano de curso da Educação Profissional Técnica de Nível Médio deve considerar, em seu planejamento:

I - adequação e coerência do curso com o PPP e com o regimento escolar da instituição de ensino, especialmente com sua missão e objetivos;

VIII - elaboração do PPC a ser submetido à aprovação dos órgãos competentes, no âmbito do respectivo sistema de ensino; (BRASIL, 2021).

Portanto, é possível depreender que, enquanto asseguradas as condições materiais para sua realização, o Ensino Médio Integrado ofertado pela Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica poderá configurar uma educação na perspectiva da formação humana integral desde que a comunidade educacional a estabeleça enquanto finalidade na elaboração e concretização de seus planos.

Por fim, considera-se que, até aqui, foi apresentado um breve cenário do planejamento educacional no Brasil com base na legislação brasileira para a Educação Profissional e Ensino Médio, permeado pelo contexto político e socioeconômico no qual se ela processou.

## **2.2 ENSINO MÉDIO INTEGRADO E SEUS PRINCÍPIOS**

Neste subtópico discorre-se sobre os objetivos e princípios que fundamentam o Ensino Médio Integrado, do ponto de vista dos autores que estudam essa temática. Ao adotar como perspectiva a construção de uma formação humana/integral, parte-se do entendimento de Ciavatta (2005, p.85), de que a formação humana remete a uma educação de qualidade para todos, “uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política”, enquanto a formação integral “sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar”.

O ensino integrado é uma proposição pedagógica que se compromete com a utopia de uma formação inteira, que não se satisfaz com a socialização de fragmentos da cultura sistematizada e que compreende como direito de todos ao acesso a um processo formativo, inclusive escolar, que promova o desenvolvimento de suas amplas faculdades físicas e intelectuais (ARAÚJO, FRIGOTTO, 2015, p. 62).

A expressão Ensino Médio Integrado busca recuperar as concepções de educação politécnica, educação omnilateral e escola unitária, visando romper com a histórica divisão entre formação para o trabalho manual e para o trabalho intelectual (CIAVATTA; RAMOS, 2012, p. 308). A compreensão desse modelo de formação humana integral, a Politecnia, ou ainda, formação omnilateral, está especialmente ligado às noções de Paideia e Bildung (OLIVEIRA; OLIVEIRA 2014, p. 209).

Embora distanciado do objetivo formativo de ofícios e técnicas, o termo Paideia, que surgiu na Grécia após o século V, inicialmente significava “criação de meninos” e relacionava-se a um “programa educativo direcionado à juventude, que engloba a ginástica (gymnastiké), a música (mousiké) e ensinamentos gerais, humanistas e morais”. Esse programa educativo adquire nova configuração após a inclusão do ensino da gramática (OLIVEIRA; OLIVEIRA 2014, p. 210-211).

No século V a.C., a concepção de formação humana passa para formação do cidadão da pólis, “no sentido de um espírito plenamente desenvolvido, que tem desabrochadas todas as suas virtualidades – o homem tornado verdadeiramente homem”, chegando-se efetivamente à Paideia. Nesta nova abordagem da Paideia, o alvo é deslocado do homem individual para o coletivo e político, reforçando o ideal de formação grego enquanto conceito ampliado, que denota também o resultado de um processo educativo que vai além dos bancos escolares e se estende por toda a vida (OLIVEIRA; OLIVEIRA 2014, p. 210-211).

O modelo histórico Bildung, gestado na cultura alemã ao longo do século XVIII, foi inspirado também nos princípios da antiga Paideia e caminhou sentido ao estímulo à formação como instância de aproximação da perfeição, com ênfase, predominantemente, ao que as Artes e as Letras poderiam ofertar ao novo modelo de formação. A Bildung significa autoformação e aperfeiçoamento individual, e envolve valores, ethos, personalidade, autenticidade, humanidade. “Processo de autoconhecimento, de autocultivo espiritual, a Bildung é o movimento do uso crítico e construtivo da razão humana” (OLIVEIRA; OLIVEIRA 2014, p. 214-215).

Tudo aquilo que a razão humana empreende deve ter origem na união de todos os seus poderes, e um dos elementos fundamentais da concepção formativa da Bildung

alemã é também a ideia de conjunto. (...) O exigido aqui pelo contexto da filosofia alemã é a formação máxima, em direção à liberdade e à formação mais proporcional e equilibrada possível das forças do homem, no intuito de integrá-las em um todo (OLIVEIRA; OLIVEIRA 2014, p. 215).

Assim, Oliveira e Oliveira (2014, p. 220) defendem que “o projeto de formação omnilateral contempla e excede os elementos formativos propostos pela *paideia* e pela *Bildung* (...) apresenta aspectos dos dois modelos anteriores elevados a seu máximo – a formação integral de todas as potencialidade e lateralidades do humano”.

A educação politécnica, também conhecida como formação omnilateral, é sintetizada por Curi e Giordani (2018, p. 4) como “um projeto pedagógico e político de formação humana integral para todos e principalmente para os trabalhadores, tradicionalmente, desprovidos de uma educação completa, desde os primórdios da história humana”.

Segundo Saviani (1989, p. 17),

A noção de politecnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno. Diz respeito aos fundamentos das diferentes modalidades de trabalho. Politecnia, nesse sentido, se baseia em determinados princípios, determinados fundamentos e a formação politécnica deve garantir o domínio desses princípios, desses fundamentos. Por quê? Supõe-se que dominando esses fundamentos, esses princípios, o trabalhador está em condições de desenvolver as diferentes modalidades de trabalho, com a compreensão do seu caráter, da sua essência. Não se trata de um trabalhador que é adestrado para executar com perfeição determinada tarefa, e que se encaixa no mercado de trabalho para desenvolver aquele tipo de habilidade. Ele terá um desenvolvimento multilateral, um desenvolvimento que abarca todos os ângulos da prática produtiva moderna na medida em que ele domina aqueles princípios, aqueles fundamentos, que estão na base da organização da produção moderna. Dado que a produção moderna se baseia na Ciência, há que dominar os princípios científicos sobre os quais se funda a organização do trabalho moderno.

Nesse sentido, Ramos (2008, p. 12) defende que o EMI conforma os seguintes princípios ético-políticos: “integração de conhecimentos gerais e específicos; construção do conhecimento pela mediação do trabalho, da ciência e da cultura; utopia de superar a dominação dos trabalhadores e construir a emancipação – formação de dirigentes”.

Segundo a referida autora, a partir desses princípios, é necessário compreender que o Ensino Médio “é a etapa da educação básica em que a relação entre ciência e práticas produtivas se evidencia; e é a etapa biopsicológica e social de seus estudantes em que ocorre o planejamento e a necessidade de inserção no mundo do trabalho, no mundo adulto” (p.12).

Assim, a integração entre Educação Profissional e Educação Básica de Nível Médio se justifica diante do reconhecimento da necessidade da profissionalização dos jovens das classes trabalhadoras.

De acordo com Curi e Giordani (2018, p. 3), “o Integrado se mostra como aquela que, no geral, consegue garantir aos seus estudantes uma preparação para cidadania, articulada com uma forma profissional, e também, à possibilidade de continuar os estudos a nível universitário se o estudante assim o desejar”.

No Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, primeiro documento oficial publicado após o Decreto nº 5154, abordou as concepções e princípios do Ensino Médio Integrado que é descrito como uma modalidade de ensino voltada para uma formação integral que deve assegurar:

A integralidade da educação básica, ou seja, que contemple o aprofundamento dos conhecimentos científicos produzidos e acumulados historicamente pela sociedade, como também objetivos adicionais de formação profissional numa perspectiva da integração dessas dimensões. Essa perspectiva, ao adotar a ciência, a tecnologia, a cultura e o trabalho como eixos estruturantes, contempla as bases em que se pode desenvolver uma educação tecnológica ou politécnica e, ao mesmo tempo, uma formação profissional *stricto sensu* exigida pela dura realidade socioeconômica do país (BRASIL, 2007, p. 24).

Nesse contexto, trabalho, ciência, tecnologia e cultura são entendidos como dimensões indissociáveis na produção da vida e na formação humana. O trabalho, para além da sua dimensão econômica, é compreendido como a prática humana no processo de produção da existência da vida humana; a ciência, compreendida como conhecimentos historicamente produzidos a partir da ação humana, socialmente legitimados pela humanidade porque explicam a realidade humana, que podem ser transmitidos para diferentes gerações e também questionados e superados historicamente num constante movimento de construção de novos conhecimentos; a tecnologia, como extensão das capacidades humanas, a mediação entre ciência e produção humana; a cultura entendida como o conjunto de valores éticos, morais, simbólicos produzidos, e, “ao mesmo tempo, prática constituinte e constituída do e pelo tecido social” (BRASIL, 2007, p. 44).

Nessa perspectiva, o trabalho é o ponto de partida para a produção de conhecimentos e deve ser compreendido pelo prisma da vinculação permanente que existe entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura. Admitir a integração entre essas dimensões, no processo formativo, significa compreender o trabalho enquanto produção e realização da vida, e, a realidade, produto da ação humana passível de ser transformada, o que faz do ser humano o

sujeito de sua própria história. A formação, nesse sentido, não é focalizada apenas na profissionalização e mercado de trabalho, mas numa formação humana que objetiva habilitar os sujeitos para exercer sua cidadania e suas profissões com criticidade e autonomia (RAMOS, 2008, p. 5). Desta forma, é possível perceber o caráter social e político que perpassa toda essa modalidade de ensino.

Entende-se que a materialização de uma formação integral requer a compreensão dessa perspectiva de integração pelos diversos atores envolvidos no processo formativo, e, principalmente, que essa perspectiva seja assumida pelas instituições de ensino e docentes na organização e planejamento do processo formativo, “visando a práticas curriculares e pedagógicas que levem à formação plena do educando e possibilitem construções intelectuais elevadas, mediante a apropriação de conceitos necessários à intervenção consciente na realidade” (RAMOS, 2008, p. 9).

Na organização e planejamento dessa modalidade de ensino é importante ressaltar também o sentido da integração que corresponde a integrar conhecimentos gerais e específicos de modo a promover uma totalidade curricular. Nesse sentido, integrar significa vincular, no ensino, os conhecimentos de caráter profissionalizante aos conhecimentos gerais do campo científico, de forma que tal aprendizado possa ser utilizado em diferentes contextos produtivos e não somente em uma técnica específica. De igual modo, o ensino dos conhecimentos e teorias de formação geral se faz associado à realidade concreta e ao seu potencial produtivo, ao trabalho, a fim de atribuir-lhes sentidos. Assim, mediado pelo trabalho, o conhecimento pode ser construído dentro de uma perspectiva histórica que revela a busca do saber e a produção da ciência pela humanidade ao longo da história (RAMOS, 2008, p. 14).

Trata-se, nessa perspectiva de integração, da interdisciplinaridade dos conhecimentos e o ensino contextualizado a partir da realidade, numa visão de totalidade curricular que, segundo Ramos (2008, p. 17), “não se trata de somatório, superposição ou subordinação de conhecimentos uns aos outros, mas sim de sua integração na perspectiva da totalidade”.

Em síntese, no que tange à organização curricular do EMI, e, por consequência, ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), colocam como possibilidades, e, também como desafios, os seguintes pressupostos:

- a) Conceba o sujeito como ser histórico-social concreto, capaz de transformar a realidade em que vive;
- b) Vise à formação humana como síntese de formação básica e formação para o trabalho;

- c) Tenha o trabalho como princípio educativo no sentido de que o trabalho permite, concretamente, a compreensão do significado econômico, social, histórico, político e cultural das ciências e das artes;
- d) Seja baseado numa epistemologia que considere a unidade de conhecimentos gerais e conhecimentos específicos e numa metodologia que permita a identificação das especificidades desses conhecimentos quanto à sua historicidade, finalidades e potencialidades;
- e) Seja baseado numa pedagogia que vise à construção conjunta de conhecimentos gerais e específicos, no sentido de que os primeiros fundamentam os segundos e esses evidenciam o caráter produtivo concreto dos primeiros;
- f) Seja centrado nos fundamentos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho moderno, tendo como eixos o trabalho, a ciência e a cultura (2005, p. 109-110).

O Documento Base propõe alguns fundamentos para a construção de um projeto político-pedagógico integrado. O principal fundamento é que essa elaboração deve ser coletiva, participativa e democrática, onde todos os integrantes da comunidade escolar sejam autores desse projeto e sujeitos de seu desenvolvimento, caracterizando a práxis coletiva; a coerência entre teoria e prática. Assim, coloca-se necessária a criação de tempos e espaços docente para a realização de atividades coletivas, e, também pode ser pertinente proporcionar “a discussão sobre concepções e políticas, oportunizando à comunidade escolar a apresentação de questões conceituais e operacionais, numa estratégia de envolvimento dos educadores e estudantes com o tema” (BRASIL, 2007, p. 53-54).

De forma geral, os fundamentos que o Documento Base apresenta para direcionar as instituições na elaboração do projeto político-pedagógico integrado podem ser sintetizados como: trabalho como princípio educativo; integração curricular visando à qualificação social e profissional; trabalho integrado e projeto coletivo; valorização dos diferentes saberes no processo educativo; tempos e espaços de formação dos sujeitos da aprendizagem; escola vinculada à realidade dos sujeitos (BRASIL, 2007).

A elaboração de projetos e ações didáticas na perspectiva de uma formação integral requer uma postura dos educadores de enfrentamento dos desafios que se apresentam quando o assunto é integração. Um dos principais os desafios, segundo Machado (2006, p. 53), consiste na “revisão de polarizações que se estabelecem no cotidiano das práticas educacionais, que solapam a possibilidade de uma construção curricular superior, distanciamentos que não se resumem às oposições entre conteúdos gerais e técnicos, entre ciência e tecnologia”. Para a autora,

A possibilidade de êxito de um trabalho integrado entre educadores do Ensino Médio e do ensino técnico de nível médio passa, sem dúvida, pelo entendimento consensual que eles possam construir sobre alguns pontos de partida fundamentais,

dos quais o anterior é a base. É preciso ocorrer uma certa convergência sobre que ser humano e que profissional se quer formar, como também quais estratégias seriam as mais indicadas para traduzir operacionalmente os valores e as perspectivas que foram priorizados. Assim, o planejamento, a organização, a sistematização, o controle e a orientação do processo didático, da atuação docente e da atividade cognoscitiva dos alunos precisam se mostrar com coerência interna e evidenciar, de forma consistente, a construção intencional destes sentidos e perspectivas (MACHADO, 2006, p. 54).

Isto posto, pode-se compreender que a materialização dessa modalidade de ensino direcionada à formação integral requer uma ação consciente e integrada de seus atores, não somente nas etapas de organização e planejamento, mas em todas as etapas que perpassam o fazer educacional.

### **2.3 PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO**

Este subcapítulo aborda o planejamento na educação, tendo o planejamento de ensino como objeto eleito pela presente pesquisa como uma prática que poderá ser uma via privilegiada para a apropriação e materialização da formação integral, e, também, como aprimoramento contínuo do fazer pedagógico. Assim, aborda-se de forma breve o percurso histórico e conceito do planejamento na educação, e enfatiza-se o planejamento de ensino dada a importância desse processo enquanto objeto e caminho para um fazer educacional que tenha como alvo a concretização de uma formação integral.

Inicialmente, é necessário fazer esclarecer a distinção existente entre planejamento e plano. Segundo Vasconcellos (2014, p. 80), “planejamento é o processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento. Plano é o produto desta reflexão e tomada de decisão, que como tal pode ser explicitado em forma de registro, de documento ou não”. Cabe ressaltar que, na presente pesquisa, em convergência com seu objetivo principal, visa-se o processo em detrimento ao produto, sem, contudo, desconsiderá-lo, visto a relação intrínseca entre planejamento e plano.

Historicamente, o planejamento é ação intrínseca ao trabalho do homem na produção da realidade e de sua sobrevivência. Sua teorização e sistematização acontece inicialmente ligada ao mundo da produção, no contexto da I e II Revolução Industrial, e ao desenvolvimento do campo da ciência da Administração no fim do século XIX. Nesse campo do saber, o planejamento tem sua definição inspirada na guerra, que desde os primórdios é

referência na busca pela eficiência. Esse campo do saber recebeu profícuas contribuições de Frederick Winslow Taylor (1856-1915), conhecido como o pai da Administração Científica, e, Jules Henri Fayol (1841-1925), pai da Teoria Geral da Administração. Contudo, a racionalização do trabalho advinda de Taylor estabeleceu a divisão tanto entre concepção e realização, quanto entre o planejar e o executar, e deu espaço para o planejamento tecnocrático, onde os especialistas planejam e os agentes executam. Três grandes vertentes do planejamento se consolidaram no campo administrativo: “o gerenciamento da qualidade total, o planejamento estratégico e o planejamento participativo”. Ainda no início do século XX, o planejamento vai avançando para diversos setores da sociedade, inclusive na esfera educacional. (VASCONCELLOS, 2014, p. 27).

Assim, em momentos diferentes na história do planejamento no âmbito da educação, três grandes concepções são manifestadas de forma subsidiada aos movimentos teóricos do campo da Administração, e de acordo com o contexto sócio-político-econômico-cultural. O **planejamento como princípio prático**, cuja concepção se dá relacionada à tendência tradicional de educação, com foco estrito na prática. Seu principal objetivo era estabelecer um roteiro a ser aplicado na sala de aula, independentemente de como fosse a realidade. A segunda concepção, o **planejamento instrumental/normativo**, totalmente relacionado à tendência tecnicista de educação, centra-se na racionalidade, produtividade e normatização da educação, sob pretensa neutralidade com relação aos fatores sócio-político-econômicos. Nesta concepção, planejar passou a significar o preenchimento de formulários, com seus objetivos gerais e instrucionais sistematizados, conteúdos, métodos de ensino e avaliação. Por fim, o **planejamento participativo**, que se fundamenta principalmente na consciência, intencionalidade e participação. Nessa perspectiva, o planejamento é compreendido como um instrumento que possibilita a intervenção na realidade para transformá-la. É nesta concepção que há valorização e espaço para a construção, o diálogo, a participação, a coletividade, e para a formação de uma consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática (VASCONCELLOS, 2014, p. 28-31, apud OTT, 1984).

Segundo Farias (2011, p. 111), “o planejamento é ato; é uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo”. Para Vasconcellos (2014, p. 35), o conceito integral de planejamento “é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal”.

Num aspecto mais instrucional, Mattos (1966, p. 138) argumenta que “todo o planejamento se concretiza num programa definido de ação, que constitui um roteiro seguro

para conduzir progressivamente os alunos aos resultados desejados”. Desta maneira pode-se compreender que o processo de planejamento somente se completa na ação, conseqüentemente, o plano, resultado do planejamento, deve ser executável a fim propiciar o alcance dos resultados objetivados, e assim evitar que ele seja apenas uma formalidade.

Do ponto de vista organizacional, os níveis do planejamento no âmbito escolar se diferenciam de acordo com a abordagem de cada autor, contudo seus elementos constitutivos são convergentes.

Libâneo (2013), classifica o planejamento no âmbito escolar em três diferentes níveis: (1) plano da escola – mais abrangente, “é um guia de orientação para o planejamento de ensino” (p. 255); (2) plano de ensino – também conhecido como plano de curso ou de unidades didáticas, corresponde à previsão das tarefas docentes para um ano ou semestre, “no qual aparecem objetivos específicos, conteúdos e desenvolvimento metodológico” (p. 249); e (3) plano de aula – um detalhamento do plano de ensino, “é a previsão do desenvolvimento do conteúdo para uma aula ou conjunto de aulas” (p. 250). Assim, para o autor, os níveis de planejamento são definidos de acordo com a materialização desse processo: o plano.

O planejamento do ensino, para Vasconcellos (2014, p. 96), é aquele “mais próximo da prática do professor e da sala de aula”. No entendimento de Mattos (1966, p. 141), plano de curso, plano de unidade didática, e plano de aula, são “na realidade, três fases do mesmo planejamento, tendendo a uma progressiva particularização do conteúdo e do método de trabalho, à medida que se aproxima o momento de sua ativa execução na sala de aulas ou nos laboratórios e oficinas da escola”.

Segundo Libâneo (2013, p. 257) “o plano de ensino é um roteiro organizado das unidades didáticas para um ano ou semestre. É denominado também pelo plano de curso ou plano de unidades didáticas”. Para o autor, o primeiro critério requerido ao iniciar um processo de planejamento do ensino e delimitação dos conteúdos faz-se necessário que o professor tenha em mente “sua concepção de educação e escola, seu posicionamento sobre os objetivos sociais e pedagógicos do processo de ensino e, ainda, seu posicionamento e conhecimento em relação à disciplina que leciona” (LIBÂNEO, 2013, p. 260).

Para Mattos (1966), um bom plano de ensino se caracteriza pelos seguintes critérios:

- (a) unidade fundamental, fazendo convergir todas as atividades para a conquista dos objetivos visados; os objetivos são o que garante a unidade da operação docente;
- (b) continuidade, prevendo todas as etapas do trabalho em pauta, desde a inicial até a final;
- (c) flexibilidade, dando margem a possíveis reajustamentos do plano em marcha, sem quebra de sua unidade e continuidade;

- (d) objetividade e realismo, isto é, baseado nas condições reais e imediatas de local, tempo, recursos, capacidade e preparo escolar dos alunos;
- (e) precisão e clareza nos seus enunciados, estilo sóbrio, claro, preciso, com indicações bem exatas e sugestões bem concretas para o trabalho a ser realizado (MATTOS, 1966, p.139).

Com relação ao processo, Farias (2011, p. 116) indica que as etapas do planejamento do ensino consistem em “diagnóstico, planejamento, execução, avaliação e replanejamento”. Para Vasconcellos (2014, p. 103), nesse processo estão presentes, e em constante articulação, as seguintes fases: **elaboração** – que compreende a análise da realidade (conhecimento da realidade e necessidade), a projeção de finalidades (objetivos), e a elaboração das formas de mediação (conteúdo, metodologia, recursos); **realização interativa** - ação pedagógica, e análise do processo (reflexão da ação, confronto entre realizado e elaborado, e tomada de decisão); **avaliação de conjunto** (análise do processo e do resultado). Assim, “o ciclo do planejamento, na verdade, é elaborar e realizar interativamente, o que implica a avaliação – tanto no processo como num momento de conjunto –, ou seja, não pode haver – para não ser planejamento alienado – separação na execução com aquilo que foi planejado” (p. 82). Nesse sentido, o planejamento do ensino tem em seu escopo:

- Possibilitar a reflexão e a (re)significação do trabalho;
- Resgatar o espaço da criatividade do educador;
- Favorecer a pesquisa sobre a prática;
- Organizar adequadamente o currículo, racionalizando as experiências de aprendizagem, tendo em vista tornar a ação pedagógica mais eficaz e eficiente;
- Estabelecer a comunicação com outros professores e alunos;
- Ajudar a resgatar o movimento conceitual e a organizar o fluxo da expressão sobre o objeto de conhecimento;
- Não desperdiçar atividades e oportunidades de aprendizagem;
- Ser elemento de autoformação do professor, na medida em que possibilita o pensar mais sistematicamente sobre a realidade, sobre a proposta, sobre a prática, ajudando, pois, a diminuir a distância teoria-prática, evitando a rotina viciada e a improvisação;
- Resgatar o saber docente, a cultura pedagógica do grupo;
- Superar a expropriação a que o professor foi submetido em relação à concepção e ao domínio do seu quefazer, resgatando sua condição de sujeito de transformação (VASCONCELLOS, 2014, p. 61-62).

Numa perspectiva política, autores como Libâneo (2013), Lopes (1992), Luckesi (2005), e Vasconcellos (2014) abordam o planejamento enquanto prática que pode levar à transformação da realidade. Assim, criticam a valorização do planejamento apenas em sua dimensão técnica, desvinculado da realidade social, que se caracteriza por uma ação mecânica

e burocrática, e que pouco contribui com a qualidade da ação pedagógica concebida no ambiente escolar.

De forma mais abrangente e contextualizada, Libâneo (2013) conceitua o planejamento.

(...) é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos, conteúdos, métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade. A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino) (LIBÂNEO, 2013, p. 246).

Para Luckesi (2005, p. 105), “nossa ação, no nível macro, ou no nível micro, é política; ela está comprometida com uma perspectiva de construção da sociedade”, e é sob esse viés que o autor defende que “o planejamento é o ato pelo qual decidimos o que construir” (p. 118). Em consenso, Vasconcellos (2014, p. 41) declara que “antes de ser uma mera questão técnica, o planejamento é uma questão política, na medida em que envolve posicionamentos, opções, jogos de poder, compromisso com a reprodução ou com a transformação, etc”.

De acordo com Arruda (2012, p. 61), “é no e pelo planejamento, e na aplicação do plano, que as intencionalidades políticas e as concepções do docente com relação à educação e à sociedade serão transmitidas para o aluno, e é dessa maneira que a escola cumpre com a sua função social e suas intencionalidades curriculares”.

Não obstante, três problemas nucleares podem comprometer o sentido e a força do planejamento junto aos professores: o idealismo, onde as ideias são mais valorizadas que a prática, e o planejamento perfaz apenas um papel ideológico que desmoraliza o processo em si, pois vai para o papel, mas na prática não acontece; o formalismo, onde o ato vazio de sentido que cumpre a exigência formal, contudo, sem efeito no cotidiano; a não-participação, “em que um pequeno grupo planeja e decide o destino de um grande conjunto de pessoas, que deverão apenas executar, estabelecendo um processo de desumanização, de alienação”.

fazendo com que o planejamento passe a significar uma forma de dominação e controle de professores e alunos, feito para a escola, e não para organizar efetivamente o processo de ensino-aprendizagem (VASCONCELLOS, 2014, p. 33).

Ademais, existe uma ambiguidade no modo como os educadores encaram o planejamento na prática. Ao mesmo tempo em que vislumbram sua ideia geral e importância, demonstram certa descrença por estarem marcados pela vivência do planejamento burocrático, impositivo e controlador, fato que poderá levá-los ao não envolvimento na atividade de planejar, ou, a um planejamento mecânico e vazio de significado.

Nessa perspectiva, a conscientização do planejamento enquanto ato político representa um avanço, entretanto não é suficiente para sua significação. É preciso, também, buscar atribuir sentido ao ato de planejar, re-significar essa ação resgatando tanto a necessidade quanto a possibilidade de mudança. Esse sentido está relacionado ao querer mudar a realidade, acreditar na sua possibilidade, sentir que é necessário planejar e vislumbrar as condições para alcançar o que deseja (VASCONCELLOS, 2014, p. 35-36).

Se no processo de planejamento estamos visando um certo tipo de ação, precisamos então buscar a teoria que a fundamente e, sobretudo, que possa servir de guia para a prática. Na verdade, a prática tem relações com o contexto maior, com as estruturas da instituição, com as necessidades biológicas, vontades e desejos dos sujeitos, além da relação com a teoria. Assim, a teoria (projeto) deve ser a melhor possível, não caindo, porém, na ingenuidade de imaginar que basta planejar para acontecer: tendo em vista as diferentes visões e opções, (...) há toda uma luta ideológica, política, econômica, social a ser enfrentada, seja consigo mesmo, com os colegas de trabalho, com os educandos, com as famílias e com as instituições em geral. (...) Devemos considerar que o que modifica efetivamente a realidade é a ação e não as ideias. No entanto, a ação sem ideia é cega e ineficaz. (VASCONCELLOS, 2014, p. 45).

O planejamento terá sentido se o sujeito sentir a necessidade de mudança, se colocar numa perspectiva de mudança e vislumbrar condições que a possibilitem, “caso contrário, por estar marcado por pseudo-impossibilidades, não acreditando que algo possa ser alterado, não valorizará as eventuais propostas feitas, desqualificando-as: ‘Palavras, palavras, palavras...’, ‘Na prática, a teoria é outra’ (VASCONCELLOS, 2014, p. 56).

Lopes (1992, p.43) defende a necessidade de os professores repensarem o planejamento como uma prática pedagógica crítica e transformadora. Desta maneira, um bom planejamento do ensino “se traduzirá pela ação pedagógica direcionada de forma a se integrar dialeticamente ao concreto do educando, buscando transformá-lo”.

Como forma de efetivar o planejamento nessa perspectiva, Lopes (1992, p. 46) propõe o planejamento participativo, que no contexto escolar “caracteriza-se pela busca da integração

efetiva entre escola e a realidade social, primando pelo inter-relacionamento entre teoria e prática”.

Essa forma de ação implica uma convivência de pessoas que discutem, decidem, executam e avaliam atividades propostas coletivamente. A partir dessa convivência, o processo educativo passa a desenvolver mais facilmente seu papel transformador, pois, à medida que discutem, as pessoas refletem, questionam, conscientizam-se de problemas coletivos e decidem-se por engajar na luta pela melhoria de suas condições de vida (LOPES, 1992, p.45).

Em concordância, Luckesi (2005, p. 164) defende que, “a atividade de planejar é uma atividade coletiva, uma vez que o ato de ensinar na escola, hoje, é um ato coletivo, não só devido a nossa constituição social como seres humanos, mas, mais que isso, devido ao fato de que o ato escolar de ensinar e aprender é coletivo” (p. 164). Escolher a participação, segundo Silva, Fonseca e Nascimento (1995, p. 88), “é decisão política fundada em referências valorativas que concebem a pessoa como sujeito e não mero objeto de outrem”.

Lopes (1992, p. 47) pondera que, “num processo educativo que se propõe transformador, os objetivos de ensino precisarão estar voltados eminentemente para a reelaboração e produção de conhecimentos. Para tanto, deverão expressar ações, tais como a reflexão crítica, a curiosidade científica, a investigação e a criatividade”. A reelaboração e produção de conhecimentos corresponde à capacidade de gerar novos conhecimentos através da problematização e da análise crítica, a partir do saber historicamente sistematizado (LOPES, 1992, p. 48).

De acordo com Vasconcellos (2014, p. 93-94), o planejamento participativo é necessário por configurar um processo em que:

- O sujeito da reflexão é também o sujeito da decisão, da ação e do usufruto;
- Há motivação, pelo fato de estar atendendo às necessidades dos sujeitos;
- A probabilidade de concretização é maior, dado que quem ajudou a construir está mais predisposto a realizar;
- Propicia-se uma nova postura (crença, convicção, valores): se o sujeito não participa de todo o processo, pode até fazer as coisas novas que são propostas, mas não ‘por inteiro’ ou com ‘espírito velho’;
- Possibilita-se o crescimento dialético da autonomia e da solidariedade;
- O que se privilegia é o processo e não só o plano escrito.

Assim, compreende-se que o planejamento pode favorecer o envolvimento dos membros, numa sinergia de forças articuladas em torno de uma só direção que amplia as

possibilidades de concretização. Cabe ressaltar que a educação se processa num contexto em múltiplas variáveis que dificultam o cumprimento à risca do que foi planejado. Esse critério demanda que o planejamento seja flexível, de modo que o plano elaborado possa ser revisitado e redefinido de acordo com as necessidades que se apresentam no cotidiano do fazer educacional. Nesse sentido Arruda (2012, p. 41) declara que,

No caso da educação, um contexto complexo de múltiplas variáveis, uma área diferente, a relação entre as pessoas, com suas experiências de vida, seus conhecimentos, suas características afetivas, motoras e cognitivas. Então, diante dessa complexidade, as atividades planejadas poderiam não acontecer no tempo previsto: a dúvida de um aluno poderia acarretar ampliação no número de aulas dedicadas àquele tema; um acontecimento no mundo – como a crise econômica – poderia alterar o conteúdo de aula previsto; a abordagem pedagógica e estratégias adotadas poderiam não ser suficientes para os alunos aprenderem, entre outros.

Para Mattos (1966, p. 192),

Flexibilidade no planejamento significa que o nosso plano de ensino pode e deve ser corrigido e reajustado à realidade sempre que a sua primitiva formulação não mais satisfaça às condições imediatas do nosso trabalho, já porque nele se evidenciam erros palpáveis de previsão, já enfim porque começamos a perceber possibilidades mais promissoras e rendosas para o ensino do que inicialmente previstas. Em qualquer destes casos impõe-se uma oportuna revisão do plano já em execução, reajustando-o às reais possibilidades que de imediato se apresentam ao professor, sem quebra da unidade e da continuidade fundamentais que caracterizam todo o bom plano de ensino.

Libâneo (2013, p. 250) defende a necessidade de que “os planos estejam continuamente ligados à prática, de modo que sejam sempre revistos e refeitos”, de modo que o planejamento seja usado pelo docente “como oportunidade de reflexão e avaliação da sua prática”. Isso leva ao entendimento de que o planejamento necessita ser considerado dentro de uma percepção crítica da educação. Nesse sentido, com relação ao plano de ensino Lopes (1992, p.56) declara,

(...) o real sentido do planejamento do ensino no trabalho do professor é a organização da ação pedagógica intencional, de forma responsável e comprometida com a formação dos alunos. Consideramos que o processo de planejamento em uma percepção crítica da educação extrapola a simples ação de elaborar um plano de ensino tecnicamente recomendável e passa a demonstrar o cuidado e o compromisso do professor em dar à sua matéria de ensino o direcionamento para o alcance das finalidades da educação, para a concretização do projeto pedagógico da escola e para o desenvolvimento de saberes fundamentais em seus alunos (p. 56).

No processo de planejamento, enquanto um ato político, constam as decisões e posicionamento do docente com relação ao fazer educacional. Para Vasconcellos (2014, p. 14), “nosso desejo é que a escola cumpra um papel social de humanização e emancipação, onde o aluno possa desabrochar, crescer como pessoa e como cidadão, e onde o professor (...) possa repensar sua prática, refletir sobre ela, re-significá-la e buscar novas alternativas. Para isto, entendemos que o planejamento é um excelente caminho”.

Neste empenho de mudança, portanto, devemos ganhar clareza que trata-se de um processo, o que implica ir por passos, não querendo transformar tudo de uma só vez (mesmo porque não é possível); podemos ir progressivamente: sala de aula, curso, escola, comunidade, etc. (...)

Dialeticamente, podemos dizer que planejamos porque podemos e podemos porque planejamos, visto que o planejamento coloca-se como um caminho do homem resgatar sua dimensão de sujeito, na medida em que, através dele, se capacita para exercer sua liberdade, sua criatividade, para traçar o seu destino, não de uma maneira idílica, ilusória, mas preparando-se para o confronto com estas determinações e limites da realidade a ser mudada.

Nesta perspectiva, entendemos que o planejamento (Projeto Político-Pedagógico, Projeto de Ensino) deve ser, antes de mais nada, um instrumento de trabalho para o próprio sujeito/grupo (e não para o coordenador, a secretaria da escola, a supervisão, mantenedora), correspondendo ao seu projeto de intervenção na realidade, situando-o como produtor e não mero executor dos projetos de outrem (VASCONCELLOS, 2014, p. 60).

Frente ao exposto, tendo como objetivo a formação integral do aluno, ressalta-se que o planejamento do ensino participativo, em que os sujeitos desenvolvam tal prática de forma integrada, poderá contribuir no sentido de uma formação integral do aluno. De acordo com Vasconcellos (2014), se acreditarmos na possibilidade de mudança da realidade, vamos estar abertos para encontrar os caminhos de intervenção para poder realizar o planejamento de uma forma mais significativa. Sempre há algo possível de ser feito, em função da autonomia relativa que se tem (VASCONCELLOS, 2014, p. 58).

Portanto, para o desenvolvimento de uma formação integral, é imprescindível que o fazer docente esteja orientado por um planejamento que considere os princípios que embasam a construção de uma formação integral. Além disso, importa que o docente em sua prática, diante de sua autonomia, e assumindo sua autoridade dentro da instituição, direcione os processos de ensino e aprendizagem de forma integrada, vinculada à realidade social, aos condicionantes histórico-sociais presentes na experiência de vida dos alunos, contribuindo assim para elevar a qualidade da ação pedagógica no contexto escolar.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

A presente pesquisa é de natureza aplicada com abordagem qualitativa, visto que está situada no âmbito dos fenômenos sociais. Martins (2004, p. 291) esclarece que “as pesquisas qualitativas favorecem a análise de microprocessos por meio das ações sociais individuais e grupais, possibilitando que os dados sejam amplamente averiguados”. A natureza aplicada deve-se ao fato dessa pesquisa ter entre seus objetivos a elaboração de um produto educacional. O produto educacional trata-se de uma cartilha em formato de material textual que contempla critérios relevantes acerca dos sentidos, princípios e finalidades do planejamento e do Ensino Médio Integrado. A cartilha intitulada como “Planejamento do ensino no Ensino Médio Integrado” foi elaborada sob o objetivo de oportunizar a ressignificação do planejamento docente e o alinhamento conceitual acerca dos pressupostos que alicerçam o Ensino Médio Integrado.

Com relação à tipologia da pesquisa, o trabalho foi conduzido como estudo de caso, que, de acordo com Gonçalves (2005, p. 64), trata-se de “uma categoria de investigação que tem como objeto de estudo uma unidade de forma aprofundada.” O estudo de caso, segundo Yin (2001, p. 21), é uma estratégia de pesquisa que “contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”, claramente necessária diante “do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos.” Assim, foi objeto de estudo de caso o Ensino Médio Integrado ofertado no período de 2004 a 2021 pelo Departamento de Minas e Construção Civil, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG, Câmpus Araxá, sem esgotar todos os elementos da realidade. O recorte temporal adotado corresponde ao período entre o ano em que o EMI foi viabilizado por meio do Decreto N° 5.154/2004 até o último ano letivo finalizado.

Em relação aos objetivos se constituiu como pesquisa exploratória, classificada por Gil (2002, p. 42), como aquela que “busca proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Quanto aos procedimentos, se caracterizou como pesquisa bibliográfica, documental e de campo. De acordo com Gonçalves (2005, p. 58), a pesquisa bibliográfica busca “conhecer as diferentes contribuições científicas sobre o assunto que se pretende estudar”. O objetivo foi revisar a literatura existente, de modo a verificar o estado da arte. Segundo Kripka, Scheller e

Bonotto (2015, p. 244), “a pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, afim de compreender um fenômeno”. Já a pesquisa de campo “consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis [...] para posteriores análises [...]” (OLIVEIRA, 1998, p.124).

A partir das leituras iniciais realizadas como parte da pesquisa bibliográfica, foram selecionadas 16 variáveis relacionadas aos objetivos apresentados, cuja literatura subsidiaram a construção e o desenvolvimento da pesquisa. As variáveis foram utilizadas como palavras-chave para a recuperação bibliográfica para literatura de base, as quais podem ser verificadas no Quadro 1 abaixo:

QUADRO 1 – Pesquisa bibliográfica para literatura base

Variáveis	Literatura
Educação; Educação Profissional; História da EPT	Dante Henrique Moura (2007; 2010); Dermeval Saviani (2005; 2007; 2008); Luiz Antônio Cunha e Moacyr de Góes (2002); Maria Ciavatta (2011); Marise Nogueira Ramos (2014; 2017); Marise Nogueira Ramos; Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta (2006); Maria Ciavatta e Marise Nogueira Ramos (2011)
Ensino Médio Integrado	Dante Henrique Moura (2007); Maria Ciavatta (2005; 2011); Marise Nogueira Ramos (2008)
Planejamento	José Carlos Faria (1997); Rui Otávio Bernardes de Andrade; Nério Amboni (2011); Antônio Carlos Amaru Maximiano (2000);
Planejamento Educacional; Planejamento e Políticas Educacionais	César dos Santos Vasconcellos (2014); Pablo Silva Machado Bispo dos Santos (2016); Sofia Lerche Vieira; Maria Gláucia M. Albuquerque (2002)
Planejamento curricular; Currículo; Currículo Integrado;	César dos Santos Vasconcellos (2014); Lucília Machado (2006); Ramos (2005)
Planejamento didático-pedagógico; Planejamento de ensino; Planejamento de aula; Didática	Antonia Osima Lopes (1992); César dos Santos Vasconcellos (2014); Cipriano Carlos Luckesi (2005); Isabel Maria Sabino de Farias (2011); José Carlos Libâneo (2013); Luis Alves de Mattos (1966)
Metodologia	Antônio Carlos Gil (2002); Heloísa Helena Martins (2004)

FONTE: Elaboração própria, (2021).

A pesquisa documental foi realizada a partir de legislações aplicadas à área, de documentos emitidos pelo Ministério da Educação, e documentos e planos institucionais, conforme quadro abaixo:

QUADRO 2 – Pesquisa Documental

<b>Tema</b>	<b>Identificação do Documento</b>	<b>Local da disponibilização</b>	<b>Descrição</b>
Carta Magna	Constituição Federal	<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm</a>	Constituição da República Federativa do Brasil.
Legislação da Educação	Lei nº 9.394/1996	<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm#art36v">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm#art36v</a>	Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
	Decreto nº 5.224/2004	<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5224.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5224.htm</a>	Dispõe sobre a organização dos Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências.
	Lei nº 11.892/2008	<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm</a>	Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.
	Lei nº 11.741/2008	<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm#art2">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm#art2</a>	Redimensiona, institucionaliza e integra as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica junto à LDBN.
	Lei nº 13.005/2014	<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm</a>	Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.
	Resolução nº 1/2021 CNE/CP, do Ministério da Educação (MEC)	<a href="https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578">https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578</a>	Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica.
Documentos e Planos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)	Plano Pedagógico Institucional – PPI 2016-2020	<a href="http://www.avaliacao.CEFETmg.br/wp-content/uploads/sites/224/2019/06/3-PPI-PROJETO-PEDAG%3%93GICO-INSTITUCIONAL-2016-2020.pdf">http://www.avaliacao.CEFETmg.br/wp-content/uploads/sites/224/2019/06/3-PPI-PROJETO-PEDAG%3%93GICO-INSTITUCIONAL-2016-2020.pdf</a>	Sistematiza as políticas e práticas institucionais relativas à organização acadêmica na Instituição.
	Instrução Normativa DEPT-01/2016	<a href="https://www.dept.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/80/2018/01/Instrucao_Normativa_2016_PPC-_Versxo_5.pdf">https://www.dept.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/80/2018/01/Instrucao_Normativa_2016_PPC-_Versxo_5.pdf</a>	Orientações para elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do CEFET-MG.
	Projeto Pedagógico Curso de Edificações	<a href="http://www.araxa.CEFETmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2018/02/PPC-Edificacoes-Araxa-APROVADO.pdf">http://www.araxa.CEFETmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2018/02/PPC-Edificacoes-Araxa-APROVADO.pdf</a>	Norteia e define a organização curricular, didático-pedagógicas do curso.
	Projeto Pedagógico	<a href="http://www.araxa.CEFETmg.br/wp-">http://www.araxa.CEFETmg.br/wp-</a>	Norteia e define a

	Curso de Mineração	content/uploads/sites/7/2018/02/PP-C-Minera%C3%A7%C3%A3o-Arax%C3%A1.pdf	organização curricular, didático-pedagógicas do curso.
--	--------------------	---	--

FONTE: Elaborado pela autora, (2021).

Para atender à proposta da pesquisa, cujo objetivo principal foi identificar e analisar como o planejamento empreendido nos níveis curricular e de ensino se relacionam ao conceito de integração que fundamenta o Ensino Médio Integrado, foi utilizada a entrevista estruturada como técnica de coleta de dados. De acordo com Marconi e Lakatos (1999, p.95-96), a entrevista padronizada ou estruturada “é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”. Foi adotado um questionário padrão (Apêndice A) com a intenção de direcionar as entrevistas, cujas perguntas relacionam-se às bases conceituais do Ensino Médio Integrado, e, à prática e percepção docente acerca do planejamento no processo de ensino-aprendizagem.

### 3.1 AMOSTRAGEM

O lócus de pesquisa trata-se da Unidade Educacional do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG localizada na cidade Araxá, na região do Triângulo Mineiro. Essa Unidade Educacional teve seu funcionamento autorizado pela Portaria nº 215 de 04 de fevereiro de 1992, do Ministério da Educação. Na oportunidade, a unidade ocupou o mesmo prédio em que funcionava a Escola de Minas de Araxá (Eminas)<sup>14</sup> e contou, inicialmente, com a manutenção financeira da Prefeitura Municipal de Araxá. No ano de 1994 o Governo Federal assumiu totalmente a responsabilidade financeira da unidade e proveu corpo docente e técnico-administrativo por meio de concursos públicos (UNIDADE ARAXÁ, 2021).

O Câmpus Araxá iniciou suas atividades assim que foi inaugurado em março de 1992 e sob a responsabilidade didático-científica e administrativa do CEFET-MG ofertou os cursos técnico-industriais de Eletrônica, Mecânica e Mineração. No decorrer dos anos novos cursos foram implantados, quais sejam: o curso técnico em Edificações no ano de 2001, o curso de

---

<sup>14</sup> De acordo com Curi (2010, p. 39) “a Eminas (Escola Minas de Araxá) funcionou em Araxá de 1977 a 1994 e durante este período ofertava cursos técnicos [...] de Mineração, Metalurgia, Geologia, Mecânica, Eletrônica e Instrumentação. Com a criação da unidade nº 04 do Cefet-MG em Araxá, em 1992, (que funcionava no mesmo prédio) a Eminas foi gradualmente desativada; processo que encerrou-se em 1994.”

graduação em Engenharia de Automação Industrial em 2006, o curso de graduação em Engenharia de Minas em 2010, e, o curso de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Engenharia de Minas no ano de 2019 (UNIDADE ARAXÁ, 2021).

De acordo com o artigo 18 da Lei nº 11.892 de 2008 (BRASIL, 2008a) o CEFET-MG configura-se como uma instituição de ensino superior pluricurricular, especializada na oferta de educação tecnológica nos diferentes níveis e modalidades de ensino, e se caracteriza pela sua atuação prioritariamente na área tecnológica, nos moldes da legislação (BRASIL, 2008).

Dados da Plataforma Nilo Peçanha, ano 2020 (base de dados 2019) revelam que o Câmpus Araxá conta com 88 docentes, dos quais 72 efetivos e 16 substitutos, 46 técnicos administrativos, e, 1.026 discentes matriculados nos 7 cursos ofertados pela unidade conforme o Quadro 3.

QUADRO 3 - Cursos CEFET-MG / Câmpus Araxá

<b>Tipo de Curso</b>	<b>Curso</b>	<b>Matriculados em 2019</b>
<b>Técnico Integrado</b>	<b>Edificações</b>	<b>103</b>
Técnico Concomitante	Edificações	27
Técnico Subsequente	Edificações	43
<b>Técnico Integrado</b>	<b>Eletrônica</b>	<b>95</b>
Técnico Concomitante	Eletrônica	14
Técnico Subsequente	Eletrônica	54
<b>Técnico Integrado</b>	<b>Mecânica</b>	<b>107</b>
Técnico Concomitante	Mecânica	21
Técnico Subsequente	Mecânica	45
<b>Técnico Integrado</b>	<b>Mineração</b>	<b>104</b>
Técnico Concomitante	Mineração	22
Técnico Subsequente	Mineração	41
Graduação	Engenharia de Automação	178
Graduação	Engenharia de Minas	157
Mestrado Profissional	Engenharia de Minas	15
<b>Total de Matriculados em 2019</b>		<b>1.026</b>

FONTE: Elaborado pela autora (2021). Dados da Plataforma Nilo Peçanha Ano 2020, base 2019.

Em relação aos cursos técnicos, esses são ofertados em articulação ao Ensino Médio de acordo com a legislação, nas modalidades integrada, concomitante, e subsequente, e juntos corresponderam a 65,8% do total de alunos matriculados no Câmpus Araxá no ano de 2019.

Deste modo, a amostra foi não-probabilística, em que “os elementos não são selecionados aleatoriamente. Com o uso desta tipologia, não é possível generalizar os resultados da pesquisa realizada, em termos de população” (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 41). Além disso, configurou-se como amostra intencional, em que “o pesquisador se dirige intencionalmente a grupos de elementos dos quais deseja saber à opinião” (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 42).

Sendo assim, a atuação profissional da autora no Departamento de Minas e Construção Civil foi fator decisivo na delimitação da amostragem, no qual se elegeu para pesquisa os cursos técnicos integrados em Edificações e Mineração. A partir da seleção da amostra, foi solicitada a autorização para a direção do Câmpus, mediante Declaração de Coparticipação em Pesquisa (Anexo A).

Para a amostra, foram selecionados 12 docentes efetivos em pleno exercício de sua função, que lecionaram nos cursos técnicos integrados em Edificações e Mineração no ano de 2020, sendo 06 docentes da área de formação geral, 03 da área técnica de Edificações e 03 da área técnica de Mineração.

A partir dos critérios estabelecidos para a seleção da amostra foi realizado um levantamento acerca da quantidade total de docentes aptos a serem convidados para participar da entrevista (Quadro 4). Assim, foi identificado o número total de docentes efetivos em pleno exercício de sua função, que ministram disciplinas na modalidade integrada dos referidos cursos, tanto docentes que ministram disciplinas técnicas como os docentes que ministram disciplinas de formação geral, e, que lecionaram nos cursos Técnico Integrado em Edificações e Técnico Integrado em Mineração durante o ano de 2020, e que poderiam ser convidados a participar da entrevista, conforme pode ser observado no Quadro 4.

QUADRO 4 – Número de docentes efetivos convidados a participar da entrevista

Área/Curso	Quantidade
Técnico Integrado em Edificações	08 docentes
Técnico Integrado em Mineração	09 docentes
Formação Geral	26 docentes
<b>Total</b>	<b>43 docentes</b>

FONTE: Elaborado pela autora (2021) – Levantamento de dados a partir do relatório do quadro funcional do Cefet/MG, Unidade Araxá, ano 2021.

Destaca-se que a quantidade de docentes listados nesse quadro corresponde ao número de docentes que estavam aptos a participar da entrevista e que poderiam ser convidados, no entanto, os convites para a participação da entrevista foram enviados um a um, até que se atingisse o número de aceite de participação estipulado para a composição da amostra (12 docentes). O envio dos convites foi ordenado pelo critério de maior tempo de docência na instituição. Esse critério foi adotado com o intuito de selecionar docentes que vivenciaram a implantação da modalidade integrada nos cursos técnicos de nível médio e que precisaram formular ou reformular os planos subjacentes a esta modalidade.

Salienta-se que, as atividades envolvendo a coleta de dados de seres humanos foram iniciadas somente após obtenção do parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Anexo B), seguindo a ordem dos procedimentos descritos abaixo:

- a) obtenção do parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa;
- b) aceite; autorização do entrevistado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para realização de pesquisa em ambiente virtual (Anexo C), e, do Termo de autorização para uso de voz e imagem (Anexo D);
- c) agendamento prévio da entrevista via e-mail;
- d) realização da entrevista.

O convite de participação, os termos de consentimento livre e esclarecido para realização de pesquisa em ambiente virtual, a autorização para uso de voz e imagem, e, o agendamento para a entrevista foram enviados aos docentes via e-mail institucional.

Cabe ressaltar, que embora se tenha acesso aos planos de ensino confeccionados pelos docentes de cada disciplina dos respectivos cursos, optou-se por entrevistar os docentes devido à intenção de trazer à tona elementos que decorrem da vivência do docente em sua prática. As entrevistas foram realizadas em novembro de 2021, de forma individual, gravadas, e com agendamento prévio. Devido a particularidade do período atual, à pandemia decorrente do vírus Sars-CoV-2, as entrevistas aconteceram de forma remota por meio da plataforma GoogleMeet, após obtenção do parecer de aprovação emitido pelo CEP.

Com relação aos riscos, foram mínimos e se referiam à possibilidade, mesmo que remota, de invasão de privacidade e divulgação de dados confidenciais coletados por meio da plataforma Google Meet, considerando possíveis fatores externos como extravio e roubo de

dados, e, também falhas técnicas nas gravações efetuadas; referiam-se também à possibilidade de desconforto e constrangimento em narrar fatos de seu percurso escolar e à possibilidade de tomar o tempo do docente ao responder à entrevista.

Como forma de minimizar os riscos, os participantes tiveram suas identidades preservadas para anular qualquer possibilidade de discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado. No caso de desconforto e/ou constrangimento em sua narrativa, ou ainda, se o tempo previsto para a entrevista fosse ultrapassado, o entrevistado foi informado que poderia se retirar a qualquer momento, sem que houvesse qualquer constrangimento junto ao pesquisador.

Além disso, foi realizado o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico pessoal assim que a coleta de dados foi finalizada, e apagado todo e qualquer registro da entrevista na plataforma GoogleMeet. Os dados coletados serão mantidos sob sua guarda pelo período 5 (cinco) conforme item XI.2.f da Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Depois de realizadas e em posse das gravações, as entrevistas na foram transcritas na íntegra pela própria pesquisadora. Nas transcrições, os nomes pessoais foram substituídos por pseudônimos, e eventuais informações que, de alguma forma, revelassem a identidade dos entrevistados ou do corpo docente do Câmpus foram reestruturadas no intuito de preservar o anonimato dos sujeitos.

Em posse dos planos catalogados e da transcrição das entrevistas, foram identificados, para análise, os trechos que iam de encontro com os objetivos propostos. Após seleção das unidades de registros foi realizado o agrupamento de recortes que respondem às mesmas questões de pesquisa e a partir do agrupamento foram criadas as categorias de análise.

### **3.2 ANÁLISE DOS DADOS**

Com relação ao trabalho empírico empreendido, a opção que se fez foi pelo tratamento e pela análise de conteúdo dos documentos oficiais e dos dados resultantes das entrevistas aplicados aos profissionais envolvidos com a formação objeto dessa investigação.

Segundo Lima (1993, p. 54, apud CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682)), na abordagem qualitativa, a análise de conteúdo “considera a presença ou a ausência de uma

dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento da mensagem”.

De acordo com Bardin (2011) a organização da análise de conteúdo se dá a partir da pré-análise, da exploração do material e do tratamento dos resultados, inferências e interpretação. A pré-análise consiste na sistematização de ideias iniciais, que envolve a escolha dos documentos que serão analisados. A decisão dos documentos implica em realizar leitura flutuante do material, para saber do que se trata, bem como demarcar o universo e seu corpus que para Bardin (2011, p.126) é “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”.

Segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 683), “existem dois tipos de textos que podem ser trabalhados pela AC: os textos produzidos em pesquisa, através das transcrições de entrevista e dos protocolos de observação, e os textos já existentes, produzidos para outros fins, como textos de jornais”. Assim, em posse dos dados obtidos a partir dos planos catalogados e da transcrição das entrevistas, foram identificados os trechos que iam de encontro com os objetivos propostos. Após seleção das unidades de registros foi realizado o agrupamento de recortes de forma a responder às questões de pesquisa.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

---

Este capítulo compreende a análise e a discussão dos dados coletados nos Projetos Político-Pedagógicos da instituição e dos cursos Técnico Integrado em Edificações e Técnico Integrado em Mineração, e nas entrevistas realizadas com os doze docentes selecionados no lócus de pesquisa. Retoma-se o objetivo da presente dissertação com o intuito de nortear esta discussão.

Como objetivo geral da pesquisa propôs-se investigar se o planejamento do ensino empregado nas diversas etapas de realização do Ensino Médio Integrado (EMI) no CEFET-MG, Câmpus Araxá, foi/tem sido executado, enquanto prática significativa, sob a perspectiva de uma formação integral. A partir disso, estipulou-se os seguintes objetivos específicos: verificar as características do planejamento que foi/tem sido realizado no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá, buscando evidenciar elementos que convergem para uma formação integral, a partir dos Projetos Político-Pedagógicos da instituição e dos cursos Técnico Integrado em Edificações e Técnico Integrado em Mineração; investigar de que forma o planejamento que perpassa o fazer educacional no Ensino Médio Integrado tem sido assumido e engendrado pelos docentes, bem como, as concepções destes acerca do Ensino Médio Integrado e suas percepções sobre os possíveis obstáculos na elaboração e execução de planos que tenham como perspectiva a formação integral; e, elaborar, como produto educacional, uma cartilha que oportunize a ressignificação do planejamento docente e o alinhamento conceitual acerca dos fundamentos e propósitos do Ensino Médio Integrado.

### **4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

Conforme apontado em tópico anterior, as entrevistas foram realizadas com doze docentes efetivos do CEFET-MG, Câmpus Araxá, em pleno exercício que lecionaram nos EMI em Edificações e em Mineração, sendo 06 docentes da área de formação geral, 03 da área técnica de Edificações e 03 da área técnica de Mineração. As 12 entrevistas foram realizadas de forma individual no mês de novembro de 2021, via plataforma GoogleMeet, devido às limitações de contato físico ocorridas no período de pandemia do COVID-19. Todas as 12 entrevistas constam, na íntegra, em apêndice a esta pesquisa (Apêndice B).

Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e os Termos de autorização para uso de voz e imagem foram enviados via e-mail aos docentes, os quais foram devolvidos devidamente assinados em momento anterior à realização das entrevistas, também via e-mail, com exceção de uma docente que preferiu entregar de forma impressa, no âmbito institucional. Contudo, esses termos não serão inseridos como apêndice em virtude do sigilo de dados, o qual deve ser preservado durante todas as fases da pesquisa.

Visando à preservação da identidade dos sujeitos entrevistados, foram criados códigos de identificação para cada docente de acordo com sua área de atuação. O 1º símbolo D (Docente) indica o sujeito entrevistado, enquanto o 2º símbolo AT (Área Técnica) e FG (Formação Geral) indica a área de atuação dos docentes no EMI.

Dessa forma, os sujeitos de pesquisa que ministram disciplinas da área técnica serão nomeados: Docente 1 (D1AT); Docente 2 (D2AT); Docente 3 (D3AT); Docente 4 (D4AT); Docente 5 (D5AT); Docente 6 (D6AT). Já os sujeitos de pesquisa que ministram disciplinas de formação geral serão nomeados: Docente 1 (D1FG); Docente 2 (D2FG); Docente 3 (D3FG); Docente 4 (D4FG); Docente 5 (D5FG); Docente 6 (D6FG). Visando garantir o anonimato dos docentes entrevistados, alguns nomes de docentes mencionados nas narrativas foram substituídos por códigos, de modo que sua área de atuação fosse identificada. O mesmo procedimento foi utilizado para algumas disciplinas mencionadas. Nesse caso, utilizados os termos “disciplina de formação geral” ou “disciplina de área técnica”.

No Quadro 5, foram relacionados os docentes entrevistados com seu respectivo ano de início de docência no CEFET-MG, e sua formação.

**QUADRO 5 - Caracterização dos docentes da área técnica**

<b>Docentes</b>	<b>Ano de início de docência no Cefet-MG</b>	<b>Tipo de Graduação do Ensino Superior</b>	<b>Nível de Formação Acadêmica</b>
D1AT	2007	Bacharelado	Doutorado
D2AT	1989	Licenciatura e Bacharelado	Doutorado
D3AT	2014	Bacharelado	Doutorado
D4AT	1994	Bacharelado	Especialização
D5AT	2003	Bacharelado	Doutorado
D6AT	2010	Bacharelado	Doutorado
D1FG	2010	Licenciatura	Doutorado
D2FG	2018	Licenciatura	Doutorado
D3FG	2009	Licenciatura	Doutorado

D4FG	2015	Licenciatura	Doutorado
D5FG	2008	Licenciatura	Doutorado
D6FG	1997	Licenciatura	Especialização

FONTE: Elaborado pela autora (2022).

## 4.2 CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE DISCUSSÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Esta sessão foi construída com base nas narrativas obtidas por meio das entrevistas realizadas com os docentes participantes. O objetivo foi trazer à tona elementos que decorrem da vivência do docente relacionados ao planejamento que perpassa o seu fazer educacional no Ensino Médio Integrado. Também se recorreu aos Projetos Político-Pedagógicos da instituição e dos cursos do EMI em Edificações e em Mineração sob a intenção de compreender de que forma esses planos foram realizados e identificar a possível existência de elementos que convergem para uma formação integral. Assim, foram estipuladas as seguintes categorias e subcategorias de discussão, análise e interpretação dos dados:

QUADRO 6 - Categorias e subcategorias de análise dos dados

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Planejamento	O planejamento na visão dos docentes
	Planejamento participativo
Planejamento para o EMI	Planejamento dos cursos
	Projetos pedagógicos e formação humana integral
Concepções Ensino Médio Integrado	Ensino Médio Integrado como dupla formação
	Formação profissional de qualidade na perspectiva de uma formação humana integral.
Obstáculos percebidos	-

FONTE: Elaborado pela autora (2022).

## 4.3 PLANEJAMENTO

Na categoria Planejamento estão dispostas as análises relacionadas ao planejamento, que, divididas em subcategorias, abordarão: o significado do planejamento para os docentes e suas percepções sobre o planejamento participativo.

#### 4.3.1 Planejamento na visão dos docentes

Esta subcategoria de análise aborda as falas dos docentes acerca do planejamento no contexto educacional. Ao se perguntar sobre que postura assumir frente ao planejamento, Vasconcellos (2014, p. 63) pontua que “é preciso superar tanto a adesão deslumbrada (que considera-o como uma espécie de panacéia), quanto a pura e simples rejeição (que considera-o como empulhação), em direção à compreensão do planejamento como prática humana contraditória, tendo lucidez de seus limites (...), mas também de suas potencialidades”.

Assim, inicialmente os entrevistados foram questionados sobre o significado do planejamento no fazer educacional docente. O intento, nesta indagação, foi o de identificar se o planejamento é admitido pelos docentes como um processo importante e significativo, não somente em seu fazer educacional, mas em todos os aspectos da educação.

É a construção do ensino como um todo... na verdade, através desse planejamento que a gente pensa o quê que vai ensinar, como que vai ensinar (D3AT).

A gente precisa ter um ponto, um foco, né, pra poder planejar, é neste ponto que a gente quer chegar com o nosso aluno, com o nosso discente, o que vamos fazer, para chegar lá (D2AT)

A gente consegue preparar, antever (...) a gente consegue, é... ter, é... meio que delineado, né, é... os caminhos por onde a gente vai andar (D1FG)

Eu acho que esse trabalho é importante, da gente ir rastreando, levantar o que que precisa ser feito né, o quê que precisa ser cumprido e o quê que pode melhorar (...) é importante porque (...) você tem que ter é... tipo um direcionamento (...) eu entendo que desde o início você tem que saber o que que você quer né, os seus objetivos, e traçar a metodologia e as estratégias (...) então eu entendo que é fundamental (D6AT)

Nós recebemos um... planejamento das disciplinas a serem ministradas na formação geral, é... (...) e... a partir desse guia nós vamos montar adequando esse plano à realidade do nosso discente (...) É nesse sentido de... que é... eu vejo, eu tenho planejamento, mas eu posso ir além dele (D4FG).

É muito importante para nortear o profissional de acordo com as intenções do curso e da matéria (D3FG).

O planejamento é de extrema importância para você conseguir dar uma aula boa (D4AT).

Para a maioria dos docentes o planejamento tem papel fundamental na construção e desenvolvimento da educação. Percebe-se que o planejamento é entendido como um processo que direciona e possibilita projetar a educação que se pretende construir, bem como organiza o fazer educacional, conforme aponta Farias (2011, p. 111), “o planejamento é ato; é uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo”. Também é entendido em sua perspectiva instrumental, onde o plano serve de guia para o docente no desenvolvimento de sua prática educacional, “um roteiro seguro para conduzir progressivamente os alunos aos resultados desejados” (MATTOS, 1966, p. 138).

O planejamento é admitido como essencial, sob uma perspectiva crítica por D2FG:

Quando você organiza o seu campo de conhecimento para a finalidade de ensino, é... você tem a possibilidade de é... estabelecer não só as relações pedagógicas que são necessárias na atuação da docência, mas você pode é... estabelecer uma relação é... de estratégia né, de processo de ensino aprendizagem, (...) quando você organiza esse ensino, você observa se o estudante aprendeu ou não, se você... se ele conseguiu alcançar a... às... a... às suas pretensões em relação ao conteúdo, se é... se você conseguiu desenvolver o currículo que é pretendido (...) o planejamento no... no meu caso (...) eu tento focar muito na aprendizagem científica também, sabe, é... uma aprendizagem de ética, política, mas também né, de... de crítica, política, (...) isso implica você saber o que você está fazendo, sabe, é... e não só para processos seletivos, mas porque você sabe que você tá educando um estudante futuro pesquisador, (...) não é só um... né... um mero... um profissional que não vai refletir sobre a sua atuação... Do ponto de vista ideal eu posso planejar é... o ensino, mas esse ensino, ele tem que ser compreendido dentro de uma noção de elasticidade né, é... vai depender da característica da turma, vai depender do estudante que eu estou recebendo (D2FG).

Essa narrativa vai de encontro à colocação de Lopes (1992, p.56) de que “o real sentido do planejamento do ensino no trabalho do professor é a organização da ação pedagógica intencional, de forma responsável e comprometida com a formação dos alunos”.

Alguns docentes entendem que o planejamento é fator determinante para que os objetivos estipulados sejam alcançados com êxito.

Significa o melhor resultado, né. (...) quando eu fiz minha graduação a gente já aprendia sobre isso, né, da importância do planejamento, de você seguir é... esse planejamento para você ter resultados melhores, mais eficiência, é... não perder tanto tempo, às vezes é, por uma falta de planejamento né, por exemplo, eu venho para dar aula, e não planejo a minha aula, aí eu chego aqui, ah o quê que eu vou fazer?! (D1AT)

É a chave pro sucesso de... de um curso (...) o meu processo de planejamento ele se dá todo o semestre, todo ano, (...) eu sempre é... melhora, incremento, busco novas fontes (D5AT).

Eu vejo (...) como algo extremamente importante né, pra que você consiga atingir os objetivos que é... são traçados em qualquer perspectiva (D5FG).

Em contrapartida, e de forma pontual, para D6FG o ato de planejar também é entendido como uma atividade não tão necessária para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem:

Eu não sou muito de planejar não, sabe... sigo aquelas... as normas né, da instituição, conteúdos né, que já são... (...) eu sou aquele que pega as linhas mestras, especialmente da minha disciplina, (...) e as sigo assim né, complementando de certa forma com atividades extras, mas é aquilo ali o tempo inteiro, sai ano e entra ano (D6FG).

É possível perceber certa descrença por parte do docente com relação à prática de planejar, contudo a partir dessa narrativa pode-se inferir que o docente se baseia nos planos de sua disciplina, ou ainda, nos livros didáticos adotados pela instituição nas disciplinas de formação geral, de sua disciplina para desenvolver seu trabalho. Cabe esclarecer que as disciplinas de formação geral são equalizadas na instituição, ou seja, os planos de ensino das disciplinas básicas são idênticos em todos os cursos EMI ofertados pelo CEFET-MG, e a elaboração ou reelaboração desses planos é realizada de forma coletiva representativa, por docentes dos diversos campi, da respectiva área. Esses planos equalizados também compõem os planos curriculares de todos os cursos do EMI ofertados pela instituição.

#### **4.3.2 Planejamento participativo**

O planejamento participativo tem como principais fundamentos, a consciência, a intencionalidade e a participação, e se configura como um meio que viabiliza a intervenção na realidade para transformá-la. Nesta concepção, o planejamento se torna um espaço valorizado para a construção coletiva, para o diálogo, e para a formação de uma consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática (VASCONCELLOS, 2014, p. 31).

Ao serem perguntados se consideravam importante realizar o planejamento de forma participativa, os docentes ressaltaram sua importância, quase de forma unânime, e em algumas narrativas foram expressas vantagens de se conceber o planejamento de forma participativa no contexto educacional.

Construir um plano é... procurando os pares né, (...) é de suma importância porque você é... a gente é... oportuniza a vivência, a prática, de uma, da... da democracia né, de... do senso coletivo (D1FG).

Qualquer planejamento de qualquer instituição, na democracia, o princípio básico é a discussão em grupo né, a discussão com a comunidade, com aqueles que estão com seus interesses envolvidos diretamente nesse planejamento né, seja ele de forma administrativa, seja de forma curricular né, seja na... de planejamento financeiro, seja que natureza for (...) planejamento tem que ser o planejamento distribuído né, reforçado, fundamentado, pela categoria daqueles que estão envolvidos diretamente naquela atividade (D6FG).

A gente tem que ter né, essa... essa participação e... e buscar né, uma consolidação melhor pro curso naquele momento de acordo com os interesses né, das condensões, da instituição (D3FG).

A partir do momento em que você é... envolve as pessoas nesse tipo de processo, as visões elas são complementadas umas às outras (D5FG).

A escola precisa muito disso, de todos, de "tá" todo mundo envolvido, todo... é toda uma engrenagem né, que ela precisa "tá" bem é... fundamentada pra funcionar, porque ninguém consegue fazer nada sozinho, principalmente na gestão pública (D1AT).

O planejamento dá oportunidade de que todas as partes da escola possam estar envolvidas de uma forma ou de outra, cada um do seu ponto de vista, (...) e cada ponto de vista tem um ponto de colaboração (...) considero de extrema importância que todo mundo participe, porque quem tiver a colaboração é... assimilada, vai se sentir parte integrante e vai... vai ter mais motivação pra... pra efetivar o que... o que a escola, o que a comunidade é... tem a propor (D2AT).

A visão da gente às vezes é muito limitada, e quando você conversa com colega você começa a enxergar outro olhar (D3AT).

Tem que ter outras pessoas para te dar ideia né, para melhorar né, o seu planejamento, eu acho que o interessante é ter participação de outras né, de outras pessoas (D4AT).

O planejamento institucional (...) se uma pessoa apenas faz... ele fica muito tendencioso né, (...) na sala de aula você (...) eles po... devem opinar o quê que tá funcionando, (...) às vezes altero alguma coisa desse planejamento junto com os alunos, (...) acho que tem que ter essa participação (D6AT).

Lopes (1992, p.43) aponta que o planejamento do ensino, quando realizado de forma participativa, propicia uma “ação pedagógica direcionada de forma a se integrar dialeticamente ao concreto do educando, buscando transformá-lo”.

O planejamento participativo é um processo em que o sujeito deixa de ser um simples executor do plano de outra pessoa e passa a ser também o sujeito da decisão e da ação. É um espaço de reflexão, de diálogo, de compartilhamento de saberes, e de integração que propicia maior predisposição dos sujeitos na concretização dos planos.

A natureza da escola, é uma natureza colegiada (...) tudo é muito decidido de forma coletiva (...) o Cefet, ele é muito conselho muito colegiado, portanto ele é muito participativo, e isso é muito bom, isso é excelente (...) É... não que eu falo assim, a gente já chega com um currículo, com conteúdo predeterminado, mas na medida do possível eu negócio sabe, muitas vezes a gente tem colegas aqui que gostam de

trabalhar com autoavaliação sabe, é uma ferramenta boa pra você chamar o aluno para participação, é... sua própria participação, na sua própria formação, na sua reflexão daquilo ali (...) essa relação de participação, é... ela é... ela depende do outro também né, (...) se o outro quiser (D2FG).

A partir da narrativa de D2FG percebe-se que o planejamento participativo é, dentro de seus limites, uma prática instituída no CEFET-MG e se expressam por meio de seus conselhos e colegiados, que, segundo a docente, decorre da natureza da escola. Para Luckesi (2005, p. 164) “o ato de ensinar na escola, hoje, é um ato coletivo, não só devido a nossa constituição social como seres humanos, mas, mais que isso, devido ao fato de que o ato escolar de ensinar e aprender é coletivo”.

Contudo, D2FG faz referência ao fato de os docentes da formação geral terem os conteúdos de suas disciplinas pré-determinados. A padronização dos planos de disciplinas da formação geral nos EMI's de certa forma limita a autonomia desses docentes com relação à escolha dos conteúdos a serem abordados nas aulas. D2FG também pontua que o planejamento participativo depende da adesão e da vontade dos sujeitos em participarem. A adesão e vontade está estritamente relacionada ao sentido que tem o ato de planejar para esses sujeitos. Para Vasconcellos (2014, p. 36), esse sentido está relacionado ao querer mudar a realidade, acreditar na sua possibilidade, sentir que é necessário planejar e vislumbrar as condições para alcançar o que deseja.

Cabe mencionar que os conselhos, colegiados e comissões formadas para cada ocasião possuem natureza participativa, porém são representativos, compostas por representantes, visto a impossibilidade de envolver a totalidade dos sujeitos em todas as demandas no contexto educacional. Isso nos ajuda a compreender a percepção de D4FG com relação ao planejamento participativo e sua insatisfação com os planos das disciplinas de sua área de atuação, os quais são equalizados conforme já mencionado.

Para D4FG, o planejamento participativo é muito significativo,

Muito importante, inclusive né, (...) Belo Horizonte alterou os planejamentos do primeiro ano de língua portuguesa e simplesmente enviou pra gente poder aplicar, só que o planejamento que eles fizeram lá né, pra realidade deles, que segundo né... é... tá dando muito certo para formação de um leitor, enfim, pelo que a gente vê, ele é um planejamento extremamente falho, porque aqui nós recebemos muitos professores substitutos né, (...) e de certa forma, o planejamento é um guia para esse... para essa pessoa que não está acostumada com a escola, nem com a dinâmica (D4FG).

Assim como D2FG, a docente D4FG também faz menção aos planos de disciplina equalizados da formação geral, que são elaborados por comissões representativas e constituídos nos EMI's ofertados no CEFET-MG. Na percepção da docente, o plano equalizado pode proporcionar um bom resultado ou não, a depender da realidade a que se aplica.

Segundo Ciavatta (2005, p. 101), o exercício da formação integrada é uma experiência de democracia participativa, que não ocorre sob o autoritarismo, antes, “deve ser uma ação coletiva, já que o movimento de integração é, necessariamente, social e supõe mais de um participante”. Assim, é necessário construir os planos que perpassam o fazer educacional no Ensino Médio Integrado de forma participativa, visto que a realização da formação integrada é uma prática de caráter democrática.

Frente ao exposto, pode-se perceber que os docentes entendem a necessidade da participação nos processos de planejamento e na construção da educação. Também, que no âmbito institucional, a prática instituída de formação de conselhos, colegiados e comissões para decisões, elaborações e desenvolvimento de trabalhos coopera para a formação de um senso de coletividade na comunidade escolar. Contudo, a lógica estabelecida na instituição para a construção dos planos de cursos EMI's, e, também, a padronização dos planos de disciplinas da formação geral nos EMI's podem configurar um obstáculo para que o planejamento do ensino aconteça de forma participativa na sua integralidade. Além disso, como muito bem pontuado pela docente D2FG, a participação dos sujeitos nos empreendimentos que visam a construção coletiva perpassa, antes de tudo, pelo “querer participar” de cada sujeito.

#### **4.4 PLANEJAMENTO NO EMI**

Nesta categoria, será abordada a forma em que se processou o planejamento dos cursos em estudo, bem como serão analisados os projetos pedagógicos da instituição e dos cursos do EMI em Edificações e em Mineração, buscando identificar neles elementos que convergem para uma formação humana integral. bem como a percepção de obstáculos no planejamento voltado para uma formação integral.

#### 4.4.1 Planejamento dos cursos

Foi perguntado aos docentes se eles já participaram de algum processo de elaboração ou reelaboração dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) do EMI em Edificações e em Mineração, no(s) qual(ais) eles lecionam. Obteve-se como resultado que, nenhum dos docentes da formação geral que foram entrevistados participaram da elaboração ou reelaboração dos PPCs dos referidos cursos, enquanto dentre os 6 dos docentes entrevistados da área técnica, 5 disseram que já participaram desse processo.

A intenção ao se fazer essa pergunta foi tentar identificar alguma mobilização no sentido de elaborar um PPC do Ensino Médio Integrado de forma participativa, perfazendo um trabalho integrado entre os docentes, tanto da área técnica quanto da formação geral, ensejando um planejamento sob a perspectiva de integração de conhecimentos e saberes que, de acordo com Ramos (2008, p. 17), “não se trata de somatório, superposição ou subordinação de conhecimentos uns aos outros, mas sim de sua integração na perspectiva da totalidade”.

Aos docentes da área técnica que afirmaram terem participado desse processo, foi perguntado se os princípios de integração curricular foram considerados na elaboração e se houve algum tipo de dificuldade nesse sentido. A partir das narrativas é possível constatar que os PPCs do EMI em Edificações e em Mineração foram elaborados de forma participativa entre os docentes da área técnica. Também se verifica que houve intenção de alguns desses docentes em construir um projeto de curso sob a perspectiva da integração, no entanto, algumas dificuldades nesse sentido foram sinalizadas por eles conforme os trechos destacados nas narrativas abaixo.

Houve uma preocupação com... com superposição de conteúdo é... que é... era bastante é... visível na... nas disciplinas né, aí outra... outra questão que... que havia é que, é... uma preocupação que havia era de se trazer disciplinas da formação geral ah... pra dentro do... da formação técnica e aproveitar o conhecimento da formação geral nessas disciplinas; houve uma preocupação sim nisso aí (...) todo ano os coordenadores têm que fazer um trabalho em conjunto e de integração, o que é bastante raro, é... eu acho que aí daria para elencar uma série de razões, (...) que desfavoreceriam esse tipo de... ah... de integração, né. (...) você faz um planejamento, **você coloca ele no papel, isso que eu te falei né... que o papel aceita; o problema é que os professores, às vezes eles são muito é... como é que eu diria isso... eles são muito relutantes em modificar o estilo deles sabe...** então o professor muitas vezes ele não procura outros professores (...) eu acho que os professores não... não estão nem preparados e nem conscientes de que isso é importante né; então lá no papel vai tá lá é... "óh disciplina tem uma interface com a física, ou com a química, com isso, com aquilo", mas é... o professor não vai procurar aqueles professores pra é... pra fazer uma coisa integrada, o... o curso

chama integrado, e na verdade ele não é integrado como a gente gostaria que ele fosse (D5AT).

Os princípios da integração... acho que sim, foram sim (...) **sempre é difícil fazer um plano e ainda mais tentar mudar né, o que já existe. A gente mesmo é meio refratário às vezes à mudança né** (D4AT).

Para os docentes D4AT e D5AT, as dificuldades em se promover elaborações na perspectiva da integração relacionam-se principalmente às resistências dos docentes à mudança em sua prática. Vasconcellos (2014, p. 38) pontua que “o planejamento só tem sentido se o sujeito coloca-se numa perspectiva de mudança”, caso contrário o que foi planejado não ultrapassará sua dimensão formal na qual não há envolvimento suficiente dos sujeitos na prática para se buscar o resultado almejado. A percepção da necessidade e possibilidade de mudança “é a questão com a qual o professor deve se defrontar. Caso contrário, por estar marcado por pseudo-impossibilidades, não acreditando que algo possa ser alterado, não valorizará as eventuais propostas feitas, desqualificando-as: ‘Palavras, palavras, palavras...’, ‘Na prática, a teoria é outra’” (p. 56).

É possível perceber certa preocupação de D2AT com relação à elaboração do plano de curso. Para a docente a principal dificuldade enfrentada corresponde às normas estabelecidas pela instituição para a elaboração dos planos de curso.

Pra quem queria participar, foi disponibilizado, foi falado em reunião anterior, olha a gente está disponibilizando, vejam os pontos, alinha aos seus objetivos, tudo isso foi falado, então assim (...) a parte que diz respeito à nossa análise, envolvimento, e sugestão ela é bem democrática, só não participa quem não quer, (...) não fiquei muito feliz em função dessas coisas... Da integração, (...) nós temos uma filosofia, era para que a gente mantivesse isso no planejamento, precisávamos manter isso no planejamento, ou pelo menos brigar (...) **eu coloco a normativa em primeiro lugar porque a normativa te cala, não pode e pronto, acabou, "não pode", "não pode", então não tem nem conversa, e essa seria a segunda situação porque essa depende muito da gente sabe, a visualização de que o ensino é integral realmente, todos saberes são importantes, e isso tem... que tem... que tá no veio do planejamento, isso tem que permear em algum momento você tem que tá... tentar fazer parte do planejamento** (D2AT).

Outro aspecto a considerar na narrativa de D2AT se relaciona à necessidade de entender o sentido e a importância da integração de forma que este entendimento incida no planejamento elaborado para o EMI. Esse aspecto configura uma dificuldade pois a construção de planos que tenham a integração como perspectiva está sujeita às concepções dos sujeitos participantes conforme apontam Vieira e Albuquerque (2002, p. 30), “planejar é uma tarefa complexa, pois depende dos referenciais simbólicos dos atores sociais envolvidos”.

Para D1AT e D6AT, a construção de planos que visem a integração é dificultada pela falta de integração entre o próprio corpo docente e pelo distanciamento existente entre as áreas técnica e formação geral.

Dentro da parte de formação técnica eu diria que sim, mas dentro da parte técnica com uma formação geral nunca houve; a gente encontra dificuldades (...) **em alguns momentos a gente... a gente falou disso, "oh nós podemos integrar mais o técnico com a... com a formação geral", mas am... eu vou te falar até onde a gente encontra barreiras, tá!?** é... numa discussão dessas aí, dessa semana agora, alguma coisa assim, eles falam assim: **"ah, vamos deixar o primeiro período da manhã só para formação geral, e o período da tarde só para formação técnica", quer dizer, nem integração entre nós professores não querem, né?!?** (...) então assim, algumas pessoas, elas veem o ensino desvinculado, totalmente desvinculado, (...) eu ressalto que é... uma vez que a gente optou por fazer um ensino integrado, né, tem que haver a correlação entre... entre as coisas... e ela existe, ela existe, a todo momento ela existe (D1AT).

A gente não fez uma discussão junto com a área de ensino básico. As matérias básicas, ainda mais que a instituição é grande né, os núcleos por exemplo, matemática, tem um núcleo na instituição inteira e as disciplinas elas são (...) equivalente. (...) às vezes a matemática conversa entre si, mas todos os professores de matemática da instituição para chegar um currículo comum, e... e isso não... não tem a ver com... se vai ter o curso mineração, de eletrônica, de mecânica, tem a ver com a formação básica. (...) **eu acho que tem também a questão da integração dos próprios... do corpo docente, fica muito subdividido nas áreas e aí talvez falta, é... tem essa... eu acho essa dificuldade, (...) eu acho que tem um distanciamento porque são... até o espaço físico é diferente né, e muitas vezes os professores não... não tem essa convivência,** então isso também é uma dificuldade (D6AT).

As dificuldades de integração relatadas pelas docentes podem ser entendidas a partir do contexto de organização funcional da instituição que divide as coordenações por áreas de conhecimento, formação geral e áreas técnicas. O trabalho desenvolvido por Costa (2010), voltado para o estudo das formas estruturantes da organização curricular e a materialização do PROEJA no Curso Técnico de Mecânica do CEFET/MG, nos ajuda a compreender tanto a participação apenas de docentes da área técnica na elaboração dos PPCs do EMI quanto as dificuldades relacionadas à integração curricular descritas pelos docentes entrevistados. A autora destaca dois principais fatores que limitam as chances de integração no CEFET-MG:

a) a divisão das Coordenações por Áreas de conhecimento restringindo o diálogo entre os professores destas áreas e inviabilizando a perspectiva de interação entre as áreas distintas; b) a elaboração de um Projeto Pedagógico de Curso integrado que se organiza de forma desintegrada (existe um Projeto Pedagógico da Formação Geral e um Projeto Pedagógico do Curso Técnico). Assim, a formação geral se reúne por áreas de conhecimento para elaborar um projeto único para todas as turmas, sem considerar as especificidades dos cursos e dos turnos. Por outro lado, a formação técnica se reúne por curso e elabora seu programa sem considerar as especificidades

das disciplinas de formação geral, dos turnos e das modalidades de oferta. (COSTA, 2010, p. 40-41)

Assim, constatou-se que a forma pela qual se dá a organização e elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos EMI também configura um fator que limita a integração tanto no processo de planejamento do curso quanto na sua efetivação.

#### 4.4.2 Projetos pedagógicos e formação humana integral

Recorreu-se aos Projetos Político-Pedagógicos da instituição e dos cursos EMI em Edificações e EMI em Mineração, a fim de identificar no texto dos documentos elementos que dialogam e convergem para uma formação humana integral.

Destaca-se no Projeto Pedagógico Institucional - PPI 2016 – 2020, do CEFET-MG, disponível no sítio eletrônico da instituição, o seguinte excerto:

Compreendendo que o processo educativo é composto de conteúdo e forma, torna-se cada vez mais necessário repensar a comunicação e as práticas adotadas no processo ensino-aprendizagem, em busca da formação de cidadãos críticos e ativos, que promovam as transformações políticas, sociais, econômicas e ambientais necessárias. **A educação deve incorporar, na sua organização curricular e em sua prática pedagógica, o princípio da diversidade, a contextualização, a interdisciplinaridade, a flexibilidade, a significação da aprendizagem, sem incorrer na comodidade de entender a interdisciplinaridade como mera justaposição de disciplinas, mas abrindo-se à possibilidade de realização de projetos e atividades integradas e coerentes com a realidade da vida.** Esforços diversos são realizados continuamente no sentido de adequar as metodologias de ensino e aprendizagem às demandas e características relativas ao novo perfil do cidadão-profissional: capacidade de se posicionar criticamente, intervir nas transformações sociais, vencer desafios e integrar-se e contribuir com a evolução constante do conhecimento e da tecnologia; capacidade de solucionar problemas; de adquirir informação e conhecimento, de forma autônoma e permanente; para trabalhar em equipe e exercer liderança; de comunicação e expressão oral e escrita; de percepção das relações entre as dimensões da tecnologia e das necessidades sociais, políticas e ambientais (CEFET-MG, 2016a, p. 13-14 – grifo nosso).

Pode-se verificar que o PPI do CEFET-MG contempla princípios voltados para a organização curricular e para a prática pedagógica condizentes com os preceitos da formação humana integral. De acordo com Libâneo (2013, p. 255), “o plano da escola é um guia de orientação para o planejamento do processo de ensino. Os professores precisam ter em mãos esse plano abrangente, não só para uma orientação do seu trabalho, mas para garantir a unidade teórico-metodológica das atividades escolares”.

No que tange à prática pedagógica, o PPI 2016-2020 do CEFET-MG orienta para uma prática inovadora, com base no ensino ativo compreendido num conjunto de práticas pedagógicas onde processos de aprendizagem são planejados com o envolvimento de alunos e professores. Dessa forma, “o trabalho do professor deixa de ser de ministrador de conteúdos para ser de orientador da aprendizagem. O aluno, por sua vez, deixa de ser visto como receptor para desempenhar um papel ativo em sua própria aprendizagem” (CEFET-MG, 2016, p. 14).

De acordo com o PPI 2016-2020, a aplicação dessa prática pode ser constatada em diversas produções acadêmicas registradas no acervo acadêmico-intelectual do CEFET-MG, e “em especial, pode-se mencionar as atividades da Mostra Específica de Trabalhos e Aplicações (META), evento no qual são apresentados os projetos desenvolvidos sob essa orientação metodológica” (CEFET-MG, 2016, p. 15). A partir do referido documento constata-se que em todos os cursos existe a previsão de cumprimento de parte da carga horária por meio de atividades curriculares complementares, espaço propício para o desenvolvimento de atividades integradoras, dentre as quais destacam-se os projetos de iniciação científica e de extensão amplamente fomentados pela instituição.

Com relação aos projetos político-pedagógicos dos cursos, também conhecidos como planos de cursos ou planos curriculares, constata-se que o PPI 2016-2020 orienta sua que a organização curricular incorpore princípios que podem alicerçar a realização de uma educação voltada para a formação humana integral.

Antes de abordar o conteúdo dos projetos político-pedagógicos dos cursos em estudo, aqui denominado Projeto Pedagógico de Curso (PPC), cabe esclarecer que o PPC do EMI em Edificações, de 12 e setembro de 2016, e, o PPC do EMI em Mineração, de 26 de agosto de 2016, foram reelaborados de acordo com a Instrução Normativa DEPT-01/2016, de 02 de junho de 2016. Essa instrução normativa orientou a elaboração e reelaboração dos PPCs do EMI no CEFET-MG sob o seguinte objetivo:

(...) contribuir para a padronização dos projetos pedagógicos dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) (...) as “Orientações” para formulação e apresentação dos Projetos Pedagógicos de Cursos aqui apresentadas, foram desenvolvidas obedecendo as “Diretrizes Político Pedagógicas para a EPTNM do CEFET-MG”, aprovada pela Resolução CEPE nº 07, de 09 de maio de 2016; a Matriz Curricular para os cursos da Educação Profissional Técnica Integrada de Nível Médio do CEFET-MG, aprovada pela Resolução CEPT-16/16, de 23 de maio de 2016, a Resolução CNE/CEB nº 06, de 20 de setembro de 2012, o Parecer CNE/CEB nº 11, de 09 de maio de 2012, o Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de

1996. Essas Orientações visam assegurar a homogeneidade, do ponto de vista formal, das informações contidas nos Projetos Pedagógicos e garantir a qualidade das informações na perspectiva dos interesses da comunidade educacional. Visam ainda facilitar o trabalho daqueles encarregados da formulação desses Projetos, bem como o processo de análise e aprovação pelos órgãos competentes do CEFET-MG (CEFET, 2016b, p. 3).

Assim, entende-se que as orientações contidas na Instrução Normativa para elaborações e reelaborações dos PPCs foram amoldadas a um conjunto de diretrizes e normativas de âmbito institucional e governamental, demasiado extenso para abordarmos nesse espaço.

Identifica-se que o rol de orientações listadas pela Instrução Normativa DEPT-01/2016 (CEFET-MG, 2016b, p. 6) visou “articulação do projeto com os objetivos institucionais, expressos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)<sup>15</sup>” (p. 6), evidenciando a intenção institucional em garantir coesão no desenvolvimento do fazer educacional.

Contudo, cabe ressaltar que a adequação da elaboração e reelaboração dos PPCs seguindo as orientações e padronização objetivada na instrução normativa, inclusive em sua forma, podem indicar que o processo de planejamento dos PPCs tende a configurar um planejamento instrumental/normativo, uma atividade que, voltada para a normatização da educação, pode dificultar a manifestação de um planejamento que se fundamenta principalmente na consciência, intencionalidade e participação, com valorização e espaço para a construção, o diálogo, a coletividade, a formação de uma consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática, e não configure apenas uma divisão de tarefas no preenchimento de um plano pré-determinado.

A Instrução Normativa traz orientação para a projeção da matriz curricular que deve constar nos PPCs de cada curso EMI, contudo o modelo de matriz a ser seguido já contempla as disciplinas de formação geral impossibilitando qualquer mudança em sua estrutura. Assim, observa-se que os PPCs dos cursos EMI são organizados e elaborados de forma desintegrada, uma vez que a formação geral se reúne em comissões representativas, por áreas de conhecimento, e elabora um projeto com disciplinas equalizadas que deve ser adotado na matriz curricular de todos os cursos EMI, sem considerar as especificidades e realidade de cada curso. Em contrapartida, a formação técnica se reúne por curso e elabora seu programa sem considerar as especificidades das disciplinas de formação geral. Essa forma de

---

<sup>15</sup> No CEFET-MG, Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) é orientado pelo Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e explicita a política da Instituição para um período de cinco anos, traçando programas e metas para alcançar seus objetivos. O PPI e o PDI correspondem aos anos 2016 – 2021.



Consta-se que essa forma de organização estabelecida na Instituição configura um limite às possibilidades de integração e pode estar relacionada à narrativa de D2AT, que aponta dificuldade no sentido de elaborar um plano de curso na perspectiva da integração curricular: “Da integração, (...) nós temos uma filosofia, era para que a gente mantivesse isso no planejamento, precisávamos manter isso no planejamento, ou pelo menos brigar (...) eu coloco a normativa em primeiro lugar porque a normativa te cala, não pode e pronto, acabou, "não pode", "não pode", então não tem nem conversa”.

Nos PPCs do EMI em Edificações e em Mineração foram identificados elementos que dialogam com os fundamentos da formação humana integral, expressos de forma padronizada, nos objetivos de curso dos dois planos. São os objetivos:

- I – Promover educação comprometida com a formação humanística, científica e tecnológica, fundamentada na compreensão da ciência e da tecnologia como construções sociais, histórico-culturais e políticas;
- II - Proporcionar formação técnica integrada à educação geral que supere o dualismo entre propedêutico e profissional, ultrapassando o domínio operacional de determinado fazer, e conduzindo à compreensão global do processo produtivo, com a apreensão do saber tecnológico, a valorização da cultura do trabalho e a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões nos diferentes contextos de atuação na sociedade;
- III - Proporcionar a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, realizando abordagem teórico-prática na perspectiva da integração entre formação geral e formação profissional técnica;
- IV - Preparar para o exercício de profissões técnicas de nível médio, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- V – Promover educação que contribua com o desenvolvimento social e com a superação de modelos tradicionais excludentes e não sustentáveis, social e ambientalmente (CEFET, 2016c; 2016d).

É possível constatar que os PPCs dos cursos em estudo contemplam objetivos formativos que visam tanto a formação humana integral quanto a formação profissional. Araújo e Frigotto (2015, p. 64) salientam que “a definição clara de finalidades políticas e educacionais emancipadoras e o compromisso com elas próprias é condição para a concretização do projeto de ensino integrado, sem o que essa proposta pode ser reduzida a um modismo pedagógico vazio de significado político de transformação”.

Contudo, o fato de os PPCs contarem com objetivos ou elementos condizentes com uma formação integral não é garantia que, de fato, ela será concretizada, conforme ponderado por D5AT,

Você faz um planejamento, você coloca ele no papel, isso que eu te falei né... que o papel aceita; o problema é que os professores, às vezes eles são muito é... como é

que eu diria isso... eles são muito relutantes em modificar o estilo deles sabe... então o professor muitas vezes ele não procura outros professores (...) eu acho que os professores não... não estão nem preparados e nem conscientes de que isso é importante né; (...) o curso chama integrado, e na verdade ele não é integrado como a gente gostaria que ele fosse.

Nesse sentido, Vasconcellos (2014, p. 46) salienta “que o projeto em si não transforma a realidade; não adianta ter planos bonitos, se não tivermos bonitos compromissos, bonitas condições de trabalho sendo conquistadas e bonitas práticas realizadas. O que vai, de fato, orientar a prática é a teoria incorporada pelos sujeitos”. Assim, a construção de um planejamento voltado para a integração e sua efetivação requer, além do compromisso e das concepções dos sujeitos admitidas em sua prática, que a Instituição proporcione condições e formas de organização, elaboração e operacionalização dos projetos pedagógicos dos cursos que admitam a integração para além de sua perspectiva teórica.

#### **4.5 CONCEPÇÕES ACERCA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Neste tópico buscou-se compreender as concepções dos docentes acerca do Ensino Médio Integrado por meio de questionamento acerca do conceito e a finalidade do Ensino Médio Integrado no entendimento dos entrevistados. Com base nessa questão, foi possível identificar, a priori, que todos os docentes entrevistados entendem o Ensino Médio Integrado como um tipo de ensino que concilia conteúdos de formação geral correspondente ao ensino médio com conteúdos de base técnica para a formação profissional, conforme a definição de D4At, “é a junção né, de uma parte teórica, prática teórica né, de... mais científica vamos dizer, com o ensino propedêutico”.

Assim, essa junção de conteúdos configura a principal característica do EMI observada a partir das narrativas. Contudo, com relação às finalidades do EMI, as concepções dos docentes entrevistados podem ser agrupadas em duas vertentes. A primeira se refere a uma concepção de Ensino Médio Integrado cuja finalidade principal corresponde à dupla formação, uma educação que prepara para o exercício de profissões técnicas ao passo que prepara também para o prosseguimento de estudos; a segunda refere-se à uma formação profissional de qualidade que sinalizam a perspectiva de uma formação humana integral.

#### 4.5.1 Ensino Médio Integrado como via de dupla formação

Identificou-se que 5, dos 12 docentes entrevistados, possuem concepção assemelhada quanto às finalidades do Ensino Médio Integrado. Esses entendem tratar-se de uma modalidade com dupla formação, que objetiva habilitar o aluno tanto para sua inserção no mercado de trabalho quanto para possibilitar-lhe o ingresso ao Ensino Superior e a continuidade dos estudos. É possível observar que a expressão mercado de trabalho se faz presente em várias narrativas, o que indica que a dupla formação proporcionada pelo EMI corresponde a uma formação de qualidade, dentro de uma perspectiva econômica.

Eu vejo hoje o ensino integrado como uma oportunidade pra esses alunos né, eles terminarem aí a... o ensino médio já com uma formação técnica, sem precisar é... e porque muitos não têm condições de ir para a universidade, mas aquele que conclui o ensino integrado, ele já tem uma formação, e isso é muito importante, e uma formação de qualidade né; porque o... né, não só puxando pro nosso lado, do Cefet, mas eu vejo que. é... eles saem com uma bagagem muito boa para o **mercado de trabalho**, mas aquele que conclui o ensino integrado, ele já tem uma formação, e isso é muito importante, e uma formação de qualidade (D1AT).

Na minha concepção né... é você formar um aluno que ele tenha a condição de tanto ingressar na carreira acadêmica quanto atuar no **mercado de trabalho**; então eu não devo privilegiar nem ensino médio e nem ensino técnico, eu acho que as duas coisas têm que caminharem né, a contento né, de mãos dadas (D3FG).

Um curso integrado, ele tem que formar o aluno para o **mercado de trabalho**, por meio do ensino técnico (...) na parte da formação básica que ele tenha né, acesso aos conteúdos da base nacional curricular comum, e que ele possa falar sobre isso, e que... o... alinhar esses dois, que permita ele continuar é... os estudos (...) então essa formação integral seria uma formação né, básica, humana, nas exatas, enfim, voltada para o mercado de trabalho, e as duas juntas propiciar o aluno continuar os estudos (D4FG).

Assim, a ideia que eu tenho, é que quem pensou a resolução né, (...) a... que propõe o integrado, concomitante, tem a concomitante, subsequente e o integrado. A minha ideia é de que a pessoa que estava cursando é... o ensino médio pudesse atender à... **ao mesmo tempo em que está cursando o ensino médio, à uma perspectiva de mercado**, porque ele tá fazendo o ensino técnico profissionalizante, é importante nunca jamais esquecer isso, tem que ter isso em mente. Mas a ideia do integrado... a ideia em si é muito bonita, (...), eu falei que eu acho que a oportunidade de aplicar é muito boa, porque quando a gente não faz um ensino integrado, que a gente não aplica o conhecimento, a gente não sabe para que... não é que... pra quê que ele serve, a gente não tem noção de que aquele conhecimento pode ser usado na aplicação, né, de um fenômeno que vai ser explorado ali na sua formação, isso eu acho bacana. Mas, é... na verdade eu acho que isso repercute pouco, né, esse é o que é o problema, eu acho que do ponto de vista do ensino técnico, eles demandam mais da física, da química, da matemática, eles demandam menos da... de... de humanas, embora entendam que a formação de um profissional precisa, por exemplo, da ética. (...) eu acho que o ensino integral é... assim né, eu acho que ele... ele foi pensado pra atender mercado mesmo, (...) eu não acho que ele... ele foi pensado integrado porque ele está pensando no desenvolvimento humano ou de um profissional, com uma integralidade... não, ele atende uma demanda social, né, e a gente chama isso de integrado, por quê? Porque ele vai fazer ensino médio, as matérias do ensino

médio integradas à uma formação profissionalizante, muitas vezes não atende nem uma... nem uma e nem outra (D2FG).

No entendimento desses docentes, o EMI objetiva uma formação de qualidade que dá condições para os jovens ingressarem na vida produtiva com autonomia, ao passo que também possibilita a continuidade dos estudos. Apoia-se em Ramos (2008) para evidenciar que, nessa concepção, a integração entre o ensino médio e o ensino técnico corresponde a um compromisso ético-político, “posto que a profissionalização de jovens é tanto uma necessidade quanto uma possibilidade para que o enfrentamento das adversidades econômicas seja feito mediante uma referência identitária relevante para os sujeitos, qual seja, a de ser profissional de uma área” (p. 13).

Contudo Ramos (2008) acentua que, no EMI, o que se busca “não é somente atender a essa necessidade, mas mudar as condições em que ela se constitui” (p. 13). Segundo a autora, “a escola e os sistemas de ensino precisam ter uma visão crítica do mercado de trabalho e construir o processo formativo no qual, ao tempo em que proporcionam acesso aos conhecimentos, contribuam para que o sujeito se insira no mundo do trabalho e também questione a lógica desse mesmo mercado” (p. 23). Dessa forma, o compromisso do processo educativo deve estar centrado nos sujeitos em detrimento à adequação ao mercado de trabalho e sua exigência por perfis tecnicistas baseados em competências e habilidades

#### **4.5.2 Formação profissional de qualidade – aproximações de conceitos sob a perspectiva de uma formação humana integral.**

Neste tópico é possível observar que as finalidades do EMI apontadas pelos docentes se dão a partir da formação profissional de qualidade associada à formação propedêutica, contudo é possível identificar que algumas narrativas abordam expressões que se aproximam, mesmo que minimamente, da perspectiva da formação humana integral. A finalidade, segundo Ramos (2005, p. 125), não é somente formar técnicos, mas também formar cidadãos que “compreendam a realidade e que possam também atuar como profissionais. A presença da profissionalização no Ensino Médio deve ser compreendida, por um lado, como uma necessidade social e, por outro lado, como meio pelo qual a categoria trabalho encontre espaço na formação como princípio educativo”.

As expressões, formação humana, formação humanística, formação do ser humano, são usadas juntamente com a formação técnica em algumas narrativas para indicar a finalidade e concepção do EMI.

**Preparar um aluno de forma humana primeiro, eu acho que ter é... o lado social humano desenvolvido**, a área técnica também, o conceito técnico para ele poder atuar no mercado de trabalho, é... às vezes pra progredir também seguindo aquela carreira e verticalizar, não só o técnico e passar para outro nível..., mas eu acho que é isso, **o lado humano e o lado técnico muito bem é... junto, muito concretizado** (D3AT).

**Você forma um técnico com uma visão muito mais humanística** né, um técnico que tem um conhecimento de matemática, de português, de filosofia, de sociologia enfim, ele tem... né, ele tem um conhecimento muito bom (...) o foco que seria o ensino técnico com um... um rigoroso programa de segundo grau que formaria um técnico altamente qualificado né, é... que é um técnico que tem que saber inglês, é um técnico que tem que saber é... português muito bem, ele tem que fazer uma boa redação, ele tem que fazer... ele tem que ter uma base matemática muito forte, física, química e tudo isso, e aí ele seria um técnico altamente qualificado né (...) a ideia é formar um técnico diferenciado, é um técnico... é isso sabe, essa... essa é a concepção do... do integrado (D5AT).

O objetivo é formar o aluno de uma (...) forma que tenha a formação do conhecimento, aprendizagem dos conhecimentos básicos e técnicos (...) Talvez tenha que ter alguma **atividade de integração entre os alunos, de lazer, de cultura**, (...) E aí eu acho que além de formar um técnico, aí tem que formar um técnico bom com qualidade, mas também é... **essa questão da formação do ser humano** e até mesmo preparar eles para seguir né, porque muitos vão... vão seguir outras carreiras, vão fazer faculdade, então eu acho que é muito complexo (D6AT).

A perspectiva de uma formação humana também pode ser inferida a partir da narrativa de D2AT que considera como finalidade formativa do EMI “visar esse profissional de maneira geral... é... generalizada, de uma... de maneira integral, (...) que ele saiba fazer evidentemente a... as funções, né, para qual ele formou, (...) tendo em conta, o respeito, tanto aos... às pessoas quanto às condições a ele mesmo... à própria pessoa, ao próprio discente, é... o conhecimento pra a vida cotidiana, o saber relacionar”.

A partir da narrativa de D6FG, que leciona apenas nos cursos do EMI do CEFET-MG, é possível inferir que, na sua concepção essa modalidade de educação, no CEFET-MG, proporciona uma formação de um trabalhador de qualidade, para atuar na sociedade enquanto um cidadão crítico e produtivo. “Eu vejo que... que maravilha seria nós termos todos uma educação como a do Cefet, na medida que cada vez ela se aprimorasse mais né, em formar esse cidadão e cidadã, e esse profissional e essa profissional de qualidade. Eu entendo que nós teríamos de fato aí uma sociedade muito mais produtiva, muito mais crítica, né, muito mais constituída, muito mais justa”.

Para D4AT o EMI objetiva “trazer essa formação integral com uma visão bem diversa da realidade, e que possa, né, mostrar que essas fronteiras que são criadas entre as disciplinas, elas são fronteiras apenas didáticas, né, mas que o conhecimento ele não tem essas fronteiras, né, eles perpassam uns pelos outros”. Essa fala do docente se relaciona à integração dos conhecimentos na perspectiva da totalidade curricular, onde o ensino dos conhecimentos e teorias de formação geral se faz associado à realidade concreta e ao trabalho, a fim de atribuir-lhes sentidos. Essa perspectiva, segundo Ramos (2008, p. 15), “significa ter o trabalho como princípio educativo”. Nela, “o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, se apropria dela e pode transformá-la” (p.5).

Desta forma, pode-se perceber que esses docentes entendem o EMI como uma formação profissional de qualidade associada à formação propedêutica, em que a preocupação está mais voltada para a formação do sujeito em detrimento da formação do mercado, se aproximando, mesmo que de forma tímida, da perspectiva de formação humana integral.

#### 4.6 OBSTÁCULOS PERCEBIDOS

Durante as entrevistas, os docentes foram interrogados se estes já haviam elaborado ou desenvolvido algum tipo de plano, projeto de trabalho ou atividades com a participação de outros docentes, com a finalidade de promover a integração de conhecimentos, e se perceberam ou percebem dificuldades nesse sentido. Nosso intuito com esse questionamento foi o de identificar suas percepções, de todos os docentes entrevistados, acerca dos possíveis obstáculos na elaboração e execução de planos voltados para a integração de diferentes áreas de conhecimento. Cabe mencionar que algumas dificuldades foram suscitadas no tópico 4.3, que abordou a participação dos docentes na elaboração ou reelaboração dos PPCs, dos EMI's em Edificações e em Mineração.

Assim, serão destacados os trechos que correspondem às dificuldades percebidas pelos docentes com relação à promoção da integração de conhecimentos.

É... na verdade foi uma vez só, que... que eu fiz isso por... projeto pedagógico de edificações que a gente sentou e trabalho isso muito, e... inclusive entre a gente mesmo, que a gente... cada um deu aula para os colegas sobre o que era a sua própria disciplina, mas só com a área técnica. Então com... **junto com a formação geral que é o que eu sinto muita falta, também, nunca tive essa oportunidade, nunca participei** (D2AT).

Na Edificações a gente geralmente monta, um é o responsável, mas a gente geralmente monta junto com todo mundo, (...) a gente tem essa troca boa na Edificações, com a área técnica. **Com a formação geral eu não tenho, eu nunca trabalhei com o pessoal da formação geral (...) os nossos planos sempre ficam muito separados, assim a área técnica separada do integrado, da formação geral né, apesar de serem integrados.** (D3AT).

**Só com os docentes da mesma área sim.** Já, a gente já elaborou planos juntos, até projeto pedagógico, foi feito conversas do técnico, da graduação, você tá falando do integrado né, especificamente, mas é..., mas não assim de uma forma... eu **já participei nesse sentido, numa mesma área de conhecimento, não com áreas diferentes** (D6AT).

A partir dos trechos em destaque é possível identificar, como primeiro obstáculo percebido, a **separação existente entre a área técnica e a área de formação geral**. Conforme mencionado anteriormente, a forma como se dá a organização funcional entre diferentes coordenações dentro da instituição, que, dividida por áreas técnicas e de formação geral, limita a integração e o diálogo entre o próprio corpo docente, e torna mais custoso a materialização de um trabalho docente integrado. Essa separação entre áreas tem relação direta com o segundo obstáculo pontuado nas narrativas abaixo. Trata-se da **falta de diálogo entre os sujeitos de diferentes campos de conhecimentos**, atribuída inicialmente pela divisão do conhecimento historicamente construído, divisão que se manifesta numa transmissão e apreensão fragmentada do conhecimento em detrimento da transmissão e apreensão do conhecimento na perspectiva da totalidade.

A gente desenvolveu uma... um projeto de ensino, fui eu, as professoras de ciências biológicas, a psicóloga, e um professor de física, sobre a... a aprendizagem, é... durante a... aprendizagem científica né, o contexto da pandemia, assim, o contexto social, filosófico e científico da pandemia, é... isso até resultou na publicação que vai sair no ano que vem, sabe, porque teve uma perspectiva integrada e interdisciplinar, e muito participativa, sem avaliação, sabe, os meninos participavam, falavam, produziram os seus materiais (...) isso é integrado com o professor de artes que participa da... do projeto, a professora de literatura que participa do projeto, de redação, mas é sempre assim, artes linguagem, literatura, nunca física, matemática, você entende? A natureza fragmentada ainda permanece. Sabe. Não é 100% integral não (...) **a dificuldade pra integração... primeiro né, é que o campo de conhecimento tem suas limitações, então assim, eu sou limitada em relação ao campo de conhecimento, o outro é... é limitado em relação ao meu campo de conhecimento** (...) nós fizemos uns seminários aqui... de nossos... integradores aqui, para poder falar um pouco do campo de trabalho sobre um do outro, sabe, só que teve campo de trabalho que tirou foto do livro didático e falou "eu trabalho com isso, isso, e isso", você entende? Então ele não tem uma preocupação com a formação do outro, não tem preocupação com o... geral... então tem... eu acho que é muito difícil (...) de fato existe um integrado? Não... não na maior parte das vezes eu... eu gostaria muito de dizer que sim, de fazer aqui uma construção idílica né, ideal, mas não existe, ela pode existir, **mas pela nossa dificuldade em dialogar, pela dificuldade é... em relação é... há um campo e outro, uma dificuldade que é imposta sobretudo pela certificação** (D2FG).

Eu já fiz isso em outras instituições (...) que a gente chamava de oficinas integradas, que poderia perfeitamente ser aplicado no técnico (...) a motivação do aluno quando, é..., parte pra essas... essas atividades, dessa forma... eu tenho certeza que se houvesse essa integração, é... a motivação deles poderia ser diferente; ... dá trabalho, dá trabalho, tá, porque você tem que sair da sua zona de conforto, tanto nós da formação técnica, quanto eles da formação geral, é..., dá um pouquinho de trabalho, mas funciona. A gente já conversou sobre isso sim, sabe!?, com os professores da matemática, que às vezes... alguns professores que tem um pouco mais de abertura..., é... dá pra gente..., a gente já pensou; (...) **Eu acho que são as pessoas mesmo, sabe!?, é... é alguém pegar para fazer, e..., tem a questão da cultura, que você tem que romper com esses princípios, né; (...) é aquela barreira que a gente põe; (...) às vezes o que falta também para nós é isso, né, a gente tá aqui na parte técnica e muitas vezes a gente não conhece o professor né, de sociologia né, que tem, eu acho que tem uma aplicação muito grande que dá para interagir muito conosco aqui, da... da parte de formação técnica; então assim, eu acho que falta um primeiro passo (D1AT).**

A barreira para o diálogo entre os diferentes campos de conhecimento é pontuada por D1AT como uma questão cultural que precisa ser rompida conforme aponta Machado (2006, p. 54),

Necessariamente, a construção do currículo integrado exige uma mudança de postura pedagógica; do modo de agir não só dos professores como também dos alunos. Significa uma ruptura com um modelo cultural que hierarquiza os conhecimentos e confere menor valor e até conotação negativa àqueles de ordem técnica, associados de forma preconceituosa ao trabalho manual. É preciso uma disposição verdadeira para o rompimento com a fragmentação dos conteúdos, tendo em vista a busca de inter-relações, de uma coerência de conjunto e a implementação de uma concepção metodológica global. Entender que neste caso, mais até que em outros, o ensino-aprendizagem é um processo complexo e global.

Contudo, nota-se que a separação física que molda na organização funcional da instituição contribui para o aprofundamento da divisão entre as áreas de conhecimento técnico e de conhecimento propedêutico. Essa separação física que resulta da organização funcional se relaciona à questão da aproximação mencionada por D3FG como um possível obstáculo, contudo, a dificuldade apontada inicialmente pelo docente resulta do **excesso de atividades**.

Não vejo muita dificuldade não, **eu acho que talvez o maior problema é... a questão de sobrecarga né, às vezes de aproximação mesmo, às vezes é... tem alguns professores que a gente né... tem mais abertura, tem outros que não tem (D3FG).**

Assim como D3FG, D5AT aponta que o excesso de atividades de cunho administrativo que são demandadas ao corpo docente cotidianamente toma o espaço que poderia ser reservado para o planejamento do ensino. Nesse sentido, o docente menciona a

**falta de espaço e tempo destinados à diálogos, elaborações e reelaborações** como um fator negativo no sentido de promover a integração de conhecimentos, e, também nesse sentido, pontua que falta direcionamento institucional.

Eu tenho uma crítica à instituição sabe, eu acho que foi uma **falta de... direcionamento da instituição** para isso sabe, (...), você sabe **que tem tanta coisa no dia a dia que sobra pouco tempo para as questões que são muito importantes, que são as questões didáticas** tá, então é... isso é uma coisa que eu sempre reclamei do Cefet, a gente trabalha assim 50%, 60% do nosso tempo é administração, mas é burocracia; então... e sobra pouco tempo pra gente pensar, pra a gente sentar com os colegas, pra a gente discutir programa, pra gente colocar coisas na mesa né, fazer... fazer, por exemplo, diálogos né, é... de início de semestre, de meio de semestre, pra ver como é que as coisas estão indo, como é que a gente pode melhorar, encaixar, falta essa... essa motivação é... eu acho... aí eu acho que isso... isso precisaria ser institucional, precisaria ser uma... uma coisa... mais planejada sabe (D5AT).

A falta de espaço e tempo destinado a diálogos, elaborações e reelaborações pode ser interpretada como uma dificuldade também a partir da narrativa de D4AT.

Nós já tentamos fazer isso, eu no meu caso principalmente com o pessoal da (disciplina de formação geral), é..., pela afinidade, né, da disciplina, algumas coisas funcionaram, mas foi passando o tempo, **não houve continuidade** né, nessa inter-relação aí. É... agora se perguntar por que, eu acho que o envolvimento da gente no dia a dia né, nós fomos deixando de lado. (...) **acho que talvez a gente teria que sentar e reavaliar "oh, nós fizemos isso e não deu certo, vamos tentar para outro caminho"**, mas não houve... não demos continuidade (D4AT).

Para D4FG entende que o **currículo, na forma em que é prescrito**, institucionalmente, para o EMI configura o maior obstáculo no sentido de promover a integração de conhecimentos.

Nos projetos de extensão é... (...) juntamos aí, à educação física, biologia, e língua portuguesa, fazemos projetos interdisciplinares voltado para leitura né, é... e compreensão de várias esferas, (...), que a gente linka todas as nossas áreas é... e produz né, pesquisas científicas, enfim, mas é fora do espaço de sala de aula. A gente ainda não conseguiu fazer essa interdisciplinaridade acontecer, e a gente tem muito problema com isso, porque por exemplo, eu... eu ministro aula somente no terceiro ano né, do ensino médio, e a... o Daniel não tem em aula no terceiro ano, a Bianca não tem aula no terceiro ano, porque biologia não vai até o terceiro ano, porque educação física não vai ao terceiro ano, então é... **tem uma dificuldade fazer essa integração curricular, justamente pelo jeito que o currículo tá amarrado, sabe. (...) o grande problema, porque quando você tira da obrigatoriedade e passa para a opção, muitos alunos não fazem né, porque não é, não está obrigatório, não está vinculada à nota, não está., então... eu acho que a... for... a forma de atingir esse público é muito pequena sabe, é... a gente atinge poucos alunos** (D4FG).

Constata-se, a partir destes relatos, que algumas elaborações voltadas para a integração de conhecimentos são realizadas, contudo, verifica-se que tais elaborações se processam mais entre disciplinas pertencentes à mesma área, técnica ou básica. Assim, infere-se que a organização funcional da instituição reforça a divisão existente entre as diferentes áreas de conhecimento e configura o fator de maior impacto negativo quando o intuito é promover a integração.

## 5 PRODUTO EDUCACIONAL

---

O produto educacional desenvolvido nesta pesquisa trata-se de uma cartilha digital, em formato de material textual, que contempla critérios relevantes acerca dos sentidos, princípios e finalidades do planejamento e do Ensino Médio Integrado. A cartilha destinada aos docentes que atuam no Ensino Médio Integrado, intitulada como “Planejamento do ensino no Ensino Médio Integrado”, foi elaborada sob o objetivo de oportunizar a ressignificação do planejamento docente e o alinhamento conceitual acerca dos pressupostos que alicerçam o Ensino Médio Integrado.

Acredita-se que o EMI configura uma proposta de educação capaz de formar para além do trabalho, uma educação transformadora. Assim, mais do que construir um glossário apresentando conceitos relacionados ao EMI e ao planejamento do ensino, intentou-se provocar a reflexão dos docentes, enquanto mediadores na construção da sociedade, acerca de qual educação se deseja construir. Acredita-se, ainda, que este material poderá contribuir para o aperfeiçoamento das atividades de planejamento docente e dos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos no Ensino Médio Integrado, sob a perspectiva da integração.

A cartilha foi confeccionada a partir dos construtos teóricos da presente pesquisa. Inicialmente, os conteúdos foram selecionados, organizados e sistematizados em três capítulos. O primeiro capítulo, denominado “Planejamento”, apresenta fundamentação teórica que aborda o conceito de planejamento, evidenciando o sentido e significado desse empreendimento enquanto ato político. O capítulo “Ensino Médio Integrado” dispõe os pressupostos que alicerçam essa modalidade de ensino. O terceiro, “Planejamento do ensino para o Ensino Médio Integrado” voltados para a prática de planejamento docente, aborda especificidades e critérios que orientam o planejamento do fazer educacional no âmbito do EMI.

Posteriormente, foi realizada a edição da cartilha no Canva<sup>16</sup>. Nessa etapa, com o auxílio de outra pessoa, foi empreendido o projeto e design gráfico, ilustração e diagramação. A cartilha foi revisada pelo professor que orientou esta pesquisa, e, avaliada pelos docentes que participaram da entrevista.

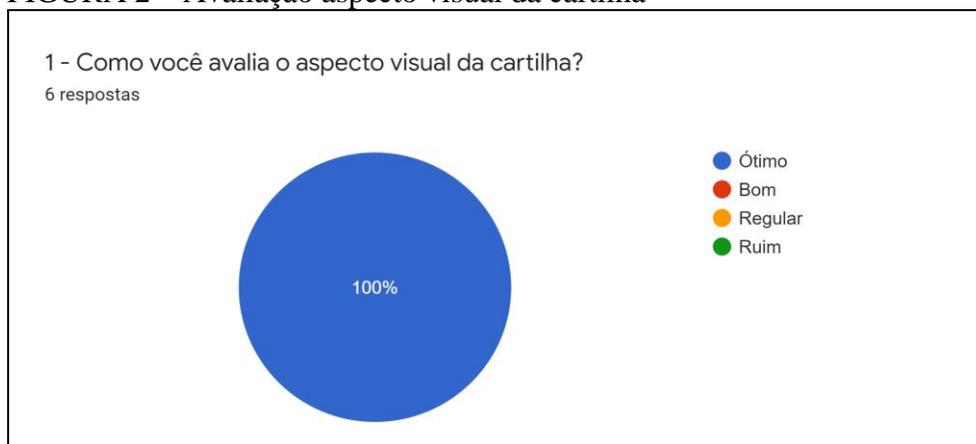
---

<sup>16</sup> Canva é uma ferramenta online que possibilita a criação de design. Disponível em: <https://www.canva.com/>.

O processo de avaliação, a cartilha foi enviada aos docentes via e-mail juntamente com um formulário elaborado para esse processo. Corridos 15 dias do envio da cartilha, e, após ter solicitado resposta aos docentes, obteve-se o retorno de 6 docentes.

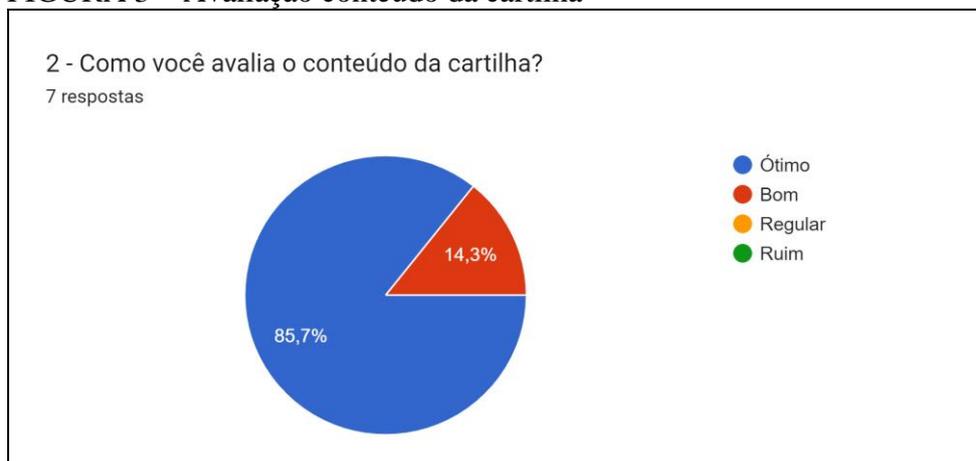
O questionário enviado aos docentes para a avaliação do produto contou com 6 questões, sendo 5 fechadas e 1 aberta para críticas e sugestões. Os resultados obtidos nas questões fechadas podem ser observados nas figuras abaixo:

FIGURA 2 – Avaliação aspecto visual da cartilha



FONTE: Dados da pesquisa – Google Forms (2021).

FIGURA 3 – Avaliação conteúdo da cartilha



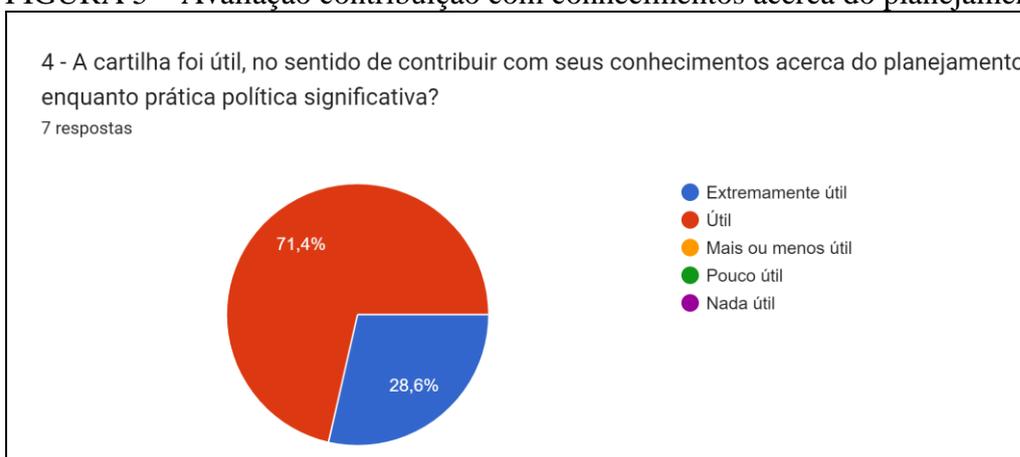
FONTE: Dados da pesquisa – Google Forms (2021).

FIGURA 4 – Avaliação organização do conteúdo



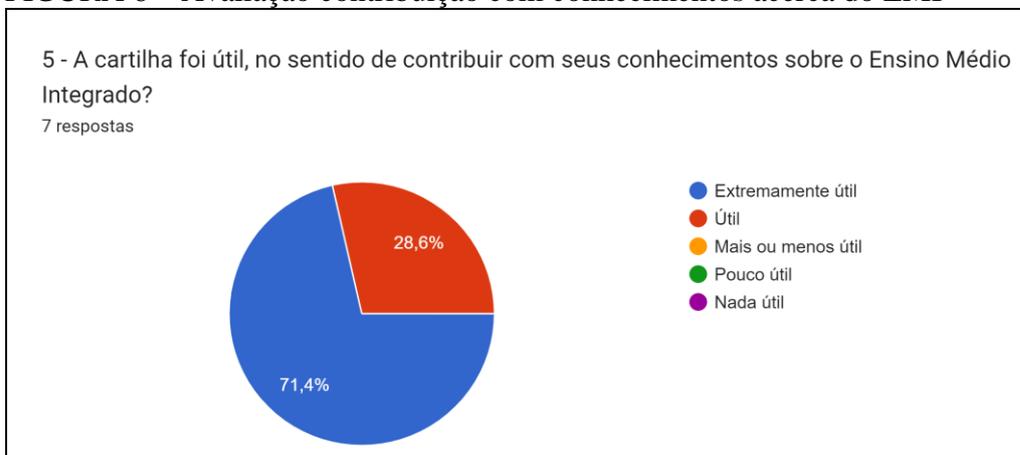
FONTE: Dados da pesquisa – Google Forms (2021).

FIGURA 5 – Avaliação contribuição com conhecimentos acerca do planejamento



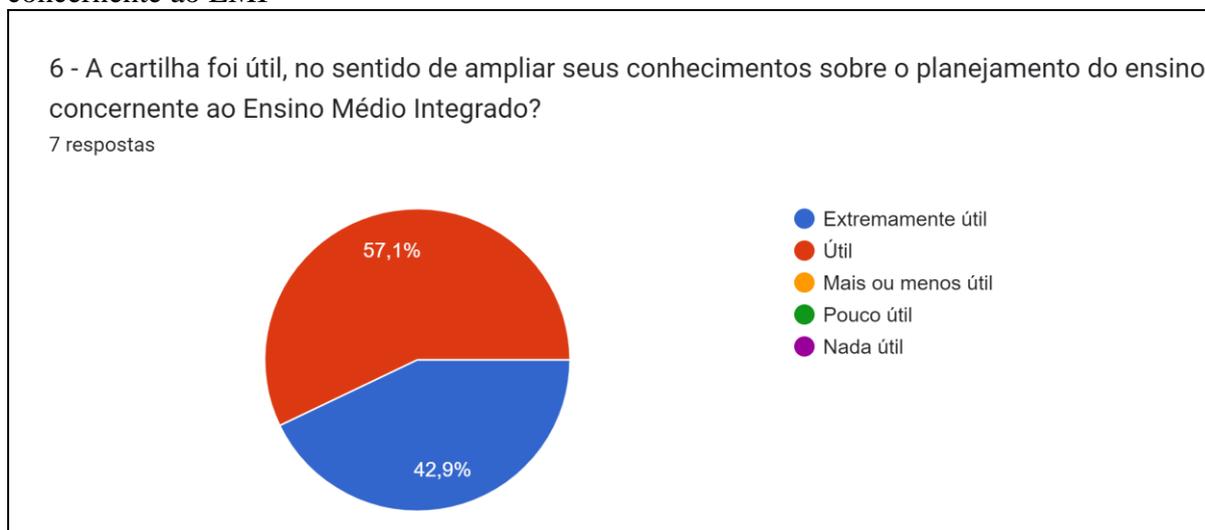
FONTE: Dados da pesquisa – Google Forms (2021).

FIGURA 6 – Avaliação contribuição com conhecimentos acerca do EMI



FONTE: Dados da pesquisa – Google Forms (2021).

FIGURA 7 – Avaliação contribuição com conhecimentos sobre planejamento do ensino concernente ao EMI



FONTE: Dados da pesquisa – Google Forms (2021).

Na questão aberta para sugestões e críticas da cartilha, os docentes fizeram as seguintes colocações:

QUADRO 7 – Sugestões e críticas

Avaliador <sup>17</sup>	Resposta
A1	“Todo e qualquer material que venha contribuir para o ensino é de grande valia e dever ser considerado, dessa forma, acredito que esse trabalho é de suma importância”.
A2	“Apenas uma crítica positiva: o material ficou muito bem organizado do ponto de vista da informação, assim como no aspecto do layout. Parabéns pelo trabalho!”
A3	Sugiro revisão das referências”.
A4	“Usar mais imagens e tópicos para facilitar o entendimento, como na página 12”.
A5	“Não, não há sugestões”.
A6	O compilado de informações será utilizado nos meus próximos planejamentos de aulas do Ensino Técnico

FONTE: Dados da pesquisa – Google Forms (2021).

Desse modo, considerando essa avaliação e todas as ponderações empreendidas pelos avaliadores, entende-se que o produto educacional teve aceitação por eles, quanto ao seu aspecto visual, conteúdo e sua organização, objetivo e finalidade. Contudo, mediante sugestão, novas imagens foram inseridas na cartilha para tornar sua leitura mais fácil e

<sup>17</sup> Os avaliadores foram identificados pela numeração na ordem crescente de envio das respostas ao questionário de avaliação.

atrativa. Quanto à sugestão de revisão de referências, foi possível realizar a conferência onde foram corrigidos erros de digitação.

Assim, pode-se considerar que a Cartilha “Planejamento do ensino no Ensino Médio Integrado” poderá contribuir no sentido de provocar a reflexão dos docentes, enquanto mediadores na construção da sociedade, acerca de qual educação se deseja construir, bem como ressignificar a prática do planejamento docente e proporcionar alinhamento conceitual acerca dos pressupostos que alicerçam o Ensino Médio Integrado.

Destarte a Cartilha estará disponível no portal de objetos educacionais abertos para uso de alunos e professores da educação básica, superior e pós-graduação que busquem aprimorar seus conhecimentos, o eduCAPES.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Esta pesquisa se desenvolveu sob as premissas do objetivo de investigar se o planejamento empregado nas diversas etapas de realização do Ensino Médio Integrado (EMI) no CEFET-MG, Câmpus Araxá, foi/tem sido executado, enquanto prática significativa, sob a perspectiva de uma formação integral.

O percurso dessa investigação iniciou-se a partir da compreensão do contexto histórico-político em que se empreendeu a EPT no Brasil, e dos aspectos teóricos e conceituais concernentes ao planejamento no âmbito educacional e ao EMI. Diante disso, com base nas informações e dados tratados nesta pesquisa, e por meio das percepções dos docentes entrevistados dos cursos do EMI em Edificações e em Mineração, compreende-se que o planejamento é entendido pelos docentes como um processo importante e essencial para a construção e efetivação da educação, contudo a perspectiva de integração e formação integral nem sempre é assumida visto os diversos obstáculos que se manifestam nesse sentido.

Identifica-se que o PPI do CEFET-MG contempla princípios voltados para a organização curricular e para a prática pedagógica condizentes com os preceitos da formação humana integral. Contudo, a adequação da elaboração e reelaboração dos PPCs seguindo as orientações e padronização objetivada na instrução normativa, inclusive em sua forma, aponta para um processo de planejamento dos PPCs que tende a configurar um planejamento instrumental/normativo, uma atividade que, voltada para a normatização da educação, dificulta a manifestação de um planejamento que se fundamenta principalmente na consciência, intencionalidade e participação, com valorização e espaço para a construção, o diálogo, a coletividade, a formação de uma consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática.

Os PPCs dos cursos são organizados e elaborados de forma desintegrada, uma vez que a formação geral se reúne em comissões representativas, por áreas de conhecimento, e elabora um projeto com disciplinas equalizadas que deve ser adotado em todos os cursos EMI, sem considerar as especificidades e realidade de cada curso, e, a formação técnica se reúne por curso e elabora seu programa sem considerar as especificidades das disciplinas de formação geral. Essa forma de organização configura um limite às possibilidades de integração e resulta num plano curricular polarizado que corresponde à simples somatória de disciplinas da formação geral e disciplinas da área técnica. Constata-se que os PPCs dos cursos EMI em Edificações e em Mineração contemplam objetivos formativos que visam tanto a formação

humana integral quanto a formação profissional, entretanto, foram elaborados segundo os padrões e formas de organização estabelecidos pela instituição, perfazendo um caráter desintegrado.

O Ensino Médio Integrado é entendido por parte dos docentes, sob a perspectiva de mercado, como uma modalidade com dupla formação, que objetiva habilitar o aluno tanto para sua inserção no mercado de trabalho quanto para possibilitar-lhe o ingresso ao Ensino Superior e a continuidade dos estudos. Uma concepção do EMI enquanto formação profissional de qualidade associada à formação propedêutica, que se aproxima, mesmo que minimamente, da perspectiva da formação humana integral também é observada.

Verifica-se que existe intenção por parte dos docentes em promover a integração entre as áreas de conhecimentos, contudo dadas as suas limitações, sua elaboração e efetivação tende a acontecer com mais frequência no âmbito de uma mesma área de conhecimento, técnica ou formação geral. O distanciamento entre a área técnica e a área de formação geral, a falta de diálogo entre os sujeitos de diferentes campos de conhecimentos, o currículo na forma em que é prescrito, são dificuldades percebidas pelos docentes no sentido de promover integração e podem ser entendidas, sobretudo, a partir do contexto de organização funcional da instituição que divide as coordenações por áreas de conhecimento, formação geral e áreas técnicas. O excesso de atividades e falta de espaço e tempo destinados à diálogos, elaborações e reelaborações também são percebidos como fatores que minimizam as chances de integração.

Constata-se que os Projetos Políticos-Pedagógicos da instituição e dos cursos do EMI em Edificações e em Mineração contemplam elementos que dialogam com os princípios que fundamentam a construção de uma formação integral, entretanto, a lógica adotada para organização funcional da instituição, com a separação entre áreas de formação técnica e propedêutica, bem como a forma desintegrada de organização e elaboração dos PPCs dos cursos EMI configuram fatores que limitam a integração tanto no processo de planejamento do curso quanto na sua efetivação.

Diante disso, conclui-se que a construção de um planejamento voltado para a integração e sua efetivação requer, além do compromisso e das concepções dos sujeitos admitidas em sua prática, que a Instituição proporcione condições e formas de organização, elaboração e operacionalização dos projetos pedagógicos dos cursos que admitam a integração para além de sua perspectiva teoria.

Quanto ao produto educacional proposto por nós, com base nas respostas do questionário aplicado na avaliação do produto educacional, constatou-se que todos os

docentes que participaram desse processo de avaliação gostaram da cartilha digital “Planejamento do ensino no Ensino Médio Integrado”, haja vista o planejamento no âmbito do EMI ser uma temática pouco abordada no meio educacional e passível de muitas discussões.

## REFERÊNCIAS

---

- AFONSO, Anthonete Mateus Magalhães; GONZALEZ, Wania Regina Coutinho. **Educação Profissional e Tecnológica: Análises e perspectivas da LDB/1996 à Conae 2014.** In: Ensaio: avaliação, política pública e educação, Rio de Janeiro, v. 24, n. 92, p. 714-742, jul/set. 2016, 719-742.
- ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de; AMBONI, Nério. **Teoria geral da administração.** 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão.** Natal, v. 52, n.38, p. 61-80, maio/ago. 2015.
- ARRUDA, Heloisa Paes de Barros. **Planejamento de aula e o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação: percepção de docentes do Ensino Médio.** Tese (doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: [s.n.], 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, Aidil Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BEZERRA, Daniella de Souza. **Políticas e planejamento do ensino médio (integrado ao técnico) e da língua estrangeira (inglês): na mira(gem) da politécnica e da integração.** Tese (doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo: [s.n.], 2012.
- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD). Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em fev. 2021.
- BOVO, A.P.C.; MOREIRA, A. G.; PIMENTA, V. R. Da prática situada à prática transformada: o conto “noventa e três” à luz do dialogismo bakhtiniano na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos. **Caderno CESPUC de Pesquisa.** Série Ensaios, Belo Horizonte, v. 29, p. 12-29, 2016.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 1.258, de 28 de novembro de 1988.** Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1988. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD29NOV1988.pdf#page=9>. Acesso em: 10 ago. de 2020.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 16, de 05 de outubro de 1999, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.** Brasília, 1999. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb016\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb016_99.pdf). Acesso em: 20 fev. 2021.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 05 de janeiro de 2021.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>. Acesso em: 15 fev.2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, (2020).** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 14 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto n.º 5.154, de 23 de julho de 2004.** Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2004a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm). Acesso em: 11 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. **DOCUMENTO BASE.** SETEC/Brasília, dezembro de 2007.

BRASIL. **Lei n.º 11.741, de 16 de julho de 2008.** Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Disponível em: [planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm). Acesso em: 13 jan. 2021.

BRASIL. **Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm). Acesso em: 08 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 25 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.** 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico\\_educacao\\_profissional.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf) Acesso em: 22 abr. 2020.

CAREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto** – Enfermagem,15(4): 679-684. 2006.

CEFET-MG. **Projeto Pedagógico Institucional – PPI (Plano de desenvolvimento institucional – PDI: Organização Acadêmica) 2016 – 2020.** Belo Horizonte, 2016a. Disponível em: <https://www.avaliacao.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/224/2019/06/3-PPI-PROJETO-PEDAG%3%93GICO-INSTITUCIONAL-2016-2020.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022.

CEFET-MG. **Instrução Normativa DEPT-01/2016, de 02 de junho de 2016.** Belo Horizonte, 2016b. Disponível em: [https://www.dept.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/80/2018/01/Instrucao\\_Normativa\\_2016\\_PPC-\\_Versxo\\_5.pdf](https://www.dept.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/80/2018/01/Instrucao_Normativa_2016_PPC-_Versxo_5.pdf). Acesso em: 27 mai. 2022.

CEFET-MG. **Projeto Pedagógico para reestruturação do Curso Técnico em Edificações**. Araxá, 2016c. Disponível em: <https://www.araxa.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2018/02/PPC-Edificacoes-Araxa-APROVADO.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022.

CEFET-MG. **Projeto Pedagógico para reestruturação do Curso Técnico em Mineração**. Araxá, 2016d. Disponível em: <https://www.araxa.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2018/02/PPC-Minera%C3%A7%C3%A3o-Arax%C3%A1.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022.

CEFET-MG. **I Ciclo de formação de equipes de Coordenação de Curso de Graduação do CEFET-MG**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [http://www.dirgrad.CEFETmg.br/wp-content/uploads/sites/81/2017/09/Capacita%C3%A7%C3%A3o-para-coord\\_Modulo1\\_Aspectos\\_Pedagogicos\\_Funcoes.pdf](http://www.dirgrad.CEFETmg.br/wp-content/uploads/sites/81/2017/09/Capacita%C3%A7%C3%A3o-para-coord_Modulo1_Aspectos_Pedagogicos_Funcoes.pdf). Acesso em: 11 dez. 2020.

CHAMON, Carla Simone; NASCIMENTO, Adalson Oliveira. Organização do acervo histórico do CEFET-MG: fontes para a história da educação profissional no Brasil. In: Congresso Brasileiro de História e Educação, 7. Cuiabá, 2013. **Anais [...]**. Universidade, memória e patrimônio. Cuiabá, 2013. p. 1-11.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio e educação profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola, Brasília**, DF, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 307-315.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CURI, Luciano Marcos. História do Ensino Superior em Araxá. **Evidência**, Araxá: Fundação Cultural de Araxá. n. 06, pp. 15-42, 2010.

CURI, Luciano Marcos; GIORDANI, Camila Cunha Oliveira. Politecnicidade e Integrado: aproximações e distanciamentos. In: **II SEMINÁRIO NACIONAL DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO, 2018, Instituto Federal de Brasília**. Anais [...]. Brasília: [s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.event3.com.br/anais/snemi/103246-politecnicidade-e-integrado--aproximacoes-e-distanciamentos/>. Acesso em: nov. 2021.

CURI, Luciano Marcos; GIORDANI, Camila Cunha Oliveira. Politecnicidade e Ensino Médio Integrado: aproximações e distanciamentos. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 2, n. 17, p. e8384, set. 2019.

CURI, Luciano Marcos. Paideia para Todos: inclusive para a Educação Profissional. In: **Jornal InterAção** (Semanário de Notícias de Araxá – MG). Ano 18, nº 951, 13/08/2021 p. 02.

DUARTE, Marisa Ribeiro Teixeira; SANTOS, Maria Rosimary Soares dos. Sistema Nacional de Educação e Planejamento no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 22, n. 71, 2017.

FARIA, José Carlos. **Administração**: introdução ao estudo. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; et. al. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília, DF: Liber Livros, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005, 142 p.

HORTA, José Silvério Baía; FAVERO, Osmar. O planejamento educacional na pós-graduação em educação no Brasil. **Cad. Pesqui.** [online]. v. 44, n. 153, p. 494-521, 2014.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2020. **População estimada**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/araxa/panorama>. Acesso em: jul. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopses Estatísticas da Educação Básica**. 2019. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: fev. 2021.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **Atas CIAIQ**, v.2, 2015.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Marcelo; PACHECO, Zilka Sulamita Teixeira de Aguiar. As políticas públicas e o direito à educação: Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego versus Plano Nacional de Educação. **Educ. Soc.** [online], v. 38, n. 139, p. 489-504, 2017.

LOPES, Antonia Osima. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica de educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a didática**. Campinas, SP: Papirus, 1992. p. 41-52.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Lucília. **Ensino Médio e Técnico com Currículos Integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa**. Programa 3: O desafio da organização

curricular do ensino. In: Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. Boletim 07, 2006. Ministério da Educação. Salto para o Futuro. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim\\_salto07.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto07.pdf) Acesso em: 08 jan. 2021.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARQUES, Natália Borba de Moraes. **A organização curricular dos cursos técnicos integrados ao ensino médio: a busca por um currículo integrado**. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto federal Goiano, 2019.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 mar. de 2021.

MARX, Karl. **O Capital** - Crítica da Economia Política, livro 1, vol. 1, 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MATTOS, Luiz Alves de. **Sumário de didática geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Aurora, 1966.

MAXIMIANO, Antônio Carlos Amaru. **Introdução à Administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. E. M.; SANTOS, R.; SILVA, S. S. M. O. (org.). **Avaliação da Educação Profissional e Tecnológica: um campo em construção**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.

MORAES, Lucia Castanheira de. **O ensino de geologia nos cursos técnicos de mineração no Brasil: uma visão a partir de Araxá, MG**. Tese (doutorado em Ciências) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências – Campinas: [s.n.], 2005.

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**, v. 2, p. 4-29, mar. 2007.

MOURA, Dante Henrique. A Relação entre a educação profissional e a educação básica na CONAE 2010: possibilidades e limites para a construção do novo Plano Nacional de Educação. **Educ. Soc.** [online]. v. 31, n. 112, p. 875-894. 2010.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite. A reforma do ensino médio regressão de direitos sociais. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 109-129, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/760>. Acesso em: 24 mar. 2021.

NOTA de repúdio às novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional e Tecnológica (DCNEPT - Resolução CNE/CP N001-2021). **Anped**. Disponível em:

<https://anped.org.br/news/notade-repudio-novas-diretrizes-curriculares-nacionais-para-educacao-profissional-e>. Acesso em: 01 mar. de 2021.

NUNES, Clarice. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 35-60, maio/ago. 2000.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa; OLIVEIRA, Neiva Afonso. **Modelos de formação humana: paideia, Bildung e formação omnilateral**. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; DALBOSCO, Claudia A.; HERMANN, Nadja (Org.). *Percursos Hermenêuticos e Políticos: Homenagem a Hans-Georg Flickinger*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

OLIVEIRA, Rosângela de Amorim Teixeira de. **Concepção de integração curricular presente nos cursos de ensino médio integrado em agropecuária do Instituto Federal Catarinense**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2013.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1998.

PICCINI, Valmíria Carolina; ALMEIRA, Marilis Lemos; OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; et al. **Sociologia e administração: relações sociais nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. **PNP 2020 (Ano Base 2019)**. Disponível em: <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html> Acesso em: 27 fev. 2021.

RAMOS, Marise Nogueira. **Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Org.). *Ensino Médio Integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 107-128.

RAMOS, Marise Nogueira. **Concepção do ensino médio integrado**. 2008. Disponível em: [http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao\\_do\\_ensino\\_medio\\_integrad\\_o5.pdf](http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrad_o5.pdf). Acesso em: 04 fev. 2020.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção Formação Pedagógica; v. 5).

RAMOS, Marise Nogueira. **Ensino médio integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão**. In: ARAÚJO, Adilson Cesar e SILVA, Cláudio Nei (orgs.). *Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios*. Brasília: Ed. IFB, 2017, pp. 20-43.

RAMOS, Marise Nogueira; FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **A gênese do decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita**. Programa 2: Concepção e experiências de ensino integrado. In: *Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. Boletim 07, 2006*. Ministério da Educação. Salto para o Futuro. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim\\_salto07.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto07.pdf). Acesso em: 04 ago. 2020.

ROTHEN, José Carlos. **O Conselho Federal de Educação nos Bastidores da Reforma Universitária de 1968**. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, III., 2004, Curitiba.

Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. p. 1-11. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/236.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SACRISTÁN, J. G. (Ed.). **O que significa currículo?** In: Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 16–35.

SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo dos. **As dimensões do planejamento educacional: o que os educadores precisam saber.** São Paulo, SP: Cengage Learning, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.** Campinas, UNICAMP, Projeto “20 anos do HISTEDBR”, 2005.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2007, vol.12, n.34, pp.152-165. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** Ed. comemorativa. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Sobre a concepção de politécnica.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio, 1989.

SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE (SCIELO). **SciELO.** Disponível em: [Shttps://scielo.org](https://scielo.org). Acesso em: fev. 2021.

SILVA, Elizângela dos Santos Alves da. **O ideal e o real - Desafios e potencialidades na elaboração de um Planejamento na Educação Profissional Integrada ao Ensino médio: competências em contexto de ensino de línguas para fins específicos.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília: DF, 2016.

SILVA, Jair Militão; FONSECA, João Pedro; NASCIMENTO, Francisco João. Planejamento educacional participativo. **Revista da Faculdade de Educação** [on-line], [S.l.], v. 21, n. 1, p. 79-112, jan./jun. 1995.

SOUZA, Donaldo Bello. As veias abertas do planejamento educacional no Brasil. **Ensaio: Aval. pol. públ. Educ.** v. 28, n. 109, Rio de Janeiro, out./dez. 2020.

SOUZA, Jhonatan Uelson Pereira. **Planejamento público e educacional no Brasil: uma análise das relações entre planejamento e educação.** Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais. São Luiz: [s.n.], 2012.

UNIDADE ARAXÁ. **Histórico.** Disponível em: <http://www.araxa.cefetmg.br/historico/>. Acesso em: fev. 2021.

VASCONCELLOS, César dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização,** 24. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2014.

VIEIRA, Sofia Lerche; ALBUQUERQUE, Maria Gláucia Menezes. **Política e planejamento educacional**. 3. ed. rev. e mod. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## **APÊNDICE A – ROTEIRO PARA COLETA DE DADOS**

---

### **1 – FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE**

Informações que serão identificadas a partir da análise do Currículo Lattes dos docentes ou por meio do relatório da Coordenação de Gestão de Pessoas (CGP) do CEFET-MG, Câmpus Araxá.

#### **Titulação Acadêmica**

Graduação

Pós-Graduação *latu sensu* / Especialização

Mestrado

Doutorado

Pós-doutorado

#### **Tipo de graduação/ano de conclusão**

Licenciatura apenas

Bacharelado apenas

Licenciatura e bacharelado

#### **Qual categoria de disciplina ministra no Ensino Médio Integrado?**

Disciplina de formação geral (ensino médio)

Disciplina técnica (ensino técnico)

Disciplina de formação geral e técnica

#### **Cursou alguma formação pedagógica complementar?**

(Qualquer curso relacionado a questões didáticas, metodológicas, educacionais ou de ensino aprendizagem para aprimoramento da prática docente)

#### **Cursou alguma formação complementar direcionado à EPT/EMI?**

(Qualquer curso cuja especificidade esteja situada no âmbito da EPT/EMI)

### **2 – PLANEJAMENTO E CONCEPÇÃO DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Neste tópico, pretende-se investigar de que forma o planejamento tem sido admitido no Ensino Médio Integrado pelo docente entrevistado. Nesta etapa objetivou-se responder a hipótese da pesquisa: O planejamento concernente a esta modalidade de ensino tem(está) sido(sendo) construído de forma mecânica e vazia, sem considerá-lo um processo significativo que pode possibilitar a transformação da realidade, tão pouco sem ter em conta os fundamentos e finalidades da formação integral.

1 – Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?

2 - Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?

3 – Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?

4 - Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?

(Sim) Os princípios da integração curricular foram considerados? Houve dificuldades para a realização desse processo?

(Não) Quais foram os motivos de não ter participado? Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?

5 - Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?

(Sim) Houve dificuldades no planejamento? Você considera que foi bem-sucedido? (Não) Na sua percepção, quais dificuldades impediram o sucesso na execução da proposta?

(Não) Mas já pensou em elaborar? Na sua percepção, o que se coloca como obstáculo?

6 - Somente para quem já fez atividades integradoras:

Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?

7 - Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?

8 – Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?

9 - Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?

10 - Você gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca da formação integral?

## **APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

---

### **ENTREVISTADO 01 – D1AT**

[00:00:20] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:45] Bom... O planejamento, ele significa o melhor resultado, né. Tudo que a gente planeja e... Dentro da construção civil a gente tem, né, quando eu fiz minha graduação a gente já aprendia sobre isso, né, da importância do planejamento, de você seguir é... esse planejamento para você ter resultados melhores, mais eficiência, é... não perder tanto tempo, às vezes é, por uma falta de planejamento né, por exemplo, eu venho para dar aula, e não planejo a minha aula, aí eu chego aqui, ah o quê que eu vou fazer?! Aí eu tenho pouco tempo procurando coisas, é, hoje na internet, ah vamos supor que eu entro para minha aula, mais do que nunca, agora no ensino remoto eu senti a necessidade de planejamento, sabe, porque eu não posso, eu tenho que chegar na minha aula, e tem que estar tudo pronto. Porque se eu não... não, não tiver tudo pronto, aqui na hora eu não consigo, de forma alguma, não sai nada. Então, é... eu até brincava que antes da pandemia às vezes eu, pela minha experiência em aula, eu pegava um livro e falava assim: “ah, vou usar esse livro hoje”, na hora eu escolhia o exercício e dava. Hoje se eu for fazer isso eu não consigo dar aula. E isso reflete em tudo, né. Aí vem a questão, as questões da coordenação, porque hoje eu estou como coordenadora também. É, um aluno pede uma dispensa de disciplina que eu estou fazendo ali, pra isso acontecer, outras coisas vêm atrás. Então eu preciso estar me organizando, aí eu tenho que fazer uma, uma reunião de colegiado, eu tenho que, eles têm que assinar... tudo tem que ser organizado para que esse evento, ele aconteça. Se eu não me organizar isso não acontece, tá.

[00:02:51] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:03:11] Bom, aí vai depender é ... de... de onde, sabe. Por exemplo, em sala de aula é... eu não consigo muito isso, acaba que fica a meu critério mesmo o planejamento. Mas em outras circunstâncias, quando a gente parte é... pra gestão né, escolar, aí é fundamental, né. Não adianta eu querer fazer uma ação, por exemplo no meu laboratório, é, se eu não conto com a participação das pessoas que estão envolvidas ali. Ah eu falo que a sala de aula não tem jeito, mas até a sala, na sala de aula também eu preciso da participação. Não adianta eu propor uma atividade, se eu é... não tenho participação do meu aluno. Então é... eu até retiro o que eu falei antes, pensando por esse lado, em todos os momentos a gente tem que ter essa participação do outro né, eu não consigo fazer nada sozinha. Então é..., a escola precisa muito disso, de todos, de “tá” todo mundo envolvido, todo... é toda uma engrenagem né, que ela precisa “tá” bem é... fundamentada pra funcionar, porque ninguém consegue fazer nada sozinho, principalmente na gestão pública. Eu acredito que na privada também deve ser, mas considerando que a gente está aqui numa, numa instituição pública, a gente precisa de todo mundo, da menina que né, que “tá” aqui limpando a sala, o chão aqui agora, né, é..., do

diretor né, daqui do Câmpus, diretor da... das outras unidades, todos nós precisamos fazer parte disso. Eu acho que ninguém que queira fazer algo sozinho, ele vai conseguir.

**[00:05:08] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:05:30] Sim, porque oh... Você fala do ensino integrado, né. É... a gente é... Nós somos da área técnica, e nós temos a parte da formação geral. Se a gente não conseguiu, eu vou falar em termos de organização primeiro, é, se a gente não se organiza, formação geral com ensino técnico, nós deixamos o aluno e os próprios professores numa situação muito difícil, né. Também de novo eu sinto aí, agora com a volta do ensino remoto, é... por exemplo: “ah”, eu vou voltar com minhas disciplinas técnicas! Não adianta eu querer pensar que eu vou voltar que..., volta só as disciplinas técnicas e a formação geral não volta presencial. Não tem como, a gente não consegue, encaixar né! Aí vou falar da questão do próprio ensino, né. É... não adianta eu ir lá dar minha aula, ensinar um monte de conceitos para os meus alunos e não resgatar aquilo que ele traz do ensino médio, da formação geral dele. Porque senão ele não vê, é... conexão entre uma coisa e outra, e está né, pra eu dar parte de formação técnica para ele, ele precisa muito desses conhecimentos, desses conceitos que ele tem no, no ensino, na formação geral. Então quando a gente fala integrado, ensino integrado né, não é integral, é diferente, tem as duas coisas tem o integral e o integrado, eu estou falando de ensino integrado, é isso, é a gente trabalhar junto, pelo menos, assim..., não há essa integração na hora de organizar, ainda não há essa organização na hora da gente fazer um PPC, vamos dizer assim, o planejamento da disciplina. Mas a gente sabe, por exemplo, como pré-requisito das minhas disciplinas, eu preciso de conhecimentos da formação básica, da... da formação geral. E se eles não têm, eu não vou ter sucesso na minha disciplina. Então eu sei, a gente sabe da importância dessa integração. Deveria haver mais né, sei lá interdisciplinaridade, a gente, é uma coisa que a gente está propondo pro curso de engenharia civil, né, uma integração maior, entre os conteúdos entre as disciplinas, eu acho que falta um pouco disso, é... no ensino integrado. Às vezes a gente conversasse mais com a formação geral, é com certeza a gente teria a oportunidade de oferecer cursos melhores, sabe!? Mas também não sei te falar de onde que tem que partir essa iniciativa, se é de nós, a formação técnica, se é dos, das pessoas que estão lá na formação geral, de todo mundo, né, é, partir para essa iniciativa, até hoje a gente não teve ainda essa iniciativa, a gente fica isolado. Mas sabendo que um precisa do outro, eu acho que..., assim, mais nós da formação técnica precisamos deles do que eles de nós. Por outro lado, também, eu vejo que eles poderiam, por exemplo, buscar aplicações pras disciplinas deles no nosso curso. “Oh DIAT, onde você aplica aqui?”, né, que eu posso usar na minha disciplina de física, de matemática, na própria história né, não precisa ser na... O Lucas, ele costuma fazer muito isso, sabe!? Na disciplina de artes, ele consegue fazer essa integração. Muitas coisas ele mostra para a gente, “ah esse aqui eu estou dando lá pro meu aluno, que é de arquitetura, que é de construção”, então, o Lucas consegue fazer isso legal, sabe!? Mas é, não é não parte de todos os professores, eu só estou dando um exemplo dele.

**[00:09:48] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:10:11] Sim. **[Os princípios da integração curricular foram considerados? Houve dificuldades para a realização desse processo?]** Não... entre... entre as disciplinas de formação geral e as disciplinas de formação técnica, não. Entre as disciplinas de formação técnica, sim, sabe!?! a gente, a gente procura é, principalmente, é, ver se, igual essa última reformulação que a gente fez, é... ver se não tem conteúdo sobrepondo: “não, esse conteúdo, ele fica melhor em tal disciplina!?”; é... e também é... a gente, é... igual a disciplina que eu

dou de estruturas 1, “ah, ela é base para a disciplina de estruturas 2, ela é, ela usa os conceitos lá de tecnologia”; então, na hora que a gente vai fazer o PPC, a gente dá uma... avalia os conteúdos para ver se “oh, eu vou dar esse conteúdo x, eu preciso desse pré-requisito, lá na disciplina, né, anterior, é uma disciplina que está sendo concomitante, vai... vai chegar junto né, ou vou ter que dar um conteúdo antes de dar o de lá?”, então, isso a gente sempre observa, a gente tem observado mais; pra que eu não dê um conteúdo que tem um pré-requisito e esse pré-requisito não tenha sido dado, por exemplo, então, isso é uma coisa que a gente preocupa; e outra coisa, é essa questão da sobreposição de conteúdos, que às vezes eu dou de um jeito e o professor dá de outro, e começa aquele negócio ficar repetitivo, sabe!?!; dentro da parte de formação técnica eu diria que sim, mas dentro da parte técnica com uma formação geral nunca houve; a gente encontra dificuldades; ah.. eu acho que a dificuldade, a gente... ela já foi até falada disso, em alguns momentos a gente... a gente falou disso, “oh nós podemos integrar mais o técnico com a... com a formação geral”, mas am... eu vou te falar até onde a gente encontra barreiras, tá!?! é... numa discussão dessas aí, dessa semana agora, alguma coisa assim, eles falam assim: “ah, vamos deixar o primeiro período da manhã só para formação geral, e o período da tarde só para formação técnica”, quer dizer, nem integração entre nós professores não querem, né!?! Oxalá de disciplinas, de conteúdos; então, isso... mas eu falo assim, isso não é todo mundo pensa assim, são alguns; “ah... a gente fica lá de manhã, nós, só da formação geral, e o pessoal da formação técnica fica à tarde”, ou vice-versa, né, não necessariamente nessa ordem; então assim, algumas pessoas, elas veem o ensino desvinculado, totalmente desvinculado, “ah, eu tenho..., a minha obrigação é só com o ensino médio, né, a parte técnica são os professores, os engenheiros, eles é que cuidam disso daí”, sabe!?!... não é assim, não é assim, tá!?! eu ressalto que é... uma vez que a gente optou por fazer um ensino integrado, né, tem que haver a correlação entre... entre as coisas... e ela existe, ela existe, a todo momento ela existe.

**[00:13:47] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:14:07] Eu... eu vou te falar que aqui no Cefet não, tá; mas eu já tive isso, é... eu já fiz isso em outras instituições, que não era ensino médio, né... era... era engenharia e, é isso que a gente está buscando fazer na engenharia civil, a gente está trazendo esse modelo, que a gente chamava de oficinas integradas, que poderia perfeitamente ser aplicado no técnico também, não tem problema nenhum ser aplicado no técnico; o que a gente tá propondo pra engenharia, é justamente isso, hora que o aluno chega na formação técnica, ele vê as aplicações... pode ser do básico também, ou contrário; no básico ele vê a aplicação daquele conceito que ele está vendo lá no básico, na parte específica dele, do curso; isso eu já fiz lá na Uniube, isso óh, pra você ter uma ideia, em 2006, quando, 2005, 2006, quando eu dava aula na Uniube, lá tinha esse, é... esse sistema, da gente fazer as oficinas integradas, e era, integrava assim, às vezes não dava pra a gente integrar todos os professores, mas dentro daquele período cê buscava dois, três professores, ou mais, às vezes até mais a gente conseguir integrar, e fazia muito exercício que aplicava conceitos de todas essas disciplinas envolvidas, sabe!?!; e era muito interessante; eu te falo né, eu não tive essa experiência aqui no Cefet ainda, mas eu te falo que o resultado, ele é muito interessante; em que sentido? você vê, o aluno vê a aplicação daquilo que ele está vendo; então, ele se sente mais motivado, porque ele vê a aplicação da coisa; uma coisa é você estudar física, você aprender uma fórmula da... da aceleração, da velocidade, e ele decora aquela fórmula, e aplica aquelas, aqueles números lá; outra coisa é você ver a prática disso, né; é você ir lá fazer o lançamento do foguete né, que é o que eles fazem aqui na física, vai lá ver o lançamento do foguete, calcula o espaço que

ele andou, aí calcula a velocidade que ele, que ele atingiu naquele momento... então, é totalmente diferente isso; é... a gente vê a... a motivação do aluno quando, é..., parte pra essas... essas atividades, dessa forma; eu tenho certeza que se houvesse essa integração, é... a motivação deles poderia ser diferente; ... dá trabalho, dá trabalho, tá, porque você tem que sair da sua zona de conforto, tanto nós da formação técnica, quanto eles da formação geral, é..., dá um pouquinho de trabalho, mas funciona.

[00:16:54] **[Mas já pensou em elaborar?]**

[00:16:59] A gente já conversou sobre isso sim, sabe!?, com os professores da matemática, que às vezes... alguns professores que tem um pouco mais de abertura..., é... dá pra gente..., a gente já pensou; eu vejo algumas ações sim, às vezes a gente fala que não tem, mas a meta, a meta ela é um momento também assim, sabe, que dá pra, dá pra fazer isso um pouco, sabe!?!; eu já vi alguns trabalhos da D2FG, de filosofia, que ela..., aplicando né, mas aí é entre eles lá, a parte da física, a origem né, do universo e tudo, que isso relaciona aí com a parte de filosofia, então assim, em alguns trabalhos de meta eu já vi isso, eu já vi algumas aplicações disso, mas assim, é..., no cotidiano a gente não... não fez ainda.

[00:17:55] **[Na sua percepção, o que se coloca como obstáculo?]**

[00:18:03] Eu acho que são as pessoas mesmo, sabe!?, é... é alguém pegar para fazer, e..., tem a questão da cultura, que você tem que romper com esses princípios, né; quando, por exemplo, eu falo da minha experiência na Uniube, é..., no início também eu fiquei meio assustada, eu falava assim “nossa, eu não vou conseguir fazer, né, eu não vou conseguir”, é..., é aquela barreira que a gente põe; aí é difícil, é trabalhoso, mas por outro lado, a hora que você começa a fazer, aí não tem só integração de... de conteúdos, tem a interação que você faz com as pessoas também, de repente eu estava ali num momento que eu tinha oportunidade de estar conversando com um professor de física que eu nunca tinha visto na minha vida; às vezes o que falta também para nós é isso, né, a gente tá aqui na parte técnica e muitas vezes a gente não conhece o professor né, de sociologia né, que tem, eu acho que tem uma aplicação muito grande que dá para interagir muito conosco aqui, da.. da parte de formação técnica; então assim, eu acho que falta um primeiro passo, alguém..., sabe, pegar isso pra fazer, ou às vezes, é..., na própria, nessas próprias reformulações que eles fazem do ensino, sabe!?! de..., de falar assim ó: “é preciso fazer”; então vamos fazer, sabe!?! isso, eu acho, uma política institucional, oxalá de uma política federal lá do MEC mesmo, igual, eu vejo que agora, é, tá havendo essa reformulação né, da..., aí do ensino médio e tudo, é..., às vezes colocar isso de uma forma mais clara, ”oh, nós precisamos levar isso para a realidade”, né, e nós como escola técnica, né, é..., eles tão fazendo ali junto, é..., como se diz, é a faca e o queijo na mão; nós poderíamos fazer, mas a gente não faz, não faz.

[00:20:12] **Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:20:27] Então..., é uma pergunta que não é fácil de responder, porque como eu estou aqui na formação técnica... eu vejo muito o lado da... do... da formação profissional do aluno, e assim, é uma formação que a gente dá no momento, é... o aluno tá com 16,17 anos, né, é..., será que esse é o momento certo para ele receber toda essa carga de informações que a gente traz?, porque aqui no Cefet a gente fala é uma mini engenharia esse cursos técnicos nossos, né; então, o nosso aluno, é..., do ensino médio, ele está preparado para isso?, e isso daí, a gente só consegue responder depois que eles terminam, que a gente vê é... o quanto eles amadurecem nesse.. em todo esse processo; então, é... quando eu entrei aqui no Cefet, eu pensava assim: “poxa vida, mas como que você vai ensinar um aluno de segundo ano, de primeiro ano, é... os... métodos, né, que a gente utiliza na engenharia?” mas aí eu pude perceber, primeiro com a minha adaptação a isso, porque eu tive que me adaptar ao ensino técnico, né, porque eu vinha dando... eu dei aula, durante 9 anos quase, pro curso de

graduação, então é totalmente diferente; então, eu vejo hoje o ensino integrado como uma oportunidade pra esses alunos né, eles terminarem aí a... o ensino médio já com uma formação técnica, sem precisar é... e porque muitos não têm condições de ir para a universidade, mas aquele que conclui o ensino integrado, ele já tem uma formação, e isso é muito importante, e uma formação de qualidade né; porque o... né, não só puxando pro nosso lado, do Cefet, mas eu vejo que.. é... eles saem com uma bagagem muito boa para o mercado de trabalho, né... isso daí, eu acho que é inegável então, eu vejo esse ensino integrado com muito bons olhos hoje, né...tanto que eu tenho a minha filha, a minha filha tá fazendo e... é... eu quis isso para ela... porque eu acho que é... agrega demais para o aluno, né; é um período que realmente... que o aluno tá em formação, ele tá... ele ainda é... vamos dizer assim: muito jovem, mas por outro lado ele... eu percebi que ele tem essa capacidade, sabe, mesmo estando muito jovem, ele tem essa capacidade.

**[00:23:22] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:23:30] Com certeza, muito, sabe!? eu acho que... eu não conhecia, né..., para você ter uma ideia, e..., e aí eu acho também que falta, é..., mais esclarecimento para todo mundo sobre isso; porque até então... até entrar no Cefet, eu não tinha...eu não tinha conhecimento dessa... dessa formação que esses jovens recebiam; então é... hoje eu vejo assim... é... até... aí eu vou falar dos profissionais, os futuros profissionais; às vezes a gente recebe um professor que fez o curso técnico... é diferente a formação dele né, a forma dele... dele ensinar, dele né, em termos de conhecimento, temos de tudo, então eu acho essencial né, é uma coisa que... eu acho que... é... não sei se eu deveria falar, mas é... o que o governo né, os governos do PT, eles fizeram, eles deram essa abertura é... para construção de 500 escolas técnicas no Brasil, foi aonde expandiu né, os... os IF's e tudo; é... e a gente torce para que isso não acabe, porque realmente é uma oportunidade, se feito com qualidade, se feito com é... esqueci a palavra... com a seriedade que exige; não o que a gente está vendo aí, tá Jamila, igual a gente está vendo o governo lançando uns cursos técnicos aí, é... “ah, formação técnica em um ano”, poxa gente, como que esse aluno em um ano ele vai se tornar um profissional, né, para estar atuando no mercado de trabalho?, eu acho difícil; mas a partir do momento que é feito com seriedade né, com competência, eu acho extremamente válido, sabe, eu acho que faz toda diferença, na vida de qualquer um; eu gostaria de ter recebido essa informação, eu gostaria, sabe!?

**[00:25:38] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:25:53] É crítica... eu acho que o nosso aluno aqui, ele sai com outra cabeça, sabe!? e aí... ah, não é porque ele fez a disciplina técnica não, é porque ele fez lá o ensino... o ensino médio muito focado, sabe!? é... o aluno que entra aqui e que leva os dois... os dois cursos né, o... o ensino médio e a formação técnica, aquele aluno que leva, né, que consegue finalizar esse ciclo, ele sai totalmente diferente, a gente vê, a gente percebe isso na sala de aula Jamila; nosso aluno do primeiro ano, ele é imaturo, sabe, é... ah... tá ali brincando... aquele que chega no terceiro ano, nossa!, a gente... como se diz, sai pérolas daqui; então, o que fez, ele... ele se transformar?!, foi essa formação que ele foi recebendo, né, a...a formação crítica que ele obteve lá no ensino médio junto com essa prática que ele veio adquirindo também nas disciplinas técnicas; então, é... eu acho que qualquer... qualquer pai e eu como mãe, eu quero isso pro meu filho, né, eu recomendo isso para qualquer um, por isso que eu falo que eu gostaria de ter feito também; se eu soubesse que existia eu tinha procurado... tinha vindo pro Cefet e tinha feito aqui.

[00:27:20] **Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:28:55] Sim, sim, eu sempre... eu sempre pedi isso, sabe, quando... nas diretorias anteriores, “ah, vamos fazer né, alguma coisa”, eu... eu já busquei ler sobre, sabe..., é... principalmente quando eu entrei aqui eu precisava entender esse processo, né; então, é... eu andei lendo algum... algumas teses, alguns artigos sobre, pra eu... ficar mais inteirada, né, do que era... mas foi por iniciativa própria, tá!?

## **ENTREVISTADO 02 – D2AT**

[00:00:45] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:54] É... eu vejo como uma oportunidade de colaboração de cada uma das pessoas que participam desse planejamento. Obviamente que não dá para toda a equipe né, que trabalha... participa do planejamento, fica em... além de inviável, a construção não fica, é... fidedigna, porque que nós só muito díspares, mas representantes das instâncias podem estar presente, e é uma maneira de toda a comunidade focar é... no ponto presumidamente necessário. Por que presumidamente? Porque ao longo do caminho a gente sabe que muitas coisas vão acontecer, a gente tem que alterar, mas a gente precisa ter um ponto, um foco, né, pra poder planejar, é neste ponto que a gente quer chegar com o nosso aluno, com o nosso discente, o que vamos fazer, para chegar lá, e o planejamento dá oportunidade de que todas as partes da escola possam estar envolvidas de uma forma ou de outra, cada um do seu ponto de vista, porque não tem como, cada profissional, e por trás de cada profissional tem um ser humano, cada um, tem um ponto de vista e cada ponto de vista tem um ponto de colaboração, isso é... inegável, pequeno que seja, grande, mas todo mundo tem alguma coisa, todos os que estão envolvidos numa comunidade escolar tem alguma coisa a contribuir de alguma forma para o planejamento, é... eu vejo assim, muito importante esse envolvimento.

[00:02:33] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:02:42] Sim. Eu considero de extrema importância. É... nós temos uma... uma espécie de cultura no Brasil de que tudo que é... muito é... que se reúne demais, que se discute demais, aí essa coisa toda, que não vai para frente, de uma certa forma, isso é verdade, mas se a gente não tiver um... uma alinhado os pontos principais que a gente vai discutir é... o... o ponto principal que a gente quer chegar, se isso não tiver muito certinho a gente se perde ao longo do caminho, com certeza. Mas isso não diminui a importância de todo... toda a equipe participar, ainda que por representatividade dos pares eleitos, dos pares indicados, é... por causa daquilo que te falei, porque muita gente não se sente à vontade de participar, muita gente não gosta, então talvez seja melhor mesmo, talvez não, né, foi mal, é melhor mesmo, que senti que pares mais envolvidos, mas que esses pares é... consultem as suas fontes né, as suas origens, o que é, que vocês querem que eu trabalho, que eu discuta... eu considero de extrema importância que todo mundo participe, porque quem tiver a colaboração é... assimilada, vai se sentir parte integrante e vai... vai ter mais motivação pra... pra efetivar o que... o que a escola, o que a comunidade é... tem a propor, e quem não tiver os pontos é... envolvidos, mas verificar o retorno, “olha não foi possível por isso, por isso, por isso”, vai se sentir respeitado, então, de uma forma ou de outra, é... é ótimo pra comunidade. É... é o melhor caminho.

**[00:04:18] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:04:34] Sim, eu... eu... porque a minha... a minha tese foi é... com relação à formação dos docentes, né, que trabalha especificamente com educação tecnológica no nível médio na rede federal. E... a pa... perpassou pelas minhas entrevistas essa necessidade que... a... que os professores também sentem de... de alinhar melhor a... ao planejamento do ensino médio com ensino técnico de maneira integral. Porque não adianta a gente tentar florear e... ele tem... já melhorou, já foi bem mais distante um do outro, já foi nitidamente duas ciências completamente é... separadas, hoje elas já estão próximas. Eu não considero que nós temos um ensino integral, nós temos um ensino paralelo próximo. Porque é... eu enquanto professora da área técnica, e... a... você vai ouvir isso também dos professores de formação geral, eu vejo necessidades, que nós temos específicas da área técnica que precisamos muito da... do apoio da... do pessoal da formação geral e não temos, e acredito que vice-versa também aconteça, em várias questões, principalmente no conteúdo, é... na forma de abordar o próprio conteúdo, e é diferente, porque você não pode no ensino integral, por... eu vou usar um exemplo aleatório, não estou falando que seja porque, eu não tenho é... condições suficientes para afirmar que isso aconteça, mas assim é... hipoteticamente, vamos supor, uma questão de física, nada adianta o professor de física ensinar um conteúdo importante para o aluno, para a vida dele no vestibular, etc e tal, é... se ele não contextualiza com o que está acontecendo na... no ensino técnico que ele está fazendo ao mesmo tempo, porque naquele momento é aquilo que é importante, o vestibular ainda tá lá, o... a... profissão dele ainda está lá, agora as aulas estão agora, nesse momento, então eu... o aluno precisa, sabe, ter que aquilo, é... o nosso ensino já é errado, tudo separado, o ensino ocidental já é... no meu ponto de vista, você separa em caixinhas como se isso fosse possível né, mas tem, né, tem um certo funcionamento a gente faz, e ainda mais se você separa dentro de uma mesma escola “não, isso é técnico, isso é formação geral, não vamos misturar as coisas não”, é... na idade em que os meninos estão no ensino médio eu acho que mais atrapalha, mais minimiza do que ajuda. Então precisava realmente da gente conseguir um nível de planejamento que integrasse melhor que...que unisse melhor esses conhecimentos em várias questões, em questão de horários, é... não... não é visto assim, a... a... por exemplo, na parte da manhã é... é mais... mais fácil pra nós, a maioria... pra nós seres humanos, é... a cabeça tá melhor, então pra você assistir as coisas teóricas é melhor, na parte da tarde é mais difícil, é teoria, então pra que você pratique as coisas práticas é melhor. Evidentemente tem pessoas que não são assim, mas é a minoria, a grande maioria é assim. Isso na hora de se fazer um horário, basicamente a gente vê só a disponibilidade do professor, sim, e nós somos dedicação exclusiva, não era para acontecer isso né, de certa forma, são exemplos bem genéricos né, só pra gente vê assim, co... como esse... esse planejamento educacional ele é importante, porque envolve conhecimento, envolve o físico do adolescente que já morre de sono, imagina depois do almoço né, aquela coisa que... essas questões todas, precisava ser bem mais discutido do que realmente a gente tem oportunidade discutir hoje.

**[00:08:16] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:08:26] Sim, no curso edificações. Basicamente nos quatro últimos né, planejamentos, que até o primeiro que é mais antigo tinha um outro nome, eu... eu participei. Eu... no último de maneira menos efetiva porque eu não era necessariamente da comissão, mas eu estava como sub-coordenadora, então enquanto tal, eu... é... a gente sempre olhava. E... o fato de eu... ter uma facilidade na escrita, né, na formatação, essa coisa toda, então sempre as coordenadoras me pedi... as duas últimas me pediram para dar uma olhada, a gente acaba se inteirando, mas

participei das reuniões e na... né, a coordenação de edificações a gente tem uma, é... assim como... os... como a gente é uma coordenação pequena, sempre é disponibilizado pra gente olhar... bom, tem uns que nem olha, né, no dia da reunião pega... “ah mas onde que tá?” né, a gente tem alguns exemplos que se você esfregar assim na cara da pessoa ela provavelmente não vai ver, enfim, paciência. Mas pra quem queria participar, foi disponibilizado, foi falado em reunião anterior, olha a gente está disponibilizando, vejam os pontos, alinha aos seus objetivos, tudo isso foi falado, então assim, a... a intenção, eu sei que de boas intenções o inferno está cheio, mas a intenção foi ótima, a gente até tentou, esbarrou em várias coisas de... de normativas, que a gente queria, mas não teve condições, e prazos do Cefet que são coisas, que eu acho que é... se o Cefet tem um defeito gravíssimo é essa questão de prazo né, porque... para nós aqui que... a gente sempre recebe um documento assim, é... “a assinatura é pra ontem, se vira”, né, “você tem...”, “mas como assim?” Aí depende da assembleia mas a assinatura é pra ontem, como é que cê reúne um departamento e tal, enfim, é... é bem... bem, a parte que diz respeito à nossa análise, envolvimento, e sugestão ela é bem democrática, só não participa quem não quer, eu participei desses que eu te falei, é... não... não fiquei muito feliz em função dessas coisas... vários deles... a normativa “ah não pode por isso, não pode por aquilo”, normativas que a gente sabe que não funcionam muito bem, tem isso também, é... o que eu... trava muito um planejamento escolar são as normativas feitas por pessoas que nem sempre têm o pé na escola, às vezes nunca entraram numa sala de aula, e... se dignam a dar palpite, a determinar normas pra a gente que tá lá na sala de aula né, ou normativas que... políticas, e... você vê que tem extremamente um caráter político, que não tem educação por trás e sim trava bastante o planejamento.

[00:11:02] **[Os princípios da integração curricular foram considerados?]**

[00:11:14] Sim, considero que os princípios sim, da...da integração, a grande maioria, não todos eles, igual eu te falei, a gente não tem... e aí por formações diferenciadas, é... de novo a minha tese é... eu posso perceber durante esse tempo todo do Cefet é... de convivência, já fui coordenadora várias vezes, já fui assistente de diretor, essa coisa toda, diretora de ensino que... é... a não formação das... dos profissionais que não são da área pedagógica, faz muita falta. Então, por exemplo, por... por maior que seja a boa vontade de um engenheiro, nós temos outras... outras formações, não estou... o engenheiro, a título de exemplo, por mais boa vontade que esse engenheiro tenha, se ele não sentar e não correr atrás dos aspectos pedagógicos, leitura, essa coisa toda, ele não vai conseguir enxergar a importância do pedagógico na vida desses alunos, e, principalmente desses que estão... na... que precisa a...integração. O caráter de visualização dessas pessoas é muito caráter do Senai, de instrumentalizar apenas, profissionalmente, te ensinar a fazer. Nada contra o ensino do Senai, tiro meu chapéu, fazem um excelente trabalho, porque eles se propõem a isso, e é isso que ele se propõe, é muito claro. Quem procura o Senai não está procurando nada de filosofia, nem psicologia, nem pedagogia por trás do ensinamento, tá procurando como se faz, o que entra de pedagogia, entra de brinde. Então, se eles se propõem e fazem isso bem, eu tiro meu chapéu, porque eu sei, eu vou lá procurar, eu sei... agora, no nosso caso não, nós temos uma filosofia, era para que a gente mantivesse isso no planejamento, precisávamos manter isso no planejamento, ou pelo menos brigar. E... é culpa dessas... desses professores? Não. É culpa da instituição que não exige isso... “ah, mas vai delongar”, não! Eu provei né, na minha tese que não precisa disso, quando o professor chegar, que seja obrigatório ele passar 6 meses de um arcabouço pedagógico, porque eles acabam ficando bons, mas ao longo de muitos anos, muito sofrimento, dos alunos e dos professores. Alguns morrem sem nem saber o que é pedagogia, né, entram dou minha aulinha e pronto e acabou... “tinha aluno na sala?”, “ah... não vi não, mas eu dei minha aula”, mais ou menos por aí, né, Então, eu acho que... não, eu não gosto muito desse termo, principalmente termos científicos, eu acho, né, é... o meu julgamento é... que a necessidade desse planejamento, principalmente na nossa situação, que

trata com adolescentes, que na nossa cultura é muito jovem para já tá direcionando uma profissão, ensino médio integrado, então são duas facções de conhecimento, né, que precisam muito uma da outra, é... essa questão do planejamento, de permear tudo isso pelo planejamento, ela se torna mais importante do que a educação dita propedêutica ao... ao meu ver, ela é bem mais importante. Não estou minimizando nem uma... nem outra, só acho que a gente tinha que fazer com mais afinco e mais... mais determinação esse tipo de coisa. [00:14:32] **Houve dificuldades para a realização desse processo?**

[00:14:50] Sim, a falta de visualização dos envolvidos, de que toda área do conhecimento é importante. “Porque eu, arquiteta, acho que a parte do desenho é o mais importante”, tudo tem que puxar para lá. “Não, não, mas eu sou de mecânica dos solos e... é lógico que a mecânica do solos é mais importante”... “claro que não, o planejamento da obra” ... entendeu? A gente perde muito tempo querendo provar que a filosofia, o inglês, eu tô usando vários exemplos porque eu não tô... não tô... não tô pensando em ninguém agora, ee tô pensando na situação, tá. É... assim, isso não... isso não tinha que ser motivo de discussão porque todas as áreas do conhecimento são importantes, eu posso não valorizar a área de música... porque eu não sei cantar, porque eu não gosto, porque não ouço bem, sei lá o qual motivo, eu posso não valorizar, ela pode não ser importante pra mim, mas ela pode ser de extrema importância pra você, de repente você só consegue estudar com um fundo musical baixinha é... você precisa desse gatilho para estudar, e pra firmar, então como eu vou desvalorizar um aporte do conhecimento se nós somos seres humanos diferentes? Então, o planejamento precisaria ser... é claro que num curso técnico de edificação, temos que priorizar as áreas da construção civil, é óbvio, é diferente, você pri... priorizar em função do perfil, do que você priorizar porque isso é mais importante no conhecimento do que aquilo, são coisas diferentes, né, todas as áreas do conhecimento são importantes, e assim, à medida que a gente vai trabalhando na docência você vai percebendo que existem alunos que eles têm facilidade de aprendizagem é... auditiva, eles estão assim tão, você está falando, cê acha que a pessoa... ele... “fulano”, ele levanta a cabeça e te fala tudo... outros ficam assim para você, cê pergunta e não sabem nada, eles precisam escrever, eu por exemplo, se eu não escrever, esquece. Então, por causa disso é que eu vejo que... que essa questão é... essa é outra dificuldade, nós brigamos muito... esse brigar é de exposição de ideias, né, brigamos muito no sentido de querer vangloriar a nossa parcela de conhecimento para os alunos, e... isso acho que prejudica muito, a gente não troca de lugar com aluno, entendeu? Pra ver que ele... ele tem várias opções e que a gente precisava de... de nivelar isso um pouco mais, de parar de pensar que... o que eu sei é mais importante do que o que você sabe, em áreas de formação, e... na hora do planejamento levar em consideração o que esse aluno precisa, no caso do Cefet que tem... que envolve a formação geral também, o que esse aluno precisa para ser um cidadão feliz, né, feliz... eu acho que ser um cidadão feliz é... vem antes de ser um bom cidadão, porque se ele é feliz ele vai ser um bom cidadão, com certeza, se é um bom profissional, que também tá... se ele é feliz, ele é um bom cidadão e ele é um bom profissional, acho que uma coisa está linkada na outra e isso tinha que tá permeando pelo planejamento em primeira instância. Não é romantismo, eu... eu não tenho esse é... quem conhece o meu trabalho sabe que eu sou muito pé no chão, mas a gente não pode, não adianta eu querer forçar você a aprender qualquer coisa se você está com fome, seja qual for a sua fome, seja qualquer uma, de sonho, de comida, sabe, de carinho, não interessa, se você tem uma fome preemente, você não vai assimilar aquilo, então a gente tem que cuidar dessas coisas e o planejamento tem que dar uma parcela de vislumbre disso, eu acho que seria... Eu... eu coloco a normativa em primeiro lugar porque a normativa te cala, não pode e pronto, acabou, “não pode”, “não pode”, então não tem nem conversa, e esse seria a segunda situação porque essa depende muito da gente sabe, a visualização de que o ensino é integral realmente, todos saberes são importantes, e isso

tem... que tem... que tá no veio do planejamento, isso tem que permear em algum momento você tem que tá... tentar fazer parte do planejamento.

**[00:19:02] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:19:20] É... na verdade foi uma vez só, que... que eu fiz isso por... primeiro assim, a minha questão de... de ter sido a única professora de projeto de desenho no Cefet por longos anos, eu me sentia extremamente frustrada, porque quando chegava no início do ano que a gente ai fazer semana pedagógica e separávamos em dupla, assim, de acordo com os seus colegas, né, que davam... eu ficava sempre sozinha no meu planejamento, porque não, simplesmente não tinha outra pessoa pra... pra fazer esse tipo de coisa junto comigo, né. Ai depois a gente foi unindo mais, foi melhorando, mas a gente sempre em função da correria da semana pedagógica fi... ficava no planejamento pró-forma... né, de... de tal, então uma única vez que a gente trabalhou isso, não... não foi da... do penúltimo é... projeto pedagógico de edificações que a gente sentou e trabalho isso muito, e... inclusive entre a gente mesmo, que a gente... cada um deu aula para os colegas sobre o que era a sua própria disciplina, mas só com a área técnica. Então com... junto com a formação geral que é o que eu sinto muita falta, também, nunca tive essa oportunidade, nunca participei. Como eu sou bem peúda e bem, né, aquela coisa toda, é... é sempre que eu tive problema... eu não tenho vergonha nenhuma de chegar perto de você e dizer “ja... Jamila eu não sei mexer nessa coisa de computador, você pode me ensinar?” Eu não tenho vergonha nenhuma de falar, olha o Hélio já me ocorreu inúmeras vezes quando eu fui pra... pra engenharia de automação, porque quando eu comecei a mexer com TCC's na engenharia de automação, os TCC's são coisas que eu... nunca tinha ouvido falar na minha vida, nunca vi, né, e tal, então apareceu um primeiro deles, era sobre um arduíno, e arduíno é o quê? É um bicho? Né, então meu Deus... então sentavam o Hélio, o... é... já me ajudou demais, e outros professores também, né, eu... eu não queria nem citar nome, acaba que eu citei, porque são muitos que me ajudaram, eu corri atrás das outras áreas, o Helio nem é né, é... a D2FG mesmo já me ajudou bastante, eu precisei de fazer um trabalho e eu não tinha suporte filosófico da linha de trabalho que eu queria, ela já me ajudou bastante, né, com relação a isso, é... pra passar para os meus alunos de TCC, é... a... a gente trabalhar com TCC é uma honra, primeiro que você pega o filé do filé, quem chegou no TCC do Cefet já está assim quase um diamante, né, já está bem lapidado, e segundo, porque é... é o seu desafio, ou você aprende ou você aprende, a gente... você tem que correr atrás, se eu não correr atrás você não dá conta, né, de... legal, direito. Então assim, eu sinto muita é... eu sei que a gente está falando de ensino médio, mas eu pude sentir mais essa minha... essa minha falta de entrosamento foi quando eu... eu fui para o TCC, no ensino médio talvez por esse meu jeito de tá correndo atrás dos professores pedindo ajuda, eu não sentisse isso muito lá... muito latente, hoje eu vejo necessidade disso. Mas a gente não tem muito isso não, no Cefet infelizmente não dá pra... pra conciliar muito, ainda.

**[00:22:32] [Houve dificuldades no planejamento? Você considera que foi bem-sucedido?]**

[00:22:58] Eu considero que foi o melhor ano de trabalho que a gente teve foi esse, para mim pelo menos. E eu não tive dificuldade, mas eu vou... vou em defesa dos meus colegas é... talvez pelo tempo de experiência que eu já tinha, de ter apanhado tanto, eu já tinha percebido a necessidade disso, e... por ter uma formação pedagógica, né, a gente teve que fazer isso e... eu lembro do... de um... de um dos estágios que eu fiz quando eu estava fazendo o curso de pedagogia, foi numa escola de periferia de Belo Horizonte, é... de segun... na época de segundo grau que faltava tudo o que você pensar, tudo, embora a localização não fosse na periferia, que era perto da Gameleira, né, do parque da Gameleira, mas exatamente porque não era um bairro residencial, então vários alunos dos bairros ao redor iam pra lá e tinha

todas os tipos de... de formação, então é... eu me lembro que eu trabalhei nessa escola e que o que salvava a escola era exatamente era o planejamento do nada. Eu lembro que a Jucilene que é minha colega até hoje né, que é minha amiga até hoje, ela... ela que deu esse termo assim “gente, essa escola planeja o nada”, porque não tinha nada, tinha... tinha lá o que o Ministério determinava que tinha que fazer isso, fazer isso, fazer isso, mas tinha lugar que não tinha nem giz, o quadro estava todo... sabe, depois foi reformado, fiquei sabendo que a escola está até legal depois disso, há muito tempo atrás, então assim, por causa disso, de ter presenciado isso, a boa vontade e a disponibilidade de pessoas que não tinham mestrado, não tinham doutorado, a maioria não tinha especialização, a maioria só tinha magistério, sabe, sentar e fazer o planejamento e ver o quê que a gente tem né, quanto que... quê que a gente tem que vamos distribuir, metade de um giz pra um, metade... você precisa mais do colorido do que eu... sabe, de organizar do mínimo até mesmo as questões didático pedagógicas, né, do conteúdo, temos que cortar isso porque a professores de matemática não conseguia chegar até aqui, então esse exemplo não vai ter jeito na estatística, alguma coisa assim que eu me lembro de... essas questões que elas organizavam com os meninos, né. Me lembro duma passagem de... de uma música em inglês que a professora queria dar mas na tradução tinha é... os últimos... ao traduzir a letra, tinha uso de... de um tempo verbal lá, e a professora de português: “nós ainda não chegamos aí”, então a professora não deu a atividade... pode parecer uma coisa boba mas eles perceberam que a... e... uns alunos iam assimilar menos, né, o que é proposta, uma vez que eles ainda não tinham estudado aquilo, claro que dois ou três conheciam, óbvio, mas pela... o... a origem deles, a grande maioria, não... não tinha, era tempo verbal desses que a gente quase não usa, então assim, por causa disso eu tive essa oportunidade né, na pedagogia, ao longo do tempo, então eu tinha eu... eu sinto na... nesse planejamento participativo, nós tivemos inclusive uma... discussão chata, de professor que não valoriza isso e não queria abrir mão, sabe, simplesmente... não, né, aquela coisa toda porque pra ele não era valor, não era valor, mas como estava em regime de votação, os outros né, votaram, ele acabou tendo que admitir que aquilo ia... ia ficar, mas assim, talvez com o passar do tempo ele não pense mais assim, por isso eu te... eu te falei aquela questão de que a gente precisava de ter uma... não... não digo reciclagem porque reciclagem você vai pegar alguma coisa que você já tem e melhorar, mas a gente precisava ter oportunidade de... de nós professores de ao chegar na federação, né, do que trabalha com ensino técnico integrado, que a gente conhecesse, sabe, os âmbitos como funciona, pelo menos por 6 meses, não estou falando que tirar da sala de aula não, que a gente desse um pouco menos de aula e fosse obrigado a assistir aulas de outros professores, participar de oficinas de outros professores, e... a experiência é extremamente importante, Jamila, muito importante, e nós não valorizamos. Tem... nós temos professores recém-chegados na escola, que formou ontem, sempre estudou, nunca pisou na escola e já chega com o narizinho assim, achando... se achando o top, do top, do top, “porque eu passei em primeiro lugar disso... eu fiz aquilo assim, eu fiz um sei quantos artigos” ... beleza, isso quer dizer o que para o meu aluno do ensino médio, fala para mim... qual a relevância disso aí que cê tá falando pra mim? Porque eu quero é do meu aluno, eu quero o meu aluno, eu não quero seu título, seu título eu não tenho dúvida, senão cê não tava aqui, cê não tinha passado no concurso, isso aí já foi comprovado, isso aí é problema seu, sabe, descer do pedestal e chegar... igual é... sua meni... qual a idade da sua menina? Já tem 14 anos, mas mesmo assim, por mais inteligente que ela seja, existe um conteúdo que se você não fizer assim para conversar com ela, ela não vai entender, não é por burrice não, é porque ela não tem história pra entender, então acho que isso é humildade, você ter esse... gente é igual meus... criança... você chega para uma criança “ah eu quero comer isso aqui”, “você não vai comer porque isso tem aminoácido, tem no...”, ela vai olhar pra você assim: “aminoácido é doce?” Exatamente, não é... “ah você quer que torne uma tábua rasa quem tá formando”, não, não é isso, é porque não adianta você falar com

a sua filha uma linguagem que ela não entende por que ela não tem maturidade, não é que você vai minimizar conhecimento. Então nós temos isso na... no Cefet numa dessas... “ah, mas vocês querem o quê? esvaziar o conhecimento do aluno?”, “não, mas se você falar isso, ele não vai entender”... “ah... mas um dia ele vai ter que...”, “sim, mas existe degrau, existe uma escada, eu não vou aprender a raiz quadrada, se eu não aprender a somar”, é óbvio, e isso a gente tinha que ter acesso... isso é... o... isso é importante... conhecer esse caminho, é importante para o planejamento de ensino integral, se a gente não tem noção desse caminho, a gente não valoriza o planejamento de maneira integrada né, desse ensino de maneira integrada.

**[00:29:04] Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?**

[00:29:41] Inúmeras vezes... inúmeras vezes... de várias formas, por desconhecimento das pessoas envolvidas no planejamento, do professor, do coordenador, por maldade, por falta de é... assim, por não darem importância, por várias vezes eu já vi isso sendo burlado, assim, bem de perto, as vezes sem poder falar nada é... já comprovei agora mesmo na pandemia, né, eu... eu pude comprovar isso porque de uma forma ou de outra cê acaba assistindo uma ou outra aula, né, então durante as aulas foi... foi falado né, nem ensinado né, de forma assim, vamos passando sobre uma coisa e quando vem a avaliação a cobrança é de uma forma que... “quê que é isso, como assim, nunca vi isso na minha vida”, sabe, que no... você vê que a... a pessoa não tá realmente... ela... ela mesma não tem um planejamento, ela mesma não tem, e não tem feedback também, depois que passa avaliação ela não tem um momento, ela não reserva um momento para os alunos... “vocês erraram muito essa, por quê? O que, que aconteceu? Qual foi a condição?” Não... não tem isso, não tem esse retorno que eu considero extremamente importante né, esse tipo de coisa, porque por mais que eu esteja perto do meu aluno, o ponto de vista dele é legal né, pra gente poder que fazer e tirar as arestas do... do nosso próprio trabalho. Então infelizmente Jamila, eu já vi o planejamento ser corrompido, deturpado, ignorado, sabe, por inúmeras vezes, às vezes é... em uma turma, às vezes em um curso, é... infelizmente.

**[00:31:23] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:31:33] Eu vejo como aquela... aquele... aquele direcionamento de conhecimento pra formação de um profissional, e que é aquilo que eu tinha te falado é... mas esse profissional, ele... essa formação tem que visar esse profissional de maneira geral... é... generalizada, de uma... de maneira integral, né, eu não tava querendo... eu não gosto de... de explicar um conceito com o próprio, né, de definir um conceito com próprio conceito, mas aqui não tem como, né. É... eu vendo a filosofia do Cefet de... tá no site pra qualquer um olhar, a ideia é essa, que o profissional que... que seja formado no ensino técnico né, de nível médio no Cefet, que ele seja... que ele saiba fazer evidentemente a... as funções, né, para qual ele formou, pelo menos as iniciais, é claro, que a gente sabe que ele só vai melhorar ao longo do tempo, mas também é... tendo em conta, o respeito, tanto aos... às pessoas quanto às condições a ele mesmo... à própria pessoa, ao próprio discente, é... o conhecimento pra a vida cotidiana, o saber relacionar, o saber redigir um documento é... o... o comportamento é... de uma certa forma assim, nas... numérico, que seja nas finanças, na movimentação é... de... de compra e venda, essa coisa toda, o seu deslocamento. Então eu é... o ensino profissional... eu vejo não só como aquela pessoa... como no meu caso, desenhista que vai sentar na prancheta e fazer um excelente desenho, não é isso, mas quando ele estiver... eu

falo isso muito com os meus alunos, quando ele estiver fazendo um desenho, ele tem em mente, é... esse projeto vão ser três... três pessoas vão morar aqui, dois idosos, ter isso em mente assim, cê entendeu? Ter essa... essas... “olha mas foi planejado isso aqui só que não vai ser legal porque são idosos, como que... que vai ficar desse jeito”, que ele tenha condições de analisar a profissão para a qual ele tá formando, para o bem-estar geral, sem obviamente é... se... agredir né, enquanto... não é essa proposta, que seja um conjunto, exatamente que seja integrado, ele enquanto profissional integrado com a profissão e com as pessoas pra qual a profissão dele, né, vai servir né. É um sonho eu sei, essa parte é um sonho mas... se a gente não sonhar, né.

**[00:33:58] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:34:07] Sim, para menos, infelizmente, para menos, devia ser o contrário. Eu tive a grande oportunidade nas duas primeiras vezes que eu saí do país, a primeira foi especificamente pra isso, eu fiquei dois dias dentro de uma universidade em Cuba, que... é... tinha já ensino de graduação técnico integrado, eu caí o queixo, porque o Brasil é um país pobre, ele precisava disso, não tô propondo socialismo, eu tô pegando... pega um pedacinho da questão de Cuba na educação, que ninguém pode negar, hoje eu não sei, que só tem... na época era assim, o máximo do máximo que a gente tinha aprendi... aprendizado de educação, um país que consegue 0,2% de analfabetismo merece que se tire o chapéu, sem nada né, pra educação, não tô falando de... outras coisas não me interessa, e também quando eu fui à Espanha, eu também visitei Múrcia a... o mesmo processo, a valorização que as pessoas dão pra um curso técnico integrado. Em respeito à própria pessoa, eu tenho o direito... eu tenho direito de não querer fazer faculdade e ser respeitada por isso, como um médico, por que não? Porque que eu sou obrigada a fazer faculdade? Por que que eu só sou importante se eu fizer doutorado? Eu fiz um doutorado e daí? Eu brinco com os meus filhos... eu brinquei agora, já tem... que quando eu fiz doutorado, eles ficaram inchados, minha mãe doutora... aquela coisa, filho é babão né, aí eu falei assim, gente menos, se tiver duas mulheres do outro lado do Rio né, tendo uma enchente brava, e uma das mulheres sou eu e a outra mulher é uma cozinheira, e você só pode salvar uma, salvem a cozinheira, vocês vão precisar de comer o resto da vida, o meu título de doutor não vai sustentar. É bem isso que eu penso, não estou tirando o valor de quem faz pós-graduação, não, porque a gente sofre pra caramba, cê tá vendo isso, só tô falando que isso não pode ser um fator determinante de valorização de um profissional... nós temos excelentes... eu gosto muito de pegar o Gustavo como exemplo, quando o Gustavo chegou na escola, ele não... ele só tinha engenharia... esse só tinha não é demérito, é termos de... ele só tinha chegado até aí, e foi um dos melhores profissionais que nós tivemos, porque ele olhava a área humana também, ele sabia muito bem e sabe até hoje, eu... porque ele se aposentou mas ele não esqueceu, mas enquanto ele tava na escola, ele passava isso para os alunos, sabe, então... depois que ele foi fazer mestrado, essa coisa toda, ou seja, ele... ele se permeou bem, sabe. Então é... essa questão do ensino integral no segundo... no nível médio, é... essa fala minha, ele é uma oportunidade para o nosso jovem, primeiro se ele quiser fazer faculdade, ele vai ter uma profissão melhor do que simplesmente ser balconista... nada contra, mas todo mundo que se quiser melhorar um pouquinho de vida, o... balconista... é muito bom começar por aí, por que não? Qual o problema? Secretária, balconista, secretário de... de médico, que é uma coisa, né, porque as nossas secretárias, são diferenciadas, no... não servem como exemplo, né, é... mas... ele quer ir para frente, não necessariamente como médico, ele pode fazer um curso técnico, ele vai ter um emprego melhor, nós temos ex-técnicos na... né, que hoje até fizeram muitas coisas, mas quando passaram, por exemplo, nós temos dois casos na Petrobrás, ganhavam... começaram lá como técnicos ganhando mais do que eu aqui, o salário deles... ótimo, fiquei super feliz, sabe, então valorizar, se o nosso ensino técnico

integrado fosse mais valorizado eu acho que o Brasil estava melhor, porque mais gente ia ascender a isso, sem a obrigação de que “ah... eu estou aqui, porque o Cefet ensina bem pra faculdade”... “quê cê quer fazer?”... “ah... não sei o que eu quero fazer até hoje” ... você vê que é uma pressão, é uma pressão, então é... é... tinha que ser mais é... mais valorizado e pra isso o planejamento iria ajudar, não tô falando que seria a solução, mas iria ajudar bastante se a gente conseguisse... conseguisse um bom planejamento pra melhorar essa visão que a nossa cultura tem no ensino técnico, que hoje ainda é pra filhos de proletariado, quer queira quer não, faz ensino técnico quem não consegue ir pra faculdade, e não é verdade, há muito tempo que isso já não é mais verdade, vejam os nossos alunos brilhantes, brilhantes, e que às vezes ficam dois, três anos sem ir pra faculdade depois que formam, trabalhando, se sustentando, e pronto. Então se ele faz o técnico e quiser viver sem a faculdade, ele ganha dinheiro, se ele quiser fazer a faculdade, ele tem dinheiro pra pagar a faculdade, do bolso dele, não precisa de pai e nem mãe, é a solução para esse país pobre.

**[00:38:57] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:39:10] Tradicional, muito tradicional, muito, da crítica passa longe, e... o pessoal com... é... quando a gente pede alguma situação de análise mais crítica, leva muito mais para crítica “certo, errado”, do que o que pode ser melhor, o que pode ser retirado, que não tem mais sentido, o que precisa voltar, o que precisa ser acrescentado, sabe, a... não é essa crítica de... de análise, é uma crítica de é... juízo de valor, então acaba perdendo o sentido, “isso tá certo, isso tá errado”, e... eu já aprendi ao longo da minha vida que o certo e errado não existe, depende da circunstância, muito das circunstâncias. Então, o que ontem era errado, hoje tá todo mundo fazendo, e vice-versa, né. Infelizmente é muito tradicional, eu não tenho nada contra o tradicional, desde que seja consciente, e eu vejo que nós estamos no ensino é... integrado, no ensino médio integrado tradicional inconsciente, tipo assim, a boiada está indo, vamos juntos, mais ou menos... com todo respeito.

**[00:40:23] Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:40:51] Sim, né. É... o primeiro a... pedagogia que eu fiz, né, que é bem para... para essas coisas, né, e eu ainda fiz no instituto de... de educação na época tava iniciando, então a gente tinha um convênio com a... o instituto tinha um convênio UFMG, a gente assistia às aulas na UFMG, eles iam dar aula no instituto, então era o que tinha de melhor na época, né, fiz a... depois eu... eu voltei para o Cefet, a minha especialização foi de educação no Cefet, que numa época que ainda estava começando a graduação mesmo em Belo Horizonte, então assim, o foco era realmente do ensino médio, né, o meu mestrado, foi no Cefet, foi sobre isso, educação tecnológica, e... a... o meu doutorado também foi, eu tive oportunidade de uma maneira mais ampla, porque foi no UFMG, mas com pessoas que já estavam trabalhando nessa temática, então assim, toda a minha formação é bem direcionada para esse tipo de coisa, e eu gosto muito, é... muito mesmo disso, e sinto que os meus colegas não tenham é... oportunidade de pegar um pedacinho, né, disso, é... eu vejo por exemplo, é... eu vejo as pessoas falarem, né, que a... a minha condição de medíocre, enquanto engenheira arquiteta, né, aí eu olho e adoro... eu amo, porque... aprender somar, aprender mexer com calculadora, com o programa, é muito fácil, senta e aprende, vem para cá, pra ver o que... mas assim, é bom, é... então se as pessoas tivessem um pouco mais de humildade, de assimilar os conhecimentos umas das outras, independente de idade, de formação, todo mundo tem alguma coisa para contribuir, eu acho que a gente caminhava com mais facilidade, a gente caminhava melhor, sabe, no lugar de falar assim, porque eu... né, mas e... nós temos muito isso na nossa cultura aqui na unidade de Araxá, acho que é isso... ah... o que está te cansando, né, o ponto

que te cansa aqui, talvez te para uma aposentadoria, é exatamente isso, que eu... julgava, esperava que a gente chegasse nessa época, nesse ponto, depois de toda a parte... a infraestrutura tá bem melhor do que quando eu cheguei, que a gente chegasse uma condição melhor, só que eu estou vendo que vai piorando, então eu não vou bater de frente mais, eu cansei, mudou... mais nessas coisas, e fico com pena dos alunos, mas ainda defendo veementemente, é a melhor escola que Araxá tem. Depois que eu sair vai continuar sendo, porque eu não faço nada... não faço nada sozinha, então assim, a melhor escola que Araxá tem, porque a gente tem pessoas que estão realmente envolvidas e guerreiras, que querem o bem dos alunos e defendem a essa questão, né, que pelem pelo planejamento, pelem, não vejo nenhum outro verbo, embora esse seja antigo, mais eu não vejo... é pelem mesmo, veementemente, ... planejados e saiam mais de acordo, com a proposta educacional da escola, né, um dia quem sabe.

### **ENTREVISTADO 03 – D3AT**

**[00:00:10] Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:33] É a construção do ensino como um todo... na verdade, através desse planejamento que a gente pensa o quê que vai ensinar, como que vai ensinar, o quê que vai ser dado para um aluno e aí é a construção mesmo desse ensino.

**[00:00:50] Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:01:07] Acho... acho sim, porque a visão da gente às vezes é muito limitada, e quando você conversa com colega você começa a enxergar outro olhar, o aluno também às vezes você acha que aquilo ali é crucial, e o aluno não sabe nem o porquê daquele... daquela... daquele assunto, então acho que é interessante sim.

**[00:01:29] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:02:50] Acho que sim... até a carga horária deles é absurda, eles ficam extremamente sobrecarregados, eles têm 17 disciplinas, é... a gente pensa assim, tem hora que o aluno da engenharia tá muito apertado, aí você vai ver os alunos do técnico tem o dobro de conteúdo e nem a maturidade que um aluno de graduação ainda tem, então acho que o planejamento tem que olhar muito isso porque ele tá olhando o técnico e às vezes ele não tem é... maturidade ainda para os conteúdos do técnico, pra tanto conteúdo, pra ter disciplina pra organizar pra aquilo tudo, acho que tem que ter muito critério, muita especificidade sim.

**[00:03:35] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:03:44] Participei.

**[00:03:45] Os princípios da integração curricular foram considerados?**

[00:03:50] Foram... foram... a gente tentou melhorar muito em relação ao que a gente tinha, mas acho que ainda tem muito para caminhar. Foi reduzido o tempo de estágio, é... foi redimensionado muitas disciplinas, mas eu ainda acho isso, eu continuo achando que 17 disciplinas é muita coisa, é... acho que é muito tempo pro aluno... acho que ainda precisa ser repensado sabe, mas eu acho que melhorou muito em relação ao que a gente tinha antes.

**[00:04:24] Houve dificuldades para a realização desse processo?**

[00:04:24] Pra adequar, sim... a gente ainda enfrenta muitas dificuldades, na verdade Belo Horizonte delineou os passos, assim, é... mais ou menos montaram a sequência que a gente tinha que seguir, pra onde a gente tinha que caminhar, o quê que a gente tinha que pensar nos pontos mais importantes, mas acho que sim, acho que foi levado em consideração sim, e teve muita discussão, teve a equipe da área técnica, teve a equipe das exatas, da humanas, “tava todo mundo misturado numa sala e todo mundo votando nos pontos que achava mais importante, acho que foi feito a muitas mãos sim.

**[00:05:40] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)? Houve dificuldades no planejamento?**

[00:05:59] É, na Edificações a gente geralmente monta, um é o responsável, mas a gente geralmente monta junto com todo mundo, tipo assim, eu monto o plano de materiais que é minha área, e aí a gente tem a reunião para expor o plano de materiais, e aí a DIAT dá um palpite, a Luciana da outro, e fala assim “oh, esse conteúdo eu abordo na minha disciplina”, é... e aí a gente vai trocando informação para ver aonde que é melhor colocar o conteúdo, tem, a gente tem essa troca boa na Edificações, com a área técnica. Com a formação geral eu não tenho, eu nunca trabalhei com o pessoal da formação geral. Eu sei que o Márcio agora vem entrando muito, eu acho que vai ser um crescimento, ele vem misturando a área técnica com geografia, com história, a DIAT tem participado, Luciana também, mas eu, eu nunca trabalhei direto com eles não, e os nossos planos sempre ficam muito separados, assim a área técnica separada do integrado, da formação geral né, apesar de serem integrados, é... nem no conselho de classe por exemplo, é... a gente só encontra nos conselhos de classe e aí mais voltado para conversar sobre dificuldade do aluno, mas não do projeto em si. Até lembro uma outra coisa que me chamava atenção que cada hora é uma discussão, é... por exemplo dos horários, a gente a princípio achava que os horários deveriam ser misturados porque é integrado e tem muita gente que acha que deve ser separado pro aluno voltar, por exemplo, de manhã para formação geral e à tarde para a área técnica, e aí eu lembro de ter muita discussão sobre isso... isso é integrado, isso não é não é integrado, e a gente não tem essa conversa muito junto realmente.

**[00:07:58] Na sua percepção, o que se coloca como obstáculo?**

[00:08:15] É talvez tempo, correria, ou saber como fazer isso.

**[00:08:30] Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?**

[00:09:30] É porque eu acho que tem vários tempos, tipo assim, toda vez que eu pego uma disciplina a primeira vez eu preciso me adaptar, eu preciso... aí eu tenho que ir me acostumando, ó esse aqui dá pra você dar é nesse tempo, esse aqui eu posso aumentar um pouquinho, então quando eu vou dar a primeira vez a disciplina eu sinto um pouco isso, a segunda vez eu já sei aonde que eu posso ir. Agora, disciplina, a gente fez isso em muitas mãos também no, no, no projeto pedagógico, porque aí foi a hora que a gente fala “oh, isso aqui tá planejado mas esse conteúdo aqui não dá para ser dado, isso aqui acho que devia ir para aquela disciplina lá”, isso a gente fez muito, e a gente tem... até foi antes de começar a pandemia, a gente tava refazendo essa elaboração, vendo o quê que deu certo, o quê que não deu, o quê que a gente ainda precisa melhorar.

[00:10:21] **Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:10:30] Nossa preparar um aluno de forma humana primeiro, eu acho que ter é... o lado social humano desenvolvido, a área técnica também, o conceito técnico para ele poder atuar no mercado de trabalho, é... às vezes pra progredir também seguindo aquela carreira e verticalizar, não só o técnico e passar para outro nível... mas eu acho que é isso, o lado humano e o lado técnico muito bem é... junto, muito concretizado.

[00:11:06] **Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:11:13] Ah, social e política, sim, com certeza, com certeza. Social cê tá dando toda é... é... ferramenta para os alunos começarem a ter trabalho, abrindo as portas, e político também, a partir do momento que cê começa a ter uma visão crítica, começa a olhar como que funciona, eu entendi... tinha entendido como que é o curso técnico no cenário político, no cenário... é... não... com certeza, social e político, inclusive eu acho que é o que agrega mais no fator social, a pessoa tá mais nova e já vai direto pro mercado, se precisar realmente trabalhar já tem uma ferramenta, e aí abre tudo, e aí ela... ou ela vai cursar o superior se quiser... ou... e aí ela já sabe até que área ela quer, se aquilo foi importante e se não foi.

[00:11:53] **Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:12:08] Tradicional... eu acho que tá começando esse olhar crítico, mas é, é tradicional. Acho que a gente tem, é..., agora eu, eu, até eu mesmo venho mudando muito esse ponto de vista. Talvez maturidade mesmo, já tem um tempo que você tá na disciplina e aí você começa a ter desenvoltura e começa a olhar criticamente para aquilo e começa a passar de forma crítica pro aluno, falando da minha... e aí eu acho que eu tinha muito o lado acadêmico, muito o lado técnico, de passar aquele conteúdo sem olhar tanto pra ele e agora eu começo a mudar um pouco esse ponto de vista, e aí eu não sei afirmar em relação ao todo, sabe!?

[00:12:52] **Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:13:45] Sim, é sempre bem-vindo o conhecimento.

## **ENTREVISTADO 04 – D4AT**

[00:00:36] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:01:03] Bom, o... pra você fazer uma aula bem feita né, não é do dia para noite né, não é rápido, então, você tem que fazer o planejamento, é..., bem anterior né, para o que você vai passar. Eu quando entrei, eu não tinha essa experiência, mas foi com ajuda do pessoal da pedagogia né, que existia, que ainda existe, é que foi me dando as orientações de como fazer uma aula de 50 minutos ou de 100 minutos, é... como é que as questões de avaliação né, como é que funciona a avaliação... e a partir disso, a gente vai... eu comecei né, a entender e sempre quando tinha dúvida eu procurava o pessoal da pedagogia, então foi dessa forma e... e entendo que o planejamento é de extrema importância para você conseguir dar uma aula boa, aí cê... aí acho que tem muito de cada um também né, é entonação de voz, é posicionamento perante a turma, então essas coisas contam muito, e uma coisa que eu acho primordial é a questão de respeito para com o aluno né, não sei se isso também estaria para responder a pergunta, mas é isso praticamente.

[00:02:29] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:02:59] É, eu acho importante sim, apesar de às vezes a gente não fazer por correria, qualquer coisa desse tipo, mas é... com outras pessoas né participando do... do... da montagem né, desses planos é muito mais razoável do que você fazer sozinho, então tem que ter outras pessoas para te dar ideia né, para melhorar né, o seu planejamento, eu acho que o interessante é ter participação de outras né, de outras pessoas. Como eu falei, a pedagogia, o pessoal da pedagogia é de suma importância para isso.

[00:03:46] **Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:04:07] Sim, é... só pra ter uma ideia assim de... de... cada turma são pessoas diferentes que estão lá dentro né, então às vezes você monta um programa que você acha que para aquela turma vai ser perfeito, e aí no meio do caminho você vê que não era bem né, você deveria ir para um lado mais prático... prático do que teórico né, então eu acho que tem essas especificidade né, é... e aí você tem que tem que tá com essa mente aberta pra tentar fazer o melhor do seu plano né, não sei se tá claro tá.

[00:05:03] **Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:05:15] Aí Jamila, isso aí eu já não lembro, assim, que eu participei, participei, mas nem sei quando é que foi, tá, eu participei porque é até obrigação de todo professor, né, participar pra dar palpite, ver o que você tem que fazer.

[00:05:36] **[Os princípios da integração curricular foram considerados? Houve dificuldades para a realização desse processo?]**

[00:05:44] Os princípios da integração... acho que sim, foram sim.

[00:06:00] **[Houve dificuldades para a realização desse processo?]**

[00:06:14] Ô Jamila, sempre é difícil fazer um plano e ainda mais tentar mudar né, o que já existe. A gente mesmo é meio refratário às vezes à mudança né, e... então às vezes, eu lembro que foi, teve essa dificuldade pra tentar entender até quais eram as metas né, que principalmente no caso Belo Horizonte colocou né, para ver essas mudanças né, nem é Belo Horizonte, é o próprio MEC, né, então é complicado, é difícil.

[00:06:57] **Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:07:21] É... pra falar a verdade nós já tentamos fazer isso, eu no meu caso principalmente com o pessoal da química, é..., pela afinidade, né, da disciplina, algumas coisas funcionaram, mas foi passando o tempo, não houve continuidade né, nessa inter-relação aí. É... agora se perguntar porquê, eu acho que o envolvimento da gente no dia a dia né, nós fomos deixando de lado. Eu lembro que eu conversava muito com o D5FG e..., o outro professor de química, quem que era heim!? Ah esqueci, mas a gente tinha um... ah com a Beatriz mesmo, alguma coisa, mas não, infelizmente não, não foi para frente.

[00:08:20] **[Houve dificuldades no planejamento? Você considera que foi bem-sucedido? Na sua percepção, quais dificuldades impediram o sucesso na execução da proposta?]**

[00:08:58] Sim, sim porque é aquele negócio que a gente nunca fez alguma coisa parecido e... e aí não sei se a gente fez assim, bolou a... essa inter-relação de uma maneira que fosse fácil de trabalhar o dia a dia né, acho que talvez a gente teria que sentar e reavaliar “oh, nós

fizemos isso e não deu certo, vamos tentar para outro caminho”, mas não houve... não demos continuidade.

**[00:09:33] Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?**

[00:10:05] É, no... nós pensamos e realizamos alguma coisa, mas não retornamos pra “oh, deu certo, então vamos melhorar isso aqui”, ou, “deu errado, vamos ter que fazer tudo de novo, ou de outra maneira né”, não houve esse... esse retorno aí, que eu acho que aí é o erro né, de qualquer planejamento, você faz e depois não tem retorno do que tá acontecendo, né. Isso é ruim, né!?!

**[00:10:40] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:10:49] Bom, o ensino médio integrado é a junção né, de uma parte teórica, prática teórica né, de... mais científica vamos dizer, com o ensino propedêutico né, normal né. É... então eu acho que essa junção faz com que o aluno fique mais... mais dentro de sala de aula, mais na escola com todo né, já que é integral o período, eu acho que isso é bom, é bom para o aluno, para o professor, e acho que no geral é... o aluno já tem uma noção do que que ele vai... se ele for seguir né, universidade, alguma coisa, ele vai perceber que é essa que é a dinâmica né, do ensino. Eu acho muito válido, é... esse, o integrado, teve uma época que eles queriam desmembrar isso, pra mim foi um tremendo erro, e..., aí depois retornou, que é o normal... eu acho, que é a função principalmente do CEFET que é essa.

**[00:12:00] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:12:26] Social sim né, eu acho que essa própria permanência do aluno é.. mais tempo na escola, faz com que a gente tenha um contato né, maior, e isso a gente consegue né, ter uma certa intimidade com o aluno né, e isso facilita o dia a dia. Tanto socialmente quanto politicamente, o integrado, acho que ele é muito mais forte né, do que o subsequente, do que o normal aí, só o... o ensino comum né, sem ser o integrado, então eu acho que tem sim essa... esse viés político e social.

**[00:14:21] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:14:40] Tradicional ou crítica... eu acho que mais crítica... acho que o grupo de... de professores né, que tem o CEFET aqui são professores que... que não é simplesmente da aula né, é um questionamento com os alunos, isso aí eu digo assim... com certa certeza né, que quando você vê os alunos saírem daqui formados e tal, o retorno que a gente tem das pessoas que contratam ou que conversam, falam que os alunos aqui não... simplesmente não é apertador de parafuso, mas tem a capacidade mais crítica, né, de... de trabalhar e de se portar perante a comunidade.

**[00:17:12] Você gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:17:22] Gostaria, apesar de já estar... já tô passando da época de aposentar, mas mesmo assim acho que vale a pena entender melhor essa dinâmica né.

## ENTREVISTADO 05 – D5AT

[00:00:12] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:36] Bom, é fundamental né... é... pra mim é... é essencial; então assim... é... o meu processo de planejamento ele se dá todo o semestre, todo ano, eu... eu não consigo repetir um curso da mesma forma como eu repito todo o semestre, tá; então isso... toda a minha vida acadêmica foi assim, eu nunca consigo dar o mesmo curso; eu sempre é... melhora, incremento, busco novas fontes, eu pesquiso muito, é... sempre é um processo muito demorado sabe, mas o significado é esse, é... é que... o planejamento ele começa bem antes da... do... do semestre né, é... e ele se dá também durante o semestre, porque às vezes existem coisas bem características, peculiares né, que acontecem de uma turma para outra, então é... às vezes a turma é mais motivada, às vezes menos, às vezes ela... ela... ela deseja um aprofundamento num determinado assunto a... né, então é... isso... isso exige do... por parte do professor uma constante é... atenção e... e... dedicação né; então o... cê me pergunta o significado... significado... eu acho que o significado é... é que... não sei muito bem falar de significado, mas eu acho que é assim é... é a chave pro sucesso de... de um curso... assim né, sem planejamento não tem como né, se torna uma coisa sempre repetitiva... é isso.

[00:02:22] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:02:50] É... na... na minha... no meu caso, eu sou um professor bem tradicional é... eu aprendi assim, eu não fiz didática, eu não... não me formei para dar aula, né, então eu sou um professor bem tradicional no sentido... no sentido de que eu... ah... os erros e os acertos eu aprendi muito com os meus exemplos né, que foram os meus professores, então eu peguei dos meus piores e dos melhores professores o que que eu não deveria fazer e o que eu deveria fazer, então eu nunca tive uma sistemática, uma... uma orientação para... a... desenvolver essa atividade de planejamento é... de outra forma a não ser individualmente né, então eu sempre trabalhei individualmente assim; é, às vezes acontece uma coisa curiosa assim, às vezes eu... eu me apoio em exemplos né no decorrer do processo, e às vezes a (esposa) né, que também é professora, então a minha esposa né, às vezes a gente discute é... questões, discute processos, discute temas, e... e aí a gente... e partir disso então eu dou... eu dou uma melhorada ou uma elaborada, uma repensada no...no curso; mas eu nunca fiz um planejamento é... com mais pessoas ou... ou é... preocupado com alguma orientação institucional, ou preocupado com... ah... nunca procurei meus pares vamos dizer assim, e nem os alunos pra... tá; então é um processo assim... basicamente individual, é bem tradicional, tá.

[00:04:30] **Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:05:02] Olha a única coisa que me chama atenção com relação a isso é o fato de que esses alunos do ensino médio integrado, eles tem um foco muito em vestibular, então é... essa situação ela... ela fica bem clara no decorrer do curso especialmente no último semestre; então assim, os alunos normalmente... eles estão tão focados em Enem, em fazer a prova do Enem, em pensar em faculdade, em pensar em um futuro deles né, nesse momento que eu acho que é uma fase importante da vida deles de transição, e... a maioria deles não quer ser técnico, então eles não é... eles não dão a mesma importância para as disciplinas técnicas né, e... eu procuro então chamar um pouco de atenção para eles é... porque... a disciplina que eu trabalho com eles, ela é bastante interdisciplinar, então ela utiliza recursos de outras disciplinas né, da física, da química, da matemática, da... ah... enfim, da... até da psicologia, da sociologia, e

tudo né, então é... eu procuro trabalhar um pouco é... chamando a atenção deles, nesse caso específico do integrado, pra é... pra importância desses conteúdos que o ministro dessa disciplina na vida profissional futura deles né, na aplicação que eles podem ter, que eles podem fazer com relação a esses assuntos, à essa... ao que eles aprendem né, e... tanto faz se eles vão para medicina, se eles vão para agronomia, para psicologia, para a sociologia, enfim, porque é... essa disciplina que eu ministro ela... ela disponibiliza ferramentas que são de amplo uso na sociedade... assim né, é... pra estudos estatísticos de problemas de variados tipos, então, aí eu dou uma ênfase mais nesse aspecto, é... diferentemente do pessoal por exemplo do noturno, que é um pessoal que tem foco na formação como técnico, então eu dou uma... uma orientação muito mais é... clara, evidente é... com relação à mineração né; os outros não, por exemplo, o pessoal do... do ensino médio, eu... utilizei exemplos da covid com eles né, pra mostrar pra eles como é que eles poderiam tratar um conjunto de dados tão grande que a covid propiciou e... como é que eles poderiam tratar uma população ah... analisando vários aspectos da... da covid né, e... e eles e eles acharam muito interessante, quer dizer, porque vai... vai para umas áreas assim bem... então eu não dou tanta influência na mineração para eles, embora eu tenha que... eu tenho um conteúdo para trabalhar, então eu preciso passar por esse conteúdo mas eu... eu sempre dou um toque a mais; então no planejamento eu tenho que levar em conta esse critério, que é o critério ah... que é um critério que diferencia esses alunos dos outros né, eu acho que é... é isso; isso é porque... porque eu trabalho... meu trabalho ele... ele se dá exatamente nisso, ele é um... é uma disciplina que ela é... ela é tão multidisciplinar que ela... que ela abrange todas as áreas do conhecimento né, e ela...; quer dizer, eu sempre com foco na mineração, mas é... dá para abrir um leque assim enorme de possibilidades, então isso enriquece muito é... e... eu acho que atrai assim, de certa maneira, atrai o interesse deles, não tanto como eu gostaria, mas... mas atrai, né.

[00:08:42] **Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:08:50] Ô Jamila eu participei muito é... muito... é... como é que eu vou te falar, eu quase não participei tá; é... eu... eu participei de algumas discussões, de algumas coisas, e... por exemplo, eu participei da elaboração da grade né, é... opinando sobre, por exemplo, posição de disciplinas, pré-requisitos é... eliminar disciplinas e colocar disciplinas novas, é... frente... vamos dizer assim... à realidade atual né, é... e discutir alguma coisa de conteúdo, mas eu... eu não cheguei a participar diretamente da elaboração, do... do texto, da... da... mas eu participei um pouco dessa parte de discussão tá, mais ou menos foi isso.

[00:09:40] **[Os princípios da integração curricular foram considerados?]**

[00:09:47] Sim... sim, inclusive houve uma preocupação com... com superposição de conteúdos é... que é... era bastante é... visível na... nas disciplinas né, aí outra... outra questão que... que havia é que, é... uma preocupação que havia era de se trazer disciplinas da formação geral ah... pra dentro do... da formação técnica e aproveitar o conhecimento da formação geral nessas disciplinas; houve uma preocupação sim nisso aí, e... eu acho que... que melhorou bastante o PPC em relação ao anterior sabe, porque ... antes havia umas coisas meio... meio descoladas assim, havia umas coisas meio assim, umas disciplinas e também conteúdos meio assim, é... vagos e... sem conexão uns com os outros né, e agora eu acho que o PPC ele... ele melhorou muito, ele deu uma...; agora, isso é um problema no papel, o papel aceita tudo né, Jamila, então no papel isso ficou, eu acho que ficou bem melhor, o problema é que... isso é uma coisa dinâmica, então... que todo o semestre, todo ano os coordenadores têm que fazer um trabalho em conjunto e de integração, o que é bastante raro, é... eu acho que aí daria para elencar uma série de razões, mas não é o caso agora né, mas daria para elencar aí um monte de coisas aí que seria um... ah... que desfavoreceriam esse tipo de... ah... de integração, né.

[00:11:18] **[Houve dificuldades para a realização desse processo?]**

[00:11:30] Houve sim porque na verdade acontece que... que... você faz um planejamento, você coloca ele no papel, isso que eu te falei né... que o papel aceita; o problema é que os professores, às vezes eles são muito é... como é que eu diria isso... eles são muito relutantes em modificar o estilo deles sabe... então o professor muitas vezes ele não procura outros professores, mas... mas acontecem algumas coisas muito estranhas, por exemplo é... eu tentei procurar o professor de Geografia, procurei o professor de Geografia há uns três anos atrás, antes da pandemia né, é... pra que a gente pudesse fazer algumas coisas em conjunto e tal, mas ele se retraiu, ele não... ele não quis, eu falei para ele que a gente tem uns programas muito legais que a gente poderia trabalhar em conjunto né, com os alunos, ah... mas ele simplesmente, ele se afastou, ele não... não quis conversa né, então é... e aí é frustrante porque você... você acha... porque eu poderia integrar, por exemplo, muita coisa com a Geografia, é... e aí eu não... não consegui, não tive êxito né, e aí eu desisti, eu falei “não eu não vou procurar” né, e... eu vejo que tem professores que não procuram uns aos outros, e... quer dizer, isso é o comum, eu acho que os professores não... não estão nem preparados e nem conscientes de que isso é importante né; então lá no papel vai tá lá é... “óh disciplina tem uma interface com a física, ou com a química, com isso, com aquilo”, mas é... o professor não vai procurar aqueles professores pra é... pra fazer uma coisa integrada, o... o curso chama integrado, e na verdade ele não é integrado como a gente gostaria que ele fosse, né; entendeu!?

**[00:13:20] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:13:35] Então, é... eu pensei em fazer... porque na verdade foi o seguinte, não foi o plano não, não foi plano de ensino, não foi isso não, é... eu tentei fazer isso de uma forma é... ah... a trabalhar alguns temas tá... dentro da disciplina, trabalhar com outros professores né, e... e aí não deu muito certo né, nesse caso foi com o professor de geografia, e... eu poderia até procurar, por exemplo professor de matemática, professor de física né, acabei não procurando e... como não deu muito certo, é... aí que o professor de geografia eu desisti né... mas eu não fiz isso intencionalmente no começo pensando num plano de ensino que envolveria os outros professores e tal né; é... já chamei pessoas para fazer palestras, é... pra... pra melhorar um pouco a percepção dos alunos em relação ao mundo aí fora né, é... profissionais, já chamei pessoas assim que trabalham com o tema né, então isso sim, mas não... assim, aí sim dessa forma foi colaborativo, mas não... ah... intencionalmente pensando lá no... no plano de ensino... já visando ou... ou colocando outro professor nesse... mas eu acho que foi... assim, eu tenho impressão que... foi falta de... ah... aí, aí eu acho que eu tenho uma crítica à instituição sabe, eu acho que foi uma falta de... direcionamento da instituição para isso sabe, tanto da parte do pessoal da pedagogia que poderia ter feito uma coisa mais... é... é de sensibilização dos professores, eu acho que sim, e de motivação né, e... das coordenações; eu acho que as coordenações, elas têm tanta tribulação... você sabe que você vive ali com os coordenadores, você sabe que tem tanta coisa no dia a dia que sobra pouco tempo para as questões que são muito importantes, que são as questões didáticas tá, então é... isso é uma coisa que eu sempre reclamei do Cefet, a gente trabalha assim 50%, 60% do nosso tempo é administração, mas é burocracia; então... e sobra pouco tempo pra gente pensar, pra a gente sentar com os colegas, pra a gente discutir programa, pra a gente colocar coisas na mesa né, fazer... fazer, por exemplo, diálogos né, é... de início de semestre, de meio de semestre, pra ver como é que as coisas estão indo, como é que a gente pode melhorar, encaixar, falta essa... essa motivação é... eu acho... aí eu acho que isso... isso precisaria ser institucional, precisaria ser uma... uma coisa... mais planejada sabe, Jamila.

**[00:16:16] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:16:39] Olha é... nós estamos numa escola técnica né, uma escola que tenha aí cem anos de tradição no ensino técnico, e... e... a partir de um determinado momento, o Cefet passou a oferecer ensino médio também né, só que ele precisava ter um caráter ah... de vínculo ao ensino técnico, ele não poderia ser... porque senão ele viraria uma escola, ele faria concorrência com outras escolas né, não haveria sentido em fazer concorrência com as outras escolas que oferecem ensino médio, concorda, assim tanto escolas privadas, como como escolas públicas né; então é... em determinado momento é... o ensino médio, ele veio para enriquecer também o ensino técnico, por quê? porque você... você forma um técnico com uma visão muito mais humanística né, um técnico que tem um conhecimento de matemática, de português, de filosofia, de sociologia enfim, ele tem... né, ele tem um conhecimento muito bom é... dessas... dessas áreas que são peculiares aí do ensino... do ensino é... é... do segundo grau né, é... então, na verdade o que... o que... o que é que deveria ser?, deveria ser... um técnico ah... formar bem melhor formado do que um simples técnico formado, por exemplo, pelo Senai; o Senai ele forma um técnico que, é... tem aquela visão bem mais estreita, porque ele não tem essas outras disciplinas né, então ele... ele vai trabalhar muito focado na técnica né, ah... e o nosso técnico não, ele é um técnico com uma visão muito mais ampla, então ele passa a ser um técnico é... formado de uma... de uma maneira muito mais é... humanizada, muito mais ampla, muito mais é... agora tem o seguinte como... como existe um... dentro do Cefet existe uma... uma tendência no terceiro no... no ensino integrado né, uma tendência de se dar ênfase à questão do vestibular, à questão do Enem, se desvirtuou essa questão do técnico, então o ensino técnico aparentemente entre aspas vamos colocar assim, ele virou um apêndice do ensino... do ensino normal, do segundo grau né, ele virou uma espécie assim de... de anexo do... do ensino... e não o centro, o foco que seria o ensino técnico com um... um rigoroso programa de segundo grau que formaria um técnico altamente qualificado né, é... que é um técnico que tem que saber inglês, é um técnico que tem que saber é... português muito bem, ele tem que fazer uma boa redação, ele tem que fazer... ele tem que ter uma base matemática muito forte, física, química e tudo isso, e aí ele seria um técnico altamente qualificado né; ah... e aí o que a gente nota?, que alguns meninos que... se formam como técnicos é... do integrado, eles passam à, rapidamente, à posição de liderança nas empresas onde eles vão trabalhar, esses técnicos do integrado, por quê ? porque eles são pessoas que têm uma visão ampla né, e não aquela... aquele cara que é só um apertador de botão ou só um... né, não é isso né, então ele passa... ele logo é reconhecido dentro das empresas como uma pessoa diferenciada, porque ele tem qualificações diferenciadas né; então eu... na minha opinião o técnico integrado, ele deveria ter esse foco, esse caráter, mas ele foi desvirtuado dentro do Cefet, eu tenho impressão que existe uma... aí é que tá, existe uma separação entre a formação geral e a formação técnica, é... os dois não se conversam, aí que vem daquela pergunta anterior que você me falou né, é... deveria haver uma... aí também, uma... intervenção institucional, quer dizer, a instituição deveria fazer um trabalho pra mostrar que essa pessoa que tá se formando aí não... não é que ela não deva... não deva fazer uma faculdade, nada disso, porque praticamente todos os alunos fazem, no final, mesmo ele sendo técnico depois né, mas é... a ideia é formar um técnico diferenciado, é um técnico... é isso sabe, essa... essa é a concepção do... do integrado, então... inclusive, aí vem outras fofocas né, eu e Tereza, e Gean e... Mariana, e D4AT e... essas pessoas mais antigas, a gente brigou muito com o Flávio na época que... é... se criou... porque o... quando se criou o... a Engenharia de Minas né... nós mesmos ajudamos a criar o curso de Engenharia de Minas, mas a gente entendia que o curso técnico ele tinha que constantemente receber um...um apoio forte da instituição sabe, é... que tinha que ser olhado com carinho, porque esse era um grande foco do Cefet, o técnico né, então é... e não faculdade, e pós-graduação, e tal; e aí o Flávio divergiu

muito disso, ele... a gente teve muitas discussões sobre isso, e ele divergiu e ele acha que não, ele acha que tem que virar graduação, pós-graduação e pronto, e o técnico... tanto que você vê, que quase não se... não se criaram cursos novos no técnico né; então tem essa questão toda, então existe uma questão política por trás da instituição para não mexer muito nisso também, nessa questão de o que significa o integrado, porque que o integrado é... e aí eu não sei qual é a visão da Pedagoga 1, da Pedagoga 2 né, a visão das pedagogas com relação à... à essa questão específica, porque é... eu... eu não sei se elas nunca se preocuparam muito com isso, ou se... houve algum impedimento por parte dos professores, ou houve alguma... é estranho sabe, é estranho, porque na verdade dentro da instituição, eu acho que isso é uma coisa muito séria, é... essa questão da concepção do que que é o ensino técnico integrado, ela é tão séria, que ela... que ela interfere na própria qualidade do curso... do... do... de tudo que acontece sabe, é muito sério isso né; e... eu não sei... eu já fui coordenador também de... do técnico né, eu... eu lembro que era uma batalha né, era uma batalha já para a gente conseguir manter o... corpo de professores do técnico, o que dirá a gente conversar com o pessoal da formação geral né, com suas múltiplas facetas e... e... diferenças né, e eles também com problemas lá, também né, dentro da... da formação geral, então; mas eu... eu não acho que se... eu acho que no papel está integrado, no papel está, mas no...no PPC tá integrado, no PPC a proposta é essa de integração, mas na prática existe uma separação sabe, e... eu acho que os professores do... da formação geral isso eu tenho notícias deles né, é... eles não... eles dão muito foco em vestibular, em Enem né, eles não... não se preocupam em... em falar “olha isso aqui é importante para tal disciplina do técnico”, entendeu?; porque aí... porque já não há diálogo lá na base né, entre os professores, quer dizer se os professores... se eu falasse assim “olha essa parte toda matemática me interessa, e eu gostaria que isso fosse falado lá na matemática”, é... seria outra coisa né, e... mas na verdade não, é... no papel tá assim, no papel todo mundo sabe, mas na prática isso não acontece.

**[00:24:26] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:24:36] Sim, por isso... por essa questão que eu te falei né, porque se você forma um técnico humanizado, qualificado, um técnico com visão mais geral, mais ampla, um técnico que, é... crítico né, um técnico que... ele consegue resolver problemas não só da área dele, mas ele consegue... ele consegue também se relacionar com as pessoas, ele consegue fazer gestão, ele aprende isso aí né, a fazer gestão né, ele aprende administração, ele aprende... enfim, é...mas ele tem os fundamentos filosóficos, ele tem os fundamentos sociológicos, ele tem os fundamentos ah... enfim de tudo né, porque quando você forma um... por exemplo quando você trabalha a língua portuguesa, você trabalha também textos que te dão formação né, você não trabalha qualquer texto, você trabalha textos, às vezes os textos excelentes que são... que te dão uma formação, uma base moral, uma base ética, uma base... enfim né; então ah... se você forma um técnico, é... com essa visão que é... que é o técnico, que é a proposta do técnico integrado, você naturalmente vai dar a esse técnico um papel dentro da sociedade, um papel social e político fundamental, que é o de renovação constante da... da sociedade né; é... porque é a juventude que faz a sua renovação né, é... os jovens é que promovem essa mudança, então é... e você dentro da escola, você tem que quantificar e qualificar, você precisa... você precisa dar essa base para eles, para que eles lá fora consigam discernir os problemas, ser mais críticos né, consigam atuar em cima dos problemas, e consigam é... cumprir o seu papel social e político também né, no... no sentido de que eles tem que... que eles tem que exercer a cidadania deles né, e de forma correta né, de forma ética, responsável né, isso aí, é isso, eu penso assim.

[00:26:30] **Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:26:47] É, aí é uma questão... é uma questão, é... eu acho assim ó, pelo que eu tenho visto dos nossos alunos... vou pegar assim pela... pelo que eu sinto dos alunos né, porque eu não... não tenho domínio sobre tudo que acontece com relação aos professores, então não sei em que nível eles trabalham né, mas quando, por exemplo você, eu já participei de várias avaliações de metas, e de é... semana de ciência e tecnologia, de projetos, e... e também já assisti muita coisa interessante no Cefet em termos de cultura né, é... tanto de música, como de teatro, como de manifestações, de poesia, de... enfim, outras coisas... eu percebo é... que o... de forma geral os professores e os alunos interagem bem, é... percebo que, muitos professores dão uma formação mais crítica pros alunos, é... eu... eu percebo isso assim, ah... em várias... ah... em várias situações que... de discussões de... de conversas com os alunos né, e eu percebo que eles amadurecem muito; olha os alunos... eu acompanho sempre os alunos, acompanhava agora eu tenho um tempo que eu não tenho acompanhado, mas eu acompanhava muito os alunos que entravam com 14, 15 anos de idade até 18 anos de idade, 19 anos né, então eu acompanhava o crescimento deles nesses três anos aí, então eu notava que eles tinham um amadurecimento espetacular dentro do Cefet, eles se tornavam pessoas é... a... assim melhores né, pessoas mais é... é... como é que eu vou te falar isso, é... eu... eu sempre percebi que o resultado do que eles... do que eles aprendiam na escola era positivo tá, era positivo, porque é... eles... eles já tinham uma visão do mundo, uma visão é... diferenciada do mundo né, é... por exemplo, os meninos da... da mineração, eles... eles aprendem sobre a Terra né, sobre evolução da Terra, sobre a história da Terra, sobre... então eles passam a ver o planeta, a Terra, de uma forma muito diferente de um aluno que nunca... de uma pessoa que nunca ouviu falar disso né, e eles passam a ter um respeito e uma responsabilidade com o planeta muito diferente de outros... de outras pessoas que não têm esse... esse conhecimento; então é... eu vejo assim que o... então só por exemplo né, eu já... já te passo isso, essa informação de que eles... eles passam a ter uma... uma concepção de mundo é... totalmente diferente, é... a concepção deles passam a ser uma concepção é... mais ampla mesmo, como eu já tinha falado antes né, eu acho que... bem mais assim, eles passam a ter um conhecimento é... enfim, acho que... na maioria das áreas né; então quando eu participava das avaliações e eu ia fazer questionamentos com eles nos projetos deles, eu percebia o... o grande amadurecimento desses... desses alunos ah... e essa grande percepção deles, a capacidade deles né, é... muito grande e eu sei... isso sempre me emocionou sabe, sempre me deixou assim, profundamente ah... feliz e emocionado porque eu percebia que eles tinham dado um grande salto na vida deles né, participando do Cefet; e... porque o Cefet é uma coisa, se a gente pensar assim, não dá para pensar não só nas disciplinas e tal, porque é uma coisa muito mais ampla né; eu lembro que, antes, há uns... vamos dizer assim, há uns oito, dez anos atrás, é... havia muito mais atividades né, atividades extraclasse eu quero dizer, e... em que eles eram... eles eram é envolvidos em... em trabalhos de vários tipos né, ah... inclusive com a comunidade né, e isso se perdeu um pouco... eu acho que agora com a pandemia então, acho que ficou assim muito ruim; mas é... o Cefet... uma coisa que eu sempre tenho... tenho falado no Cefet essa questão também da... de... de que o Cefet tem... ele tem que chegar mais na comunidade né, e chegando mais na comunidade é... através dos alunos né, ah... os professores por trás, mas através dos alunos, por quê? porque os alunos têm um crescimento muito grande dentro do Cefet, é isso que eu acho sabe; então assim eu acho que é... então o ensino integrado ele é... ele é visivelmente importante nisso aí, não tem como tirar essa importância.

[00:31:23] **Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:34:30] Pois é Jamila, agora não, pelo seguinte, porque eu já estou com 65 anos, e eu tô quase aposentando, então assim, eu ah... eu fico pensando assim, se eu tivesse uma perspectiva de é... vamos supor assim de... se eu fosse mais novo, se eu fosse que nem a D6AT, que nem o Júnior, que nem Antônio, você me fazendo essa pergunta agora, eu acho que eu te diria que sim, eu queria fazer iria fazer, iria tentar e iria aprimorar né, é... porque eu acho fundamental, e me faz falta também, me faz falta né, mas como agora eu já estou numa fase em que é... e eu... eu tenho muitos interesses científicos né, de pesquisa e tudo, eu faço muita pesquisa e muita... muita coisa acadêmica de... de pesquisa né, então eu... eu já tô numa fase assim que para ir... para mim isso é prioridade hoje, é... do que trabalhar com questões... do que por exemplo aprimorar pedagogicamente meus cursos, entendeu?; é... eu acho que é mais assim é... é até um pouco chato falar isso porque você fala assim “ah não mas o cara acomodou, o cara...”, não... não é que eu acomodei é... talvez acomodei nesse sentido né, nesse sentido de aprimorar o... a questão pedagógica e tal, mas é quase como um sentimento de que passou sabe, é... um sentimento assim... é... bom... é... “como que eu poderia melhorar pedagogicamente esses cursos que eu estou dando?” né... tudo bem eu poderia melhorar bastante, muito talvez né, mas eu... eu... aí é um pouco de orgulho pessoal também né, eu fico pensando assim “não mas o meu curso está bom desse jeito, né... é... e eu todo ano eu meloro ele, ou trabalho para melhorar, eu trabalho para fazer uma coisa melhor e tal”, e não vou deixar de fazer isso nunca, até o final, até o último dia que eu for aposentar, então eu vou sempre fazer isso, mas é... me dedicar agora a um curso de um ano, dois anos aí, pra... pra aprender é... mais sobre pedagogia, aí eu acho que não, só se fosse alguma coisa do tipo Paulo Freire, de aprender um pouco mais sobre... sobre outras questões pedagógicas e políticas né, é... que eu até tenho acompanhado alguma coisa durante essa pandemia, tenho acompanhado várias coisas aí, é... de olhar essa questão da... por exemplo é... de sentir muito e olhar muito para essa questão da... da desigualdade social, da desigualdade dos estudantes né, e eu percebi muito isso agora né, nessa pandemia perceber demais a... pobreza dos nossos alunos sabe, a pobreza dos nossos estudantes aqui do Cefet sabe; então aí eu fiquei, eu ficava pensando, poxa como... como que uma pessoa né, e aí são questões pedagógicas né, quer dizer, como que você... como é que você poderia melhorar a atenção de um aluno que tem que cuidar dos irmãozinhos em casa enquanto a mãe sai para o trabalho né, ah... como fazer isso? então são questões que eu pensei muito, mas assim, até ali alguma coisa sobre isso, vi umas lives, mas nada assim... eu não fico pensando “ah não, eu vou fazer um curso de pedagogia, ou um curso de psicologia, ou um curso de alguma coisa dirigida a isso, pra didática”... não, mas agora não, agora eu acho que, eu tenho essa sensação sabe, que... que para mim chegou num ponto que eu acho que não... não vai me acrescentar muita coisa sabe, mas eu posso tá completamente enganado, Jamila, eu posso tá assim com muito orgulho nisso aí sabe, então... não sei, assim... aí seria uma autocrítica né, eu poderia... não sei, é estranho.

## **ENTREVISTADO 06 – D6AT**

[00:00:10] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:40] Eu entendo é..., que é importante porque se você não tem um planejamento né, a começar na disciplina, se você não tem um planejamento... você tem que ter é... tipo um direcionamento né, senão você vai se perder nas aulas, por exemplo, e às vezes você não consegue cumprir todos os seus objetivos, então eu entendo que desde o início você tem que saber o que que você quer né, os seus objetivos, e traçar a metodologia e as estratégias de cada... o quê que você vai fazer né, em cada parte... tipo cronograma né, que seria... não sei os termos, mas... que a gente chama de unidade de ensino, então você prevê qual a carga horária

de cada unidade de ensino, qual o tempo de cada, é... de cada parte desse plano né, que você precisa de atingir aí... cumprir pra você atingir os objetivos e... ir seguindo aquilo né, a carga horária. Eu tenho... agora, principalmente agora que a gente tem... que foi muito novidade né, nesse ensino remoto, a gente fez um planejamento e ele era muito dinâmico e às vezes tem que ser atualizado né, porque nem sempre você consegue cumprir, mas tudo vai partir daquele planejamento, se você não tem nem uma ideia do que vai ser feito em cada semana do curso aí você se perde, então eu entendo que é fundamental. E pra o curso em si, para você ter as metas que você quer né, e se planejar para alcançar, então eu acho que esse trabalho é importante, da gente ir rastreando, levantar o que precisa ser feito né, o quê que precisa ser cumprido e o quê que pode melhorar e... e ir, porque se você vai só no fluxo do dia a dia muita coisa fica né, sem fazer, e eu acho que é a mesma coisa que acontece na sala de aula, se você não é... tem tudo planejado você vai seguindo ali uma sequência, mas é... que você não sabe se você vai atingir todos os objetivos até o final. Então é isso que eu acho, então por isso que é importante, mas eu também acho que ele é dinâmico assim, que ele pode... às vezes ele tem que ser atualizado no decorrer, sabe.

**[00:03:27] Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:03:42] Considero, é... eu acho que o planejamento institucional né, até... o quê que a instituição busca como um todo porque se você... se uma pessoa apenas faz... ele fica muito tendencioso né, porque às vezes não... ou a própria equipe que tá gerindo no momento a instituição, às vezes a política que ela quer não é o melhor para a instituição, eu acho que tem que ter uma participação geral, e eu acho que até uma dificuldade com esse trabalho depois de compilar isso né, de... de você chegar num final desses dados em comum, cê... realmente cê sintetizar de forma que cê atenda... eu acho que é bem complexo isso, mas pelo menos ter participação eu acho que é importante. Agora, é dentro de, eu acho que isso né, via institucional, na gestão, agora na sala de aula eu também acho... mas eu acho que na sala de aula você tem que ter... assim... já um plano mais... tem que ser mais objetiva no que você quer com os alunos, eu acho que eles po... devem opinar o quê que tá funcionando, o que não tá funcionando, mas, é..., e eu até gosto muito de fazer isso, às vezes altero alguma coisa desse planejamento junto com os alunos, eu já vejo uma avaliação que não vai funcionar e aí cê altera, e... acho que tem que ter essa participação, mas eu acho que você tem que já estar com... você tem que ter um plano assim que você vai né, pra apresentar para o aluno na sala de aula e não construir dentro com eles, por exemplo, o sistema de avaliação como vai ser do semestre, eu acho que você já tem que levar alguma proposta pelo menos né.

**[00:05:55] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:06:14] Eu acho que sim porque a modalidade integrada ela é diferente... assim... a gente vai ter o mesmo curso né, por exemplo, o curso de mineração a gente tem o subsequente, tem o concomitante externo, e tem o integrado, é... então no integrado eles estão fazendo o ensino médio e o que eu acho que é muito importante que às vezes é difícil, que acontece muito pouco, às vezes nem acontece é ter uma integração das áreas... é ter uma conversa na elaboração desses planos porque às vezes as matérias da formação básica podem direcionar certos assuntos para ajudar na formação técnica do aluno também, ou muitas vezes a formação técnica considera que aquilo não foi dado ou... e repete... então eu acho que podia ter um ganho sabe, de... e essa carga horária excedente podia ser direcionada pra prática, pra outras coisas, então isso eu acho que é uma coisa difícil que eu nunca consegui participar, do tempo que eu tô na instituição isso não acontece, a gente nunca sentou com todas as áreas, a

área da formação básica e da formação técnica para fazer um planejamento, até montar um PPC de um curso de forma que fosse... as disciplinas básicas fossem direcionadas para suprir né, talvez em alguns pontos tem uma ênfase maior para suprir ali a necessidade que o aluno vai ter na disciplina técnica, é... e nem o contrário, assim... da técnica né passar para a disciplina básica o quê que é a necessidade ou o quê que é dado para não ter essa... às vezes repetição de conteúdo, não sei.

**[00:08:14] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona? Os princípios da integração curricular foram considerados?**

[00:08:34] Já, eu já participei do... eu acho que é do último integrado eu participei sim, mas a gente fez essa discussão é... na área técnica, igual eu já tinha falado né, a gente não fez uma discussão junto com a área de ensino básico. As matérias básicas, ainda mais que a instituição é grande né, os núcleos por exemplo, matemática, tem um núcleo na instituição inteira e as disciplinas elas são integradas, o que eles chamam de... é... esqueci o termo... mas é... equivalente, esqueci agora o termo específico, mas aí o que eles... às vezes a matemática conversa entre si, mas todos os professores de matemática da instituição para chegar um currículo comum, e... e isso não... não tem a ver com se vai ter o curso mineração, de eletrônica, de mecânica, tem a ver com a formação básica. Então, não que não haja essa conversa, há, mas nas... dentro das áreas específicas, até porque a formação básica por estar dentro de uma instituição muito grande fica amarrada. Eu acho que... eu acho que não deveria ser assim, mas não tem autonomia na formação básica para mudar, por exemplo, formação básica da mineração ser diferente de edificações, e aí isso... e eu acho que nisso poderia ser melhor assim nesse né, nesse sentido que eu falei de talvez ter essa conversa das áreas básicas e técnicas pra... pra otimizar mesmo a formação do aluno né, de tempo, de qualidade.

**[00:10:16] Houve dificuldades para a realização desse processo?**

[00:10:45] É... então eu acho que tem também a questão da integração dos próprios... do corpo docente, fica muito subdividido nas áreas e aí talvez falta, é... tem essa... eu acho essa dificuldade, e aí nesse sentido talvez... não sei quem seria... a pedagogia ou a coordenação do curso, não sei, pra conseguir fazer isso né, de forma que juntasse todas as áreas para ter essa conversa, quem que seria a pessoa responsável por isso. Mas eu... eu acho que tem um distanciamento porque são... até o espaço físico é diferente né, e muitas vezes os professores não... não tem essa convivência, então isso também é uma dificuldade eu acho.

**[00:11:40] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:11:54] Só com os docentes da mesma área sim. Já, a gente já elaborou planos juntos, até projeto pedagógico, foi feito conversas do técnico, da graduação, você tá falando do integrado né, especificamente, mas é... mas não assim de uma forma... eu já participei nesse sentido, numa mesma área de conhecimento, não com áreas diferentes.

**[00:12:20] [Houve dificuldades no planejamento? Você considera que foi bem-sucedido?]**

[00:12:20] Sim, considero, porque às vezes você não tem né, uma visão... mais de um ponto de vista e aí melhora a qualidade do documento.

**[00:12:39] Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade?**

[00:13:18] Não, no momento que foi realizado não foi feito, nem depois que eu me lembre né.

**[00:13:25] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:13:40] É, pra mim o integrado ele visa assim... o objetivo é formar o aluno de uma... né... numa forma mais... é... completa, não sei se o termo ideal, não sei definir, mas de forma que tenha a formação do conhecimento, aprendizagem dos conhecimentos básicos e técnicos, e vai muito além eu acho, porque... pelo tempo né envolvido nisso, pelo envolvimento dos próprios alunos que eles ficam muito uma parte grande do tempo na escola, é... praticamente o dia todo, então tem que ser mais do que só o... o ensino ali, né. Talvez tenha que ter atividades de alguma atividade de integração entre os alunos, de lazer, de cultura, é importante ter preocupação com alimentação ao decorrer do dia porque muitos alunos não vão voltar para casa né, eles realmente ficam na escola. Então, é, eu acho que quando os alunos que participam desse ensino integrado eles têm um amadurecimento diferente, eles amadurecem muito porque eles acabam tendo que ter uma responsabilidade maior, que... é... eles têm um grande, um volume grande de atividade, de disciplinas, de coisas que eles precisam né fazer e administrar. Então a gente nota quando ele chega no primeiro ano até quando ele sai no terceiro ano, assim, tem um salto que realmente... não só de conhecimento, mas que eles conseguem amadurecer e a gente vê... é... uma vivência... eu acho que até na parte social, eu acho que então é um, um..., né, não tem que ter só para a instituição e os professores, e tudo tem que ter esse foco, que vai ser muito mais do que só uma formação ali né de conhecimento ou formar um técnico. E aí eu acho que além de formar um técnico, aí tem que formar um técnico bom com qualidade, mas também é... essa questão da formação do ser humano e até mesmo preparar eles para seguir né, porque muitos vão... vão seguir outras carreiras, vão fazer faculdade, então eu acho que é muito complexo.

**[00:16:29] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:16:40] Sim, eu acho que é isso né que eu falei anteriormente, eu acho que tem essa preocupação que eles acabam ficando mais tempo então por aqueles... naqueles três anos eles acabam ficando muito na escola e... e a convivência com os colegas, com os professores, com os profissionais vai acabar participando da formação do aluno de forma é... pessoal mesmo, não só né, de conhecimento, então, eu vejo que eles ficam... amadurecem mais, ficam mais preparados pra... até pro futuro, pro mercado de trabalho, pra própria carreira que eles querem seguir, e a gente nota isso porque os alunos que passam por essa experiência depois, quando a gente encontra na universidade, eles tem uma desenvoltura diferente dos demais que não fizeram o curso, principalmente o integrado, é... então eles se saem muito bem, eles já vem muito com muito mais base, com mais preparo, até para fazer trabalhos em grupo, para apresentar, para participar de eventos, eles... eles são mais preparados do que os que não passaram por isso, então eu acho que é muito importante.

**[00:18:04] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:18:20] Isso eu não sei, porque, é porque eu acho que aquele que eu te falei da questão de às vezes a gente não ter né, uma comunicação assim, às vezes reuniões para discutir entre as áreas, assim muito poucas que a gente sentou todo mundo, a área técnica e a área básica, pra discutir sobre como é que 'tá o aprendizado, então a gente ter essas conversas, então eu acho difícil porque você não sabe exatamente o que está acontecendo no ensino médio muitas vezes, eu sei um pouco mais do técnico, da área técnica, até porque né a gente tá ali, às vezes a gente conversa entre si, mas eu acho que falta um pouco isso, então eu não... nem sei de dimensionar isso. Mas, eu... eu vejo que algum... porque eu acho que depende muito né dos trabalhos que os... tem a questão dos profissionais da instituição em si e dos demais

profissionais, psicólogos, assistentes, pedagogia, mas também do quê que o professor “tá” fazendo na sala, né. Eu acho assim que, no geral, na grande maioria eu acho que a tendência é que seja mais crítica.

**[00:21:33] Você já cursou alguma formação pedagógica complementar? Algum direcionado à EPT ou EMI? Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:21:58] Não. Gostaria sim né, sempre é bom aprimorar apesar de que no momento eu não tenho trabalhado no ensino médio integrado, né. É que eu tô, eu estive depois que... depois de um tempo muito envolvido no curso de graduação, pra... ajudando na administração e no... e na organização do curso, e depois de dois anos para cá, agora estou, também abriu o curso de pós né, eu tô trabalhando muito no curso de pós-graduação, então é... aí acaba que cê não tá vivendo assim intensamente ali no ensino integrado né. Então, eu dei uma ou outra disciplina, dei disciplina até no ensino remoto para eles, eu gosto de trabalhar principalmente no integrado, eu acho que os alunos respondem é... aos estímulos, se você traz as coisas, eles realmente né, se você motiva, eles realmente fazem e rende muito, e cê consegue além muitas vezes do que cê queria, né, passar, ei você vem que eles desenvolvem, então eu gosto. Mas eu particularmente não tô, no momento atual, tão atuante, mas eu acho que eu gostaria sim.

## **ENTREVISTADO 07 – DIFG**

**[00:00:08] Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:16] Bom, é... o planejamento, ele... é... o significado é amplo né, e importante, ele tem é... uma importância grande é... porque a gente consegue preparar, antever é... algumas situações que corriqueiramente acontecem ou que... né, que já aconteceu algumas vezes, e... e a gente consegue, é... ter, é... meio que delineado, né, é... os caminhos por onde a gente vai andar; sabemos que em educação é... suas turmas em tempos diferente ou pessoas diferentes nunca vai caminhar do mesmo jeito, mas é importante pra gente já abrir o norte.

**[00:01:19] Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:01:28] É... sim né, eu acho que... é... construir um plano é... procurando os pares né, quando a gente tem essa possibilidade né, no caso de um PPC, isso é de suma importância porque você é... a gente é... oportuniza a vivência, a prática, de uma, da... da democracia né, de... do senso coletivo né, que é de suma importância para nossa sociedade a gente sabe que isso começa é... muito dentro da escola né, a escola acaba sendo um modelo pra sociedade né, do respeito à opiniões, das divergências, vendo diferente né, de lidar com essas situações; então eu acho que precisa sim ser compartilhado né; quando se fala por exemplo num plano de... de trabalho né, se eu tenho pares pra discutir, melhor ainda né; e... então eu acho que sim, precisa muito disso né, de ter esse compartilhamento sim.

**[00:02:46] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:03:41] Ah certamente né... principalmente é... a gente considerando cursos técnicos né, integrados, temos sim, né; é... por exemplo, na minha disciplina que é matemática né, é... existem algumas especificidades que você foca pra um curso e não para o outro, então é importante sim; tô falando da matemática mas eu acho que de modo geral né, em se tratando

de cursos integrados técnicos existem especificidades de cada curso, isso é muito claro né, um curso por exemplo, como nosso de edificações, um curso de eletrônica, né, tem as suas especificidades; no âmbito da formação geral né, ainda assim eu considero que exista também especificidades, talvez menos do que na formação técnica que precisam ser... planejadas sim né, precisam ser, é... pensadas né; e a gente tá vivendo um tempo agora, né, pandêmico, isso evidencia muito ainda, né, muito mais porquê... é... por exemplo, receber uma turma que vem... que traz os pré-requisitos em um modelo de aula presencial e receber uma turma traz pré-requisitos em um modelo remoto isso é muito diferente né; então existem né... pandemia não é algo recorrente na nossa história, né, aconteceu agora, mas ela evidencia... escancara essa situação, de que a gente precisa sempre é... abordar, né, o nosso planejamento pensando no aluno que está chegando, de onde vem, como chegou; talvez aí uma importância muito grande da gente sempre ter um histórico né, é... sobre as turmas que você recebeu, como recebeu, de repente uma sondagem diagnóstica no começo de trabalho para você ajustar esse planejamento né; eu acho que tem especificidade que precisa ser atendida sim.

**[00:06:00] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:06:13] Olha, não... eu não participei; né, eu tenho algumas referências recentes de mudanças, né, do PPC eu acho que do curso de mecânica, né, mas eu não participei porque outros colegas participaram né; estabelecem-se comissões, é..., e acabou que eu não estava nessas comissões, então eu não participei.

**[00:06:46] [Quais foram os motivos de não ter participado? Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?]**

[00:07:10] Ah sim, né, eu acho que o Cefet vem né, é..., elaborando, e renovando, e aprimorando, e a gente sabe que pelo histórico da nossa escola, né, é... uma escola que já tem 35 anos de existência, não é isso!? acho que é próximo disso... é... em formação técnica... eu acho que a experiência acumulada ao longo do tempo... ela é... fez com que os nossos PPCs caminhassem para isso, embora as renovações, as atualizações sejam necessárias, mas tem sempre... a gente tem visto sempre que o... esses objetivos, né, eles são para se adequar à realidade mas sempre visando o aprimoramento da formação técnica integrada.

**[00:08:08] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:08:29] Olha, é... num passado bem recente, assim... é... nós fizemos um... um trabalho, é... do planejamento da disciplina de matemática no contexto é... de todas as unidades do Cefet, né... essa foi uma experiência onde nós podemos discutir, né, conteúdos por séries, né, aonde que ia entrar o que não é conteúdo, é... antes, depois, né; essa foi uma das experiências que tive é... na elaboração de planos de trabalho e de planejamento é... em parceria, né, em conjunto; agora, aqui na unidade nós temos é... mais de que um professor para atuar nas disciplinas que... eu às vezes estou lecionando, né, e às vezes acontece, pra cursos diferentes... dois ou mais professores, e quando isso acontece o planejamento ele é feito, né, de forma participativa, né; o que a gente... a experiência que até hoje eu acho que não tivemos né, é... foi a participativa com aluno, não sei se isso... se né... seria uma boa ou se não... a gente nunca pensou... eu particularmente não me lembro do planejamento, né, é... nesta... com esse modelo né, de... com essa participação; o que já tivemos e temos, né, participando de colegiados de cursos, é a representação discente né, e... aonde em alguns momentos a gente planeja ou, né, discute algumas atividades e aí tem a participação dos alunos né, que é importante né, importante porque é... quando o discente é participativo no

colegiado né, ele emite a opinião dele, ele emite a opinião que representa a... a opinião dos alunos e isso é importante né... todos os elementos precisariam estar... ter representatividade na... na... é... no planejamento das atividades que são voltadas e que envolvem todas essas pessoas.

[00:11:04] **[Houve dificuldades no planejamento? Você considera que foi bem-sucedido?]**

[00:11:14] Olha, é... da minha experiência como docente, antes e depois do Cefet, eu acho que no Cefet as dificuldades são menores né, porque a gente, né, a nossa escola traz né, esse senso, esse sentido, é... participativo, democrático, é... de sempre ter que envolver todos né, de você não tomar a frente para fazer nada sozinho... mas, de uma experiência que trouxe antes do CEFET né, que... poderia dizer que tem mesma, até um pouco mais de tempo do que eu tenho no Cefet, é... eu via que era muito mais difícil fazer... primeiro porque nós éramos, eu era professor horista né, não tinha dedicação, então às vezes, a... o momento, a hora da minha dedicação não era a do outro professor, então isso era uma dificuldade; além do que às vezes né era delegada assim: “você vai fazer isso para mim, é... você vai elaborar isso aqui”... “ah, mas tem um outro professor”, “não ele vai fazer de outro” né... e aqui no Cefet a gente tem a oportunidade é... de conviver com os colegas né, com os pares e elaborar esses planejamentos de uma forma um conjunto né, mais participativa; além das figuras das chefias, dos coordenadores, que também sempre são envolvidos nisso, né, e são envolvidos no sentido de participar e não apenas de é... orientar, ou exigir, ou mandar né, que se cumpra uma tarefa né, participam também com um olhar, um olhar e com uma percepção de outras áreas que possam interferir também no nosso trabalho.

[00:13:26] **[Mas já pensou em elaborar? Na sua percepção, o que se coloca como obstáculo?]**

[00:13:58] Olha, é... eu... agora recentemente fiz um trabalho com os alunos do curso de edificações aonde propunha a eles, né, criar um teodolito, né, eram alunos do primeiro ano, e... e, esse trabalho visava a aplicação de conhecimentos adquiridos no primeiro ano, que era de trigonometria, mas que também é... eles já iam conhecer, né, uma ferramenta que eles iam usar numa disciplina do segundo ano, que é na disciplina de... é... me fugiu o nome... bom, mas numa disciplina técnica, né, aonde eles iam conhecer a ferramenta é... tecnológica né, já né produzidas em fins comerciais, em escala, mas eles teriam a oportunidade antes da construção de forma artesanal, usando objetos né comuns do dia a dia... tirava cópia de um de um é... transferidor, é... usava uma... uma é... vasilha de margarina né, é... uma régua né, então usando alguns instrumentos que eram corriqueiros eles criavam um protótipo artesanal de uma ferramenta que eles iam usar na disciplina de topografia, né; então de certa forma eu acredito que isso seja uma... uma atividade integrada né, até porque na ocasião eu conversei com o professor de topografia também, né, ele gostou da ideia, falou é uma... quando eles chegarem né, pra manusear eles já sabem os princípios elementares desse equipamento.

[00:15:56] **[Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?]**

[00:16:00] Bom, o ensino médio né, ele visa a formação ampla, geral do dos nossos jovens né; é... na forma, na modalidade integrada, onde você tem também a formação técnica, você permite a ele ter um... uma formação, um conhecimento né, um pouco mais... é um pouco mais profundo de uma determinada área né, e eu acho né, de suma importância da forma com que você faz né, que não desfoca do... da formação do ensino médio, e também, ao mesmo tempo, se ocupa de formar, de dar uma boa formação técnica pro aluno; então eu acho que é... essa condição ela é deveras importante né, bastante importante, né, na... pra nossa juventude, a ponto de... né, a gente ver em alguns países desenvolvidos, né, essa prática sendo executada é... com mais... até com um histórico maior né, a mais tempo, e com amplitude maior né; hoje a gente pega por exemplo a cidade de Araxá, nós temos o Cefet que

oferece essa modalidade integrada, e a gente não vai encontrar outra escola né com é... esse mesmo, essa mesma... enfoque né, a gente... sei que tem alguns projetos surgindo né, no próprio é... secretaria de educação do estado é... existem escolas que dão formação técnica mas é como se fosse o nosso concomitante né, estuda... faz o ensino médio em algum lugar e vem fazer o técnico aqui; então o integrado eu acho que seria um modelo ideal de escolas né, é... pra nossa sociedade mas infelizmente né o que a gente vê é que os investimentos necessários é... não chegam e às vezes né... o que percebemos é... é uma regressão no... nos investimentos né; agora a pouco a gente tá ouvindo falar de BNCC, novo ensino médio né, aonde é... ao invés de ter como foco o investimento na educação, fala-se é... em diminuir gastos com educação, vamos reformar para diminuir gastos né; mas enfim, eu... eu acredito sim e sou até muito feliz por estar no Cefet que é uma escola que permite, e a gente luta e vai continuar lutando pra permitir que permaneça esse modelo que... como eu falei muito importante na sociedade; temos visto por exemplo alunos egressos dos cursos integrados né, é... que profissionalmente estão bem colocados, muito felizes na profissão, buscaram até um curso superior na área né, e exaltam o tempo todo a importância de ter feito curso técnico, o quanto custa técnico auxilia na profissão, auxiliou na formação de um curso superior, né, é... e auxilia na atuação como profissional.

**[00:19:47] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:19:55] Ah sim, muito, muito mesmo né... tanto social... social e o outro... tanto social quanto político né... o social porque a gente né... oportuniza né... num momento, é... num momento inicial da formação, conhecer um pouco mais sobre as profissões, sobre aonde que elas estão inseridas né, quem são as pessoas envolvidas né, é... acaba abrangendo é... os níveis diferentes da nossa sociedade né, é... para além é lógico né, da formação mais humanística que os nossos cursos têm, por serem integrados né, é... aonde professores da área de humanas oportunizam discussões que vão... que abrange né, é... aspectos da nossa sociedade, mas também aspectos né das cadeias produtivas, né... das relações, é... das relações pessoais no âmbito profissional, de trabalho né; então eu vejo que também isso... nós estamos numa escola de excelência né... é... a gente vê que os nossos alunos saem daqui com uma percepção social, né, com uma vivência dentro da sociedade é... muito melhor, por exemplo, é... do que alunos que eu tive em escolas que não era integradas né, isso é muito claro para mim, quando eu comparo os egressos né... do ensino médio de uma escola tradicional com os egressos de... das nossas... da nossa escola hoje né, que é uma escola integral; e... também essa, né, viver dentro do Cefet também, é praticar e... é praticar a... o ser político que tem entre nós né, dentro de nós; e as nossas relações pessoais, a política é uma necessidade né, a gente precisa muito né, desde que a sociedade começou os seus primeiros passos no sentido de formação, a gente sabe da importância da política, a gente sabe é... o quanto precisa né, uma sociedade justa, honesta, correta, né, precisa do senso democrático; então... vejo que, também comparando né, é... com o que... escolas que eu vivi, vivenciei, que não eram integradas com escolas que são integradas, eu vejo quanto o ser político que sai de dentro da nossa da nossa escola né, ele é um ser mais preparado né para sociedade né, em vários aspectos né, principalmente como eu falei né, aprende a lidar com diferenças, aprende a lidar com o contraditório né, com o diferente né, com... enfim e... e... aprende a respeitar né, aprende que existe contraditório, existe o diferente né, então nesse sentido também, eu vejo que, é... fazendo assim, uma comparação né, eu vejo que a integra... os nossos cursos que são integrados é... oportuniza mais isso; agora é... também né no aspectos da formação né, aí vai entrar que nem eu falei, é... essas relações é... das disciplinas de caráter humanístico, as mesmas das funções da área de ciências, como biologia a gente vê o tempo todo, por exemplo,

né, a questão de o professor tá colocando relações ambientais né, no âmbito do... da formação técnica né, é... então isso, certamente, é algo que faz diferença na formação dessas pessoas.

**[00:24:21] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:24:37] Crítica né, eu acho que critica; é... bom critica porque né, como eu falei agora a pouco é... eu acho que as oportunidades né que são criadas é... ao longo da formação né, com o professor de biologia contrastando as questões ambientais com as questões da exploração né, que você pode e deve explorar com a consciência né... e devolvendo a natureza nas condições né que você encontrou antes da exploração né, é... na formação humanística a gente vê é... os professores discutindo, levando e trazendo discussões, é... oportunizando com projetos pesquisas né, com atividades de extensão, né, o confronto do saber técnico com as relações humanas, né, então isso certamente são oportunidades de você aprender é... é... aprender, né, a ter criticidade, né, em relação à sociedade em que vive; e... a gente pode falar dos professores das áreas de química, de física, de matemática, da educação física que tem um trabalho muito bacana, brilhante, de inserção também na sociedade, né, com muitos trabalhos de extensão né, onde é uma oportunidade do nosso aluno conviver com o ambiente externo à escola, trazendo para dentro da escola ou levando a nossa escola para dentro da sociedade para conhecer e vivenciar um pouco do que acontece fora dos muros; infelizmente a... é o modelo da maioria das nossas escolas tradicional né, que se fecha dentro dos seus muros e... ensina é... o que tem que ensinar, o que está num documento né, documento que quase sempre vem pronto... e siga, né; então, assim, é nesse aspecto né, voltando lá nas suas primeiras perguntas né, a gente vê o quanto que a escola, né, a nossa escola que é uma escola integrada, escola pública né, é... não sei se posso aferir é tão somente por ser integrada, por ser pública né, eu acho que tem muita a ver com a... as diretrizes dessa escola né, que é um Cefet, que é uma escola Centenária, é... permitir que a gente faça... não só permitir né, acaba exigindo mesmo, cobrando né, que a gente faça um planejamento né, tem os nossos planos participativos né, e eu tenho a liberdade de criar o meu plano de trabalho, fazer o meu planejamento né, ao contrário dos modelos de escolas tradicionais que a gente percebe que os planos né chegam quase todos prontos para que o profissional simplesmente execute, né, virou, né infelizmente, algumas... grande parte, não só algumas né, das escolas nossa, né, da nossa sociedade, virou modelo de continuísmo né, de simplesmente executar o que já vem determinado, e dentro disso... pra uma escola é muito ruim; e felizmente eu venho, eu tenho uma formação como professor né, a gente forma para ser professor, no meu caso no curso de licenciatura né, mas para além disso, a gente também se forma professor sendo professor; então essa formação na prática é... foi uma escola que é, né, privada assim, mas era uma escola que era uma cooperativa de pais né, de pais que criaram né, é... no começo foi um modelo até muito bacana, depois desvirtuou um pouquinho, mas o que eu achei mais essencial é que a direção da escola era uma pessoa com muita vivência, muito conhecimento de escola pública, né, e ela, ao longo do tempo que eu trabalhei com ela eu aprendi muito sobre a importância né de você, dentro da escola, ter... é oportunizar as... as diversidades né, todos participarem né, uma escola mais participativa né, então eu até acho que... a gente tinha assim né, um modelo um pouquinho diferente por ser uma escola privada, é... de... do que seria esse modelo tradicional, né, não chegava a ser tão crítica e tão participativa como eu vejo hoje, mas também tava longe de ser um modelo de escola privada; e infelizmente hoje eu fico vendo, por exemplo, a gente tá numa discussão mais profunda sobre a BNCC né, estamos em tempos de escolha, de aderir, não aderir, o que vamos fazer, quer dizer, pra conhecer né, e a gente fica percebendo que a BNCC é... ela, ao mesmo tempo que ela parece que vai oportunizar que a escola seja diferente, que a escola possa oferecer ao aluno ou à sociedade aquilo que interessa né, mas por trás a gente vê que existem amarras aonde é... determinadas

cabeças podem definir os rumos de uma escola né, e não a coletividade, e não a sociedade, é quem deveria sempre ditar os rumos na escola.

[00:30:48] **Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:31:50] Sim, sim.

## ENTREVISTADO 08 – D2FG

[00:01:40] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:01:58] Então é... eu trabalho é... com a docência há muitos anos né, eu comecei dar aula aos 18, então eu já tenho 47, lá se vai né, mas... eu não trabalho é... ininterruptamente não, eu parei muito tempo para estudar, pra... é... buscar mais informação, então eu tenho experiência é... no campo da formação, é, a único... a única aula... eu nunca dei aula para prezinho, o resto todas as turmas e todas as aulas, e aí é... no mai... no entardecer vamos dizer assim, da minha formação, é que eu fui descobrir a... ensino médio integrado, eu nunca tinha trabalhado, então assim, tem muito pouco tempo. Tem... na verdade tem uns 4, 5 anos né, mas é... como eu já tenho uma formação é... na área de educação, é... a organização do conhecimento, ela é... eu entendo né, como uma... situação essencial. Aí porque né, porque quando você organiza o seu campo de conhecimento para a finalidade de ensino, é... você tem a possibilidade de é... estabelecer não só as relações pedagógicas que são necessárias na atuação da docência, mas você pode é... estabelecer uma relação é... de estratégia né, de processo de ensino aprendizagem, então o que, que acontece quando você organiza esse ensino, você observa se o estudante aprendeu ou não, se você... se ele conseguiu alcançar a... às... a... às suas pretensões em relação ao conteúdo, se é... se você conseguiu desenvolver o currículo que é pretendido é... que... né, o currículo pretendido no planejamento né, então assim, vou fazer um parêntese aqui, um exemplo que eu vou te dar, uma aluna nossa foi fazer vestibular na UFU e aí ela falou assim: “olha eu lembrei de mais de você”... porque caiu uma questão aberta e olha que é filosofia, então assim, filosofia se você quiser você pode abrir o leque a tal ponto que você esquece da filosofia faz qualquer outra coisa menos ela, então é... eu trabalhei um conteúdo que numa prova, é... dentro desse conteúdo é... existe um nível de exigência maior, e eu puxei sabe, foi um conteúdo é... de Aristóteles, e aí quando eu faço isso né, ao fazer isso eu... é óbvio que... que está no currículo, está no projeto de curso, mas também é... existe ali uma pretensão em se tentar é... amparar o estudante nos processos seletivos, pelos quais ele vai passar, e ao mesmo tempo tentar levar né, fazê-lo entender que a... a formação dele é... mais adiante, vai repercutir aquela... aquela formação de alguma maneira vai repercutir na vida dele, então eu por exemplo, quando eu plane... a... quando eu foco é... o planejamento no... no meu caso assim que eu... da disciplina de filosofia, eu tento focar muito na aprendizagem científica também, sabe, é... uma aprendizagem de ética, política, mas também né, de... de crítica, política, mas também de crítica e de aprendizagem científica, sem essa... então eu se...i isso... isso implica você saber o que você está fazendo, sabe, é... e não só para processos seletivos, mas porque você sabe que você tá educando um estudante futuro pesquisador, é porque você tá educando estudante que... não é só um... né... um mero... um profissional que não vai refletir sobre a sua atuação, é... essa que é a preocupação que eu tenho, esse profissional né, por exemplo quando você está é... trabalhando, isso no ensino médio, é... se ele recebe formação técnica, em cima da formação técnica que ele tá recebendo, e você é... trabalha um conteúdo por exemplo que é... que é quase que invisível na formação técnica que é filosofia, você precisa mostrar para ele, “olha,

esse conteúdo, que é da filosofia, que é de humanas, é... ele repercute de alguma forma na sua formação técnica”, aí quando? e como? Quando eu aprendo sobre método né, aí o estudante, ele vai entender, é... ou quando eu ensino sobre método, quando eu falo sobre a linguagem, quando eu explico o quê que é teoria, eu não né, eu acho que o... você não é professora, então assim você não sabe, os meninos chegam na escola com alguns conceitos absurdamente deturpados, pra eles teoria é sinônimo de mentira, pode fazer essa pesquisa, e aí a gente fa... porquê... porque o pessoal fala muito assim tese, na teoria, e aí isso é altamente filosófico, porquê?... porque em tese, e na teoria significa o seguinte, que do ponto de vista ideal, sabe, e não do ponto de vista da prática, é... as coisas são assim, mas na hora de fazer as coisas podem resul...ter resultados diferentes. A mesma coisa a natureza do planejamento né, do ponto de vista ideal eu posso planejar é... o ensino, mas esse ensino, ele tem que ser compreendido dentro de uma noção de elasticidade né, é... vai depender da característica da turma, vai depender do estudante que eu estou recebendo, mas como é filosofia, a maior parte das vezes a gente tem uma... uma resposta muito boa, mas a gente sabe que, é... por exemplo, eu procuro dentro do meu planejamento, é... planejar instrumentos de avaliação diver... diversificado, sempre, é... então se eu dou uma prova objetiva, a próxima vai ser dissertativa, a próxima vai ser um trabalho em grupo, porque eu quero ver como que é a natureza da discussão em equipe, a próxima vai ser um debate, em que eles têm que expor a opinião deles e formular ali dentro de... de uma perspectiva, o que ele pensa sobre o assunto, então ali ele vai aprender que a relação entre certo e errado, é... depende, então eu trabalho com ele o pensamento dialético nesse sentido, porque no pensamento dialético a questão de certo e errado é diluída né, então eu experimento com eles também é... essa possibilidade. Então são ferramentas do planejamento que eu acho que podem contribuir com a construção do conhecimento, é... pra ele, é... são ferramentas de avaliação diversificadas, eu acho que é uma, a outra que eu acho que... é... que interfere né, bastante, é que eu nunca tô preocupada com a quantidade de conteúdo que tem no currículo, então eu trabalho muito devagar é... é são... até porque é... na minha área se você quiser, cê pode ficar preso no conteúdo ali o ano inteiro, mas eu não tenho essa cobrança, eu não sinto essa cobrança sabe, você não deu isso, você não deu aquilo, porquê? porque é... tá vendo, é diferente, se eu fosse professora de língua portuguesa e depois tem um professor de literatura que vai reivindicar determinadas aprendizagens... é comigo não tem isso, então eu tenho tempo para trabalhar, e aí eu acho que isso é... me ajuda nesse processo de pensar um... um planejamento assim é... de pensar uma aprendizagem mais elástica sabe, e que ele pode ter tempo de aprender, que ele né, e que eles têm também determinados... determinadas é... diferenças né, eu gosto de... como eu vario muito a avaliação, eu gosto de... é... dar chance para todo mundo, então é... muito comum nas minhas observações, é muito comum que numa prova objetiva a maior parte, a maioria dos alunos se dá bem, e não é porque está colando, porque eu estou ali na sala, eu estou vendo, eu não tô morta, é porque... porque quando você dá prova objetiva, você está cobrando entendimento, e quando você dá prova dissertativa, você está cobrando muito mais do que entendimento, tá, e aí o... os alunos da dissertativa são sempre os melhores alunos, os que desenvolvem muito bem, então você tem que dar chance pra todo mundo né, porque a gente sabe que a turma não é homogênea. Então é isso, não sei se eu respondi não.

[00:11:56] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:12:07] Considero...é... a natureza da escola, é uma natureza colegiada, sobretudo a... a escola é... pública e sobretudo a escola pública federal, nada nosso é... assim apesar de lá na lei existir muito na vontade da administração né, esses termos, é... para o... a carreira docente, no caso de decisões, por exemplo no momento agora a CGRAD precisa fazer é... ela precisa regulamentar uma... diretriz, que é a diretriz de 024... pra isso eles estabelecem

comissões, “o quê que é a CGRAD?” A própria CGRAD é um conselho, dentro do conselho estabelece-se comi... comissões, se a comissão se sentir incapaz, ela estabelece uma subcomissão, então tudo é muito decidido de forma coletiva. É... no ensino médio técnico integrado a mesma coisa né, é... tudo decidido de maneira muito coletiva, por exemplo nós vamos... nós temos uma semana de avaliação, “vamos exterminar essa semana ou vou manter?” É... é tudo é... o... o próprio conselho de classe né, o conselho de classe é uma decisão, ali é o seguinte, os professores apresentam é... falam sobre a participação do estudante da sua disciplina, ele é realizado 4 vezes ao ano, e ao longo dessas reuniões, o professor, ele deixa transparecer, como que é a aula dele, se é participativa se não é, então se ele tem instrumentos muito é... construtores né, do... estudante, vai... vai aparecer sabe, é... por outro lado, é no conselho que você... que as pessoas percebem o quanto você conhece do estudante, o quanto você sabe desse aluno. Então na natureza dialógica da minha disciplina por exemplo, os alunos falam sobre si, sabe, e falam muito, isso é ótimo para mim, porquê? porque quando eu estou dando aula, eu sei de quem eu estou falando, e olha que são assim 45, 50 estudantes por turma né, então passou uma aluna nossas agora... nossa na UFU, e todo mundo batendo palma, eu falei olha, vocês sabiam que essa menina, ela me falou que ela é a única menina da família, a única é... pessoa da família ao ter é... que conseguiu chegar ao ensino médio, é uma menina da mineração, e agora ela vai chegar no ensino superior, então ela não falou comigo porque eu sou amiguinha dela, porque eu vou pro boteco, que eu passo a mão na cabeça não, ela falou comigo porque num debate sobre ética da sala de aula ela... ela escolheu um tema e ao sobre desigualdade social, e ao falar sobre desigualdade social, ela se colocou, então eu... eu conheço isso, ela falou isso, é... por essa razão. Então quando cê vai num conselho, você discute é... de maneira colegiada, e ali você decide junto com o professor de ciências biológicas, junto com o professor de matemática, junto com o professor de física, se esse estudante vai ser reprovado ou não, então é uma dinâmica participativa, querendo ou não, tem muita gente que fala que ele tem pouco efeito, muito pelo contrário, eu acho que ele tem muito efeito, porque de alguma forma ou de outra, ele tem que fazer o professor ficar ligado no contexto escolar e na participação. Outra coisa que é participativa né, eu acho que o... o projeto de curso, né, ele tem que ser participativo, porque, não só por causa das diretrizes né, que o orientam, mas porque existe ali uma dinâmica e interinstitucional então dentro da... do Cefet a gente tem eu acho que 9 instituições, então todo mundo tem que conversar sabe, para poder decidir, olha “você da filosofia lá de Curvelo, você de Varginha, de Nepomuceno, de Belo Horizonte”, até convergir num único PPC, cê entende?... então o que, que é essencial eu ensinar? e... isso tem que acontecer porque o Cefet concursa professor de filosofia e sociologia como se fosse a mesma coisa, e são campos diferentes, são campos de conhecimento totalmente diferentes, só pra você ter uma ideia, a sociologia, ela é material, ela é prática, ela usa ferramentas como estatística, ela analisa a realidade, a filosofia não, ela é conceitual, ela é leitura, ela é texto, é linguagem, ela é linguística, né, o único campo dela que é prática é a ética né. Então tudo nosso é participativo... é bom? Não... e... é gostoso? Não... por quê? Porque demora muito chegar num consenso né, o PPI agora por exemplo, a gente fez... o pessoal montou comissões, a comissão de Araxá fez políticas de ensino, política institucional, políticas de pesquisa e de extensão, nós... aí... eu tenho um colega que até brincou né, “nossa, e a gente achou que tinha acabado” ... o quê que aconteceu? A gente enviou resumão né, para os coordenadores, aí os coordenadores devolveram e falaram assim: “agora vocês vão fazer uma comissão por políticas”, então agora nós vamos ter que conversar com todo mundo de todas a... entende? Então o Cefet, ele é muito conselho muito colegiado, portanto ele é muito participativo, e isso é muito bom, isso é excelente. Não tem nada mais democrático que isso, a não ser né, quer dizer, de vez em quando chega uns querendo que a gente obedeça muito a hierarquia, toda apelo à hierarquia é menos democrático, né, então é... nesse sentido, eu acho que é participativo. Lá na sala de aula não. É... “não” que eu falo

assim, a gente já chega com um currículo, com conteúdo predeterminado, mas na medida do possível eu negócio sabe, muitas vezes a gente tem colegas aqui que gostam de trabalhar com autoavaliação sabe, é uma ferramenta boa pra você chamar o aluno para participação, é... sua própria participação, na sua própria formação, na sua reflexão daquilo ali, é... agora eles conseguem... é... eles ajudam a decidir é... a sobre avaliação, no inst... tanto que no ensino remoto essa experiência... essa experiência, esse ensino tá sendo um terremoto na verdade para a gente, porque ela destruiu essa relação, sabe, o relacionamento é muito... é muito... e... é muito interessante pelo seguinte, no meu caso né, eles não gostam muito do conteúdo, eles gostam mais da relação, então é muito afetivo, e aí é de onde você chama o menino pra você. Então assim é... tão... essa relação de participação, é... ela é... ela depende do outro também né, Jamila, se o outro quiser... Ano passado aconteceu um caso, com o menino que foi o seguinte, é... tem um documentário, documentário chamado lixo extraordinário, e nesse documentário que é um artista renomado que vai pra um lixão e que faz um trabalho educativo com aqueles catadores, e... a partir do que eles catam, ele consegue desenvolver uma obra de arte, e não eu... não ele sozinho, os catadores também desenvolvem, então tem toda uma dinâmica de redescoberta, o menino.... eu pedi a atividade, o documentário tem 1 hora e meia, e pedi a reflexão do filósofo, que é o Hegel, e... eu estava trabalhando Hegel e Marx, eu falei assim, o Marx é mais fácil de associar, mas o Hegel não, então por isso que eu for... eu forço mais para o Hegel, o menino ficou encantado, sabe assim, ele... ele prestou um depoimento foi uma coisa assim, mais interessante que eu já ouvi em termos de aluno, sabe, ele falou assim olha eu... eu achei que eu ia perder 1 hora e meia da minha vida, eu achei que aquilo não tivesse nenhuma relevância, mas eu estou absolutamente encantado com o que eu consegui ver, sabe, a parte... e eu consegui não só professora ver, eu conseguia associar, e... isso é um aluno em 200, sabe, então a participação portanto, é uma... ela estabelece dentro... inclusive é hegeliano isso aí, uma relação dialética, você pra falar de participação, você pode até tentar fazer uma aula participativa, mas se quem estiver ali não estiver envolvido não adianta, né, é... e... eu acho que é isso que é a participação, tanto que muitas vezes você dá uma aula, ninguém fala nada, 3 meses depois alguém vem e aquilo repercute na cabeça dele, e aí ele vira para você e fala... então participar tem né, inúmeras conotações, então eu tentei dar pra vocês esse retrato, que é politicamente o Cefet é um... uma instância colegiada muito forte, com muitos conselhos, CGRAD, é... o conselho de pesquisa e extensão, o CEPE né, tudo é decidido de maneira colegiada, embora haja tentativas é... de fazer com que isso seja reduzido, né. E a dinâmica de participação, ela depende muito do envolvimento dos sujeitos que estão ali, mas assim, eu acho que é participativo. Muito.

**[00:23:30] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:23:51] Ah... eu acho que em um dos critérios que precisa ser considerado é... no caso do integrado mesmo você deu ênfase aí, é... ele não acontece de maneira integrada, ele deveria acontecer, tá, então eu vou te dar um exemplo né, um exemplo árduo, talvez você nunca tenha ouvido falar nem o seu professor mas, por exemplo, o Kant é um filósofo que... nos ensina que nós pensamos ciência de uma maneira absolutamente idealizada, o conhecimento pra ele é ideal, entendeu? Então ele fala assim, e aí ele... ele reduz o conhecimento ao campo da linguagem, porquê? porque ele fala assim: “olha, quando você diz isso é um quadrado”, isso... isso para mim, kant, que estou te ensinando essa filosofia, é um juízo analítico, então todo mundo tem juízo analítico, mas aí quando você diz assim, esse... o quadrado tem 4 lados e com um quadrado eu posso fazer uma pirâmide, ele... aí você já tem um juízo sintético, que significa uma relação entre o sujeito e predicado, cê está vendo aí que já... já tem língua portuguesa. Aí o menino, ele é aluno da mecânica, ele tem aula de desenho, ele poderia muito

bem associar, eu poderia muito bem me associar ao professor de desenho para fazer uma prova para ele de filosofia, ele poderia entender que na minha aula de filosofia, os alunos estão aprendendo a natureza conceitual do desenho, porque o desenho em última instância não precisaria existir, se não houvesse as péssimas... as peças mecânicas que dependem do desenho. Outro professor que você pode chamar para discutir a peça mecânica, é o professor de física, porque ali tem uma relação de... de torque, de forças, que na experiência da peça ele vai ter que analisar, e isso vai, isso não cabe no desenho, mas cabe na análise daquela peça. E um outro professor que a gente pode convidar, é o professor de química, porque ali tem a química dos materiais, dependendo da quantidade de material que ele agrega àquela peça, a peça vai se quebrar, ou dependendo do calor ele aplicar, então eu tenho aí química, física, matemática, porque ele precisa determinar relações matemáticas para que a peça dê certo, isso é possível interdisciplinaridade, Jamila. E é isso que eu chamo de ensino integrado, mas ele não acontece, tá. Eu já dei prova, eu... eu ensinando Kant, eu peguei placas para os meninos de eletrônica, eu falei “você aprendem na placa direto?” Não, a gente vê um desenho primeiro. Falei “tá vendo, então você tem que primeiro, um juízo a priori, de como vai acontecer a placa”, aí eles falaram assim: “aí depois eles vão fazer a placa”... eu falei: “ah, outra coisa, um mapa de curva de nível, o mapa nasce pronto?” Você pega um conjunto de medidas de uma área, leva e faz o mapa, com esse mapa você tem uma interpretação sintética. Por que ela é sintética? Porque você trouxe das... ela é sintética porque você trouxe do campo, mas ela é sintética porque você trouxe do campo e você trouxe também a matemática para fazer o mapa, então você tem um mapa de curvas. Aí vão para edificações, você tem a planta da casa, a mesma coisa que é a relação com desenho que você só tem o juízo, então é... só que o meu professor quando ele ensinava Kant é... obviamente ele ia rir de mim, porque isso é reduzir a filosofia, mas a natureza didática do ensino exige que você faça isso, você precisa mostrar pro aluno por que que é que você está fazendo aquela discussão, porque no final das contas tudo é reduzido à linguagem. Você tá fazendo entrevista aqui comigo, você tá ouvindo, mas se você... você fosse falar sobre as suas entrevistas, né, você ia chegar lá e falar assim: “olha eu ouvi fulano, ouvi ciclano e tal”, não, você vai fazer uma síntese... a... a sua síntese, o que que faz a sua síntese ser validada, o método científico, e... a... a teoria estudada, e a autoridade do seu orientador, tudo isso é o que valida o que você vai fazer para o mundo, e falar “óh, agora ela é mestre”, mais a autoridade da banca, você entende? Então quando você vai fazer isso, é que você tá fazendo, entendendo, de fato, a natureza integrada do conhecimento, né. Mas aí, a gente tem o ensino médio, né, os PPCs são... na verdade, um frankenstein, porque ele junta uma quantidade enorme de... inclusive eles é... do Cefet teve até uma revolução interessante agora porque eles começaram a falar assim: “não precisa de plano de ensino não, precisa mandar não, manda só um plano didático”, por quê? Porque o plano de ensino é tudo igual... a... bibliografia não pode ser modificada, porque, em função das avaliações dos cursos, né, então a gente manda o plano didático para mostrar como que a gente vai trabalhar ponto por ponto no caso da graduação. No caso é... do ensino médio, a gente posta lá o plano de curso, inclusive tem uma confusão na... no campo da linguagem né, no Cefet, porque plano didático, plano de ensino, plano de curso, PPC, PPI, e... e... o... professor chega... chega completamente perdido, né. Na graduação, na pós-graduação a gente chama isso de programa de disciplina, né, quando vem pro Cefet a gente chama de plano de ensino, e ainda tem um plano didático, você... você entende? Então a natureza integrada, ela é diluída, e muitas vezes ela fica por conta de um louco que fica tentando se esforçar para encaixar tudo isso aí, né, uma... como é o meu caso, às vezes eu... eu fico chamando para o discurso, para as minhas aulas, é... alguma coisa que se encaixe no... no perfil daquele profissional ali, porque, daquele futuro profissional, porque eu sei que é difícil né, tanto nível de abstração. Então é isso, eu acho que a integração de fato ela não existe, até porque nós temos um baixíssimo nível de relacionamento né, eu acho que passa um pouco pela configuração social da nossa profissão,

da nossa lotação e da nossa formação, nós fomos formados separados, quando chega aqui e pede pra gente ficar junto, mas a gente não fala a mesma língua, então, a gente não fala a mesma língua, e... a... os preconceitos constituídos nas instâncias anteriores que são aqueles relacionados aos nossos campos de conhecimento, eles se repetem no nosso campo de trabalho, então ciências humanas, vale menos do que matemática para os engenheiros, ciências humanas vale menos do que física, do que matemática, do que química, do que... e aí dentro da prova ciências humanas tem a ciências humanas que vale menos ainda, entende? Porque nunca perdeu o lugar no currículo. Currículo nunca teve filosofia, passou a ter a partir de 2008, né, e agora eles tão tirando de novo, entendeu? Sociologia né, e aí quem... quem entende a natureza integrada do conhecimento é o professor de linguagem, de redação, porque ele vai... e aí o... talvez né, um pouco professor é... do campo profissional não entenda por causa da... ele repercute a formação dele, sabe, a identidade que ele tem de informação... informação é separada, é outra, é segmentada né, é isso.

**[00:33:04] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:33:18] Não, não... eu só identifiquei é... um problema inclusive, porque quando você faz seu trabalho, você identifica mesmo né, então, por exemplo, tinha PPCs dos primeiros anos, tem um PPC que termina com conteúdo, e um outro PPC que termina com outro conteúdo, isso é... uma... questão que a pedagoga inclusive falou que anotou lá, sabe, não sei se é divergência por data, eu sei que... porque quando você chega, você reivindica para PPC para poder fazer os planos de... de ensino, plano de didática para poder entregar né, mas eu não participei. E... e por não ter participado inclusive, a gente tem muita crítica né, e aí tem as brigas né, é porque quanto você é... aí você tem muitas críticas à bibliografia, tá.

**[00:34:20] Quais foram os motivos de não ter participado?**

[00:34:25] Porque eu não estava trabalhando aqui, é... um motivo é... porque eu não dava aula no Cefet ainda. Eu... eu construí PPCs para outros cursos, de outra instituição, mas você está estudando é o Cefet né? Então não.

**[00:34:42] Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?**

[00:34:54] Eu... eu acho que o modo como é executado não converte para a formação integral, mas os objetivos, tal e qual eles são é... delineados, sim, mas é... é... sim não, aí eu vou te dar trabalho porque é o seguinte, é... sim, no sentido de que é... todos... todas as ementas que estão descritas, os... os... para os projetos de ensino que estão lá né, os... as propostas de ensino, elas têm seus objetivos bem estabelecidos, ok? Mas, dentro a dinâmica do... do que falta no Cefet pra uma formação integral por exemplo, não existe uma abordagem é... de gênero, não existe uma abordagem contra é... o racismo, não existe uma abordagem em relação à diversidade, mais evidente, mais clara, mais esclarecida, ela até existe nos contextos mais internos, assim de... por exemplo, trabalhar a educação africana, sim... história da África, mas aí você não tem isso é... e... na minha opinião formar integralmente o indivíduo tem a ver com isso né, então é... você vai formar um profissional preconceituoso, você vai formar um...uma menina no ensino médio da mineração que não tem a menor consciência de que o campo dela é machista, entendeu? Então nesse ponto de vista não, não tem integração não, acho que atende de jeito nenhum.

**[00:36:42] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:00:00] Ah... já uai, aí sim a gente é... o que acontece, aí não é aula, aí são as questões de extensão, então por exemplo, no... a gente desenvolve desde 2020 um programa... programa

é um conjunto de ações que envolvem projeto, evento, curso, é... e nesse programa ... sobre gênero, e aí nesse programa a gente desenvolveu ao longo do ano de 2020 e agora 2021 é... oficinas, inúmeras oficinas é... que abordam as relações de gênero, de racismo, representatividade... a gente trabalhou com a psicóloga, pedagoga, a gente... tá, isso no âmbito do programa, então para trabalhar com a representatividade da mulher negra, da escritora, é... da mulher é... propriamente dita, conceituando o quê que é feminismo é... o que, que é corpo, isso envolvendo professor de educação física, da língua portuguesa, da literatura é... pedagogo, psicólogo, enfim, foi um... uma comunhão de pessoas que participou dessas ações de extensão. Agora um projeto de ensino específico nós trabalhamos em julho de 2020, junho e julho, quando surgiu aquela oportunidade, quando é... o país não sabia o que fazia, com os meninos do ensino remoto, e não exist... existia o ensino remoto ainda, aí a gente desenvolveu uma... um projeto de ensino, fui eu, as professoras de ciências biológicas, a psicóloga, e um professor de física, sobre a... a aprendizagem, é... durante a... aprendizagem científica né, o contexto da pandemia, assim, o contexto social, filosófico e científico da pandemia, é... isso até resultou na publicação que vai sair no ano que vem, sabe, porque teve uma perspectiva integrada e interdisciplinar, e muito participativa, sem avaliação, sabe, os meninos participavam, falavam, produziram os seus materiais, mas... falaram de si mesmos, de como que estavam se sentindo, qual que era o impacto do ensino remoto na vida deles, mas também falaram de conteúdos, o quê que era vacina, porque ainda estava tudo muito no início, sabe, esse foi um projeto integrado. Um outro integrado que a gente faz também, é o projeto de... é... arte e cultura é... que a gente desenvolve é... nem sempre dá para você abordar todos os conteúdos na sua disciplina, então você desenvolve alguns conteúdos relacionados à literatura, filme, artes, no caso da filosofia eu trabalhei com algumas oficinas relacionadas à mitologia, por quê? Porque ensino remoto cortou né, carga horária, então eu trabalho mitologia normalmente, mas como agora não teve, eu dei como se fosse oficinas, e os meninos contam mito, participam e tal; então, isso é integrado com o professor de artes que participa da... do projeto, a professora de literatura que participa do projeto, de redação, mas é sempre assim, artes linguagem, literatura, nunca física, matemática, cê entende? A natureza fragmentada ainda permanece. Sabe. Não é 100% integral não.

[00:40:48] **Houve dificuldades no planejamento?**

[00:41:08] Sim é... a dificuldade pra integração... primeiro né, é que o campo de conhecimento tem suas limitações, então assim, eu sou limitada em relação ao campo de conhecimento, o outro é... é limitado em relação ao meu campo de conhecimento, as... é... no caso desses projetos aí, as dificuldades... houve uma dificuldade maior com o professor de física, sabe, é... mas é... ciências biológicas já foi mais fácil de trabalhar, porque... porque eu estava trabalhando aprendizagem científica, psicologia também foi mais fácil de trabalhar, é... agora, eu acho que existe né, é natural né, é um desconhecimento, por exemplo, filosofia, muitos de nossos colegas nunca passaram a informação de filosofia, o máximo que eles sabem, quem é Mario Sergio Cortella, quando vem aqui na Fli, é... então não sabe, é... nós fizemos um seminários aqui de nossos integradores aqui para poder falar um pouco do campo de trabalho sobre um do outro, sabe, só que teve campo de trabalho que tirou foto do livro didático e falou “eu trabalho com isso, isso, e isso”, você entende? Então ele não tem uma preocupação com a formação do outro, não tem preocupação com o... geral... então tem... eu acho que é muito difícil, é... a gente... a gente tem. Eu vou te contar uma específico so... é... sobre o ensino integrado. No dia que a escola recebe as escolas públicas meu coordenador perguntou se eu poderia participar, e... eu fui num laboratório, e... o professor estava falando, e... quando o professor estava falando, eu fui dar um exemplo de como aquele conteúdo que ele estava tentando ensinar, tava explicando, como que é interdisciplinar, porque comigo eles aprenderiam aquilo ali na aula de filosofia, o professor me mandou calar a boca, e... falou... esse é o Cefet educadíssimo, e... que quando fosse o momento, se houvesse, eu poderia falar,

mas que ali não era um momento, porque existe uma briga interna no Cefet, de que os meninos que... que re... se reflete no fato dos meninos não se reconhecerem daquele campo profissional, não gostarem daquilo, e gostarem de fazer a formação geral, porque é uma formação boa, considerada uma formação é... de qualidade, por causa da quantidade de números de meninos que a gente consegue por exemplo, né, encaminhar para o curso superior, então é uma briga diária. Então nesse dia o professor me ofendeu, então pra você ver a dificuldade da natureza dialógica da nossa profissão, e... e dessa integração, que de fato acho que você deve discutir na sua dissertação, se de fato existe um integrado. Não... não na maior parte das vezes eu... eu gostaria muito de dizer que sim, de fazer aqui uma construção idílica né, ideal, mas não existe, ela pode existir, mas pela nossa dificuldade em dialogar, pela dificuldade é... em relação é... há um campo e outro, uma dificuldade que é imposta sobretudo pela certificação, eu sou doutor nesse assunto né, então quem é você para falar comigo? Você entende? Então a... a nossa certificação enclausura uns aos outros, né, então existe muita dificuldade de professor que vai... revisar seu próprio conhecimento, vai se ver com um ignorante né, como o Sócrates pede para que a gente se veja, faça esse exercício né, hoje mesmo eu fiz um, é... o professor estava falando sobre a China, sabe, e falando da literatura como que é produzido na China, enquanto os estudiosos chineses, então eu falei, “gente tá vendo tanto que a gente ignorante, a gente não sabe”. Mas é... aí a gente constrói uma escola e chega de doutor, de mestre, e parece ali que todo mundo é sábio, mas dentre os sábios a gente tem as maiores expressões da ignorância, sabe, muitas vezes no nosso meio. O sucesso vestibular nem sempre é um sucesso nosso também não, Jamila, o sucesso no vestibular muitas vezes reflete a falta de revisão desse processo seletivo, e aí a gente só está respondendo a um processo seletivo que não recebe muita revisão, só respondendo bem, não quer dizer que é sinal de qualidade não. Sinal de qualidade é o cara chegar, ele vai exercer a profissão dele, ele se entender como um sujeito crítico, social, com formação política, com capacidade de se colocar no lugar do outro, com alguma expressão humanista, né, os meninos pedem muito isso da gente, mas eles saem muito sem essa formação, porque a gente ensina eles com a... quanto tempo tem, que a gente é... faz olimpíada do conhecimento aqui na escola, esses é que são os bons, mas escola é para massa, escola é para todo, né, escola você tem que ir... escola cê tem que gerenciar a escola pra ter um resultado de 80% à 90%, então não interessa se... é por isso que eu não gosto concurso de miss, entendeu? Porque coloca a mulher mais bonita do mundo, o homem mais inteligente do mundo, indivíduos não constrói nada, e... o profissional ele não é um indivíduo, ele é um sujeito inserido numa comunidade, então ele precisa entender que dentro dessa comunidade existem impactos políticos na sua formação, a sua formação, ela é dita integrada? Não, ela é... é conjunta, é reunida, né, vai integrar mesmo, fazer parte, é... a palavra certa chama açambarcar, que é uma, né, interferir na outra, isso não tem não, muito pouco.

[00:48:18] **Você considera que foi bem-sucedido?**

[00:48:30] Sim e não, é... os projetos, eles têm boas... uma boa repercussão, eles foram bem-sucedidos no sentido de que é... tem hora que eu penso assim que mais importante do que o aluno que reclama que... que sofreu assédio é o aluno que começa a entender a natureza do impacto da desigualdade sobre... sobre ela, sabe, ela fala: “ah... aquilo era assédio, ah... nossa agora que eu vi”. Tem uma aluna que falou assim: “eu nunca pensei dessa forma, mas é agora que eu estou vendo”, então eles falam muito que está aprendendo muito, então eu acho sim, que tem é... repercutido bastante, agora a parte do não, é a dificuldade de você açambarcar todas as dimensões de um fenômeno, então cê nunca vai conseguir, eu queria ter falado muito mais no programa é... dia de feminicídio de... pro... de violência doméstica, sabe, a gente não deu conta, a gente falou muito vá... a gente é... assume muito a perspectiva da valorização da mulher, sabe, dela se colocar no lugar é... de valor e reconhecer quando os discursos é... são para elas ofensivos, desvalorizantes, né, proibitivos é... a gente deu mais

ênfase a isso, então a gente queria ter feito outras né, poder ter dado outras contribuições, por outro lado eu considero assim, muito interessante, ah... e também considera assim uma falha enorme não tem homem, não tem um professor, eles não participam, isso é um assunto meu, que eu sou mulher, isso é um assunto delas, entendeu? E não é, isso é um assunto deles, eles precisam se educar, então a gente conseguiu trazer meninos para as oficinas e eles percebem machismo com eles, eles falam assim: “professora eu passei base na mão e o pessoal começou a fazer piadinha”, ou “eu não gosto de futebol aí eu sou viadinho”, ou “eu sou homossexual, e as pessoas não respeitam a minha orientação sexual”, sabe, isso teve, e foi ótimo, mas... é isso a gente conseguiu, mas os homens, adultos, constituídos, não participaram, entendeu isso é... isso o pior porque, é de quem a gente mais precisa, a gente precisa que isso chegue até eles, pra que eles entendam que está vendo nos Cefet um conflito de gerações e um choque cultural, as meninas, e olha que eu nunca fui feminista não, as meninas é que estão ensinando pra gente, chegando e pedindo essa abordagem se... suporte, então é... nesse sentido acho que o projeto, é... os projetos, os programas conseguem contribuir tá, e aí fazer algo de natureza mais integrada, até um aluno a gente tem um projeto de educação ambiental, o aluno é... falou outro dia, que é muito legal ver os professores juntos, que é a Bianca, o Silvio, o Márcio, o Marcos que é da eletrônica, eu, e aí ele fala, e aí da primeira vez que ele vê a gente junto aparece na cabeça dele que o conhecimento é inter-relacionado, sabe, e isso a gente só alcança na extensão, isso é só na extensão, eu acho que, o da sala de aula e os conteúdos ali, eles não conseguem enxergar assim.

**[00:52:39] Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?**

[00:52:52] Todas elas... todas elas, nós realizamos, e... nós fizemos um... e todas foram... é até chato falar, todas foram é... unanimidade, excelente, aprendi muito, nunca tinha pensado por esse lado, eu achei muito relevante, e muito bonitinho, porque a gente coloca os bolsistas também pra apresentarem... desenvolverem as atividades, e... eles são muito carinhosos com os bolsistas e as bolsistas, e... e eles não suportam assim, se eu fosse agressiva com eles, mesmo que eles errem, e às vezes eles erram, às vezes eles mostram que eles planejaram pouco naquele... né, a gente vai discutir depois, mas ali na frente deles ali, eles defendem os colegas, sabe, eles são corporativos, eu acho interessante, eles são... se defendem mesmo, e... aí eu acho que o... a recepção é muito boa, Jamila. Assim as avaliações são bombásticas, você tem que ver, não são 100% não... preenchidas, é... nem todo mundo que faz a oficina, faz avaliação, mas todos os que fazem avaliação, as avaliações são excelentes, inclusive a gente fez, vai fazer um livro né, a gente tá... vai fazer um livro de relatos de três projetos, e... do programa, a gente publicou as avaliações, com as análises é... deles, porque as análises foram, não... não só porque elas foram muito boas, mas porque ela representa também a... a repercussão né, de como que eles receberam aquilo ali. Então bacana, a avaliação foi boa.

**[00:54:43] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:54:55] Assim, a ideia que eu tenho, é que quem pensou a resolução né, é... a número 6 ou número 4? A que pensa... a... que propõe o integrado, concomitante, tem a concomitante, subsequente e o integrado. A minha ideia é de que a pessoa que estava cursando é... o ensino médio pudesse atender à... ao mesmo tempo em que está cursando o ensino médio, à uma perspectiva de mercado, porque ele tá fazendo o ensino técnico profissionalizante, é importante nunca jamais esquecer isso, tem que ter isso em mente. Mas a ideia do integrado... a ideia em si é muito bonita, eu não falei isso com D5AT uma vez, eu falei que eu acho que a

oportunidade de aplicar é muito boa, porque quando a gente não faz um ensino integrado, que a gente não aplica o conhecimento, a gente não sabe para que... não é que... pra quê que ele serve, a gente não tem noção de que aquele conhecimento pode ser usado na aplicação, né, de um fenômeno que vai ser explorado ali na sua formação, isso eu acho bacana. Mas, é... na verdade eu acho que isso repercute pouco, né, esse é o que é o problema, eu acho que do ponto de vista do ensino técnico, eles demandam mais da física, da química, da matemática, eles demandam menos da... de... de humanas, embora entendam que a formação de um profissional precisa por exemplo se ética. É isso Jamila, é... eu acho que o ensino integral é... assim né, eu acho que ele... ele foi pensado pra atender mercado mesmo, não... não acho que é para uma coisa diferente não, mas ao mesmo tempo para atender é... uma... que o aluno receba uma formação é... e tinha uma demanda de mercado, tem uma demanda de mercado pra técnico, sabe, e... só que... por exemplo, eu fiz magistério, de alguma forma é um... é um ensino profissionalizante, depois que eu fiz o ensino profissionalizante, eu fui trabalhar, então é um ensino que atende a uma demanda social também, não só de mercado, por quê? Porque tem aluno que vai usar o técnico pra se formar no ensino superior, pra fazer um curso noturno por exemplo, né, entendeu? Então eu acho que é pra isso né, que... eu não acho que ele... ele foi pensado integrado porque ele está pensando no desenvolvimento humano ou de um profissional, com uma integralidade... não, ele atende uma demanda social, né, e a gente chama isso de integrado, por quê? Porque ele vai fazer ensino médio, as matérias do ensino médio integradas à uma formação profissionalizante, muitas vezes não atende nem uma... nem uma e nem outra.

**[00:58:40] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:58:48] Ah... isso aí que eu respondi, ele... ele tem... ele atende a demanda social sim, eu acho que tem, com... eu acho que... querendo ou não você inaugura um adulto né, é... porque ele vai ter a compreensão do quê que é um campo profissional, embora assim, o campo profissional é enorme... seja enorme, a gente oferece três opções, quatro opções, então ele tem um significado social, por quê? Porque a partir do momento que ele começa a se educar na área de mecânica, na área de mineração, ele vai entender como que essas áreas é... se refletem na sociedade, então o que ... eu tive um aluno da automação que falava comigo assim: “ô professora, o mundo pode destruir, acabar, mas todo mundo vai precisar de técnico em mecânica”, então ele era um aluno de engenharia da automação que fez o técnico... o curso técnico em mecânica no Cefet, a... ele era funcionário da Mosaic e estudante do noturno. Então, o estudante do técnico integrado, o papel social do... da formação técnica integrada é atender a uma sociedade que tem uma demanda pro profissional técnico, e que, na maior parte das vezes esse profissional técnico, ele não deseja parar de estudar, porque ele recebeu aquela informação ali, e se ele deseja com... a continuidade dos seus estudos em um período que só pode ser o noturno, e... porque ele pode bancar né, ele pode se bancar, numa idade de 20, 24 anos, 22, 23 anos, ele pode desempenhar a atividade de técnico e depois ele vai, é... né, com muita ajuda né, se ele conseguir fazer... seus cursos é... superiores noturnos. Então aí até... ela atende uma demanda social, e eu acho que é uma demanda, e é um atendimento riquíssimo, porque... eu por exemplo, eu tenho filho que não faz ensino técnico e tenho alunos do ensino técnico, eu acho os meus alunos do ensino técnico mais maduros, por quê? Porque eles já estudam uma profissão, eles já é... querendo ou não né, com todas as críticas... críticas, aí a gente tem é uma condução do ser humano já desde muito cedo, eles entendem o quê que é um campo profissional, o quê que é um relatório é... o quê que é uma demanda profissional na área deles, embora eu ache que eles também vejam muitas... e eles já veem falhas no campo técnico, sabe, eles é... já tem aluno nosso, que tira... já está preocupado em tirar carteira, já tem a oportunidade de fazer estágio, isso tudo é... modifica a

visão de mundo, a sua subjetividade, né, você deixa de ser uma pessoa tão inexperiente, né, então essas experiências todas contam. Então eu... eu acho que o integrado atende uma demanda social, que para um... para um país em emergente, é fundamental.

**[01:02:11] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[01:02:38] Eu acho que é tradicional, ainda. É... pela... pela pouca natureza de integração, pela natureza fragmentada do processo de ensino e conhecimento, é... embora tudo seja decidido é... em conselhos e de maneira participativa, assim as mudanças e tal, o próprio PPC mostra isso, é uma perspectiva bem tradicional de ensino. A gente não tem é... naquela própria experiência que eu te contei né, de... do laboratório de um professor falar ques, é... embora se você consiga dentro da sua disciplina trabalhar bem de uma maneira mais livre né, mais crítica, a... a formação em si é tradicionalista, ela não é nem tradicional não. A semana de avaliação somativa é um exemplo disso, né, de uma escola absolutamente tradicional. Se você tivesse na reunião de colegiado, de alunos discutindo matemática, qual a importância da matemática da sua... na sua vida? Seria a uma escola com muito mais perspectiva crítica, qual a importância da matemática na formação do mecânico, por exemplo, você nunca teve isso, você tem uma prova. Então o Cefet é muito tradicional, muito.

**[01:03:57] Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[01:04:00] É... eu fiz pedagogia, mestrado, e doutorado em educação. Então, e... fiz é... o... o curso de filosofia, que aí já não tem nada a ver com a formação técnica profissionalizante. But, quando você fala assim, formação profissional, quando você discute, na filosofia o campo do trabalho, você está discutindo profissão. É... quando você faz, por exemplo, no caso da minha tese, um estudo sobre mobilidade acadêmica internacional, e... você escreve sobre o impacto da mobilidade acadêmica internacional na carreira e profissão, né, porque eu escrevi um artigo, recentemente publicado, que... como que essa mobilidade reflete na carreira e na profissão das pessoas, eu considero que eu recebi essa informação. Porque quando eu estudo no campo político, quais são as resoluções, e quando eu estudo por exemplo, da LDB, o que, que é educação profissional, eu recebi essa formação, entendeu? Eu não preciso fazer um curso de especialização sobre a educação técnica profissionalizante. Acácia Kuenzer né, que é uma autora muito boa, Marise Ramos, é... Maria Helena Freitas, hoje a gente tem profissionais que discutem educação profissional, técnico profissional, mas a compreensão da educação, né, técnico profissionalizante que eu tenho... é... é mais de abrangência né, como que ela esteve inserida na minha formação, e não como eu saí da minha formação e eu fui fazer uma formação específica para isso, não, isso eu nunca fiz não. Mas assim, é modéstia à parte, meus amigos que foram fazer aquela... escola complementar, aquela formação complementar, falaram que, assim, que citaram os meus artigos porque eu formo essas pessoas, então eu não fiz... eu não fiz por isso, mas assim, a... a formação que eu recebia para formar essas pessoas. Mas eu entendo que é um campo em constante mudança e construção, e desconstrução, né, que... e que eu, por exemplo, preciso estar atenta, estudando por exemplo, agora a BNCC. O impacto da BNCC no ensino técnico, né, qual que vai ser? A gente precisa estudar isso. Então é uma nova lei, são as bases, isso é lei, isso é a legislação, e o Cefet não nos deu uma resposta ainda, como que ele vai fazer.

[00:00:17] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:37] Bom, o planejamento, ele é... ele é necessário, né, porque ele é o que vai nortear né, o... como a disciplina será ministrada e como que o curso né, propõem né, é... essa disciplina dentro do contexto né, do... do plano do PPC, né; então esse planejamento né, da disciplina ele é muito importante para nortear o profissional de acordo com as intenções do curso e da matéria.

[00:01:07] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:01:20] Com certeza né, é claro que a gente, é... essa participação ela é importante dentro daquele foco da... das coordenações né, porque a gente tem sempre um núcleo né, docentes estruturantes, e... eles estão vinculados em uma coordenação; geralmente essa coordenação é uma pessoa que tem um conhecimento melhor da área do curso né, que tem um... que quer focar o curso de acordo com as premissas ali que estão adotando né, de acordo com o cenário atual; então, é claro que a gente tem que ter né, essa... essa participação e... e buscar né, uma consolidação melhor pro curso naquele momento de acordo com os interesses né, das condenações, da instituição, com certeza.

[00:02:1] **Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:02:29] Bom isso, a gente tem debatido isso né, até porque, é... de acordo com o que a gente tem vivenciado né, cada curso em si tem sua particularidade né, e a gente pode né, dentro da nossa disciplina né, a física por exemplo, abordar assuntos que sejam mais pertinentes a cada um dos cursos, com certeza isso é possível; é... dificulta um pouco é a gente saber que a gente tem 4 cursos, a gente tá trabalhando em todos eles, né, aí você entra num, entra no outro, e... a mesma disciplina; a gente tem é... avaliações somativas que são comum a todos os cursos né, então a gente tem vontade de fazer um trabalho mais focado por curso né, mais alguns regulamentos institucionais né, algumas regrinhas aí, às vezes acabam gerando um complicador né, por causa das avaliações, das formas que são avaliações são feitas né; mas eu acho que dá sim... pra gente focar melhor né, dá é... uma ideia melhor de... de alguns... algumas coisas né... da disciplina que vão agregar mais para cada um dos cursos né... em especiais né... e separadamente.

[00:03:37] **Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:03:47] Não, não participei, é... acho que o último dos nossos professores quem participou, acho que foi o Paulo Suave que deu uma... participou, mas é... eu não participei não.

[00:04:02] **Quais foram os motivos de não ter participado? Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?**

[00:04:06] Eu tava na chefia de departamento né, já estava sobrecarregado e aí é... foi uma coisa né, até... eu conheço o cara que foi presidente né, o Leonardo ele é... tá... era de Timóteo e foi Belo Horizonte, e foi uma coisa muito... ele mesmo como chefe... falou que foi meio à toque de caixa, foi uma coisa de supetão mesmo, que tinha que fazer né, e aí reuniu um grupo rapidamente, não... não deu muito tempo das pessoas né, pensarem muito bem né, na... na questão, mas aí conseguiram né, é... mobilizar um... um grupo de pessoas e fazer esse trabalho né, então a gente até percebe que algumas coisas ficaram deficientes né, até eles

mesmo percebem isso, mas é... realmente eu não participei pela... pela carga que eu já tava de trabalho, realmente não deu para mim participar; Jamila: isso é com relação aos PPCs dos técnicos? Ah não, desculpa... é... isso não... não é o PPC, isso é só a... as ementas, as reformulações das grades curriculares, me desculpa, então eu realmente não participei de nenhum PPC, é... até quando é... o Gleidson tava na mecânica ele fez um reajuste né, do... do PPC da mecânica e... a gente até foi informado de algumas coisas, pediu algumas sugestões né, mas a... participar efetivamente a gente... eu não participei não.

**Os planos de ensino da formação geral são feitos todos juntos, por disciplina? São feitos os planos e estes são usados em toda a Instituição?**

[00:05:58] É, geralmente está trabalhando dessa forma, então os planos de ensino se eles são... é como se fosse equalizado né, para disciplina, ... até porque isso permite né, essa questão de... do aluno né, poder fazer né, vamos supor, faz o curso técnico em algum lugar, e depois aproveita né, se quiser vim migrar, ele consegue uma graduação tá fazendo né, então as... o curso de matemática, ele tem é... a ementa de matemática, eles escolheram 3 vertentes diferentes e aí cada unidade pode adotar o que ele quer, mas geralmente eles têm mantido aí um foco unitário aí, é... Por causa do... do que acontece em abordagem de assuntos, que têm primeiro, o que vem depois, e aí eles criaram né, só matemática só, que criaram 3 ementas diferentes, mas é... eles não têm ficado brincando com isso não, eles têm focado numa em seguida.

**[00:06:56] Então um plano de ensino é adotado em toda a unidade?**

[00:07:00] Isso geralmente é isso.

**[00:07:03] E ele é construído de forma participativa?**

[00:07:07] Sim, é... o problema do nosso né, uma coisa a gente tem tá... a formação geral, ela segue a BNCC né, ou geralmente a gente tem... porque as ementas também não mudam, porque na verdade seria até quase praticamente a mesma do... da escola pública geral aí né, do estado, não foge muito disso, a gente tem uma pequena brecha para poder mexer, mas a gente tem que seguir a BNCC.

**[00:07:32] Então vocês não podem alterar o plano de ensino, mas consideram que tem autonomia para trabalhar, por exemplo, a interdisciplinaridade?**

[00:07:43] Sim, com certeza.

**[00:07:46] Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?**

[00:08:04] Sim, sim; é... eu acho que a... não sei se é porque da nossa formação né, a gente tem uma... um pensamento diferente, é... mas eu acredito que sempre foi uma coisa bem... bem é... universal isso né, é... o problema é que, às vezes o aluno mesmo espera que o professor faça o trabalho dele né, porque se você né... tem um conjunto de... de informações, um conjunto de disciplinas que você está aprendendo, se você aprende né, a contento né, você consegue fazer essa interdisciplinaridade naturalmente, “oh professor, então se eu quiser isso aqui então eu aplico na biologia? aplica! eu aplico isso daqui...? aplica!”; porque se você tiver aprendendo você consegue né... fazer essa ligação né; o problema é que o aluno quer que fala “não, isso daqui que eu tô falando serve para você...” não, mas é... isso é conexão, ela já tá né... natural, ela já é natural né; mas é... eu acho que eles esperam muito que o professor fique falando o que que é cada coisa em vez deles tentarem assimilar né... essa conjuntura toda que a gente tá aprendendo né, isso é um problema.

**[00:09:16] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:09:04] Olha é... a gente tem né, a física em si, a gente trabalha muito, muito junto, então a gente reúne e discute tudo né, até as questões de escolha, de livro mesmo, a gente debate a

questão, “olha o que a gente vai usar, que vai atender melhor?”, a gente costuma fazer dentro da disciplina de física, é... mas né... agora com a nova BNCC né... a gente vai ter que conversar melhor com outras disciplinas, porque agora a gente tem área de ciência da natureza né, que a gente tem que somar com a química e com a biologia; né, então agora a gente tem que fazer essa conversa mais ampla né, mas a... a gente não tinha preocupado muito com isso, até porque quando a gente tem alguma coisa que a gente precisa conversar, precisa entender, “ah... da matemática né”, eu estou precisando usar alguma coisa com o professor, a gente conversa com professor, “professor óh, essa coisa aqui que ela tá com algum problema né, o quê que você tá dando lá, o quê que a gente pode ajudar pra melhorar esse aprendizado”; então a gente sempre conversa assim a... as ferramentas né, porque a matemática é uma ferramenta muito útil, então a gente conversa com o professor da matemática, mas a gente não tem feito essa ligação muito ampla entre biologia e a química porque foge um pouco né, da... do contexto da... é claro que... “ah se eu estou trabalhando com aço, se eu estou trabalhando com radiação” né, a química ela tá muito próxima; agora é... contexto biológico já fica mais fora né, embora a gente agora... a partir de agora, a gente tem uma reunião essa semana é... com Sérgio Gomide para falar da BNCC, então a gente está até meio é... em situação obscura aí... sem saber qual é o posicionamento do Cefet como instituição a respeito da implantação da nova BNCC; então a gente tá aguardando ansioso essa reunião da sexta-feira pra gente ver qual que é o caminho a gente tem que tomar, e aí essa discussão vai ter que ser muito mais ampla, a gente tem até hoje um grupo de ciências da natureza, envolve todos os professores de física, química, e biologia, onde a gente tem discutido já os livros didáticos né, o PNL, e a BNCC, mas nada implantado até agora né.

[00:11:04] **Mas já pensou em planejar alguma atividade interdisciplinar juntamente com a área técnica?**

[00:11:40] Olha a física, ela... está muito ligada né, com nossos cursos. Quando a gente fala, por exemplo, de mecânica, a gente tem muitas coisas que pode falar né, de esforço, de..., de cotação, então sempre né, tem o Anderson que o professor da... ele sempre fala: “ô D3FG, o pessoal não tá entendendo né... dá para você melhorar essa questão de... de acoplamento né, de transmissão?” né, dá para falar sim, é... lá na... é... edificações né, a DIAT assim, de vez em quando fala “óh D3FG o pessoal está com dificuldade de entender é... carregamento de viga por que ele tá com dificuldade de decomposição de força”, né, então a gente sempre né... quando tem essa abertura de conversar, a gente conversa para tentar melhorar algumas coisas que são deficientes pra técnica porque a gente entende que as nossas disciplinas são disciplinas básicas né, elas tem que formar o aluno para que ele possa usar as ferramentas em outras disciplinas né, então a gente sempre tem essa preocupação; agora eu acho o maior problema realmente é o aluno não enxergar né, a aplicabilidade né, porque é... se o aluno tivesse a maturidade de entender isso, de falar “olha D3FG você ensinou isso aqui para mim, a DIAT foi me cobrar e eu não entendi”, então seria muito mais fácil da gente né... “não então vamos explicar isso melhor, vamos ver aonde que a gente tá errando”, né, porque, não esperar né... que o professor solicite uma coisa que é... a gente fala pré-requisito né; era bom que tivesse maturidade para cobrar da gente né, uma... que aquilo caminhasse de forma mais... mais coerente né o ensino, o aprendizado.

[00:13:14] **Na sua percepção, o que se coloca como obstáculo?**

[00:13:30] Não, não vejo muita dificuldade não, eu acho que talvez o maior problema é... a questão de sobrecarga né, às vezes de aproximação mesmo, às vezes é... tem alguns professores que a gente né... tem mais abertura, tem outros que não tem, então... mas eu não vejo problema nenhum, eu nunca tive um problema de... de tentar se relacionar, de aproximar, eu acho que é bem tranquilo da gente tentar fazer um trabalho mais amplo aí, que envolva mais áreas e até é... é mais lúdico... é... mais né... os alunos se sentem mais... mais à vontade com esse tipo de atividade que... mais ampla, então é uma boa sim, a gente tem

pensar muito né, qual que é o melhor caminho pra... pra nossa educação, ela não... não se deteriorar né.

**[00:13:15] Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?**

[00:15:08] Olha, é... dentro da... da nossa área né, de atuação, a gente tem procurado seguir bem à risca né; tem né, às vezes a gente tem problemas, às vezes é... porquê... é muito particular de cada turma, né... às vezes uma turma entra com uma deficiência, outra com... melhor condições, então você consegue avançar mais ou menos na disciplina a cada semestre, dependendo de cada turma né; mas a gente tem... tentado, por exemplo dentro da física né, cumprir as ementas, seguir o plano de... de ensino é... de forma a conseguir dar o máximo de conteúdo previsto pela emenda né; então a gente tem trabalhado sim; a gente sabe de histórico de outras disciplinas que às vezes né... foge muito do... do plano de ensino, mas assim, não é o nosso caso né, não é do nosso consentimento né.

**[00:16:02] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:16:10] Bom, e... o que, que acontece né, isso também existe é... uma queda de braço também entre o pessoal da área técnica e a formação geral... e o que a gente entende desse né, que eu... né, na minha concepção né... é você formar um aluno que ele tenha a condição de tanto ingressar na carreira acadêmica quanto atuar no mercado de trabalho; então eu não devo privilegiar nem ensino médio e nem ensino técnico, eu acho que as duas coisas têm que caminhar né, a contento né, de mãos dadas, então... eu não tenho problema nenhum, vai falar “ah mais você formou no técnico e ele foi fazer graduação e não fez o estágio”, bom mas eu estou formando ensino médio técnico né, ele tem essa opção, eu tenho que dar condição dele seguir as duas coisas né... às vezes o mercado não tá absorvendo né, então isso né, também tem que ver; agora se o aluno, ele terminou, ele sentiu que fez o curso bem, ele tá preparado e quer atuar no mercado, ele tem que tá então preparado também para isso, eu acho que a nossa formação ela tem é esse cunho, é abrir o leque de oportunidades para o nosso aluno, e não falando “eu só quero que você faça aqui ou só aqui”, não é essa a ideia né, no meu pensamento.

**[00:17:17] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:17:25] Ah com certeza né, igual eu tô falando... essa... essa amplitude de visão que a gente dá né, essa... de oportunidades ela... ela é bem interessante e... tudo que cê aprende né, ele fica guardado né, ele fica registrado, então, é... se você esquece ou se consegue relembrar né... uma coisa que você aprendeu bem feito aí; é... então a gente... o que a gente acontece... a gente consegue dar mais visi... visibilidade né, pro nosso aluno né, então ele é um aluno que tem uma vivência maior, ele tem um horizonte de oportunidades bem maior do que aquele que faz o ensino médio convencional, então é... eu acho que é muito importante sim, o ensino técnico.

**[00:18:05] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:18:20] Ora... ela tem umas vertentes do que varia um pouco, mas ele é mais tradicional sim, é... eu acredito que é mais tradicional, até porque é... nós temos né um quadro de pessoal é... não muito novo né, tá entrando agora pessoas mais jovens né, e às vezes tem até um

pensamento um pouco diferente, mas a maioria do pessoal é um pessoal conteudista né, então é um pessoal que preocupa com o conteúdo mais né, então tem algumas pessoas que estão chegando agora mais nova que tem esse horizonte de debate maior, uma coisa mais visionária, mas eu acredito que ainda nós somos uma escola muito conteudista né, e isso é que... que tá é... chocando a gente com essas mudanças aí que tão vindo por aí né, ... essa questão é... esse... enxergar diferente que a gente né, tá muito limitado, porque eu terminei meu doutorado em 2011, então minha graduação quanto tempo que eu fiz ela né, eu sou um dos... dos... dessa galera eu sou um dos novos né, então assim, a gente ainda é muito conteudista, então quando eu estudava era conteúdo né, copiando o tempo todo e passando e você queria aprender o máximo possível né, hoje você pega o nosso ... e fica um tempão para passar um pouquinho de coisa né, isso é... é muito diferente do que a gente tá acostumado né, o que a gente vivenciou no passado.

**[00:19:35] Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:21:17] Sim, é claro sempre né, hoje... é... a nossa vida tá aqui né, então é... eu vou ficar aqui anos até minha aposentadoria, se ela vier né, então a gente tem que pensar que a instituição tá aqui, é o nosso... nosso ganha pão né, então o que a gente puder fazer pra melhorar né... nossa interação com nossos alunos, deu... melhorar a qualidade do nosso curso, a gente tem que procurar sim, se formar.

#### **ENTREVISTADO 10 – D4FG**

**[00:00:37] Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:37] Aqui em Araxá, nós recebemos um... planejamento das disciplinas a serem ministradas na formação geral, é... em que ele tem que ser né, está adequada todas as unidades do Cefet, então nós temos é... mais ou menos como se fosse um guia mesmo, no ensino né, da língua portuguesa, da redação, e... da literatura. E... a partir desse guia, nós vamos montar a adequando esse plano a realidade do nosso discente, porque cada vez mais né, os nossos alunos... os alunos que se Cefet recebe tem algum tipo de defasagem educacional naquilo que se prevê para o ensino médio, então nós temos que readequar né, pra tentar incluir esses alunos e diminuir a evasão, e isso não é uma realidade só de Araxá, é uma realidade das... outras unidades, só que aqui em Araxá a gente faz uma revisão no ensino... no primeiro ano né, mas é... dos conteúdos que foram ministrados ao longo do ensino fundamental, e tenta nortear, só que esse planejamento por mais que ele... que eu possa dizer, ele guie, ele não é... acorrenta a gente não sabe!? E nesse sentido de... que é... eu vejo, eu tenho planejamento, mas eu posso ir além dele e, também no caso agora do ERE né, do ensino remoto presencial, a gente se vê é... na impossibilidade de cumpri-lo, assim pela qualidade de carga horária e tudo, então a gente seleciona dentro desse cenário aquilo que a gente acredita que vai prejudicar menos o aluno quando né... e aí pegando a LDB né, do seu ingresso no mercado de trabalho, da sua continuidade aos estudos, enfim. Então a gente tenta pensar nisso e... excluindo algumas coisas para conseguir no ERE né, no ensino presencial a gente consegue minimamente cumprir, mas aí que tá né, quando a gente vai para o ensino é... para os estudos, para pesquisa, a gente vê que essa relação professor/aluno é... é uma relação muito afetada por vários fatores né, e às vezes o professor acha que está né, conseguindo é... exercer com... com propriedade o ato né, de ensinar aí... a sua política de ensino aprendizagem, mas né, depois você vai vendo ao longo do percurso que há falhas nisso né, porque a gente tem realidades diferentes, os alunos, eles têm uma vivência diferente, então é... é um... eu falo

que é uma relação, que você tem que ficar aferindo todo o tempo né, para ver se a conversa ela... ela está né, acontecendo ou não, porque o que eu acho é... que ela não acontece. No ERE isso ficou muito é... não acontece muitos casos né, e no ERE isso ficou muito... muito marcado assim, por conta do silêncio né, esse silêncio aí na conversa deixa a gente enlouquecido, a gente tenta seguir o planejamento, mas a gente sabe da impossibilidade sabe Jamila.

**[00:03:59] Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:04:11] Eu... eu acho muito... muito importante, inclusive né, foi uma demanda de Araxá para Belo Horizonte recente, porque é... Belo Horizonte alterou os planejamentos do primeiro ano de língua portuguesa e simplesmente enviou pra gente poder aplicar, só que o planejamento que eles fizeram lá né, pra realidade deles, que segundo né... é... tá dando muito certo para formação de um leitor, enfim, pelo que a gente vê, ele é um planejamento extremamente falho, porque aqui nós recebemos muitos professores substitutos né, Jamila, você sabe disso, e de certa forma, o planejamento é um guia para esse... para essa pessoa que não está acostumada com a escola, nem com a dinâmica, enfim, aí o que aconteceu, o... as... o planejamento feito por Belo Horizonte, é um planejamento muito vago, mas assim muito, muito vago, e de uma vagueza tão grande, que é... a gente não sabe até que ponto uma coisa pode e outra coisa não pode sabe, fica muito a critério do professor. E de certa forma quando se lida com professores efetivos em alguma medida, é... deixar essa responsabilidade pelo professor até não é tão prejudicial, agora quando se lida com uma instituição com fluxo de professores como é o nosso caso, deixar na vagueza vai gerar um prejuízo muito grande para esses alunos sabe, então a gente tenta é... não fechar, mas assim, olha no primeiro ano você tem que minimamente explicar isso, falar isso e tal, então tem que ter um guia, se... e... do modo como está lá, “ah, oficina de leitura”, leitura do que né, que tipo de leitura, que tipo de gênero, que vai ser contemplado, vai ser a leitura integral, vai ser leitura parcial, como é, que é? então assim, fica tão vago, depois se você quiser eu te dou... eu te dou para você analisar também, que é um tipo de planejamento assim, que é tão vago, mas tão vago, que... é... a gente, eu brinco que é Terra de ninguém, faz ali o que quiser, e quem quiser sabe, e eu acho que não é isso que a escola pode, não é isso que a escola deve se propor, o currículo é muito importante esse planejamento, pra que é... a gente tem lógico, que a gente sabe, que a relação nunca é igual, que o aluno né, ele não é... vai aprender tudo, e não tem como ter acesso a esse tudo, e que... a... nosso... na nossa conversa ali, lógico a gente quer ensinar alguma coisa, tem que ser algo produtivo, e esse algo produtivo, ele tem que afetar o aluno para que ele mude, enfim, mas que ele tem que ter um norte, se não tiver um norte, eu também acho complicado, porque é... tem até um... um pedagogo que diz né, se a escola ela não tem é... o que ensinar, e se tudo que ela for fazer e for considerar somente a vivência do aluno, para que ele existe!? né, então a gente tem que ir... lógico considerar vê se do aluno nesse planejamento, mas permitir a ele né, é... circular em outros dizeres, conhecer outras literaturas, e assim por diante.

**[00:07:15] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:07:27] Sim, tem muitas especificidades, é... nesse é... há uma proposta né, do Cefet talvez aceitar a tal da BNCC agora, mas aí o Cefet disse que não vai ser resistência, que... ainda não... não se sabe ao certo né, a..., mas a... há muitas especificidades sim, sabe. Porque nossos alunos, nós recebemos alunos assim, que tem muita prática da leitura, que ele já vem de uma formação, de escolas né, em que essa prática, ela é executada, e alunos que nunca

leram um livro na vida, então quando a gente lida com um público tão distinto, a gente tem que também lidando com essas especificidades, pra poder introduzir esse aluno, pra que ele entenda a importância da leitura, pra que ele sinta o prazer de ler, para que ele se torne um leitor, então por exemplo, para atividade de leitura é... essencial, mesmo caso para escrita, então por exemplo, eu trabalho com a redação né, é... nos primeiros anos às vezes eu peço um texto escrito né, de avaliação diagnóstica, é... eu tenho aluno que escreve extremamente bem, então ele sabe fazer uma paragrafação, ele sabe seguir as normas da escrita, ele sabe transmitir uma mensagem pela escrita, e alunos que não conseguem transmitir uma mensagem pela escrita, quando você senta com ele fala: tá OK, eu não entendi o que você disse, lê aqui para mim, e me fala; Ah não professora, eu não sei, então aquilo é... não consegue transmitir o raciocínio na escrita, então eu preciso adequar sim essas realidades, só que é muito difícil, porque mais ou menos é... a sensação que eu tenho é que eu frustro tanto o bom aluno, quanto péssimo aluno, que você tem que ficar andando meio que no mediano, porque se eu for cobrar demais, eu não consigo a... atingir aquele que é o... que está né, no nível de defasagem menor, então a gente tem que... tentando se... é... refazer enfim, mas... muito complicado Jamila. Ainda mais o universo nosso agora, uma sala de 50 alunos sabe, de realidades totalmente diferentes e... enfim, de todos os municípios aqui da região, é muito... é bem complicado, a gente tenta né, seguindo aí nesse mediano, para tentar o mínimo que o Cefet exige, mas é sempre a gente que é o máximo né, mas aí... é... esse é o conflito assim, é difícil.

**[00:09:52] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona?**

[00:09:59] Não participei Jamila, quando nós tivemos a... uma das elaborações que foi uma discussão enfim, eu estava afastada para o doutorado, quando eu voltei né, já é... tinha se estabelecido ali mais ou menos o que que era, mudou pouquíssimas coisas, o conteúdo de língua portuguesa é um conteúdo muito é... conteudista né, é... um... é muita matéria, é muita coisa, e tanto da literatura, quanto na redação enfim, e... é... nessa readequação, ele simplesmente é... como é que eu posso falar... completaram o que era os furos de conteúdo e foi só. Há toda uma proposta hoje de que, por exemplo, o ensino de literatura se transforme ensino temático né, então eu pego por exemplo, a figura da mulher, e aborda a figura da mulher em todos os períodos literários ou em alguns, mas aqui na escola ainda é essa estrutura por escola literária, bem dividido enfim, que há críticas já sobre isso, mas que a gente não conseguiu romper ainda por conta da vag... vaguides, assim é muito vago metodologicamente como que vai se trabalhar isso sabe. Então é... é complicado assim, eu... eu vejo é... que não houve melhorias assim, do que eu afastei e o que eu voltei é... ficou como se a sociedade não se alterasse, sabe.

**[00:11:23] Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?**

[00:11:36] Eu... Eu precisaria analisar assim com mais detalhes, hum... a ideia no papel... eu acho que esse é o grande problema do Cefet, a ideia no papel, ela é maravilhosa, o problema é execução daquilo que está no papel sabe, eu não acredito que, peg... propicie por exemplo, isso que a BNCC com... contempla como formação integral, devido por exemplo a defasagem de conteúdo que esses meninos tem, por exemplo nas humanidades, é... pouquíssimas aulas de sociologia, pouquíssimas aulas de filosofia, pouquíssimas aulas né, de ciências sociais, isso forma o indivíduo logicamente muito voltado para o técnico, essa é a nossa função mesmo na escola, mas é uma função integral, então deixa a desejar na parte das humanidades, isso afeta o aluno e prejudica ele na continuidade dos estudos sabe. Porque assim, por mais é... aqui eu sou, eu gosto muito de preparar os alunos, de falar: “olha vamos né, é... fazer ENEM, continuar... os estudos”, eu acho importante isso, porque tem né, nossa

proposta é dar continuidade aos estudos, só que há uma falha muito grande na parte de humanidades que prejudica esses meninos na continuidade, então eu julgo que não... ainda não é... embora seja bonito no papel, não é executado ainda.

**[00:12:59] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:13:10] Ah... nós assim... aí fora do currículo formal, pode ser?... Porque dentro do currículo formal mesmo, nesse que é formalizado pelo Cefet, não. Na... o que a gente faz ali é umas... umas atividades juntos, por exemplo, literatura e redação, enfim, mas que não saem, não extrapolam nossa área sabe. Agora dentro é... da parte fora, nos projetos de extensão é... o... Daniel, Simone, eu e Bianca né, que é... juntamos aí , à educação física, biologia, e língua portuguesa, fazemos projetos interdisciplinares voltado para leitura né, é... e compreensão de várias esferas, por exemplo, da educação ambiental da... do esporte na mídia, enfim, que a gente linka todas as nossas áreas é... e produz né, pesquisas científicas, enfim, mas é fora do espaço de sala de aula, a gente ainda não conseguiu fazer essa interdisciplinaridade acontecer, e a gente tem muito problema com isso, porque por exemplo, eu... eu ministro aula somente no terceiro ano né, do ensino médio, e a... o Daniel não tem em aula no terceiro ano, a Bianca não tem aula no terceiro ano, porque biologia não vai até o terceiro ano, porque educação física não vai ao terceiro ano, então é... tem uma dificuldade fazer essa integração curricular, justamente pelo jeito que o currículo tá amarrado, sabe.

**[00:14:36] Houve dificuldades no planejamento? Você considera que foi bem-sucedido?**

[00:14:45] Eu achei que foi... foi bem... foi bem sucedido, mas atingiu um grupo muito pequeno de alunos, e... aí é esse eu acho que a... o grande problema, porque quando você tira da obrigatoriedade e passa para a opção, muitos alunos não fazem né, porque não é, não está obrigatório, não está vinculada à nota, não está., então... eu acho que a... for... a forma de atingir esse público é muito pequena sabe, é... a gente atinge poucos alunos, são aqueles que realmente são interessados, engajados, enfim.

**[00:15:19] Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?**

[00:15:41] Sim, a gente faz, nas atividades integradoras, geralmente a gente trabalha ma... mais conteúdos que a gente trabalha pouco espaço sala de aula, por exemplo, educação ambiental, a questão do... da corrida de orientação, a... a questão do esporte na mídia, sentidos e discursos, essas coisas, então a gente fica um pouco mais é... fora e atinge um grupo pequeno de alunos, dentro mesmo da... do currículo formal, sempre que termina o ano, a equipe se reúne diz né, o que, que a gente conseguiu, na audácia né, de dizer o que a gente conseguiu apresentar, e o que, que a gente não conseguiu, para que no... aquele... aquele professor que ficar responsável pela próxima etapa né, saiba de onde continuar, o que fazer, enfim, mas é sempre uma audácia, porque a gente não chega a todos né, não tem como assim, infelizmente é impossível... impossível, a gente é sempre... eu tenho um professor do doutorado que me diz né, é sempre uma postura de responsabilização e uma aposta, no que vai dar certo a gente não sabe, mas o professor que tem que se responsabilizar pelo processo, independente de qualquer coisa.

**[00:16:52] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:16:59] Eu acredito muito que um curso integrado, ele tem que formar o aluno para o mercado de trabalho, por meio do ensino técnico, o ensino técnico que seja de fato né, que ele tem a opção de fazer um estágio, que é um dos grandes problemas que nós temos aqui em Araxá, que ele possa exercer né, antes de sair da escola uma atividade profissional, a... na parte da formação básica que ele tenha né, acesso aos conteúdos da base nacional curricular comum, e que ele possa falar sobre isso, e que... o... alinhar esses dois, que permita ele continuar é... os estudos sabe. E eu acho que é muito falho, porque no Cefet é... virou né, quando você diz, “não é uma escola integrada”, aí o pessoal vem e fala “não é uma escola técnica”, mas nosso aluno que ingressa no Cefet, infelizmente ele não ingressa por conta do técnico, ele ingressa por conta da formação básica, e... então vira todo aquele dilema, porque o aluno que não termina o técnico, ele fica como evadido, e é péssimo para a escola né, é péssimo para nós. Nós queremos que esse aluno termine, e nós queremos que ele faça essa experiência profissional, enfim, mas a... há cursos em que há uma dificuldade muito grande de fazer a inserção desse menino, desse aluno no estágio, enfim, e... então tem essa falha. A proposta é ser integral, mas não é integral para todos, então é... é uma sensação de... que tem falhas, e que essas falhas ano após ano elas não são resolvidas sabe. É... porque eu tenho ótimos alunos, por exemplo na mineração, excelentes alunos, eles não têm oportunidade de estágio na área deles, e aí como é que eu posso cobrar da escola que esse aluno não seja evadido, sendo que a escola não permite esse aluno terminar o seu próprio curso né. Nós temos o caso que a professora Alessandra da matemática, é... ela é... foi formada em técnico em... em mineração, ela não conseguiu estágio, ela perdeu curso técnico, aí assim vários e várias outras pessoas que a gente tem essa realidade, então essa formação integral seria uma formação né, básica, humana, nas exatas, enfim, voltada para o mercado de trabalho, e as duas juntas propiciar o aluno continuar os estudos. Só que nos dois campos a gente tem falhas, tanto na formação profissional, quanto na formação básica, nossa formação básica é muito voltada pra matemática, ela é muito voltada para o aspecto é... considerado ciência sabe, esse discurso do que, que é ciência, então há... então o que é ciência na verdade é aquilo que tem números, que tem estatísticas, que tem dados, e aquilo que não é, é desconsiderado, tanto é que olha, onde que está a educação física, ela não chega até o final, olha a filosofia, sociologia, então as disciplinas de humanas, elas são menosprezadas nesse processo, que eu acho que prejudica muito, porque nós... eu por exemplo, eu vejo alunos no terceiro ano é falando barbaridades né, que constituem desrespeito aos direitos humanos, que é crime inclusive, e que como que você né, deixou esse menino chegar até o terceiro ano pensando dessa determinada forma, é... é uma frustração para a gente sabe, assim profissional, que faltou formação lá atrás, né.

**[00:20:28] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:20:36] Tem, ah, com certeza tem de mais, porque assim, o aluno que é formado no curso integrado, ele além de estar preparado vo... voltado para o mercado de trabalho, ele tem uma visão de mercado de trabalho, uma esfera, ele também tem essa parte né, da... da educação básica, então é... é um aluno que, ele fica né, a gente forma um aluno, que ele fica o dia todo na escola, e propicia a ele vivências múltiplas, congressos, palestras, é... pesquisa científicas, eventos culturais, então uma escola, que ela é integrada, por mais que ela tenha falhas, mesmo nessas falhas como é o nosso caso, elas permitem ao aluno uma... é... um acesso né, a coisas que ele não teria, e no caso né, do... da nossa escola que é uma escola federal, e que recebe alunos cotistas, esse acesso, ele é fundamental para a continuidade desses alunos no ensino sabe, então assim o que eu tenho de alunos, por exemplo, saiu o resultado da UFU agora, é... eu tive 15 alunos prestando UFU, 12 foram aprovados, todos os alunos aprovados, são alunos cotistas no Cefet, então assim é... um eu... eu julgo que é um sucesso da

instituição, do ponto de vista social, de tirar esse aluno da realidade né, eu tenho alunos que moram na zona rural, eu tenho alunos que moram na periferia, aluno que mora numa casa de 2 cômodos, é um... é um cômodo e um banheiro, então esses alunos, a possibilidade deles ingressarem no ensino superior gratuito, só foi possível por conta de uma escola técnica integral, senão eu acredito... se não fosse essa realidade, a tendência fosse que eles viriam né, por exemplo para o mercado de trabalho, abandonaria o estudo, dariam evasão, e assim por diante, porque que não deu, porque o Cefet tem bolsas né, muitos desses alunos são bolsistas BCE né, que são aquelas bolsas de auxílio né, pra que eles continuem, é...tem aula bolsista de extensão, de... enfim, então eu acho que essas pequenas contribuições formam né, e possibilitam essa formação integral, muitos deles já terminaram estágio, muitos deles fizeram pesquisas científicas, então foi... eles ingressaram num espaço que permitiu pra eles um conhecimento de algo, que talvez se não fosse no Cefet, eles não conheceriam, então eu julgo que sim.

**[00:23:02] Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:23:15] Aí... que pergunta difi... brincadeira! É... então eu... eu vejo que a parte de humanidades é... que está dentro da educação básica, ela tenta o tempo todo fazer com que o aluno se forme crítico né, com que ele não aceite as informações, e que ele discuta né, os discursos que são perpassados aí, nas mídias, nas redes sociais, enfim, que não aceite as coisas né, é simplesmente, então eu acredito que a gente forme muito é... o aluno criticamente sabe, mas eu acredito também, que o tradicional, ele é muito arraigado no Cefet, principalmente no planejamento e no currículo. Esse currículo que não se altera, em que a sociedade né, muda, os gêneros mudam, as formas de comunicação mudam, e o Cefet está lá falando, por exemplo sei lá... o gênero assim que quase... o... “carta”, e aí a gente está falando de carta e o menino está lá no podcast, então assim a gente tem uma tradi... uma tradição muito forte, mas eu acho que mesmo dentro da tradição a gente consegue propiciar um... uma visão crítica do mundo sabe, poderia ser muito melhor né, se houvesse uma carga horária mais voltadas para as humanidades, mas eu acho que mesmo dentro desse contexto, ainda a gente forma alunos mais críticos, eu acho. Eu tô apostando.

**[00:24:50] [00:26:07] Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:26:13] Si... Sim muito, até por... por toda essa demanda governamental agora né, com a ... BNCC em que é... prever nesse ensino integral para todas as escolas, enfim, eu tin... eu tenho muita vontade sabe, de... de conhecer um pouco mais, até nós estamos fazendo vários cursos sobre a BNCC entre nós né, os professores, mas é... tentando compreender, mas assim, eu acho que... eu gostaria muito mesmo de entender um pouco mais, uma das coisas que me afetam muito no ensino integral é... essa questão da avaliação sabe, eu acho que é um eixo interessante, ... inclusive pra pesquisa, do contexto avaliativo nesse cenário mesmo né, em que o aluno pouco tem tempo né, fora do espaço sala de aula, e fica na escola né, das 07:00 da manhã às 17:30 da tarde, e aí vem esse... essa cobrança né, por 18 conteúdos, por 18, enfim. Mas eu tenho interesse sim.

## **ENTREVISTADO 11 – D5FG**

**[00:00:07] Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:15] Bom, o planejamento eu vejo ele, Jamila, como algo extremamente importante né, pra que você consiga atingir os objetivos que é... são traçados em qualquer perspectiva aí... educacional; então eu vejo ele como sendo extremamente importante, tá.

[00:00:36] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:00:43] Sim, é... com certeza né, a partir do momento em que você é... envolve as pessoas nesse tipo de processo, as visões elas são complementadas umas às outras né em termos da diversidade que cada um consegue alcançar, em termos do que ele atua dentro daquela especificidade de ensino que a gente tem; então assim a participação das pessoas é de extrema importância também, na minha visão.

[00:01:20] **Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:01:52] É... sim; eu vejo que... que há... é... pelo fato de nós temos uma... é... diversidade muito grande de disciplinas técnicas, né, e uma diversidade muito grande de disciplinas a nível de Ensino Médio; então eu acredito que sim, que há essas particularidades a serem levadas em consideração.

[00:02:20] **Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona? Quais foram os motivos de não ter participado?**

[00:02:29] É... eu não tive a oportunidade de participar, né, dessa... é... reelaboração que aconteceu pelo fato de que a época eu estava é... afastado para o meu doutorado, né, e então estava fora da escola, e quando eu cheguei é... essas coisas já estavam mais adiantadas, então assim... eu não consegui participar.

[00:02:58] **Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?**

[00:03:16] Sim, os objetivos convergem, né, é... agora... assim... a minha grande crítica, nem sei se vai aparecer essa pergunta aí ô Jamila, é que eu não vejo né esses objetivos é sendo utilizados na prática realmente como eles foram traçados de antemão.

[00:03:42] **Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)?**

[00:03:55] É... dentro da disciplina de química eu já participei com os professores de física, é... de física e de biologia também, já que essas áreas elas estão bem relacionadas... então nós, em alguns momentos sentamos né e discutimos o que que nós poderíamos fazer nesse sentido, mas eu acredito que é... deveríamos avançar, ir um pouco além né e fazer essas disciplinas, né, por exemplo, a química, a física, a biologia, conversarem com as disciplinas técnicas, né; eu acho que isso seria de extrema importância e... até hoje nunca aconteceu, nesse sentido não.

[00:04:45] **Houve dificuldades no planejamento?**

[00:04:50] Não até muito pelo contrário, é... foi assim... foi um momento muito produtivo né para todos nós porque nós acabamos vendo qual que era a importância de uma disciplina dentro da outra e... isso com certeza na hora de nós é... estarmos com os alunos ensinando aquilo que a gente entrega a eles, né, isso facilitava e ampliava os horizontes em termos do que a disciplina poderia oferecer; então assim, a... não tivemos dificuldades, na verdade foi algo muito prazeroso e produtivo naquele momento.

[00:05:28] **Você considera que foi bem-sucedido?**

[00:05:36] Sim, muito bem-sucedida.

[00:05:40] **Sobre as atividades integradoras destinadas ao Ensino Médio Integrado, são realizadas ações avaliativas (confronto planejado versus realizado) durante e/ou após a execução da atividade? O que é feito quando o resultado não foi de acordo com o idealizado?**

[00:05:56] É... dentro dessa perspectiva que nós fizemos, é... as avaliações elas também tinham esse caráter de integração, né, justamente pra que nós pudéssemos ver, né, o quanto tínhamos avançado nesse sentido; então assim, é... na disciplina de química, especificamente, é...eu até hoje, né, sempre faço essas avaliações de forma integrada, vai aparecer lá conteúdos de física e de biologia, e... tem sido assim, o resultado tem sido muito bom.

[00:06:36] **Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:06:43] Bom, aí eu já vou é...bem na parte do que é colocado, né, ensino integrado; eu acredito que ele busca, né, trazer essa formação integral com uma visão bem diversa da realidade, e que possa, né, mostrar que essas fronteiras que são criadas entre as disciplinas, elas são fronteiras apenas didáticas, né, mas que o conhecimento ele não tem essas pontes, né, eles perpassam uns pelos outros e... é... esse tipo de ideia, esse tipo de noção, tem que ser é...disseminada né entre os alunos, para que, a partir de um determinado momento, eles mesmos consigam fazer isso por si só, né.

[00:07:38] **Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?**

[00:07:46] Sim, extremamente, porque a partir do momento né que você é... tem essa concepção de despertar ideias críticas, né, no aluno e... mostrando a ele que essas... esses conhecimentos, né, essas perspectivas se entrelaçam, se entremeiam é... isso daí com certeza vai resultar em algo extremamente produtivo, né, para o aluno e consequentemente para a sociedade.

[00:08:18] **Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:08:30] É... hoje assim eu vejo que assim... há né... vários esforços e talvez até de uma forma isolada né... o que não deveria ser... para que haja essa educação mais crítica né; mas por outro lado a gente vê também que há ainda muito a se avançar, né, pelo fato de que é fácil perceber que há muita coisa tradicional ainda sendo colocada em prática; então basicamente é isso daí; existem alguns avanços né, é... esses avanços a gente consegue perceber que eles são até de forma um pouco isoladas, é... eu digo no meu caso né, que nós conversamos anteriormente, química, física, biologia, é muito pouco, né, então é um grupinho ali, mas com certeza existem outros grupos isolados, mas o ideal é que isso fosse conversar entre todos, né, porque a química ela tem um impacto social, ela tem um impacto lá na disciplina técnica que o aluno faz, ela tem um impacto é... na parte de... pesquisa que esse aluno vai se envolver, de extensão, então... assim, há muito que avançar; tem alguma coisa? tem! mas ainda há muito o que se fazer nesse sentido né; então a crítica que eu faço é que até hoje ainda não conseguimos atingir isso não viu Jamila, aqui na unidade Araxá.

[00:10:08] **Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:11:11] Com certeza, isso daí é fundamental.

## ENTREVISTADO 12 – D6FG

[00:00:20] **Para você, qual o significado do processo de construção dos planos (de curso, de ensino, de aulas, de atividades) que perpassam o fazer educacional?**

[00:00:31] Bom, Jamila, eu não sou muito de planejar não, sabe... sigo aquelas... as normas né, da instituição, conteúdos né, que já são... houve um tempo que nós discutimos isso nas reuniões dos grupos da formação geral especificamente das áreas de ciências humanas, mas ultimamente não tem havido esses encontros. Mais recentemente essa... essa nova base nacional comum para a educação de nível médio, que ressuscitou né, um novo debate, porque essa nova base nacional comum para educação de nível médio, ela precariza, ela acaba com a qualidade geral da educação que o Cefet se propôs ao longo da sua história, e construiu né, não só propôs, mas construiu esse cento e dez anos, cento e onze anos de existência da instituição. O que de certa forma ressuscitou um debate mais acalorado em detrimento dessa imposição goela abaixo do Ministério da Educação, e foi extremamente proveitoso porque nós pudemos nesses debates fazer uma série de questionamentos, uma série de interpretações, e ao mesmo tempo uma troca de experiências entre aqueles professores com mais tempo de instituição com os novos professores que chegaram, via concurso público, a pouco tempo na instituição, então foi interessante. Por exemplo, um dos casos... dos fatos que eu ressalvo foi de que a reforma proposta no então governo Fernando Henrique Cardoso em 1998, famosa Lei 2.208 se eu não me engano, depois a gente pode até pesquisar para de fato ver se essa informação está precisa, mas eu me lembro... nós chamávamos a 2208, é... um... vem detonando né, era... essa proposta do ministro Paulo... Paulo Renato, ela tornava o Cefet num Senai, um senaizão né, porque... primeiro ela paulatinamente extinguiu a formação integral ou integrada né, retirando do currículo toda a parte da formação geral, do ensino propedêutico da... conseqüentemente ela... ficaria só a parte técnica e essa parte técnica ficava habilitando em 2 anos assim... de 6 e 6 meses ela habilitava né. Eu me lembro que no curso de mecânica que ainda em Belo Horizonte continua como modular, se não me falha ainda, um desses quistos que ainda sobrevive, restituiu dessa reforma de 98, que as pessoas de 6 em 6 meses se habilita em determinada área da mecânica, soldador, caldeireiro né, mecânico industrial, então nós nos tornaríamos um grande... um grande Senai, e aí a gente já sabe que Senai por Senai, no final o Senai mesmo em si, a instituição Sistema S nos engoliria e o governo ficaria livre da educação profissional de nível médio a nível federal. Eu me lembro que aquela discussão foi muito acalorada e nós fomos para resistência, não aceitamos né, tivemos que fazer assim, um... uma... uma criatividade extremamente grande para poder sobreviver e formamos a chamada ensino médio integrado, formação técnica e formação geral, com duas matrículas, o que de certa forma também, os alunos quando perceberam isso, evadiram a educação profissional e foi pra... só pra educação científica né, e aí... graças a Deus nós derrotamos Fernando Henrique Cardoso em eleição e o seu... seu sucessor, José Serra né, e com a entrada do governo Lula, nós conseguimos reverter e voltar o Cefet na educação integral. Então, seguindo esses planejamentos que antes nós tínhamos uma certa discussão, eu sempre me pautei nisso, exceto quando surgem essas situações especiais e que você tem para ir para o confronto né, direto, que é o caso atual, nós estamos percebendo que vamos ter êxito porque estamos convencendo a maioria das pessoas, dos servidores públicos, da instituição, de que nós estamos regredindo aí ao início do século XX em termos de uma educação de qualidade, inclusiva né, é... gratuita. Então nós... se nós aderirmos a esse projeto, certamente nós estaremos dando um tiro no pé e regredindo, eu direi no mínimo 50 anos, em termos de qualidade alcançada nessas discussões até hoje nessas travadas batalhas dentro da instituição. Então eu percebo que é um grande desafio daqui para frente, nós temos que nos planejar para

o confronto externo com o governo, e apostar na derrota desse modelo né, que nos lembra o modelo de 94 com a eleição... aliás desde os anos 90 por eleição de Fernando Collor de Mello, passando por Itamar e Fernando Henrique Cardoso, que é a intromissão da ideologia do Neoliberalismo em termos de proposta educacional para o país, então nós... à risca teremos que planejar é uma luta agora externa, já que internamente nós conseguimos construir uma base estrutural capaz de dar conta de avanços significativos na educação dentro da instituição do Cefet. Ainda percebo que tem alguns vestígios ainda, é o caso de nós não termos conseguido retornar com o ensino integrado noturno, que até anterior à reforma de 98 era um ensino integrado com a educação técnica e com a educação científica em 4 anos, e isso nós não conseguimos, porque ao meu ver é uma perda substancial de qualidade né, para o nosso aluno trabalhador porque a maioria desse aluno noturno é o que vem do mundo do trabalho né, e ali ele busca uma habilitação, uma formação mais acadêmica, mais teórica, mais abrangente, pra justamente melhorar as suas condições dentro do mercado de trabalho ou dentro da empresa onde ele trabalha. Outra... percebo que precisamos ainda fazer esse resgate, mas eu enquanto professor da instituição há quase 25 anos... eu estou há 24 anos e meio né, dentro da instituição, eu já fui... participei de todos os conselhos... assim... menos conselho diretor, dos conselhos não só da unidade, mas como em conselhos superiores do Cefet, já fui diretor da unidade, então eu de muito perto eu estive nessas... nesses planejamentos institucionais com a elaboração de plano de desenvolvimento institucional, PDIs né, na proposta de projetos pedagógicos de cursos, na implantação de cursos, quer dizer, a gente teve envolvido o tempo todo nessa... nessa luta. Mas, no mais eu sou aquele que pega as linhas mestras, especialmente da minha disciplina, que é o de história, e as sigo assim né, complementando de certa forma com atividades extras, mas é aquilo ali o tempo inteiro, sai ano e entra ano.

[00:10:56] **Considera que é importante construir os planos institucional, de curso, de ensino/aula de forma participativa? Por quê?**

[00:11:03] É o mais importante né. Veja só, quando o governo apresenta essa nova proposta de educação da base nacional comum, BNCC, curricular comum para educação de nível médio, ele alardeia que houve uma discussão com a sociedade, de fato essa discussão nunca existiu, é só alardeada essa... Nasce uma proposta dessa já no governo Dilma, no final do governo Dilma, no primeiro mandato do governo Dilma, mas o Ministério da Educação avisou, não, isso aqui é... porque há um grande lobby por trás de tudo isso né, do mercado, esse famoso mercado né, e das suas grandes corporações que os representa, então aquilo foi abandonado, mas retornou no governo Temer porque o governo Temer é um representante, além de golpista, representante desse mercado né. Então isso veio alardiada por uma grande propaganda nos maiores veículos de comunicação de massa no Brasil, mas com a academia, com a categoria dos trabalhadores e trabalhadoras da educação não houve nenhum tipo de discussão né, então... e agora no governo Bolsonaro isso é imposto sobre lei né, cumpra-se. Então, por aí a gente percebe que a falta de democratização desses assuntos ela gera grandes conflitos porque esse pessoal da política sabe e se finge de morto que a categoria dos profissionais da educação não vai ficar calada, não vai aceitar né, ela não... É uma categoria de gente que estudou né, que de certa forma você espera senso crítico né, então são pessoas que têm formação, elas não vão aceitar isso goela abaixo, então, eu destaco que, qualquer planejamento de qualquer instituição, na democracia, o princípio básico é a discussão em grupo né, a discussão com a comunidade, com aqueles que estão com seus interesses envolvidos diretamente nesse planejamento né, seja ele de forma administrativa, seja de forma curricular né, seja na... de planejamento financeiro, seja que natureza for né. Ainda a pouco se discute no Brasil o tal do orçamento secreto, quer dizer... e a lei de transparência? Então nós temos uma legislação que ampara a transparência pública, todo o dinheiro público tem que ser

transparente o seu gasto, sua aplicação, e no entanto, as políticas de plantão criam essas brechas né, para desvirtuar o espírito da lei né, então não existe planejamento secreto, planejamento tem que ser o planejamento distribuído né, reforçado, fundamentado, pela categoria daqueles que estão envolvidos diretamente naquela atividade. Na escola não é diferente né, então o corpo de docente, corpo de trabalhadores, e trabalhadores administrativos né, os alunos, e aí eu não chamo os pais porque é... entendo que eles não estão aptos ainda a discutir a questão da escola, porque embora sejam eles os nossos protagonistas e provedores, porque nós não podemos exigir dos pais que sejam entendedores de educação, nós não vamos chamar um leigo para discutir a medicina, nós não vamos chamar leigo para discutir a justiça, nós temos que chamar os interessados e os que estão envolvidos nessa... nessa atividade. Então alunos, professores e servidoras e servidores e... necessariamente numa democracia tem que dividir né, e dar a sua contribuição dentro desse planejamento, seja ele de natureza financeira, administrativa e pedagógica.

**[00:15:58] Em se tratando do planejamento do ensino concernente ao Ensino Médio Integrado, você entende que existem especificidades que devem ser consideradas na sua elaboração e execução? Quais?**

[00:16:19] Algumas... algumas questões, elas têm caráter de excepcionalidade. Veja bem, planejar simetricamente, linearmente, a questão do ensino, eu... no meu entendimento, é um equívoco porque você depara com situações excepcionais. É o caso da educação inclusiva, ou seja, aqueles portadores, aquelas portadoras de necessidades especiais, cê tem que ter uma flexibilidade capaz de dar conta dessas necessidades especiais, então ela não pode ser uma formação linear, pra todas e pra todos, ela tem que ter algum caráter de excepcionalidade né, pra isso é fundamental essa discussão com os agentes envolvidos nesse sentido de chamar até profissionais que estão ligados aos estudos né, à compreensão dessa natureza de excepcionalidade para participar desses debates de planejamento. É... por outro lado, a história é muito... é muito constante, quer dizer, ela se dá um tempo inteiro, ela se provoca o tempo inteiro né, a todo momento surgem é... é... fatos que não estavam dentro daquela... daquele... daquelas... daquele horizonte planejado que exige, de certa forma reformulações de conceitos né, percepções de situações, então esse planejamento, pode ser um planejamento engessado, ele tem que ser um planejamento aberto né, capaz de ser flexível no sentido de se adaptar a situações que possam ocorrer. É o caso, por exemplo, que nós sofremos a partir do início de 2020 com a pandemia, quer dizer, ninguém de nós estava preparado e ninguém teria como estar preparado pra um caso desse que ocorreu de natureza biológica mundial, ela afeta o mundo inteiro, e você tem que rever todo seu processo de planejamento, então ali, mais do que necessário a discussão sabe, em grupo para poder ver o que pode ser feito. No primeiro momento nós tomamos a medida que era ciência e nós, enquanto professores de uma escola acadêmica científicista né, nós não poderíamos deixar de outra forma, nós fechamos a escola, mas a partir daí tivemos que fazer um trabalho de como é que fazemos para enfrentar a situação? E de certa forma os prejuízos foram muitos, mas não foram tanto quanto nós achávamos que seria no final, mas ainda conseguimos fazer a aula remota, ensino remoto, de certa forma garantiu o elo de ligação dos alunos e alunas, e dos servidores e servidoras... conjunto né... alguma forma de trabalho surgiu, não a contento, mas foi o que foi possível, então dentro do ensino nós temos que ter essas percepções né. Muito recentemente, assim, eu diria nos últimos 20 anos, surgem as discussões nas questões da educação inclusiva né, é... do jovem adulto né, são demandas interessantes que o país né, precisa que se resolva, são situações que não podem ser percebidas como naturais especialmente por nós que trabalhamos e militamos na educação. A questão da inclusão é... de temas polêmicos para os conservadores né, é a sociedade conservadora que em sua grande maioria é a sociedade brasileira, como a questão LGBT né, o ensino da educação é... da história africana né, e da

afrodescendência, como conteúdo obrigatório, muitas disciplinas da educação de nível médio, então foram desafios que foram ocorrendo e que exigiu do corpo de trabalhadores e trabalhadoras um esforço extra no sentido de planejar como é que nós vamos lidar com essas situações, e acho que nós temos... acho é uma palavra meio estranha... entendo que nós temos tido uma boa evolução nisso. Outro aspecto que eu queria levantar para você é a questão hoje, por exemplo, da multidisciplinaridade, da pluridisciplinaridade, da interdisciplinaridade né, que é um novo momento da educação, ele exige isso, eu não posso falar de história sem estar falando de Geografia né, porque tem um tempo e o espaço nesse contexto histórico, eu não posso tratar de História sem levar em consideração a intelectualidade, a mentalidade, o pensamento dominante daquele tempo da história, e pra isso eu tenho que recorrer à literatura né, eu não posso conceber um... uma dissertação histórica sem o domínio da língua né, então está lá a língua portuguesa. Então são... são demandas importante que estão na pauta do dia que se devem ser observadas e o tempo todo serem eixos norteadores para planejar ações futuras né, então essa que... o que começa com interdisciplinaridade nós vamos campear para outros termos e conceitos que surgiram após a interdisciplinaridade, como a multidisciplinaridade né, aí a... a pluridisciplinaridade, então vejo que isso ainda é um gargalo da escola, mas que está na pauta para ser discutido.

**[00:23:15] Você participou do processo de elaboração ou reelaboração do PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona? Quais foram os motivos de não ter participado?**

[00:23:24] Eu leciono na formação geral, eu leciono para todos os cursos integrados né. De fato eu não, não participei, porque afinal de contas aquilo que nós estamos trabalhando na formação geral vai dar conta de... de ser incluído na proposta desse novo projeto de curso né, projeto de curso do... da edificação, da mineração que são objeto da sua pesquisa, mas eu não sou camarada indicado para discutir a questão técnica né, porque eu não tenho formação técnica nessas áreas, mas nós podemos observar é que nós, enquanto professores da área de ciências humanas, nós temos que ocupar o espaço dentro do curso a dizer que esse profissional, pretendo egresso do curso específico de edificações e mineração é, antes de tudo, um cidadão, uma cidadã, que tem um compromisso social, maior do que o seu próprio compromisso profissional né, porque aquilo que deriva do seu trabalho é que interfere na vida social né, então... e essa é uma vitória dos últimos anos dentro do Cefet, nós conseguimos colocar dentro das graduações... quer dizer, foi um movimento nacional né, eu diria até mundial, é... de... de perceber que é, não pode haver uma educação fragmentada né, uma educação é... que olha numa direção só, se orienta numa direção só, a educação é uma questão emancipadora no seu todo né, ela acima de tudo, ela tem um compromisso com a formação do caráter, da moral dos indivíduos enquanto pessoas e enquanto membros de um grupo social, a educação tem essa dimensão que transcende a própria especificidade dela né, nas suas mais variadas linhas de formação específica, nas engenharias, a medicina né, a matemática e assim por diante, quer dizer, antes de tudo, a educação tem esse viés, e é lá que a gente entra com a nossa... na nossa percepção... a nossa é... proposta para que seja incluído dentro da... do currículo desses cursos é... essa... essa dimensão é... do indivíduo moral, do indivíduo ético, do indivíduo político né, esse... inclusive quando se fala em política é um grande tabu para determinados grupos né, o que é uma contradição extremamente grande porque ninguém aprende político nos bares, ninguém aprende política nas igrejas, ninguém aprende política senão nas escolas e nos partidos políticos né, essa... nós sabemos bem a que serve essa questão de que política, futebol, religião não se discute, nós sabemos bem a quem serve isso né, nós precisamos quebrar isso né, no meu entendimento cada curso desse deveria ter uma disciplina política. Como é que nós podemos fazer isso? Diminui um pouco desse conteudismo né, que... de repente é inócuo, vazio, não tem muita significância para a

juventude, possivelmente ele vai ter muito mais significância quando da graduação e da pós-graduação, quando esse camarada, o aluno ou aluna né, estiver diretamente já ligado ou se ligando ao mundo do trabalho, mas na formação do adolescente, da criança, do adolescente é fundamental que a gente seja menos conteudista, né especificamente na Física, da Matemática né, porque esse pessoal parece que é uma hierarquia de disciplinas, de conteúdos né, “ah, sem matemática o mundo não existe”, o mundo existe sem absolutamente nada disso né, independente disso. Então muitos desses... poderiam ser revistos, diminuídos para que você entrasse com disciplinas dessa natureza, de cidadania né, de formação, para os indivíduo entenderem como é que se dão os processos políticos, como é que os partidos se... né... porque aí senão nós estamos sempre à mercê dessa... dessa política de plantão que interessa ao governo de plantão, nós temos políticas de governo mas não temos políticas de Estado né, e governos assim plantonistas né, “isso me serve agora, mudo a constituição para o meu interesse nesse momento”, nós estamos à mercê disso o tempo inteiro, por quê? Porque nós na hora de votar não sabemos nem o que significa o ato político né, e por incrível que pareça a maioria acha que é doutor na área né, e o achismo a gente já sabe o que significa aí né. Então, acho que essa nova reestruturação ela deve ser atualizada conforme as demandas, naturalmente, dessas novas tecnologias, e agora estão aí, né, é... e... mas ao mesmo tempo com uma observância muito grande, crítica, filosófica, a quem essas tecnologias servem, para que essas tecnologias servem? Então não basta você formar lá um técnico em edificações, um técnico em mineração, ara que ele seja um Uber daqui a pouco, trabalhador do Uber, a chamada uberização, do proletariado né, o Cyber proletário de hoje né, muito bem falado aí no livro privilégio da servidão do Ricardo Antunes, então tem que se adaptar e ao mesmo tempo ter a clareza de fazer um debate, aberto, franco, claro, o que que é essa nova proposta procura né, qual é o egresso que nós queremos?

[00:30:34] **Considera que os objetivos expressos no PPC do Curso Técnico Integrado, no qual você leciona, convergem para uma formação integral?**

[00:30:49] Em termos teóricos sim, em termos práticos eu acho que ainda falta muita coisa, tem muito a desejar, até mesmo em termos teóricos tem muita coisa a ser desejado, mas em termos práticos, por exemplo, a falta de laboratórios bem equipados né, nós estamos sempre à mercê, a reboque daquilo que já está colocado no mercado né, então a falta de acesso a esses laboratórios para a formação prática dos nossos alunos está muito aquém do desejado né, em termos teóricos a gente percebe que são melhores as condições, até porque em teoria há um diálogo de todos os conteúdos, de todas disciplinas, etc., que também na prática não se dá, nós percebemos o distanciamento muito grande dos professores da parte técnica com os professores da parte da formação geral, um distanciamento muito grande né, que eu entendo que compete à diretoria de ensino que nós não temos mais né, na nossa estrutura organizativa, mas competia anteriormente à essa diretoria de ensino uma aproximação dessas duas áreas pra que elas conversassem né, e chegassem a denominadores comuns. Nós chegamos a fazer aí a discussão nos planos dos projetos de curso para atender a Lei 2208 de 98, da formação geral com a formação técnica específica, não foram poucos encontros, mas ao longo dos anos isso foi sendo perdido e nos últimos... eu diria nos últimos 7 anos, isso praticamente desapareceu né. Tem semanas pedagógicas onde as pessoas se encontram, mas ninguém discute de fato o currículo, ninguém discute egresso, vai lá, convida o palestrante, ele vai lá e solta um punhado de minhoca lá que não tem nada a ver com a educação né. Me lembro de um dos últimos aí que foi lá né, falar sobre a arte da guerra, né, não sei se você se lembra disso, fiquei olhando assim... “o que tem a ver isso com a nossa formação?” Ah, porque você... o livro dos sei lá o quê, você, fiquei pensando né, falei “poxa vida né, traga para nós um palestrante sobre educação profissional, como é que ela se dá e etc., que isso vai de fato, render né”, as afinal de contas, a gente também não pode exigir daqueles que não sabem, né.

**[00:34:07] Você já elaborou algum plano didático, ou de ensino, ou de aula, ou atividade, de forma participativa ou colaborativa com outros docentes, com a finalidade de promover integração (entre disciplinas, ou conteúdos, ou conhecimentos)? Houve dificuldades no planejamento? Você considera que foi bem-sucedido?**

[00:34:21] Olha Jamila, por incrível que parece eu entrei no Cefet em 97, em 98 a lei chegou, quer dizer eu cheguei... eu lecionei um ano e meio, nem chegou a um ano e meio né, no curso integrado noturno e no curso integrado diurno, e logo depois veio a lei rompendo essas duas modalidades do ensino né, a profissional da científica, propedêutica, então... eu... na minha... cheguei assim tão pouco tempo e já assumi por indicação do diretor na época, o professor Eduardo... Eduardo Lacerda Coutinho... eu estou errando o nome do meu amigo... Eduardo Henrique Lacerda Coutinho, assumi a proposta da parte da... da educação de nível médio da formação geral, então nós naquela oportunidade foi que elaboramos, fizemos visita às escolas né, pra ver como é que estavam suas matrizes curriculares pra que a gente pudesse fazer uma proposta e apresentar para a comunidade. Me lembro que o professor Hélio... tem mais alguém... uma galera lá da parte técnica ficou com a parte técnica né, e nós... e eu encabecei essa comissão da parte da formação geral e no final nós fizemos uma discussão e adequamos a nossa grade à nossa matriz curricular... naturalmente tiro um pouco dali, adequo tiro um pouco de cá, apara algumas arestas e no final nós chegamos ao que nós temos hoje né, com alguns avanços naturalmente, mas nós defendemos a continuidade da Sociologia né, da Filosofia, a História e a Geografia contemplada nos três anos né, da parte... mas como eu disse para você desde o início, nós conseguimos apenas na... no ensino diurno, no noturno nós não demos conta. Quando foi possível retornar aquela estrutura anterior à reforma de Fernando Henrique Cardoso e Paulo Renato, nós não conseguimos mais... não houve mais um momento político para tal né, a própria demanda do mercado, os alunos, alunas... foi feita assim... uma enquete, uma pesquisa, e eles entendiam que quatro anos era inviável né, esse camarada tem uma necessidade mais rápida, então não vai levar em consideração o que ele já tinha uma boa formação científica anterior, fazia sua parte técnica e assim receberia sua habilitação profissional mais rápido, o que acabou sendo vencedora na discussão. Mas então eu cheguei a ser o proponente dessa educação integrada que sobreviveu ali durante 4 anos né, 3 anos... sobreviveu aquela proposta que a gente elaborou para os currículos né, para matriz curricular, primeira, de segunda e terceira série, permaneceu até quando da sua extinção já no governo de Lula, quando foi possível retornar a forma integrada conforme os anos anteriores a 91. Então eu já participei sim... bem desses planejamentos.

**[00:38:30] Na sua opinião, o que é (qual a concepção) e quais são a(s) finalidade(s) do Ensino Médio Integrado?**

[00:38:41] Olha, eu... eu costumo hoje fazer uma... uma alusão a uma entrevista também que eu fiz... não é entrevista porque ele é meu amigo e... há uma conversa que eu tive com um amigo que eu conheço há muitos anos, mas não havia me atentado a perguntá-lo qual a sua formação. É... o nome dele é Urik, suíço, deve estar hoje na casa dos 75, 76 anos, foi superintendente da Nestlé, empresa Nestlé lá em Ibiá, no município de Ibiá, cidadão ibiaense, cidadão brasileiro, eleitor né, mas de origem suíça que retornou para Suíça depois da sua aposentadoria e mora lá, vem sempre aqui, três, quatro vezes, cinco vezes ao Brasil por ano, não tem vindo por causa da pandemia. Mas um dia eu me atentei a perguntar a ele “Urik, de fato qual é a sua formação?” Ele falou assim “eu sou mestre [00:39:57]”, eu falei “o que significa isso?”, ele falou assim “lá na Suíça nós temos uma educação básica”, igual aqui, no fundamental né, 8 anos, 9 anos, na formação que nós chamamos educação fundamental, “depois vocês têm o técnico no Cefet né, lá todas as escolas são técnicas”, eu falei “é mesmo?”, “pois é, nossa formação de nível médio, nossa juventude né, ela toda estuda em escola técnica, não tem escola científica, ensino médio né, todas elas estão vinculadas com a

educação técnica, profissionalizante”, o que na ditadura militar, a maioria era... as escolas eram assim, eu por exemplo, que sou cria da ditadura militar, eu sou formado no ensino médio em contabilidade né, as meninas eram formadas normalista, magistério né, então quando não formavam os meninos que não quisessem a carreira de magistério se faziam o normal né, científico, então só as escolas particulares que não eram obrigadas a terem, mas as escolas públicas tinham, nos ginásios, os colégios. Então... é... eu fiquei atentado para aquilo porque ele me disse o seguinte “lá nós temos dois dias de aulas na escola e três dias nós estamos na empresa”, eu falei assim “mas como que vocês estão numa empresa?”, “toda empresa na Suíça é obrigada a receber os alunos, se você for da área de administração as empresas vão te receber na área de administração, como lá nós somos grandes produtores de queijo né, é uma indústria forte. Na Suíça, eu queria ser queijeiro, então eu fui para uma queijaria”. Agora você imagina isso no Brasil, se todas as empresas fossem obrigadas por lei a receber os alunos e prepará-los para as relações de trabalho né, porque infelizmente a gente aqui passa três anos dentro da escola e seis meses dentro da empresa, esses seis meses é um fiasco, não adianta tapar o sol com a peneira porque são estágios mal constituídos né, orientados terrivelmente né, assinam um relatório ali e um abraço, ele não te traz base, uma bagagem de fato, porque a empresa não tem interesse. A escola, a própria estrutura curricular não permite né, então, questões dessa natureza... então, eu vejo que... que maravilha seria nós termos todos uma educação como a do Cefet, na medida que cada vez ela se aprimorasse mais né, em formar esse cidadão e cidadã, e esse profissional e essa profissional de qualidade. Eu entendo que nós teríamos de fato aí uma sociedade muito mais produtiva, muito mais crítica, né, muito mais constituída, muito mais justa. Então para mim a educação integral nesse sentido do mundo do trabalho e o mundo acadêmico é o ápice das coisas né, até porque o ambiente da escola nessa modernidade de hoje onde o pai e a mãe né, os... os progenitores né, das famílias trabalham todos. A escola integral é aquela escola que recebe o aluno de cedo à tarde e cuida dele né, então ele tem um ambiente... um ambiente da educação à sua disposição durante todo seu dia né. Eu às vezes passo ali, eu trabalho, de vez em quando vou fazer um servicinho de marcenaria, aqui no São Geraldo, atrás do Cefet, na Rua Piauí, eu fico vendo aquela juventude ali o tempo inteiro nas drogas, no pequeno roubo, presa e solta e prende de novo, o tempo inteiro, meninos e meninas da idade que poderiam estar dentro do Cefet né, aprendendo a profissão, aprendendo a língua, aprendendo as ciências, aprendendo a crítica social né, mas não, estão ali é... a escola, a integral é... é... eu acho que ela é o ápice da educação né, para os pais, para as mães né, chega lá e fala o meu menino agora foi para uma escola... uma escola bem estruturada, uma escola que tem um suporte acadêmico, que é um suporte pedagógico, um suporte de saúde né um suporte de... de artes, um suporte de esporte né, de descanso, de lazer, capaz de cuidar do meu filho aí, de... de manhã até à tardinha, isso é de uma tranquilidade para desenvolvimento humano, profissional, desses pais e mães fundamental, é um sonho que nós temos que perseguir o tempo inteiro né, temos que brigar por essas políticas públicas que, invés de dar dinheiro para banco dá dinheiro pra banco de escola né, os bancos das escolas, inverte dos mercados financeiros para a ganância dos financistas, investe na educação, educação integrada para todos e para todas, especialmente para as crianças. Eu tive uma experiência com o secretário de educação no município de Araxá e ali você percebe claramente a diferença de um... uma criança que estuda escola integral e da sua grande maioria que não estuda em escola em tempo integral, então, os meninos saem da escola e vão fazer o que!?

[00:46:33] Você acredita que o Ensino Médio Integrado possui um significado social e político diferenciado? Qual?

[00:46:57] O do Cefet possui, possui diferenciado, mesmo que você de vez em quando tenha que enfrentar algumas barreiras né. Eu sou um professor que me considero um professor

extremamente atípico no sentido... não, a palavra não é essa, incisivo em relação à história né, então eu quando trato da história, eu trato dela numa relação política muito intrínseca, não trato história como um mero fato de acontecimentos que nem tem causa e não tem consequência né, como se aquilo caísse, não, ele tem causas e consequências, e essas consequências pressupõem consequências política, causa e consequência políticas, porque elas se dão no seio da pólis, do Estado, ela interfere no cotidiano no grupo social, diretamente, não tem que ser indireto, é diretamente. De vez em quando a gente sofre algumas repreensões, recentemente fui chamado à diretoria da escola porque eu estava falando muito em política na minha aula. Naturalmente eu me indispus com quem foi fazer essa admoestação a mim, porque, primeiro que não tenho que se meter na minha disciplina, não é ele que paga meu salário, segundo ele não tem que se meter de forma nenhuma na minha liberdade acadêmica, mas tem gente que se acha no direito de tolir isso, ameaçar, ele tem que ultrapassar isso tudo, é largar isso para lá né, e avançar, porque ao mesmo tempo você percebe que você está inserido no mundo do trabalho... antes de tudo você está inserido no mundo social, e o mundo social na relação de poder, e sociedade é o tempo todo debate de interesses que pressupõe que aquele que tem poder sobrepõe-se sobre o que não tem, e isso tem que ficar claro para nós né. Então eu... eu tenho a grata satisfação em ter muitos... a maioria dos meus ex-alunos, os alunos egressos do Cefet que passaram né, pela nossa... pelo nosso tempo de professor com eles, eu tenho orgulho de dizer que são bons cidadãos, boas cidadãs, que compreendem né, um pouco mais da realidade em que eles vivem, em que eles atuam né, seja no mundo do trabalho, seja no mundo social, seja na relação política, eu tenho absoluta convicção disso porque a gente faz questão de dizer para eles que, antes de tudo, nós somos animais políticos, por quê? Porque nós vivemos em sociedade, ninguém vive isolado, não existe política no isolamento, existe política nas relações. Então a formação hoje, ela tem sido, no meu entendimento, de boa demanda e de boa qualidade no Cefet, o que eu não vejo em outras instituições porque não possui o caráter, não existem orientações pedagógicas é... que determinam que essas competências tenham que fazer parte da formação dos nossos estudantes, das nossas estudantes, então eu considero que nós no Cefet temos um viés muito interessante, muito qualitativo, no sentido não só da formação para o mundo do trabalho, mas principalmente para formação do cidadão, da cidadã, politicamente inserido, é... acho que de vez em quando dá uns vacilos também né, mas que não dá.

[00:51:08] **Para você a formação ofertada no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá se enquadra numa concepção tradicional ou crítica? Por quê?**

[00:51:20] Olha nós procuramos tratar no que nos compete enquanto professor de história, e eu tenho meus companheiros e companheiras da geografia, da filosofia, da sociologia né, da literatura, que tem buscado uma educação crítica né, nesse sentido né. É... eu fico olhando sabe Jamila, essa moçada que chegou a pouco tempo aí na escola, meninos de 27, de 28, de 30 anos né, mais meninos, eu digo isso porque eu já estou com 62, eles se formaram num tempo em que o Brasil estava muito bem de educação, educação sem fronteiras, ciências sem fronteira né, Reuni, vamos entrar, Enem, SISU, sei lá o que, um monte de coisa acontecendo né, todo mundo tendo acesso, pelo menos uma fatia importante na sociedade tendo acesso à educação de nível superior, à pós graduação né, *latu sensu*, *stricto sensu*, de todos né, o mestrado, essa moçada veio tudo com, se você imaginar que isso surgiu o quê, 20 anos para cá, então é uma moçada que teve oportunidade e que nos parece que agora o Governo retira essas oportunidades ou dificulta essas oportunidades na medida em que os investimentos desaparecem, e as políticas de intervenção na educação são as mais vazias né, e inexpressivos possíveis, a ponto de serem até perniciosas, como por exemplo desqualificar a universidade como um antro de drogas, de maconheiros né, etc, conforme dito por um ministro da educação, um ex-ministro né., onde uma educação que deve ser tradicional segundo costumes

religiosos, cristãos, judaicos, não sei o que, conforme o atual ministro nos orienta, é... mas, na prática, eu acho que nós temos tido um avanço muito grande, sabe, nós temos lutado contra esse conservadorismo e tratado de conseguir, de construir e planejar uma educação muito mais política né, muito mais progressista, muito mais consciente do seu papel na formação de homens e mulheres né, seres humanos aí, em respeito ao meio ambiente, planeta né, seus pares, os animais, as plantas né, respeita com... como parte de um contexto universal. Então, nós temos nos esforçado para isso, embora nós sabemos que ainda existe um mundo conservador, muito expressivo, que chega a ser inclusive maior do que o grupo dos progressistas né, chega sim, nós temos consciência disso, mas percebo também que essa nova moçada que vem ocupando os novos espaços que vão se dando, abrindo né, já é um... uma juventude né, uma moçada mais consciente do seu papel político, do seu papel de respeito né, uns com os outros, de solidariedade social né, empatia humana, eu já percebo, e aquela geração que eu considero, aquela geração da terra plana e se não se adaptar vai se tornar obsoleta, ultrapassada. Eu tenho buscado muito me reciclar né, não podemos ser atropelados pela essa onda maneira, progressista, então que eu aprecio demais.

**[00:55:44] Você já cursou alguma formação pedagógica complementar? Algum direcionado à EPT ou EMI? Gostaria de aprimorar seus conhecimentos acerca do EMI e da formação integral?**

[00:56:05] Acho que especificamente eu não tive não, sabe Jamila, eu não fiz não. Embora eu... durante esses 24 anos que eu já estou no Cefet, eu jamais deixei de dar em todas essas discussões, a trancos e barrancos eu estive em todas, eu acho que nos últimas aí... 4, 5 anos que eu dei uma afastada, até por causa do próprio ambiente político na escola né, uma diretoria que eu considero extremamente conservadora né, o professor Hélio, é... e mais recentemente da professora Beatriz, tiveram diretoria muito conservadora né, embora com uma roupagem de muita alegria, de muita né, muita simpatia, mas pela convivência que tenho há mais de 20 anos eu sei basicamente que são muito conservadores, então eu fiquei afastado até por questões de não ser... de não querer sofrer nenhuma retaliação né, porque eu já estou num tempo da minha vida, que não estou muito disposto a embate não, sabe, tô mais querendo agora é me aprimorar um pouco mais. Agora, atualmente estou fazendo mestrado na área de educação fundamental, então não é da EPT, eu tenho consciência de que daqui a pouco tempo eu me aposento e vou militar não é da EPT né, na educação tecnológica né, quero me especializar na educação básica e na formação de professores e professoras né, para que eu possa contribuir aí no futuro, após aí a minha... Eu fui um tempo marceneiro, fui o tempo, estou sendo um tempo professor da adolescência, de adolescentes, e agora tô caminhando, pretendo ser, se a vida me proporcionar mais alguns anos, pretendo ser um pesquisador na área de educação fundamental. É o que a vida trilhou para mim, não que eu tinha feito prévia, mas a coisa foi fluindo naturalmente, eu sou meio que Zeca Pagodinho, deixa a vida me levar, vida leva eu né, as coisas... as portas vão se abrindo nos tempos que eu entendo serem os tempos devidos né. Como eu sou cristão, certa vez Jesus disse que tudo tem seu tempo, que às vezes a gente também tenha que dar fruto fora do tempo, mas isso não significa que o tempo de cada coisa não está lá né, na natureza. Então, na EPT de fato eu nunca, não me lembro, fiz um curso de especialização de filosofia, cursinho pequeno, de pequena duração, 40 horas, na Universidade Federal de Uberlândia, fiz meu lato sensu em história moderna na faculdade de filosofia de Patos, de Patrocínio, participei do último grupo de discussão né, da implantação da educação de jovens e adultos do Cefet né, onde quando era diretor nós implantamos primeiro... primeira turma né, de EJA, mais especificamente, para... fui convidado para ir para o mestrado de educação profissional, nunca me chamou muita atenção, não vi muito sentido naquilo ali né, embora tenham vieses ali que nos

convidam, quem sabe uma hora dessas a gente faz até uma qualificação nesse sentido né, e como é que tem algumas questões que nos chamam ali à devida reflexão, mas no mais...

## ANEXO A – DECLARAÇÃO DE COOPARTICIPAÇÃO EM PESQUISA



Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM  
 Av. Dr. Florestan Fernandes, 131 – Universidade, Uberaba – MG, 38064 – 190, Fone: 34 3325 – 14

### Declaração de cooparticipação em pesquisa

1. Declara-se para os devidos fins, que a instituição CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS, CÂMPUS ARAXÁ, situada na Av. Ministro Olavo Drummond, 25, CEP 38.180.510, Bairro São Geraldo, Araxá, MG, registrada sob o CNPJ 17.220.203.0001/96, na figura do responsável Birgit Yara Frey Riffel consente em participar como instituição coparticipante da pesquisa "Planejamento de ensino e formação integral: Um estudo de caso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá, sob responsabilidade do Prof. Welisson Marques e assistência da aluna mestranda Jamila Costa.

2. A Instituição autoriza a pesquisadora Jamila Costa adentrar nas dependências da instituição para obter informações referentes aos planos educacionais da Instituição relacionados ao Ensino Médio Integrado do Curso Técnico em Edificações e do Curso Técnico em Mineração, realização de entrevistas com docentes que atuam nos referidos cursos e presenciaram a implantação do Ensino Médio Integrado na Instituição, acerca de suas concepções e percepções sobre planejamento de ensino e formação integral. As entrevistas serão realizadas via Google Meet no período compreendido entre junho e outubro de 2021.

3. Como instituição coparticipante o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá garante possuir infraestrutura para realização segura da pesquisa em suas dependências e que somente autorizará o início da pesquisa após os pesquisadores envolvidos na pesquisa apresentarem o parecer de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição Proponente – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, comprovando que a pesquisa atende as exigências éticas contidas na Resolução 468/12 do Conselho Nacional de Saúde.

4. Finalmente, a Instituição Coparticipante autoriza a realização da pesquisa e a assunção da corresponsabilidade com as etapas que ocorrerem nesta.

Birgit Yara Frey Riffel  
 Diretora Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais,  
 Câmpus Araxá  
 (34) 3669-4525/4526

Profª Birgit Yara Frey Riffel  
 Diretora do Câmpus Araxá  
 CEFET-MG  
 Matr. SIAPE 1039600

## ANEXO B– PARECER DE APROVAÇÃO CEP CEFET-MG



CENTRO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA  
DE MINAS GERAIS -



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Planejamento de ensino e formação integral: Um estudo de caso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá

**Pesquisador:** WELISSON MARQUES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 48588021.2.3001.8507

**Instituição Proponente:** Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.061.873

#### Apresentação do Projeto:

É um projeto de mestrado da estudante Jamila Costa, cujo orientador é o prof. Welisson Marques. Segundo informações básicas do projeto o trabalho apresentado trata-se de uma pesquisa qualitativa que será conduzida como estudo de caso, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Será realizada entrevista estruturada com docentes que atuam no Ensino Médio Integrado para extrair suas narrativas com o objetivo geral de identificar e analisar como o planejamento empreendido nos níveis curricular e de ensino se relacionam ao conceito de integração que fundamenta o Ensino Médio Integrado, tendo como cenário de estudo o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá.

#### Objetivo da Pesquisa:

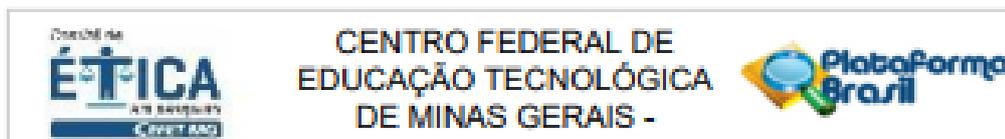
##### OBJETIVO GERAL:

-Investigar se o planejamento empregado nas diversas etapas de realização do Ensino Médio Integrado (EMI) no CEFET-MG, Câmpus Araxá, foi/tem sido executado, enquanto prática situada, sob a perspectiva de uma formação integral conforme apregoa a literatura da área.

##### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

-Verificar as características do planejamento que foi/tem sido realizado no Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Câmpus Araxá, buscando evidenciar elementos que convergem para uma formação

**Endereço:** Avenida Amazonas, 5855, Prédio principal (único) do Câmpus Gamaleira (Câmpus VI), 1º andar, sala do  
Bairro: Gamaleira **CEP:** 30.510-000  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3379-3004 **E-mail:** cep@cefetmg.br



Continuação do Parecer: 5.061.673

integral, a partir dos Projetos Político-Pedagógicos da instituição e dos cursos Técnico Integrado em Edificações e Técnico Integrado em Mineração;

• Investigar de que forma o planejamento que permeia o fazer educacional no Ensino Médio Integrado tem sido assumido e engendrado pelos docentes, bem como, as concepções destes acerca do Ensino Médio Integrado e suas percepções sobre os possíveis obstáculos na elaboração e execução de planos que tenham como perspectiva a formação integral;

• Elaborar, como produto educacional, uma cartilha que oportunize a ressignificação do planejamento docente e o alinhamento conceitual acerca dos fundamentos e propósitos do Ensino Médio Integrado.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos desta pesquisa são mínimos e se referem à possibilidade, mesmo que remota, de invasão de privacidade e divulgação de dados confidenciais coletados por meio da plataforma Google Meet, considerando possíveis fatores externos como extravio e roubo de dados; e também falhas técnicas nas gravações efetuadas; referem-se também à possibilidade de discriminação e estigmatização a partir de conteúdo revelado; à possibilidade de desconforto e constrangimento em narrar fatos de seu percurso escolar e à possibilidade de tomar o tempo do docente ao responder à entrevista.

#### **BENEFÍCIOS**

Acredita-se que o trabalho de pesquisa poderá refletir como contribuição ao campo de conhecimento da Educação Profissional e Tecnológica, por intermédio da temática que será discutida e pelo desenvolvimento do produto educacional, o qual terá como finalidade oportunizar a ressignificação da prática do planejamento, e, fomentar a coesão acerca da concepção que fundamenta essa modalidade de ensino.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Todas as alterações solicitadas pelo CEP foram atendidas conforme descrito no último item deste formulário.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de rosto, currículo, informações básicas do projeto, projeto completo em texto editável, cronograma, TCLE, termo de anuência, modelo do questionário e roteiro - documentos inseridos e

**Endereço:** Avenida Amazonas, 5855, Prédio principal (único) do Campus Gamelaire (Campus VI), 1º andar, sala do  
**Bairro:** Gamelaire **CEP:** 30.510-000  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)33179-3004 **E-mail:** csp@cefetmg.br



**CENTRO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA  
DE MINAS GERAIS -**



Continuação do Parecer: 5.061.673

corrigidos conforme solicitação do CEP.

**Recomendações:**

não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Conclusões:

Todas as pendências foram solucionadas de acordo com a solicitação do CEP, conforme resumo a seguir:

•Medidas Mitigatórias -->Exigência atendida na página 1 do TCLE, destacada em azul, e, também inserida no projeto de pesquisa (3º parágrafo da página 45, destacada em azul).

•O TCLE deverá ser reescrito de acordo com o modelo para a realização de pesquisa em ambiente virtual --> O TCLE foi reescrito conforme as orientações deste parecer e submetido na Plataforma Brasil.

•Adicionar ao TCLE revisado os dados de contato do CEP do CEFET-MG, conforme se pode consultar em: <https://www.cep.cefetmg.br/home/> -->Este quesito foi atendida na página 3 do TCLE, com destaque em azul.

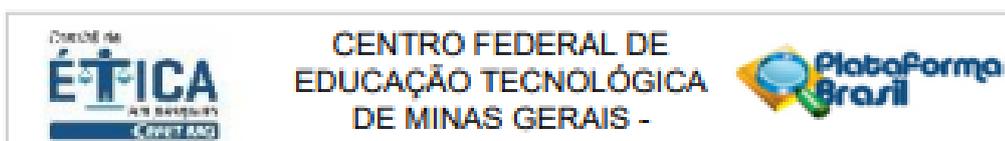
•Deve-se deixar claro o número de participantes da pesquisa -->O número de participantes da pesquisa, no projeto de pesquisa, foi explicitado conforme solicitado no parecer.

•Rever o cronograma. Inserir a informação de que o projeto somente poderá ser iniciado após efetiva aprovação pelo CEP -->O cronograma foi reelaborado conforme solicitado no parecer e está localizado na página 48 do projeto de pesquisa, Quadro 5, com destaque em azul.

A informação de que o projeto somente poderá ser iniciado após efetiva aprovação pelo CEP foi explicitada, no projeto de pesquisa, destacada em azul, e está localizada nas seguintes páginas:44 (3º parágrafo);45 (2º parágrafo).

•Inserir, no TCLE e no projeto de pesquisa, que os dados serão mantidos sob a guarda do pesquisador por 5 anos --> No TCLE, este item foi atendida na página 2, destacado em azul.

**Endereço:** Avenida Amazonas, 5855, Prédio principal (único) do Campus Gamaleira (Campus VI), 1º andar, sala do  
**Bairro:** Gamaleira **CEP:** 30.510-000  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3379-3004 **E-mail:** cep@cefetmg.br



Continuação do Parecer: 5.061.673

No projeto de pesquisa, este item foi atendido na página 45 (4º parágrafo), destacado em azul.

-7 - Inserir um termo de autorização para gravação e uso de voz e/ou imagem -->O Termo de autorização para gravação e uso de voz e/ou imagem foi inserido na Plataforma Brasil, conforme as orientações deste parecer.

#### Considerações Finais a critério do CEP:

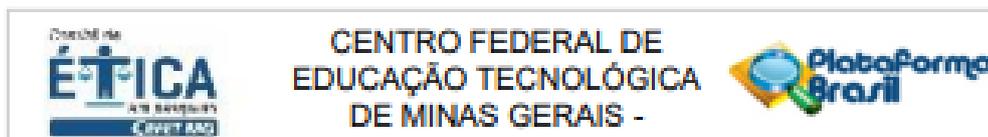
O(A) pesquisador(a) deve atentar-se aos seguintes pontos:

1. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e termo de consentimento livre e esclarecido.
2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.
3. Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos.
4. O pesquisador deve apresentar relatórios semestrais e ao final da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1791043.pdf	08/10/2021 11:34:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROTOCOLO_DE_PROJETO_DE_PESQUISA_COM_ENVOLVIMENTO_DE_SERES_HUMANOS_CORRIGIDO.doc	08/10/2021 11:18:42	WELISSON MARQUES	Aceito
Outros	CARTA_DE_RESPOSTA_AO_PARECER_CEP.docx	08/10/2021 11:11:36	WELISSON MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_JAMILA_COSTA_CEP_CORRIGIDO.pdf	08/10/2021 11:00:12	WELISSON MARQUES	Aceito
Outros	Termo_Autorizacao_Voz_Imagem_CEP_CEFETMG.pdf	08/10/2021 10:44:56	WELISSON MARQUES	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE_Ambiente_Virtual_Corrigido.pdf	08/10/2021 10:42:59	WELISSON MARQUES	Aceito
Outros	TermodeAnuenciaCoparticipanteCEFETMG/WelissonCorrado.pdf	15/08/2021 13:26:13	WELISSON MARQUES	Aceito
Outros	ROTEIRO_COLETA_DE_DADOS_ENTREVISTA_ESTRUTURADA.pdf	22/07/2021 10:58:17	WELISSON MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado	PROTOCOLO_DE_PROJETO_DE_PES	28/06/2021	WELISSON	Aceito

**Endereço:** Avenida Amazonas, 5855, Prédio principal (único) do Campus Gamaleira (Campus VI), 1º andar, sala do  
**Bairro:** Gamaleira **CEP:** 30.510-000  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31) 3379-3004 **E-mail:** cep@cefetmg.br



Continuação do Parecer: 5.061.873

/ Brochura Investigador	ISA_COM_ENVOLVIMENTO_DE_SERES_HUMANOS_JAMILA_COSTA.doc	13:16:34	MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Agência	Termo_de_Consentimento_Livre_Esclarecido_JamilaCosta.pdf	28/06/2021 13:15:34	WELISSON MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_JAMILA_COSTA_CEP.pdf	21/06/2021 12:20:42	WELISSON MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Agência	Declaracao_de_coparticipacao_em_Pesquisa_Jamila.pdf	21/06/2021 12:10:07	WELISSON MARQUES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 26 de Outubro de 2021

---

**Assinado por:**  
**LAISE FERRAZ CORREIA**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Avenida Amazonas, 5855, Prédio principal (único) do Campus Gameleira (Campus VI), 1º andar, sala do  
**Bairro:** Gameleira **CEP:** 30.510-000  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3379-3004 **E-mail:** cep@cefetmg.br

## ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Projeto CAAE: 48588921.2.3001.8507, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em 26 de outubro de 2021.

Prezado(a) \_\_\_\_\_,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: "Planejamento de ensino e formação integral: Um estudo de caso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá". Este convite se deve ao fato de você compor o quadro de docentes efetivos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá, e possuir um longo tempo de atuação no Ensino Médio Integrado, o que seria muito útil para o andamento da pesquisa, pois embora tenhamos acesso aos planos de ensino confeccionados para cada disciplina dos respectivos cursos, optamos pela entrevista devido à intenção de trazer à tona elementos que decorrem da vivência do docente em sua prática.

A pesquisadora é Jamila Costa, RG 12.630.071, técnica-administrativa no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá, aluna regular do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Câmpus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, cujo orientador e pesquisador responsável é o professor Welisson Marques, RG 9.179.452.

A pesquisa tem como objetivo investigar se o planejamento empregado nas diversas etapas de realização do Ensino Médio Integrado (EMI) no CEFET-MG, Campus Araxá, foi/tem sido executado, enquanto prática significativa, sob a perspectiva de uma formação integral conforme apregoa a literatura da área.

A justificativa deste trabalho centra-se na contribuição aos estudos referente aos processos de planejamento relacionados ao Ensino Médio Integrado. Acredita-se que pensar e empreender o planejamento de forma significativa, dentro do contexto específico do Ensino Médio Integrado, poderá contribuir para uma melhor elaboração e execução de atividades relacionadas aos Cursos Técnicos Integrados no âmbito do CEFET-MG, Câmpus Araxá e, quiçá, em outros institutos que ofertam cursos na mesma modalidade.

O trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa que será conduzida como estudo de caso, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Será realizada entrevista estruturada com docentes que atuam no Ensino Médio Integrado para extrair suas narrativas com o objetivo geral de identificar e analisar como o planejamento empreendido nos níveis curricular e de ensino se relacionam ao conceito de integração que fundamenta o Ensino Médio Integrado, tendo como cenário de estudo o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá.

Sua colaboração na pesquisa é muito importante, pois espera-se que de sua participação seja possível oportunizar a ressignificação da prática do planejamento de ensino para uma formação integral, bem como, ampliar a discussão acerca do sentido e finalidade do planejamento à luz dos princípios e propósitos que fundamentam o Ensino Médio Integrado, e contribuir para a melhoria do planejamento que intercorre as etapas de efetivação dessa modalidade de ensino.

A entrevista acontecerá de modo remoto, de forma individual na plataforma GOOGLE MEET, cujo link de acesso à sala virtual será disponibilizado via e-mail. A entrevista terá duração estimada de 30 a 40 minutos, em data e horário a serem definidos previamente de acordo com sua disponibilidade e aceite.

Os riscos desta pesquisa são mínimos e se referem à possibilidade, mesmo que remota, de invasão de privacidade e divulgação de dados confidenciais coletados por meio da plataforma Google Meet, considerando possíveis fatores externos como extravio e roubo de dados; e, também, falhas técnicas nas gravações efetuadas; referem-se também à possibilidade de desconforto e constrangimento em narrar fatos de seu percurso escolar e à possibilidade de tomar o tempo do docente ao responder à entrevista.

Como forma de minimizar os riscos, os participantes terão suas identidades preservadas para anular qualquer possibilidade de discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado. No caso de desconforto e/ou constrangimento em sua narrativa, ou ainda, se o tempo previsto para a entrevista for ultrapassado, o entrevistado poderá se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto ao pesquisador.

Como benefícios, acredita-se que o trabalho de pesquisa poderá refletir como contribuição ao campo de conhecimento da Educação Profissional e Tecnológica, por intermédio da temática que será discutida e pelo

desenvolvimento do produto educacional, o qual terá como finalidade oportunizar a ressignificação da prática do planejamento, e, fomentar a coesão acerca da concepção que fundamenta essa modalidade de ensino.

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466/12 (e, em especial, seu item IV.3) e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados, a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou a interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado à sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao(a) pesquisador(a) responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa, inclusive de eventual acompanhante, mediante solicitação ao(a) pesquisador(a) responsável;
- A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- O acesso a este Termo.

A pesquisa emprega entrevista estruturada on-line, portanto, recorre ao ambiente virtual para a coleta de dados. O instrumento de pesquisa utiliza a plataforma GOOGLE MEET, da empresa GOOGLE. A plataforma e a empresa têm uma boa reputação, mas o(a) pesquisador(a) responsável não tem controle de como a empresa GOOGLE utiliza os dados que colhe dos participantes que participarem da entrevista na plataforma GOOGLE MEET. A política de privacidade da empresa está disponível em <https://support.google.com/a/answer/9822731>. Se você não se sentir seguro quanto às garantias da empresa GOOGLE quanto à proteção da sua privacidade, você deve cessar a sua participação, sem nenhum prejuízo. Caso concorde em participar, será considerado anuência quando entrar na sala virtual para a realização da entrevista.

Como medidas complementares decorrentes da utilização de ambiente virtual para coleta de dados, o(a) pesquisador(a) responsável assegura que:

- O TCLE depositado no Comitê de Ética tem a mesma formatação utilizada para visualização dos participantes da pesquisa.
- Não são utilizadas listas ou outro meio que permitam a identificação e/ou a visualização de seus dados pelos demais convidados ou por outras pessoas.
- O TCLE é apresentado anteriormente ao acesso à entrevista de modo que lhe permita avaliar e dar, ou não, o seu consentimento para participação na pesquisa.
- Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa.
- Você tem o direito de se retirar da pesquisa, bem como retirar seu consentimento para a utilização de seus dados a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para isso, basta declarar a retirada do consentimento através do e-mail [costajamila@hotmail.com](mailto:costajamila@hotmail.com). Nesse caso, o(a) pesquisador(a) responsável afiança que dará a ciência do seu interesse de retirar o consentimento de utilização de seus dados em resposta ao e-mail.
- O(A) pesquisador(a) responsável fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico pessoal assim que a coleta de dados for finalizada; e apagará todo e qualquer registro da entrevista na plataforma GOOGLE MEET.
- O(A) pesquisador(a) responsável manterá os dados coletados sob sua guarda pelo período 5 (cinco) conforme item XI.2.f da Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012.
- Caso você aceite participar, é muito importante que guarde em seus arquivos uma cópia deste TCLE. Se for de seu interesse, o TCLE poderá ser obtido também na sua forma física, bastando uma simples solicitação

através do endereço de e-mail: [costajamila@hotmail.com](mailto:costajamila@hotmail.com). Nesse caso, se perder a sua via física, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao(à) pesquisador(a) responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade – neste momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida ao(à) pesquisador(a), por e-mail: [costajamila@hotmail.com](mailto:costajamila@hotmail.com) telefone (34)98829.2962, pessoalmente ou via postal para Rua Baltazar Ferreira Resende, nº 177, Bairro Pedro Pezutti, Araxá, MG, CEP: 38.183-162.

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <http://www.cep.cefetmg.br> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, nº 5855 - Campus Gameleira, Belo Horizonte - MG; E-mail: [cep@cefetmg.br](mailto:cep@cefetmg.br); Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras das 12h às 16h e às quintas-feiras das 12h às 16h.

Se optar por participar da pesquisa, peça-lhe que escolha a opção aceitar ao final deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

---

#### DECLARAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que aceito participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO.

Assinatura do participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Araxá, 01 de novembro de 2021

---

Se desejar receber os resultados da pesquisa e/ou o TCLE físico, assinale abaixo a sua opção e indique seu e-mail ou, se preferir, seu endereço postal, no espaço a seguir: \_\_\_\_\_.

RESULTADO DA PESQUISA

TCLE IMPRESSO E RUBRICADO.

## ANEXO D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

---

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE VOZ E IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_ (nome completo do participante da pesquisa), de posse do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da pesquisa intitulada “Planejamento de ensino e formação integral: Um estudo de caso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Câmpus Araxá”, após ter ciência e entendimento quanto aos (i) riscos e benefícios que essa pesquisa poderá trazer e (ii) métodos que serão usados para a coleta de dados; e por estar ciente da necessidade da gravação da entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, que o(a)s pesquisador(a)s Jamila Costa, e, Welisson Marques, capturem gravação de imagem e voz de minha pessoa durante entrevista a ser realizada na plataforma GOOGLE MEET, para fins EXCLUSIVOS da referida pesquisa científica e com a condição de que esse material, na sua forma original, não seja divulgado. Nessas condições, apenas o material derivado do original poderá, nos termos desta autorização, ser divulgado em meios científicos, tais como, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, artigos em periódicos, congressos e simpósios ou outros eventos de caráter científico-tecnológico – no sentido de preservar o meu direito ao ANONIMATO e demais direitos, como definido na regulamentação ética da pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil.

As gravações de imagem e voz derivadas da entrevista ficarão sob a propriedade e a guarda da pesquisadora Jamila Costa, e, do pesquisador responsável pela pesquisa Welisson Marques. Terão acesso aos arquivos o pesquisador responsável pela pesquisa Welisson Marques, e, a mestranda Jamila Costa.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso do(s) pesquisador(es) citados em garantir-me que:

1. a transcrição da gravação de minha voz me seja disponibilizada, caso a solicite;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui tratada e outras publicações científicas dela decorrentes;
3. a minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação científica das informações geradas pela pesquisa;
4. a utilização das informações geradas pela pesquisa para qualquer outra finalidade não especificada no TCLE somente poderá ser feita mediante minha autorização;

5. os dados coletados serão armazenados por 5 (cinco) anos, sob a responsabilidade do(s) pesquisador(es) responsável(véis) pela pesquisa; e, após esse período, serão destruídos;
6. a interrupção de minha participação na pesquisa poderá ser feita a qualquer momento, sem nenhum ônus, mediante mera comunicação ao(à) pesquisador(a) responsável, que, nesse caso, deverá providenciar a devolução (e adoção de medidas condizentes com essa situação) do material relacionado a esta autorização.

Valido esta autorização assinando e rubricando este documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, \_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Nome completo do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Nome e Rubrica do pesquisador responsável